

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS LINGUÍSTICOS

Antônio Martinez de Rezende

Rompendo o silêncio:
A construção do discurso oratório em Quintiliano

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Linguística.

Área de concentração: Linguística do Texto e do Discurso
Linha de Pesquisa: Análise do Discurso

Orientadora: Dra. Maria Antonieta de Mendonça Cohen

Belo Horizonte
Faculdade de Letras
2009

Tese defendida por ANTONIO MARTINEZ DE REZENDE em 26/06/2009 e aprovada pela Banca Examinadora constituída pelos Professores Doutores:

Maria Antonieta Amarante de Mendonça Cohen - UFMG

Orientadora

Johnny José Mafra – PUC MINAS

Eliana Amarante de Mendonça Mendes - UFMG

Raimundo Nonato Barbosa de Carvalho - UFES

Ida Lúcia Machado – UFMG

DEDICATÓRIA

À memória de meu Pai.

**Sua ausência não é silêncio,
é a sublime eloquência de quem
não mais fala a língua dos homens**

AGRADECIMENTOS

Este trabalho se fez possível, porque a ele sobreveio o auxílio dos colegas que leram e trouxeram sua lucidez: Eliana Amarante, Neiva Ferreira, Sandra Bianchet Tereza Virgínia e Matheus Trevizam.

Aos Professores Luiz Francisco Dias e Maria Antonieta de Mendonça Cohen, por terem acolhido este trabalho.

SUMÁRIO

Resumo_____	p. 06
Um esclarecimento_____	p. 07
Introdução: O contexto da oratória romana_____	p. 10
I. <i>IN VERBIS RHETORICA – Nas palavras a retórica</i> _____	p. 35
1) Os dados _____	p. 41
2) As tendências do modelo oratório no período imperial_____	p. 43
II. <i>IN RHETORICA ORATORIA - Na retórica a oratória</i> _____	p. 51
1) Cícero e a retórica _____	p. 59
2) A <i>Institutio</i> e seu destinatário _____	p. 62
3) O livro décimo da <i>Institutio</i> : oratória e literatura _____	p. 66
4) O poeta do livro décimo, Quintiliano e a literatura _____	p. 73
5) O poeta _____	p. 77
6) O homem de bem _____	p. 94
III. <i>IN ORATORIA ELOCVTIO - Na oratória a elocução</i> _____	p. 107
1) Imitação e emulação _____	p. 114
2) O exercício da imitação _____	p. 119
3) A imitação no capítulo 2 _____	p. 124
4) As declamações _____	p. 136
5) Retórica, literatura, imitação _____	p. 140
IV. <i>IN ELOCVTIONE ELOQVENTIA - Na elocução a eloquência</i> _____	p. 145
1) As recitações _____	p. 154
2) Oratória e língua escrita _____	p. 156
3) O significado da correção _____	p. 166
Conclusão_____	p. 170
Introdução à tradução do Livro X _____	p. 175
Tradução do Livro X da <i>Institutio Oratoria</i> _____	p. 184
Indicações bibliográficas_____	p. 274
Resumée_____	p.279

RESUMO

Os romanos se serviram da retórica grega para construir sua oratória, tornada, então, arte funcional do discurso persuasivo. Quintiliano se apresenta como quem dá voz e corpo a essa oratória ao colocar em diálogo as figuras humanas do poeta e do orador, numa interlocução que se mostrou possível entre as artes da oratória e da literatura. Há um propósito definido, que é dar àquele que pronuncia o seu discurso os meios pelos quais esse discurso possa ser construído com eficiência, de tal modo a conciliar fala e escrita, realidade objetiva e artifícios da ficção.

SUMMARY

Romans got profit from Greek retorics to construct their oratory, taken, then, as the functional art of persuasive discourse. Quintilian is taken as the one who gives voice and body to this oratory, when he favors the dialogue between the human figures of the poet and the orator; such interlocution reflected the close relation between the two arts - oratory and literature. The purpose of it is clear: to give to the one who pronounces a speech the means through which this same speech should be efficiently constructed, so that the orator could conciliate speech and writing, objective reality and fiction artifacts.

Um esclarecimento

Este trabalho se encontra organizado em duas partes, independentes até certo ponto, mas complementares entre si. Uma análise sobre as relações entre o poeta e o orador, no âmbito da retórica romana, constitui a primeira parte. A segunda compõe-se da tradução anotada do Livro X da *Institutio Oratoria* de Quintiliano. A relação de complementaridade que propusemos existir caracteriza-se pelo fato de que as ideias a se desenvolverem no estudo analítico, nós as derivamos do texto de Quintiliano. Em relação inversa, ao disponibilizar o texto para o leitor de língua portuguesa, oferecemos a ele um suporte teórico-analítico que lhe permita ampliar a leitura.

A retórica antiga é um universo extremamente dinâmico e, por isso mesmo, complexo. O seu tratamento, em face desse dinamismo, exige que se façam recortes espaço-temporais, delimitações temáticas e refinamento de abordagens teóricas. Assim procuramos agir, quando, no estudo das relações entre o orador e o poeta, nos fixamos na oratória romana e nas concepções de literatura que orientavam, no final do século I d.C., a escola retórica de Quintiliano.

O nosso trabalho apresenta a seguinte organização:

a) Introdução – fazemos aí a contextualização dos assuntos que serão objeto de análise.

b) Capítulos:

O Capítulo I trata de explicitar mais detalhadamente o ambiente cultural da oratória romana de Quintiliano no contexto da retórica. O capítulo II faz uma apresentação analítica do Livro X, com vistas ao levantamento dos conceitos sobre os quais a oratória de Quintiliano se institui. O Capítulo III interpreta o

conceito de imitação e suas implicações, de modo especial no ambiente das relações entre retórica e literatura. O capítulo IV analisa as dimensões da escrita no discurso, na ação e no fazer do orador.

Queremos, desse modo, ter dado andamento a uma etapa do percurso da retórica grega, no que concerne às particularidades de sua transição para a oratória romana de Quintiliano, analisando as aproximações entre a escrita do poeta e sua indispensável presença no discurso proferido e professado pelo orador.

Para a construção do texto referente à análise teórica recorreremos, inúmeras vezes, à obra de Quintiliano e a de outros autores de língua estrangeira. Apresentamos a tradução de todas as citações, bem como indicamos seus tradutores, mas são de nossa responsabilidade aquelas em que não se faz menção ao tradutor. Em todas as ocorrências, transcrevemos os textos de língua estrangeira citados.

A tradução do Livro X é precedida de uma introdução, que pretende salientar as questões de natureza teórica mais relevantes, segundo as entendemos. Nesse texto Quintiliano coloca em eloquente interlocução o orador e o poeta, para mostrar a oratória como beneficiária do discurso literário. Sendo assim, mais do que um produto, o discurso oratório é um processo que se move nos limites da persuasão, para o qual concorrem, de modo definitivo, os artifícios da ficção.

INTRODUÇÃO:
O contexto da oratória romana

*Tu igitur, fili carissime, quum loqui desideras,
a temet ipso incipere debes, ad exemplum galli,
qui antequam cantet, ter se cum alis percutit in principio.*

Tu, meu filho caríssimo, quando desejares falar, deves começar por ti mesmo, seguindo o exemplo do galo, que, antes de cantar, logo no princípio, bate três vezes com as asas em si mesmo.

O texto em epígrafe faz parte de um livro publicado no ano de 1245, *Ars loquendi et tacendi*, de autoria de Albertano de Brécia. Trata-se de uma obra que, para a sua conjuntura histórica e cultural, se mantém nos limites de continuadora da tradicional retórica herdada dos antigos gregos e romanos. A obra, no entanto, apresenta, de modo enfático, um outro lado da oratória: o que não falar, ou a arte de calar-se.

A construção desse texto segue o modelo do aconselhamento, ao estilo, por exemplo, de Marco Pórcio Catão, político e intelectual romano, que escrevera uma obra inteiramente dedicada ao filho: *Ad Marcum filium*. Da mesma forma, Albertano escreve para instruir seu filho Stephano. Para fundamentar seus propósitos e ensinamentos recorre à autoridade dos escritos da Bíblia, à dos doutores da Igreja e, de modo especial, a obras de escritores romanos como Cícero, Catão e Sêneca.

Ao definir o tema de sua exposição, assim o resume:

*ideo ego, Albertanus, breuem doctrinam
super dicendo atque tacendo, uno
uersiculo comprehensam, tibi filio meo,
Stephano, tradere curavi. Versiculus hic
est:*

*Quis, quid, cui dicas, cur, quomodo,
quando, requiras. (Ars loquendi et tacendi,
1)*

Por isso, eu, Albertano, cuidei de transmitir a ti, meu filho Stephano, condensada em frase única, uma breve doutrina a respeito do dizer e do calar-se. Esta é a frase:

Quem, o que, a quem digas; procures realmente saber por que, de que maneira, quando.

No decorrer de suas explicações, Albertano deixa transparecer muito claramente que a arte de calar significa propriamente que o indivíduo precisa ter a plena consciência de si mesmo, enquanto falante, e da qualidade, no mais amplo sentido, do discurso que se possa produzir.

Podemos constatar que, em última instância, o “calar-se”, *tacere*, da obra não se refere ao “não dizer”, mas ao “falar com propriedade”. Muito embora, no entanto, seja verdade que “um não dito” possa, no seu devido contexto, ser altamente eloquente, ou até mais eloquente do que “um dito”.

Servimo-nos da epígrafe e do título da obra como pretexto para falar da antiga oratória romana. Para isso, no entanto, precisamos fazer um significativo deslocamento, ou seja, deixaremos de considerar o *tacere* de Albertano para levar em conta uma outra perspectiva, a que se manifesta no *silere* (silenciar).

A atribuição de um certo valor de eloquência ao silêncio é uma preocupação antiga e manifesta em diversos momentos das literaturas grega e latina¹. Podemos vê-la nas obras de Santo Agostinho (séc. IV), de modo especial em *De doctrina christiana* e *Confessiones*. É interessante notar que toda a sua produção intelectual tem como objetivo consolidar princípios teológicos e, com isso, auxiliar na propagação da fé cristã. Nesse contexto, entra em cena a proposição de uma “retórica do silêncio”, que se fundamenta na ideia de que o deus do cristianismo agostiniano não estabelece, com cada ser humano em particular, um diálogo verbal imediato; sua “palavra” não tem as mesmas características das palavras humanas, nem mesmo são perceptíveis aos ouvidos dos homens. Desse modo, a comunicação com esse

¹ 1. Aristófanes em *Rãs*, v. 830-839 e v.911, critica a eloquência dos silêncios de Ésquilo.

2. Pind. 5^a. *Nemea*, v.18

3. *Disticha Catonis*, 1, 3, 1

4. Plínio, Jovem, *Ep.* 7, 6, 7.

deus precisa de uma forma de discurso diferente daquela que a retórica convencional pode proporcionar. Acresça-se a isso que a relação com deus se fundamenta numa verdade, que precisa ser absoluta; para a retórica funcional dos romanos, ainda no tempo de Agostinho, a verdade é relativa, na perspectiva de que é construída pelo discurso, uma para cada caso, sobretudo porque o objetivo da retórica é a eloquência, ou o convencimento por meio da palavra eficiente. Todo esse processo pode ser sintetizado nas palavras de Mazzeo, em seu artigo *St. Augustine's Rhetoric of Silence* (1962: 181):

Devemos, assim, passar das vozes dos homens para a voz silenciosa da criação de Deus.

Esse movimento, das palavras ao silêncio, de signos para a realidade é o pressuposto fundamental da exegese alegórica Agostiniana.²

Mas o *silentium* (silêncio) de que trataremos neste trabalho é ainda diferente das duas abordagens referidas acima. Esse silêncio se descreve, principalmente, por sua natureza de trajetória de construção do discurso; o momento, às vezes longo, que antecede a sua concretização em fala pelo orador.

Para nos situarmos no universo da retórica romana, julgamos conveniente destacar a *Retórica a Herênio*, obra de importância capital para a oratória romana. Ela foi escrita nos anos 80 a.C. e, durante muitos séculos, atribuída a Cícero. No entanto, hoje restam incertezas quanto ao nome verdadeiro de seu autor³. O mais importante, porém, é que essa obra nos oferece uma descrição objetiva do que passaremos a chamar de “sistema da oratória”.

² We must thus pass, as it were, from the voices of men to the silent voice of God's creation. This movement from words to silence, from signs to realities, is the fundamental presupposition of Augustinian allegorical exegesis. (Mazzeo, 1962: 181)

³ Por essa razão, neste trabalho, utilizaremos a expressão “Autor” em lugar de um nome próprio.

Destacaremos uma pequena passagem, mas que suscita um universo incomensurável de ideias, conceitos, fórmulas e percursos históricos, que sempre continuarão a operar nas relações do ser humano com sua língua e com as formas de apropriação e de tratamento de sua linguagem.

Oportet igitur esse in oratore inuentionem, dispositionem, elocutionem, memoriam, pronuntiationem. Inuentio est excogitatio rerum uerarum aut ueri similium, quae causam probabilem reddant. Dispositio est ordo et distributio rerum, quae demonstrat, quid quibus locis sit conlocandum. Elocutio est idoneorum uerborum et sententiarum ad inuentionem adcommodatio. Memoria est firma animi rerum et uerborum et dispositionis perceptio. Pronuntiatio est uocis, uultus, gestus moderatio cum uenustate. (Rhet. ad Her., 1, 3)

Convém que existam no orador invenção, disposição, elocução, memória, pronúnciação. Invenção é a descoberta das ideias verdadeiras ou verossímeis que tornem comprovável uma causa. Disposição é a ordenação e distribuição dessas ideias, que regula o que deve ser assentado em quais lugares. Elocução é a adequação de palavras e sentenças à invenção. A memória é a firme fixação ao espírito das ideias, das palavras, da disposição. Pronúnciação é a comedida composição, com toda elegância, da voz do semblante e dos gestos.

Se analisarmos a estruturação formal da oratória, tal como vista acima, ou como, por exemplo, a descreve Quintiliano em sua *Institutio Oratoria*, podemos organizar suas partes em dois momentos a que denominaremos o “momento do silêncio” e o “momento da ruptura do silêncio”. Considerando que o *silentium* significava propriamente a “tranquilidade”, a “quietude”, a “ausência de movimento”⁴, parece-nos pertinente que a significância do *silentium* seja compatibilizada com a invenção, a disposição, a elocução e a memória,

⁴ “Parece que o verbo tenha designado, na origem, menos o silêncio do que a tranquilidade, a ausência de movimento e de barulho”. Il semble que le verbe ait designé à l'origine moins le silence que la tranquillité, l'absence de mouvement e de bruit. (Ernout, 1951: 1103)

enquanto que a pronúncia se configure como ação, a ruptura do silêncio. Em suma, no momento do silêncio, se cria, organiza-se, transmuta-se em fala ou em texto escrito e memoriza-se o discurso; pronunciar publicamente esse discurso é o mesmo que romper o silêncio.

Nota-se que todo esse universo se organiza fundamentalmente na língua e a ela se circunscreve. Esta situação nos recomenda a estar atentos para o fato de que a língua, incluída toda a produção linguística, enquanto objeto de estudo, é ela mesma, a um só tempo, a principal ferramenta de estudo: a situação seria idêntica, por exemplo, à de um analisado que é, ele próprio, o analista de si mesmo. Podemos, então, avaliar o quanto essa área de investigação é complexa, um terreno fértil para as mais conflitantes especulações, para ideias sobre as quais, muito provavelmente, nunca se vislumbrarão consensos.

Muitas vezes, quando se fala de retórica, hoje em dia, costuma haver algumas interpretações incompatíveis com a realidade histórica dos termos retórica, oratória e eloquência. Reboul (2004) observa que “Para o senso comum, retórica é sinônimo de coisa empolada, artificial, enfática, declamatória, falsa” (XIII). Muitas vezes também esses termos são empregados como se fossem sinônimos, outras vezes se usa de um com o significado do outro; acontece, não raramente, de se usar do termo retórica para dizer, por exemplo, de um discurso vazio. Mas o nosso objetivo não é fazer um tratado de retórica e discutir em profundidade as implicações de cada termo. Pretendemos desenvolver algumas análises sobre o Livro X da *Institutio Oratoria*, de Quintiliano, por isso nos limitaremos, agora, a comentar brevemente esses termos no contexto da antiguidade romana.

Aí podemos entender a retórica como a instituição maior, o sistema de estudo da linguagem humana e de toda a produção linguística em forma falada ou escrita, com especial ênfase na sua função de gerar um efeito prático, imediato, mas previamente estabelecido e esperado sobre aquele a quem se destina um discurso produzido.

Esse discurso, então, se organiza com base em um conjunto de princípios teóricos, de normas de conduta e de finalidades claramente objetivas, como se pode observar dos inumeráveis estudos que nos legaram a Antiguidade e dos tratados pedagógicos especialmente formulados com vistas ao ensino da arte retórica⁵. Dentre os autores que se dedicaram à retórica, podemos destacar, por exemplo, Aristóteles e Platão, entre os gregos; Cícero e Quintiliano, entre os romanos.

A oratória é uma, para não dizer a principal, das manifestações concretas da retórica. Sua essência é o discurso proferido em público, a palavra em ação que sai da boca, o que se pode confirmar pela etimologia, pois *oratoria* se constrói no radical de *os*, *oris*⁶.

É o discurso regulado por normas estritas, sejam umas de natureza técnica, sejam outras estabelecidas em conformidade com determinados princípios éticos e padrões estéticos. Além disso, é um discurso que tem um destinatário presente e a este necessariamente precisa ajustar-se, estabelecer

⁵ Perelman, ao propor uma nova retórica, vai buscar na retórica antiga, os seus elementos originais e, com base neles, a localiza nos domínios dos termos argumentação, persuasão e adesão, conforme se pode notar da seguinte passagem:

“Identificando esta (nova retórica) com a teoria geral do discurso persuasivo, que visa ganhar a adesão, tanto intelectual como emotiva, de um auditório, seja ele qual for, afirmamos que todo o discurso que não aspira a uma validade impessoal depende da retórica. Desde que uma comunicação tenda a influenciar uma ou várias pessoas, a orientar os seus pensamentos, a excitar ou a apaziguar as emoções, a dirigir uma acção, ela é do domínio da retórica”. (1993: 173)

⁶ “Boca” e “boca enquanto órgão da fala”

“bouche” et “bouche en tant que organe de la parole”. (Ernout, 1951: 833)

uma fina sintonia de comunicação, uma vez que há uma intenção definida e um objetivo a ser alcançado.

A eloquência é, antes de mais nada, uma questão de qualidade, que se manifesta como eficiência do discurso. Quando falamos em qualidade do discurso, queremos significar que sobre esse discurso se faz uma interferência deliberada; uma ação consciente de se lançar mão de todos os recursos possíveis, com vistas a ampliar as possibilidades de eficiência. Enquanto a oratória acontece em um cenário, teatralizável em tudo, e atua sob uma ética, podemos falar de eloquência como estética. O que caracteriza e justifica essa estética é, entretanto, a sua condição de elemento indispensável na consecução de um objetivo previamente estabelecido, em torno do qual tudo gira, pois o mover o espírito daquele que ouve é, enfim, tudo o que se espera.

O que podemos dizer, em suma, é que, para os romanos, não há oratória sem retórica; a eloquência, por sua vez, nem preexiste à oratória, nem é uma instância independente do discurso.

A importância da oratória na civilização romana antiga e o seu tratamento prioritário, muito provavelmente, foram os responsáveis por permitir que, há muito, venha-se atribuindo essa quase identidade aos termos retórica, oratória e até mesmo eloquência. No entanto, precisamos entender que, para os romanos, são conceitos distintos, basta ver que justamente na escola do retor se formavam os oradores.

A retórica enquanto invenção grega se desenvolveu, dentre outros, com o propósito de oferecer um ensino intelectual, que se identificasse com cultura geral. Sabemos, ainda, que a retórica se prestava a uma finalidade prática, já que podia voltar-se para o mundo objetivo, na medida em que, através dela, se

podia fazer a defesa de uma causa. Essa retórica, no entanto, transplantada para o território romano, agora investida da toga, transcendeu os limites do saber para se tornar uma oratória essencialmente do poder, não apenas de poder político em sentido estrito, mas de todas as relações sociais em que possa ocorrer alguma forma de poder consubstanciado em um discurso linguístico. É preciso notar, sobretudo, que a retórica pode prestar-se como recurso primordial, especialmente quando a demonstração objetiva não é mais possível e, por isso mesmo, se demandam juízos de valor⁷. A esse respeito diz Perelman (1993),:

... foi-nos fácil remontar à retórica de Aristóteles e a toda a tradição greco-latina da retórica e dos tópicos. Verificámos que nos domínios em que se trata de estabelecer aquilo que é preferível, o que é aceitável e razoável, os raciocínios não são nem deduções formalmente correctas nem induções do particular para o geral, mas argumentações de toda a espécie, visando ganhar a adesão dos espíritos às teses que se apresentam ao seu assentimento.

Esta técnica do discurso persuasivo, indispensável na discussão prévia a toda a tomada de decisão reflectiva, tinham-na os antigos desenvolvido longamente como a *técnica* por excelência, a de agir sobre os outros homens através do logos, termo que designa simultaneamente, de forma equívoca, a palavra e a razão” (15-16).

Assim, imbuída dessas qualidades retóricas, a oratória romana se converte em poderoso instrumento de ação, coação e, de certa forma, coerção social.

Em que pese a abrangência do sistema retórico, o valor da oratória para os romanos faz desta a ciência principal, ou a mais liberal⁸ das artes. É isso o que está implícito até mesmo no título da obra de Quintiliano: *Institutio Oratoria*. Se o traduzíssemos, palavra por palavra, teríamos “Instituição Oratória”, mas

⁷ A Obra de Perelman trata dos processamentos retóricos em nossa atualidade, segundo a perspectiva da argumentação.

⁸ O sentido de “liberal” liga-se a uma determinada condição do indivíduo no interior da estrutura social romana: apenas aos homens livres se permitia o acesso à formação “acadêmica”, como, por exemplo, Cícero expressa em *et eruditio libero digna* (*De orat.*, 1, 17): e a erudição digna de um homem livre.

essa sequência estaria longe de representar o verdadeiro significado da expressão latina. Justamente o conteúdo e a forma de tratamento desse conteúdo é que vão permitir que se interprete *institutio* como “educação”. Educação Oratória⁹, portanto, é a tradução que mais fielmente representa a proposta de Quintiliano e o espírito de sua obra, conforme recomendam Zehnacker e Fredouille (2005): “A *Institutio oratoria*, cujo título significa A *educação do orador* (a tradução habitual *Instituição oratória* nada mais é do que um decalque envelhecido) (274)”¹⁰.

Sob qualquer abordagem que se examine toda a edificação do sistema oratório romano, percebe-se que a figura central é o orador. Isso se justifica na medida em que a eloquência não pode resultar senão da voz soante e presente de um homem que profere a palavra em ação. Diz exatamente isso a totalidade da *Institutio*; diz isso um aparentemente simples detalhe de morfossintaxe, como no trecho referido acima, da *Retórica a Herênio: oportet esse in oratore*.(1,3).

Como se nota, ocorre o emprego de um ablativo, *in oratore*, que, nesta circunstância, é altamente significativo. O que o Autor pretendeu mostrar é que aqueles elementos devem existir “no orador”, ao invés de serem, por exemplo, atributos “do orador”.

As gramáticas latinas descrevem o emprego de um chamado “ablativo de qualidade” que, de alguma forma, ajuda a explicar o sentido da construção acima. Se estabelecermos, pois, um paralelo entre *tristissimo animo esse* (existir/viver em espírito tristíssimo = estar inteira e profundamente triste) e *inuentio esse in oratore*, poderemos entender o quanto ficou carregada de

⁹ Esta é a tradução que lhe dá Marco Aurélio Pereira (Pereira, 2006:15).

¹⁰ *L'Institutio oratoria*, dont le titre signifie L'éducation de l'orateur (la traduction habituelle, *L'institution oratoire*, n'est qu'un calque vieilli). Zehnacker et Fredouille (2005: 274).

sentido esta expressão: “a invenção existir no orador” (= ser inteiramente no orador).

O orador é, assim, ao mesmo tempo, aquele através de quem se materializa o discurso e o mediador entre as partes de uma causa; é ele a *pronuntiatio*, como vimos ou, segundo terminologia de outros autores, ele é a *actio*. De qualquer modo, em que pese toda a teatralidade de uma sessão do tribunal, o orador, no desempenho de sua função, precisa ser mais do que simplesmente um ator, pois, como observa Reboul (2004), “o ator que finge bem é um artista; o orador que sabe fingir bem seria um mentiroso” (67).

Através dessa caracterização fica ressaltado que a veracidade, ou melhor, a verossimilhança preside a ação oratória: não importam as razões, as motivações ou a natureza da causa. Mesmo que não se origine verdadeira, uma causa precisa ser a verdade que o orador demonstra em seu pronunciamento. Em outras palavras, Perelman (1993) assim se expressa: “Exigindo cada domínio um tipo de discurso diferente, é tão ridículo contentarmo-nos com argumentações razoáveis por parte de um matemático como exigir provas científicas a um orador” (22).

Uma vez delineado o perfil profissional do orador, consideradas as suas qualidades técnicas e morais, é preciso passar à construção do discurso, à montagem da ação, que deverá constituir-se numa verdade, como já apontado. Aquelas quatro instâncias, que dissemos estarem no momento do silêncio, apresentam-se numa sequência que vai do abstrato – invenção -, passa por estágios mais concretos – disposição e elocução -, para terminar em outro destino abstrato – a memória.

Complementarmente, podemos notar que àquelas noções, que afirmamos como abstratas e concretas, se associam também dois grupos de competências que se caracterizam por habilidades inatas e habilidades adquiridas. A aquisição dessas habilidades, quando acontece, se dá, sobretudo, através dos exercícios da escola, na vivência prática da atuação profissional, como se pode depreender da leitura da *Institutio*.

Ainda que a “invenção” e a “memória” exijam uma predisposição inata, isto é, uma competência que não se adquire ao longo de uma vida, elas podem ser facilitadas ou fortalecidas por exercícios, assim vemos explicitado em Cícero:

At memoria minuitur, credo, nisi eam
exerceas, aut etiam si sis natura tardior.
(Cíc., *Sen.* 21)

Mas a memória se diminui, eu creio,
a menos que se a exercite, ou ainda,
se, por natureza, se é mais lento.

A “disposição” e a “elocução”, por sua vez, permitem ser desenvolvidas, aprimoradas, ressaltando-se que, no entanto, para isso há um limite. Esse limite pode ser definido, por exemplo, pelo grau de qualidade das habilidades inatas do indivíduo, pois parece-nos existir uma certa proporcionalidade entre aquilo que se alcança aprender e a capacidade de aprender.

Quando dissemos das “instâncias” ou “habilidades”, o fizemos segundo interpretamos da *Retórica a Herênio*, e, por isso, identificamos a oratória com a retórica. Assim, a totalidade daquelas cinco qualidades no orador representa, para outros autores, as cinco etapas do discurso oratório, ou melhor, as cinco partes da retórica (invenção, disposição, elocução, memória e ação). No entanto, independentemente de qualquer amplitude do sistema oratório e da

caracterização terminológica desse universo, nos fixaremos na investigação mais detida e mais imediata da *elocutio*¹¹.

Conquanto esse termo possa ser traduzido por “elocução”, esta palavra não alcança o grau de expressividade e não é capaz de veicular a sobrecarga de conceitos, nem de reproduzir os usos do correspondente latino *elocutio*. A dimensão de seu sentido se pode verificar, por exemplo, no fato de que é com o mesmo radical de *elocutio* que se deriva *eloquentia*; por sua vez, estas duas palavras se constroem com o prefixo *e-/ex-*, associado ao *loquor*, ou seja, *eloquor*, que significa “exprimir pela palavra”¹². No âmbito dos estudos retóricos a *elocutio* é a etapa suprema dentro do momento de silêncio, pois constitui-se no ato de materializar o discurso em forma linguística. Essa forma, mesmo quando expressa na sua modalidade escrita, apresenta, no entanto, uma característica muito peculiar, que os próprios sentidos etimológicos já vêm condicionando: é a representação de uma fala que ainda não aconteceu. Essa projeção para o futuro obriga a que o orador esteja capacitado para organizar suas ideias numa linguagem compatível com o grau de compreensão de um ouvinte que ele apenas presume, mas ainda não o tem diante de si.

Os obstáculos, então, se multiplicam, em forma de dificuldades: como, do seu silêncio, deve o orador formular um discurso destinado aos ouvidos de um juiz, de uma assembleia ou de uma multidão? Que artifícios de linguagem podem ser mais eficientes para se alcançar a eloquência convincente? Como

¹¹ Preferimos manter a palavra em latim, tendo em vista a dificuldade de encontrar no português uma palavra que abarque a amplitude do conceito, conforme o descreve Barthes (2006: 98): “A melhor tradução de *elocutio* é, talvez, não elocução (muito restrita), mas enunciação, ou a rigor, locução (atividade locutória)”.

La miglior traduzione de *elocutio* è forse, non *elocuzione* (troppo ristretta), ma enunciazione o, a rigore, *locuzione* (attività locutoria). (Barthes 2006: 98).

¹² “Exprimir pela palavra” tomou o sentido de “falar com arte ou eloquência”, daí eloquente, eloquência (não atestada antes de Cícero).

“Exprimer par la parole” a pris le sens de “parler avec art ou éloquence”, de là *eloquens*, *eloquentia* (non attesté avant Cic.)...(Ernout, 1951: 652).

compatibilizar as ideias, sua organização e sua verbalização em linguagem acessível aos ouvidos que as esperam?

Questionamentos como esses se fazem motivados pela antiga e bem definida distinção de gêneros oratórios. Já Aristóteles, em sua *Retórica*, propunha que são três os tipos de discurso, já que há três tipos de ouvintes¹³. Em linhas gerais, segundo a classificação retórica, um discurso pode ser jurídico (sua motivação é um fato passado; lida com conceitos de justo e injusto; seu público é o juiz na sua individualidade), deliberativo (projeta uma ação futura; trata do útil e do nocivo; seu público é a assembleia em deliberação) ou epidíctico (seu tema é presente e consiste em fazer o elogio ou a censura, enfim, em distinguir nobreza de vilania; seu público é a comunidade, a massa coletiva).

Como se não bastasse ao orador o dever de adequar seu discurso aos temas propostos e ao público ouvinte, havia nele também o desejo de imprimir a marca pessoal que o tornasse reconhecível em seu discurso, em uma palavra, estilo.

É importante ressaltar que o tradicional sistema oratório grego era composto por quatro partes (invenção, disposição, elocução e ação), a que os romanos acrescentaram uma quinta parte, a memória. É verdade que nem mesmo em Roma existiu consenso quanto à pertinência da Memória como parte do sistema retórico. Vale lembrar que Cícero (Cíc., *Brut.*, 140, 215, 301) trata a memória como aptidão natural. Para Quintiliano, no entanto, que visa preferencialmente à oratória, a memória precisa ser considerada, sobretudo

¹³ Segundo os antigos, os gêneros retóricos são três: o judiciário, o deliberativo (ou político) e o epidíctico. Por que exatamente três? Aristóteles responde: “Porque há três espécies de auditórios” [*Ret.* 1358 a.]; é a necessidade de adaptar-se a eles que confere traços específicos a cada gênero: conforme as pessoas a quem nos dirigimos, não falaremos da mesma maneira. (REBOUL, 2004: 45)

pelo papel social e político que entre os romanos tinha a oratória judiciária. Pode-se explicar esse acréscimo, se considerarmos as circunstâncias em que ocorre uma contenda jurídica: em um tribunal, exige-se do orador uma atuação efetiva, que não deve limitar-se, por exemplo, à leitura de um discurso, que se traz de casa pronto, por escrito. A inclusão de mais esse componente contribuiu para que se destacasse, ainda que seja isso apenas um detalhe de forma de exposição didática, a centralidade da *elocutio*: enquanto parte do sistema oratório do período romano, ela se faz visível até mesmo na própria organização sequencial dos termos: *inuentio* – *dispositio* – ***elocutio*** – *memoria* – *actio*.

Em verdade, a *elocutio* é a parte em que mais inteiramente pode atuar o mestre de retórica, o retor; é a parte em que mais diversificadamente pode exercitar-se o aprendiz. Para ela convergem diversos saberes, assim como nela são demandadas competências e habilidades igualmente as mais variadas.

É na prática da *elocutio* que, por exemplo, o orador conformará o seu estilo, a sua identidade oratória. Como podemos notar da *Institutio* de Quintiliano, a *elocutio*, especialmente na sua forma escrita, está profundamente arraigada na leitura, e estas duas atividades se associam de tal modo que parece não existirem limites entre elas. Além disso, muito mais do que prestar-se à construção de um estilo, a correlação leitura-escrita não somente coloca em contato a retórica com a literatura¹⁴, na medida em que o discurso retórico se pode tornar mais eficiente, ao assimilar qualidades do texto literário, mas

¹⁴ Utilizaremos a palavra literatura incluindo-se nela o sentido de poética para significar a criação literária em sentido amplo.

também constitui-se num poderoso mecanismo de acesso e consolidação de uma cultura geral.

Quintiliano constrói sua *Institutio* ancorado em numerosos conceitos, dentre os quais destacamos um, denominado *firma facilitas* (X, 1, 1) (propomos que equivalha a algo como “inabalável eficiência”). Sua pertinência ao tema leitura-escrita é grande, pois é no exercício da leitura e na preparação escrita de um discurso que o orador fortalecerá as habilidades linguísticas que lhe permitirão ser eficiente.

Como veremos de modo mais desenvolvido nos capítulos seguintes, os elementos essenciais do sistema retórico estão sintetizados no Livro X, já que nele se encontram sugeridos os meios de construir aquela ponte entre literatura e retórica; as indicações de acesso à cultura geral do mundo acadêmico (filosofia, história, jurisprudências); nele se relaciona um leque bibliográfico que encaminha à “modelar e boa leitura”, enfatizando-se sob este aspecto a imitação; se direciona ao aprimoramento da prática da escrita e do exercício da memória. O mais importante, no entanto, é que o tratamento de todas essas questões tem como fim oferecer as condições de base para a sedimentação da *firma facilitas*.

Uma outra particularidade relevante nessa relação retórica-literatura pode ser identificada nos critérios utilizados por Quintiliano para selecionar os autores que ele recomenda: a edificação de princípios éticos.

A análise da *Institutio* nos permite ver que a retórica, por si só, enquanto sistematização de um conhecimento humano, não condiciona no indivíduo a atuação profissional segundo uma ética do “bem” ou do “mal”. Quintiliano faz explícitas indicações de que um professor de oratória pode dar “armas ao

bandido” (*Inst.* XII, 1,1) ou, de outro modo, a ciência retórica pode prestar-se ao “serviço do mal”¹⁵.

Uma vez considerada a importância do orador para a civilização romana, numerosos expedientes, de forma explícita ou subliminar, costumam aparecer na *Institutio*, através dos quais o autor pretende levar esse orador a ser e a proceder como um “homem de bem”. É assim que devemos entender os comentários feitos sobre os poetas. Eles traduzem a preocupação de Quintiliano em ressaltar as qualidades técnicas da obra, mas ele o faz utilizando-se do artifício de as identificar no poeta, no homem. Da mesma maneira, ele censura o homem para recriminar o texto que esse tenha escrito.

Não somente dissemos ser a oratória uma manifestação concreta da retórica, mas até mesmo, em vários momentos, a tratamos como se ela fosse, para o universo romano, a própria retórica. Em situação idêntica podemos encontrar, nos manuais específicos, o termo *elocutio*: ele aparece ora como etapa da construção do discurso, ora parte da oratória, ora parte ou a própria retórica¹⁶. No entanto, atribuí-lo a uma ou a outra parte torna-se secundário, em face da relevância que tem a *elocutio* enquanto objeto de estudo e de ensino, relevância que foi reconhecida ao longo dos tempos.

¹⁵ A esse respeito lemos na *Introdução à tradução portuguesa*, em Perelman:

“5. Mas, suspeitar-se-á ainda: não pode a retórica servir para enganar os outros, conduzindo-os de acordo com as conveniências de cada um? Não é a retórica demagógica, sempre sujeita a ser um instrumento ao serviço de interesseiros?

A isto poder-se-á replicar: Por que deveria a retórica estar ao abrigo de seus maus usos? E não será competência retórico-argumentativa aquela que contra eles nos pode, precisamente, prevenir, premunindo-nos de eventuais abusos? A questão não parece, pois, ser uma questão relativa à retórica, mas à avaliação do humano” (1993: 9).

¹⁶ Barthes assim observa: “... *elocutio*, a que se tem por hábito reduzir abusivamente a retórica, em razão do interesse dos modernos nas figuras de retórica, estas são parte (mas apenas parte) da *elocutio*” (2006: 98).

... *elocutio*, a cui se ha l'abitudine de ridurre abusivamente la retorica, in ragione dell'interesse pertanto dai moderni alle figure di retorica, parte (ma soltanto parte) dell'*Elocutio*. Barthes (2006: 98).

Se compararmos *elocutio* e *actio*, enquanto passíveis de uma avaliação crítica, por um analista diferente do autor, veremos que essa análise se pode fazer de modo mais efetivo na *elocutio*. A *actio* somente pode ser avaliada enquanto estiver sendo exercício preparatório, pois o desempenho no tribunal é obra acabada, no sentido de que não há mais como se fazerem intervenções na estrutura formal do discurso, ou na organização e dinâmica de exposição dos conteúdos. Além disso, a *actio* é melhor, senão unicamente, analisável por um outro que não o próprio orador, já que ela implica a instância da recepção. A *elocutio*, por sua vez, é uma instância da produção, e tanto pode ser o exercício da construção, como pode ser a obra final a ser confiada à memória e, posteriormente representada como *actio*. Sobre ela pode exercer algum tipo de controle o próprio autor, da mesma forma que um outro que não o autor.

Estas condições e outras situações fizeram da *elocutio* um ponto de estudo dos mais explorados no ensino da retórica e nas investigações do que teria sido a retórica antiga. Dado que sua função primordial seja a de associar ideias (*res*) e palavras (*uerba*), para que uma motivação inicial se concretize num resultado objetivo, a *elocutio* demanda para si a ciência da linguagem em sua máxima completude. Se considerarmos que é tarefa do orador “dizer bem e corretamente” teremos mais visível a dimensão da *elocutio*, pois aí se encontram combinados o saber retórico e o saber gramatical, como ensina Barthes (2006):

E assim, em seu estado canônico, a *elocutio* define um campo que se apóia sobre toda a linguagem: inclui num mesmo conjunto a nossa gramática (até o coração da Idade Média) e aquilo a que se chama a *dizione*, isto é, o teatro da voz.¹⁷(98)

¹⁷ Eppure, nel suo stato canonico, l'*elocutio* definisce un campo che poggia su tutto il linguaggio: include insieme la nostra grammatica (fino al cuore del Medioevo) e quel che si chiama la *dizione*, il teatro della voce. (Barthes, 2006: 98)

A conjugação das entidades ideia-palavra permitiu que as várias escolas e as diferentes teorizações sobre a retórica construíssem, ao longo dos tempos, um intrincado labirinto de caminhos e de fórmulas para descrever, explicar e normatizar os discursos. Não sem razão se desenvolve nesse campo de estudo, por exemplo, a estilística, conforme descreve Garavelli (2006):

O domínio da *elocutio* é estabelecido como o lugar de encontro da retórica e da poética. O estudo da qualidade que torna apropriada e ornada a expressão e, em particular, a análise dos artifícios que dizem respeito a cada um dos estilos e dos gêneros literários abriram à doutrina da elocução as portas da estilística. (110).¹⁸

Esta passagem, ao falar de análise dos artifícios, conduz também a um comentário sobre as figuras de retórica que, como observa Barthes (2006: 98), vêm muitas vezes confundidas com a própria retórica. O preciosismo que subjaz ao arsenal de figuras de retórica, descritas nos mais diferentes manuais, e que beira ao abuso, vem assim descrito por Garavelli (2006):

“Não é fácil orientar-se entre as mais variadas classificações dos manuais relativamente à *elocutio*, objeto privilegiado de uma tradição de estudos e de aplicação escolástica longa e não homogênea. Não é fácil também porque nenhum dos mais ou menos ilustres tratados manifesta um modelo unitário e coerente. Daí as dispersões e superposições no interior de uma mesma sistematização; as incongruências entre as diferentes sistematizações de entidades denominadas de mesmo modo, mas catalogadas sob esquemas e rubricas não coincidentes nas várias descrições, mesmo que utilizem a mesma terminologia e se façam segundo uma bagagem conceitual comum (111).¹⁹

Historicamente, essa complexidade conceitual e terminológica, não somente com relação às figuras, surge desde a sedimentação da retórica grega

¹⁸ Il dominio dell'*elocutio* è stato luogo de incontro della retorica e della poetica. Lo studio delle qualità che rendono appropriata e decorosa l'espressione e in particolare l'analisi degli artifici che se addicono a ciascuno degli stili e dei generi letterari hanno aperto alla dotrina dell'elocuzione le porte della stilistica. (Garavelli, 2006:110)

¹⁹ Non è facile orientarsi tra le svariate classificazioni manualistiche relative all'*elocutio*, oggetto privilegiato de una tradizione di studi e de applicazione scholastiche lunga e disomogenea. Non è facile, anche perche nessuna delle più e meno illustri trattazioni manifesta un modello unitario e coerente. Donde le dispersioni e le sovrapposizioni all'interno de uno stesso ordinamento, le incongruenze tra ordinamenti diversi de entità denominate allo stesso modo ma catalogate in schemi e rubriche non coincidenti nelle varie descrizioni, che pure usano la medesima terminologia e si rifano a un bagaglio concetuale comune. (Garavelli, 2006: 111)

em Roma. Entre esses dois lugares, se verificam dois sistemas linguísticos diferentes, duas civilizações marcadamente distintas que, embora se tivessem utilizado da mesma retórica, o fizeram com perspectivas e propósitos diferentes.

Observa-se nos manuais latinos a dificuldade dos autores em lidar, sobretudo, com a terminologia grega e com a seleção dos exemplos. As tentativas de solução passam, ora pela simples transliteração dos termos gregos, ora pela criação de neologismos em latim. Quanto à exemplificação, a *Retórica a Herênio*, por exemplo, opta²⁰ por utilizá-los não somente em latim, mas escritos, *ad hoc*, pelo próprio Autor. Na *Institutio*, são numerosas as citações de palavras e frases em grego. Estas duas obras traduzem a dimensão de complexidade no tratamento do assunto.

A tradição retórica, no seu percurso pelo tempo, seguiu com dilema semelhante ao dos romanos: repetir, transliterar, criar neologismos, tanto para a inovação dos conceitos antigos, quanto para a formulação de conceitos novos. De certo modo, podemos encontrar aí os desacordos de terminologia e de interpretação de que fala Garavelli (2006: 111) na citação acima.

Não se pode negar a dimensão que alcançou o tema (figuras e tropos), tanto nos domínios da retórica, quanto no dos estudos literários até o século XIX, por exemplo. No entanto, não trataremos, neste trabalho, desse assunto e limitaremos às poucas referências feitas até aqui, muito embora reconheçamos

20

Quoniam in hoc libro, Hereni, de elocutione conscripsimus et, quibus in rebus opus fuit exemplis uti, nostris exemplis usi sumus ... (Rhet ad Her., IV, 1)

porque neste livro, Herênio, escrevemos sobre a elocução e sempre que foi necessário exemplificar, utilizamos nossos próprios exemplos.

as implicações entre *elocutio* e o conjunto das intrigantes e instigantes figuras de retórica²¹.

Tudo isso que vimos comentando deve ser entendido no contexto da civilização romana, que fez da retórica um poderoso instrumento de ação social. A oratória, especialmente a jurídica, se serve do discurso, que não preexiste ao orador, isto é, o discurso somente passa a ter reconhecidos a sua existência e seu valor funcional no momento em que é proferido. O orador faz agir o discurso na sua relação direta com a construção de uma verdade; o seu pronunciamento acontece num processo de interação direta com um público, que deve reagir às suas proposições. O certo é que o orador não apenas executa uma fala, mas, ao assumir o discurso, ele atua, motivado por uma predeterminação de força maior (sejam as intenções do poder político central, de grupos, isto é, interesses acima do individual), de modo a concertar as esferas do racional e do afetivo. O triunfo de sua causa não é, necessariamente, o triunfo de uma verdade: é a disposição do racional que opera sobre o emocional.

Um aspecto importante na ação do discurso diz respeito à formação geral do orador. O que caracteriza esse processo pode ser descrito com o conceito atual de educação continuada. Quintiliano percebe isso com muita clareza, pois ensina, em sua *Institutio*, que a formação começa ainda em criança e não termina no percurso acadêmico da escola de retórica. Nesse processo de educação continuada há dois momentos marcantes: a escola do gramático e a escola do retor. Ambas têm em comum o estudo do texto escrito, sedimentado na leitura dos considerados grandes autores. Há, no entanto,

²¹ Uma descrição minuciosa e sistemática das figuras de linguagem pode ser encontrada em Lausberg (1993), especialmente no Capítulo III, *Ornatus*, §§ 162-463.

abordagens diferentes, mas, no fundo, complementares entre as duas escolas. Enquanto o gramático explica, disseca, enfim, trabalha o código de expressão linguística, o retor trabalha o texto na perspectiva da construção do discurso, ou seja, a harmonização das ideias. O saber e o fazer retóricos do orador romano combinam, desse modo, a ciência do código de expressão linguística com a ciência da construção discursiva, tudo isso fundado no princípio da autoridade: a *auctoritas* que, etimologicamente, deriva de *auctor*²²; a autoridade que emana do poder de criação do autor.

Quando Reboul (2004) diz que “a retórica foi a primeira prosa literária e durante muito tempo permaneceu como a única” (61), podemos deduzir que isso muito certamente se deve à presença da literatura nos procedimentos de ensino e formação retórica. Em Roma, essa prosa, já não como a primeva, mas literária, se pode exemplificar em Cícero, em César e até mesmo na linguagem refinada de Quintiliano. A qualidade dessa linguagem contribuiu enormemente para que se classificasse a retórica como “arte funcional”, o que combina muito bem com a índole romana, que se faz manifesta na simetria dos arcos, na arquitetura funcional de seus aquedutos, no requinte e na sofisticação de seus mosaicos. Em essência, os aspectos funcional e ficcional se conjugam da mesma forma que, na retórica, é indispensável compatibilizar o racional com o emocional.

É preciso ressaltar ainda que ao falar de orador e de discurso, em se tratando de oratória romana, precisamos relativizar as noções que esses termos veiculam, considerando-se a realidade em que se inscrevem.

²² Pertence ao radical de *augeo*, que significa “fazer crescer, crescer; aumentar; amplificar”. “faire crôître, accrôître; augmenter, amplifier” (Ernout, 1951: 1000)

Podemos, naturalmente, incluir o orador romano no vasto e ainda não precisamente definido campo de significação do sujeito do discurso. Acontece, porém, que discurso, tal como no-lo apresentam as várias correntes dos estudos linguísticos atuais, não se sujeita a qualquer dos limites de definição que lhe tentem estabelecer, como podemos observar na seguinte afirmação: “Um discurso não é, pois, uma realidade evidente, um objeto concreto oferecido à intuição, mas o resultado de uma construção” (Maingueneau: 1989, 21)²³.

Para efeito de melhor compreender toda a edificação do sistema oratório romano tomemos como palavra chave o termo construção. Em sua natureza gramatical de nome de ação, derivada, portanto de um radical verbal, *-stru-* (amontoar), ela demanda um sujeito agente e um objeto resultante, que inclui as noções complementares de “final de movimento”, “ponto de chegada”, “concretização”. Dessa maneira, obviamente, teremos o orador como sujeito e o discurso como objeto resultante.

Mas o orador, enquanto sujeito agente de um discurso, se reveste de uma particularidade muito singular: ele é o agente advogado do discurso do outro; não defende a própria causa, mas fala em nome de um outro; metamorfiza no dizer próprio o dizer do outro; sua ação é, na realidade, intermediação.

O orador, nessas circunstâncias, igualmente precisa preencher todos os requisitos demandados pelas condições naturais de um ato de linguagem: cabe a ele se fazer reconhecido como quem tem direito à palavra legitimada (Charaudeau, 2008), isto é, construir, na interlocução, sua identidade de sujeito

²³ Un discurso non es, pues, una realidad evidente, un objeto concreto ofrecido a la intuición, sino el resultado de una construcción. (Maingueneau, 1989, 21).

falante; fazer compartilhados os saberes; ter a consciência de que, com todas as implicações e desdobramentos, “no seu discurso está o outro” (Authier-Revuz: 1990, 29).

Como vimos prenunciando, a relação do orador com o seu destinatário, para se fazer diálogo, exige daquele a acomodação de sua fala às condições de recepção, sobretudo em termos dos passos seguidos na articulação das ideias que vão constituir o saber a se compartilhar. Mais ainda, esse saber compartilhado deve resultar em adesão a uma proposição intencional e previamente visada pelo orador.

Em outros termos, o orador marcará sua identidade de sujeito falante e, assim, proferirá uma palavra legitimada na medida em que for capaz de conduzir seu ouvinte ao entendimento de uma mensagem da qual ele é, inicialmente, apenas veículo, isto é, antes de a assumir como sua. O destinatário, por sua vez, se configurará como verdadeiro interlocutor na medida em que se permita convencer de, e aderir à proposição do orador.

A legitimação do orador enquanto agente do discurso se efetivará também pela inclusão do outro. Esse outro envolve, além do representado em um processo jurídico, por exemplo, os incontáveis outros que contribuem para a consolidação do discurso eficiente, aqueles nos quais o orador vai buscar elementos para edificar sua *firma faciltas*.

O fato marcante no projeto de educação oratória proposto por Quintiliano entendemos ser a convicção, ou mais do que isso, a consciência de que o discurso do orador não se faz apenas com o talento pessoal, mas também com a presença deliberada de elementos formais assimilados e reelaborados de outros discursos, como a linguagem poética, por exemplo; de estratégias

argumentativas experimentadas e aprovadas em outros oradores. Somos levados a esse entendimento especialmente se atentarmos para a ênfase e o tratamento dados por Quintiliano ao expediente da *imitatio* (imitação).

É certo que se pode especular a respeito de heterogeneidade(s) enunciativa(s), como o faz Authier-Revuz (1990) e falar de um sujeito “que na ilusão se crê fonte deste seu discurso, quando ele nada mais é do que o suporte e o efeito” (Authier-Revuz: 1990, 27). Veremos, no entanto, que o orador pretendido por Quintiliano não é um sujeito iludido na crença de ser ele próprio a fonte exclusiva de seu discurso. Esse orador deve ser formado e aprimorado na certeza de que precisa incorporar elementos externos advindos do talento alheio, ou seja, o seu discurso é conscientemente permeado pelos discursos dos muitos outros.

. As condições em que acontece a performance oratória nos fazem ver muito claramente que, em sua ação intermediadora, o orador é, de fato, o suporte e, ao mesmo tempo, o efeito de seu discurso. Ser suporte e efeito de seu discurso significa, além de tudo, que o orador precisa ser ele próprio o resultado das verdades que ele constrói e profere, da mesma forma que as verdades construídas são a consequência de outras verdades anteriormente incorporadas por esse orador.

Esta introdução dever ser vista como o contexto em que se vão desenvolver, pelos capítulos seguintes, algumas ideias acerca da retórica romana.

CAPÍTULO I
IN VERBIS RHETORICA

Nas palavras a retórica

Coepi é uma forma verbal latina pertencente a um grupo muito restrito de verbos que só existem no sistema do *perfectum*, em outras palavras, são formações que, por certas ou incertas razões, não têm *infectum* morfológico, embora suas acepções semânticas possam equivaler, em determinadas circunstâncias, às do sistema do presente. *Coepi* significava originalmente “eu me pus a”, mas com o tempo assumiu também a significação de “eu comecei”.

Servimo-nos desta imagem para representar a natureza deste trabalho: lidamos com o passado, não numa perspectiva de um passado absoluto, definitivo, irrevogável, mas um passado profundamente dinâmico e muito fecundo, a nos fazer presentes as mais refinadas indagações, a nos levantar intrincados questionamentos acadêmicos, a nos sugerir, nas reflexões de ontem, reflexões para o hoje.

Pretendemos apresentar ideias, não debatê-las como quem quer fazer prevalecer seus pontos de vista a qualquer preço, ou quer dar sequência a discussões de questões polêmicas, mesmo sabendo que sobre elas nunca poderá haver qualquer sombra de consenso.

Buscamos ideias na retórica antiga, não esparsamente no universo inesgotável da retórica, mas numa parte de um único livro de uma obra específica: o Livro X da *Institutio Oratoria*²⁴, de Quintiliano. Mesmo nessa parte aparentemente restrita da obra se poderiam identificar muitos outros pontos para discussões intermináveis, no entanto, preferimos analisar o papel do poeta e da obra literária na formação do orador e na construção do discurso que esse orador há de proferir.

²⁴ A divisão de uma obra antiga costumava ser feita em livros. Cada livro correspondia, grosso modo, a um rolo de pergaminho.

Duas questões altamente provocadoras se colocam nessa relação entre o orador e o poeta: a prevalência das figuras humanas do orador sobre seu discurso, do poeta sobre a obra literária; a ênfase dada por Quintiliano a valores de natureza moral. Na verdade, um padrão de comportamento ético é, em última instância, o que procura Quintiliano caracterizar, e, para isso, se vale também da obra literária. Não se trata, porém, de toda e qualquer obra literária, mas somente daquelas obras cujos autores apresentem no seu modo de escrever alguns aspectos práticos, exemplificadores do fato retórico; esses autores e obras que também tenham algo a dizer em suporte a uma conduta pessoal e social que se pretende irrepreensível.

Onde devemos buscar as razões para essa disposição moralizante de Quintiliano? O que motivaria um ex-advogado, burocrata e professor da arte oratória a marcar posição em defesa de princípios éticos e a propor uma figura de orador que seja a tradução do refinamento técnico e da sensibilidade artística, sustentado por uma conduta humana, o mais possível, isenta de vícios?

Embora não nos seja possível responder cabalmente a indagações dessa natureza, nos propomos a fazer algumas reflexões que venham contribuir para o aprofundamento desses questionamentos. Mais do que de uma simples possibilidade, podemos falar de certeza quanto ao fato de que as condições sociopolíticas do tempo de Quintiliano estão representadas em sua *Institutio*. Ainda que não se façam aí discussões explícitas sobre questões sociais ou sobre política, sobre filosofia, ideologia ou sobre tendências comportamentais, nenhum desses elementos escapa ao perspicaz senso crítico do experimentado Professor de retórica.

À época em que foi escrita a *Institutio*, Roma já havia completado o primeiro século da consolidação do Império. Nesse espaço de tempo Quintiliano viveu plenamente integrado e muito próximo dos dirigentes políticos. Dois indicadores são marcantes na representação dessa proximidade: a) já no império de Vespasiano, Quintiliano dirigia uma escola de retórica subvencionada pelo Estado; b) ele fora encarregado da educação dos netos (sobrinhos netos, segundo alguns autores) do próprio Imperador Domiciano.

Entre 30 e 35 d.C.	Nasce Quintiliano	37 d.C.	Fim do império de Tibério (sucessor de Augusto).
		37 a 41	Império de Calígula.
		41 a 54	Império de Cláudio.
		54 a 68	Império de Nero.
		68 a 69	Oto, Galba e Vitélio (escolhidos como imperadores pelos soldados)
		69 a 79	Império de T. Flávio Vespasiano.
		79 a 81	Império de Tito (filho de Vespasiano)
Em 95	Morre Quintiliano	81 a 96	Império de Domiciano (irmão de Tito) ²⁵

Há que ressaltar, no entanto, que ele não presenciou nenhum momento significativo de movimentos de oposição ao regime vigente: havia, sim, disputas pelo poder, mas não lutas por mudança da forma de governo. A república, tão cara a Cícero, há muito havia-se dissolvido e fora irremediavelmente liquidada sob o poder de Augusto. O poder imperial desse tempo em curso, por força de sua natureza e índole, se impunha e sedimentava de absolutismo as suas bases.

Se os tempos estavam mudados, por que não se mudariam com eles os homens? Se, por outro lado, os homens fazem seu tempo, como não haveriam de, igualmente, fazer mudada sua retórica? Seria pretensiosa a intenção de

²⁵ Para informações mais completas acerca deste quadro, conferir Bornecque (1976: 16).

Quintiliano, ao propor uma renovada figura de orador, que pudesse ser mensageiro de novas propostas de atuação em seu meio político?

Como se pode depreender da *Institutio*, é na figura de Cícero que se vai buscar inspiração para delinear o perfil e ressaltar as características mais significativas do orador ideal (*Inst.*, XII, 1, 19). Havia da parte de Quintiliano motivos para a escolha do modelo e, por isso mesmo, não podemos deixar de chamar a atenção, aqui e em outros lugares deste trabalho, para alguns aspectos muito significativos da pessoa de Cícero e do momento político em que ele atuou.

Cícero fora um homem extremamente consciente do seu tempo: dedicado aos estudos, atuante com brilho nas causas particulares de seus concidadãos e ferrenho defensor daquelas causas públicas em que acreditava ou em que estivesse interessado. Pela sua forma de atuação em postos de poder político, ou fora dele, viveu na admiração daqueles que nele confiavam e foi morto no ódio daqueles a quem fazia oposição. É interessante notar que Cícero foi assassinado em 43 a.C. por mando de Marco Antônio e com o consentimento de Augusto, sendo as divergências políticas o verdadeiro motivo. Segundo narra Plutarco (*Antonius*, 20), Marco Antônio teria exigido que lhe trouxessem a cabeça e a mão direita de Cícero.

Ressaltamos que é altamente simbólica a exigência de Marco Antônio: este seria o vencedor daquela cabeça, que nunca mais pensaria, e daquela mão direita, que não mais poderia escrever.

Entendemos que havia uma situação de conflito a ser enfrentada por Quintiliano, pois a oratória de seu tempo não lhe era do agrado, conforme ele próprio teria manifestado em seu tratado *De causis corruptae eloquentiae*. Por

outro lado, a oratória pretendida por ele não seria compatível com as condições da vida política vigente.

As formas de organização política do Império não permitiam o desenvolvimento de uma oratória combativa, não comportavam mais os debates acirrados das assembleias. O Senado do povo romano já se encontrava enfraquecido e não tinha mais como desempenhar seu papel histórico de instância decisiva nas questões do Estado. Tudo, enfim, incluído aí o sistema jurídico, se encontrava sob o poder imperial de um só.

Como exemplo definitivo dessa situação pode-se eleger o texto *Res Gestae Diui Augusti*²⁶. Trata-se de um documento que foi escrito pelo Imperador Augusto e concebido para ser divulgado postumamente para relatar a própria trajetória à frente do império romano. Como se sabe, Augusto não foi apenas o primeiro imperador em ordem cronológica²⁷, mas se tornou um modelo de homem de governo para todos os que, no império romano, o sucederam.

Importa-nos aqui tratar de uma “verdade” que o discurso procura construir, ao invés de questionar a veracidade dos fatos ou opiniões nele relatados. A leitura do texto nos leva a formar, na figura de um império, a imagem de um homem que seleciona os episódios mais relevantes de sua história pessoal, concilia-os com a história do “estado” que ele governou e os transcreve na primeira pessoa gramatical. É o discurso do EU; é o “estado” que fala na primeira pessoa, segundo interpretamos.

²⁶ Ver SUETONIO e AUGUSTO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007.

²⁷ Estamos falando do segundo império, iniciado em 28 a.C.

1. Os Dados

Fundamos nossa convicção baseados nos dados que o texto fornece, considerando-se que a natureza desses dados se materializa em fatos gramaticais. Não parece mera casualidade que seja empregada 117 vezes a primeira pessoa do singular, em contraposição a 97 vezes em que os verbos se empregam na terceira pessoa (44 na terceira do singular, 53 na do plural). A denotação da primeira pessoa também se manifesta por larga ocorrência das formas pronominais oblíquas (*me* aparece 31 vezes, embora *ego* nunca ocorra) e pela presença do radical *Aug-* que forma *Augustus* (5 vezes) e *auctor / auctoritas* (3 vezes). À primeira pessoa ainda se faz referência através dos possessivos *meus* (55 vezes) e *noster* (7 vezes).

O fato de o texto ter sido escrito para os pósteros, para o julgamento pelo futuro, pode ter demandado de seu autor a necessidade de explicitar a autoria dos feitos nele narrados, a identidade de seu narrador. Se o que acabamos de dizer pode ser considerado simples conjectura, nada, no entanto, nos desautoriza a leitura dessa “autobiografia”, diríamos, como a própria biografia que se quis para o “estado” romano de então. Ao se assumir como o governante, em primeira pessoa, Augusto nos permite avaliar a dimensão que tem o peso do indivíduo (*ciuis*) na construção e administração da “*Res Publica*”, ao mesmo tempo em que nos apresenta na sua forma escrita o “discurso” que o “estado” devesse proferir. Enfim, o modelo de governo em evidência se caracteriza pelo poder de um só, e fala, em primeira pessoa, na língua de um só.

As características apontadas no texto de Augusto se tornam mais expressivas, se o compararmos, por exemplo, com os relatos da campanha

das Gálias, o *De Bello Gallico*, de Caio Júlio César. O mais notável nesse relato é que, mesmo sendo também um panfleto com fins eleitoreiros, César nunca se coloca em primeira pessoa. Como afirma Constans (1984), “César via chegar o momento em que seria chamado de volta a Roma, e convinha preparar a opinião pública para sua candidatura a um segundo consulado” (X).²⁸

Inquestionavelmente são diferentes os tempos, os sistemas políticos, as ordens jurídicas, mas ambos (César e Augusto) têm a inegável pretensão de se fazerem conhecidos. César fala, principalmente, para seus contemporâneos e tem interesses voltados para um futuro próximo. Augusto se volta, de modo particular, para o leitor futuro e propõe uma reflexão sobre o passado. Se, em Augusto, a primeira pessoa assume o discurso e se faz, ela própria, o tema do discurso, em César se transfere para o leitor a tarefa de, mediado pelo texto, construir a imagem do comandante ousado e vencedor, capacitado, portando para assumir o governo de seus concidadãos. Ao invés de aí se ler algo como “Eu ordenei”, lê-se “O César ordenou”. Comparemos alguns exemplos colhidos em ambos os autores:

Augusto (Res Gestae Diui Augusti)	César (Bello Gallico, Liber I)
<p><i>I- Annos undeiginti natus exercitum priuato consilio et priuata impensa comparauit.</i></p> <p>I - Aos dezenove anos, formei um exército por minha iniciativa e às minhas custas.</p>	<p><i>I,12 - Qua in re Caesar non solum publicas, sed etiam priuatas iniurias ultus est...</i></p> <p>Por meio dessa ação, César vingou não somente as injúrias públicas, como também as particulares</p>
<p><i>III- Bella terra et mari ciuilia externaque toto in orbe terrarum saepe gessi uictorque omnibus ueniam petentibus ciuibus peperci.</i></p> <p>III- Muitas vezes fiz guerras, civis e externas, na terra e no mar por todo o mundo, e, vencedor, poupei todos os</p>	<p><i>I,15 - Idem facit Caesar equitatumque omnem, ad numerum quattuor milium, quem ex omni prouincia et Haeduis atque eorum sociis coactum habebat, praemittit...</i></p> <p>O mesmo faz Cesar e manda na frente a cavalaria toda, em número de quatro mil</p>

²⁸ ... César voyait arriver le moment où il serait rappelé à Rome, et il convenait de préparer l'opinion pour sa candidature à un deuxième consulat. (Constans, 1984: X).

<p>cidadãos que pediam clemência.</p> <p><i>X- Nomen meum senatus consulto inclusum est in saliare carmen et sacrosanctum in perpetuum ut essem et, quoad uiuerem, tribunicia potestas mihi esset, per legem sanctum est.</i></p> <p>X- Meu nome foi incluído, por decreto do senado, no canto dos sacerdotes sális para que eu fosse perenemente sagrado e, enquanto vivesse, ratificou-se por lei que eu tivesse a autoridade tribunícia.</p>	<p>cavaleiros, a qual ele havia reunido da província inteira, dos Éduos e dos alidados destes....</p> <p><i>I,17 - Tum demum Liscus oratione Caesaris adductus quod antea tacuerat proponit...</i></p> <p>Por fim, Lisco, levado pelo discurso de César, expõe o que anteriormente havia calado...</p>
---	--

2. As tendências do modelo oratório no período imperial.

Em se tratando da oratória, a afluência ao fórum tinha ouvidos abertos preponderantemente às vozes de palavras fugazes. O cidadão comum já não podia efetivamente atuar, como teria sido possível em outros tempos, nas decisões políticas. Eram reflexos dessa situação os discursos pronunciados a uma plateia de espectadores, antes que a uma assembleia de concidadãos ativamente participantes.

Dominava, nesses tempos, quase de forma absoluta, a oratória a que poderíamos chamar de “discurso de ornamentação”: a oratória da causa sem causa. Os embates dos oradores haviam-se transformado em espetáculos de auditório, ao abrigo da luz do céu e da poeira do fórum. O discurso oficial era a voz solene do elogio a si mesmo ou a indivíduos afinados com os interesses do Estado.

As escolas de retórica, que tinham por função oferecer aquilo que para nós hoje equivaleria a um ensino de nível superior, favoreciam a formação do orador, por vezes, excessivamente técnico, mas nem sempre de muito brilho; era também uma escola cuja competência se limitava a moldar o burocrata acomodado. Os exercícios acadêmicos de eloquência escapavam aos eventos

do mundo objetivo para lançarem-se prioritariamente à irreabilidade das causas fictícias e à dos temas fantasiosos.

Estas queixas, embora se encontrem dispersas pela *Institutio*, refletem o estado de espírito de Quintiliano. Devemos entender, no entanto, que não se trata aí de apenas fazer desfilarem lamentações. Muito pelo contrário, os conteúdos dessas queixas são para Quintiliano motivos de reação, que se materializa na forma de um manual de oratória.

A proposição de Cícero como o modelo a partir do qual se projeta a figura do orador ideal torna-se mais significativa ainda, se levarmos em conta o lapso de tempo decorrido entre a morte de Cícero (43 a.C) e a publicação da *Institutio* (\pm 95 d.C.): haviam-se passado quase 150 anos. Se esse é um espaço de tempo considerável e dentro do qual ocorrem, naturalmente, muitas mudanças, o que estaria preservado na figura de Cícero que o tornaria atualizável e útil para os tempos de Quintiliano?

Muito certamente ao dizer que a palavra Cícero não era simplesmente um sinônimo de, mas o verdadeiro nome da oratória (*Inst.*, X, 1, 112), Quintiliano traduzia e sintetizava nele a sua própria concepção de orador e de oratória. Para Quintiliano, em Cícero estavam em equilíbrio o conhecimento teórico, a habilidade técnica, a sensibilidade poética, o vigor moral: *ingenium tantum quanta ars*, ousaríamos dizer.

Uma personalidade assim descrita era perfeitamente compatível com os princípios sobre os quais se fundavam as relações dos romanos com a oratória. Pernot (2003), assim se pronuncia:

O peso (*grauitas*) e a autoridade (*auctoritas*) do orador são elementos essenciais do discurso; aquele que fala é ouvido não apenas por causa

de suas palavras em si mesmas, mas, sobretudo, por causa de sua posição na cidade, que dá às suas palavras um valor primordial²⁹

Como se pode observar, competência oratória, que resulta em eloquência eficaz, não se realiza dissociada da presença humana que se impõe por sua força moral. Em síntese, o orador tem de ser ele mesmo a própria palavra que ele pronuncia, isto é, o orador age palavras³⁰. De outro modo, poderíamos dizer que a força de um discurso é a personalidade de quem o pronuncia. Esta dimensão é tratada em Pernot (2003) como “a palavra ‘performativa’”:

É que a palavra, em Roma, é assunto sério. Na origem, ela é sagrada e se liga à ordem do mundo. [...] A palavra é ‘performativa’, no sentido de que ela é, por si mesma, uma ação; que possui uma eficácia e produz uma situação nova. [...] Não se trata, pois, de pronunciar discursos brilhantes ou sutis, mas palavras apropriadas, nas quais se pode confiar. A qualidade principal é a ‘confiança’ (*fides*). (117-118)³¹

Uma vez que este era, para a sociedade romana, o valor da palavra publicamente pronunciada, a mesma escala de valores, como vimos notando, se aplicava ao orador, a quem cabia a função de torná-las confiáveis. Quintiliano reconheceu em Cícero esses valores, mas ainda assim buscava o orador ideal. Isto significa, segundo entendemos, que havia por parte de Quintiliano a consciência de que a oratória de Cícero era um modelo a ser seguido, mas com uma perspectiva de futuro. Essa projeção de futuro se baseava no sentido de que Cícero não somente continuava sendo atual, mas

²⁹ Le « poids » (*grauitas*) e l' « autorité » (*auctoritas*) de l'orateur sont des éléments essentiels du discours ; celui qui parle est écouté non pas tant à cause de ses paroles en elles-mêmes qu'à cause de sa position dans la cité, qui donne à ses paroles un valeur nécessaire ... (Pernot, 2003: 116)

³⁰ Esta expressão foi elaborada por evocação, reminiscências de duas frases de Plauto: *lapides loqueris* (Aululária, 152), (= tu falas [como se atirasses] pedras; tuas palavras são como pedras atiradas); *nugas agis* (Aululária, 651), (tu ages besteiras; dizes bobagens).

³¹ C'est que la parole, à Rome, est une affaire sérieuse. À l'origine, elle est sacrée et elle engage l'ordre du monde. [...] La parole est « performative », en ce sens qu'elle est par elle-même une action, qu'elle possède une efficacité et produit une situation nouvelle. [...] Il ne s'agit donc pas de prononcer des discours brillants ou subtils, mais des paroles appropriées, auxquelles on peut se fier. La qualité principale est la « confiance » (*fides*). (Pernot, 2003: 117-118)

seria também referência para as gerações vindouras, dentro de um contexto social, político e cultural pretendido por Quintiliano. Em outras palavras, recorrer a Cícero não significava ter atitude retrógrada, mas buscar elementos para a consolidação do futuro. É também assim que vemos o tratamento dispensado por Quintiliano aos autores que o antecederam. A impressão que esta atitude nos transmite é a de que sempre é possível aprofundar a análise do passado, sem que seja pela perspectiva do retrocesso (*Inst. X, 6, 6*).

Quintiliano escrevera também um tratado, cujo título estampa o assunto a se desenvolver e constitui uma tomada de posição: *De causis corruptae eloquentiae*³². Ao qualificar essa eloquência como corrompida, Quintiliano expressa um juízo, ao mesmo tempo em que se encarrega de esclarecer em que consistia essa corrupção e quais as suas causas.

Se estiverem corretas as datas estimadas pelos pesquisadores, a *Institutio* foi concluída e publicada posteriormente a *De causis*. As datas mais referidas são o ano de 89 para a publicação do *De causis*, e os anos 94 ou 95 para a *Institutio*. Desse modo, podemos entender a *Institutio* como muito mais do que uma simples reação: é, antes de tudo, uma resposta objetiva, prática, aos descaminhos da oratória de um tempo.

Segundo explica Brink (1989), à época de Quintiliano, a formação acadêmica oferecida pela escola de retórica vinha cumprindo seu papel de fornecer o treinamento adequado de pessoal para os quadros administrativos e

³² Embora o texto não tenha sido preservado, há referências a ele na própria *institutio*, conforme descreve Brink:

“Tudo que sobrevive do *De causis* provém de duas referências encontradas na *Institutio*, não há fontes externas. As referências são citações raramente literais, são antes apontamentos, repetições de seqüências de argumentos, e termos técnicos. Na melhor das hipóteses, são anotações, não fragmentos no sentido convencional” (1989: 473).

All that survives of the *De causis* comes from two references to it in the *Institutio*; there are no outside sources. The references are rarely literal quotations, but rather extracts, repetitions of trains of arguments, and technical terms. They are reports rather than fragments in the conventional sense. Brink (1989: 473).

para as atividades forenses do Estado. No entanto, essa formação não favorecia a uma oratória política, tal como havia sido, por exemplo, a oratória de Cícero. A educação em geral encontrava-se despolitizada, no sentido de não envolver o estudante nas questões de natureza prática e nas reflexões acerca da vida política de seus concidadãos. O sistema educacional não podia falar contrariamente à língua do poder constituído: eram de competência exclusiva do comando central do Império todas as ações e todas as questões de natureza política e ideológica que dissessem respeito ao Estado e ao governo das pessoas. Se considerarmos que esse modelo de escola é patrocinado e até mesmo financiado pelo próprio Império, inevitavelmente a oratória aí privilegiada será compatível com as tendências de um discurso vazio de participação política e, mais do que isso, despolitizador.

Quintiliano não somente reagiu a essa concepção de escola e de oratória, mas teria alcançado até mesmo a compreensão do Imperador Vespasiano em relação ao restabelecimento de novas bases para o modelo de ensino. É o que entendemos nesta passagem de Brinck (1989):

Esse direcionamento institucionalizou uma variante não política para substituir o modelo originalmente político de oratória, que havia morrido com Cícero, quando, então, não existiam escolas públicas e um tesouro imperial para custear essas despesas. O novo modelo pode ter seriamente falhado em termos de sua aceitação pela monarquia extremamente autocrática, na medida em que fornecia um bem treinado pessoal para as tarefas forenses e administrativas, enquanto que, simultaneamente, despolitizava a oratória e, assim todo o sistema educacional. Vespasiano teria dado conta dessas consequências. Em alguma medida Quintiliano o teria convencido de que a moral intelectual e pública da retórica, a vastidão do seu ensino ciceroniano e a nobreza e sobriedade de seu moderno e também classicizante estilo serviriam melhor a ele do que as extravagâncias, ou simples fraqueza das outras escolas. Nisso ele estaria certo. (475)³³

³³ “This appointment institutionalized a non-political variant to replace the originally political form of oratory that died with Cicero, when there were no *publicae scholae* and no imperial treasury to defray the cost. The new variant can hardly have failed to be acceptable to a largely autocratic monarchy because it provided a trained personnel for forensic and administrative

Apesar desse feito, aceitando-se como verdadeiras as palavras de Brink (1989), o tratamento recebido por Quintiliano de alguns historiadores da literatura latina nem sempre lhe é favorável, basta ver a análise que sobre ele faz, por exemplo, Enzo V. Marmorale (1974). Inicialmente, ele interpreta nas atitudes de Quintiliano a intenção de “transformar os costumes literários de seu tempo” (68). Mais adiante afirma:

Quintiliano não ama a moda do seu tempo, mas, em vez de estudar as causas políticas e morais que a produziram, para as apreciar melhor, ilude-se supondo que os males podem ser sanados exclusivamente com uma sugestão de remédios. Assim, havendo notado a corrupção do gosto, julga poder remediá-la, aconselhando a imitação de Cícero ... [...] Contudo, os remédios que ele sugere são contra-indicados, precisamente porque não conhece o seu tempo e não se apercebe de que as razões da decadência se encontram mais na política da época do que nas escolas de declamação. (69-70).

A interpretação de Marmorale (1974) parece-nos apresentar a figura de Quintiliano como alguém pretensioso, contrário às tendências culturais de seu tempo e, acima de tudo, ingênuo em sua crença na imitação.

Entendemos que é possível avaliar de maneira mais positiva as proposições de Quintiliano, especialmente se nossa leitura for orientada pelo princípio contido, por exemplo, no aforismo *ne sutor ultra crepidam* (=que o sapateiro não esteja acima de sua sandália).

Parece-nos que, indubitavelmente, Quintiliano se coloca nos limites de sua competência de professor de oratória. Exemplo disso é o fato de que, ao apresentar sua recomendação de autores a serem lidos, não faz propriamente uma teoria ou uma crítica literária, em sentido estrito, nem mesmo chega a fazer análises particularizadas de obras. Acresça-se que os nomes citados não

purposes, while, at the same time, depoliticizing oratory and thus education in general. These consequences Vespasian will have seen; and it is any rate possible that Quintilian convinced him that the rhetorician's high-minded and public-minded ethos, the width of his Ciceronian teaching, and the nobility but also sobriety of his modern yet classicizing style would serve him better than the extravagances, or simply weaknesses, of other schools. In which he would have been right.” (Brinck, 1989: 475)

se resumem aos de poetas, mas incluem-se entre eles os de historiadores, filósofos e outros oradores. Como, então, se poderia atribuir a ele a pretensão de querer transformar os costumes literários de seu tempo? Em que medida um professor de oratória seria eficientemente ousado a ponto de provocar tamanha transformação? Se não bastassem estas considerações, Quintiliano demonstrava ter clareza da enorme diferença existente entre as linguagens do texto literário e da exposição pública de um discurso pronunciado diante de um tribunal ou de uma assembleia. Isso podemos ver comprovado nos termos com os quais, ele descreve, com precisão, as diferenças entre a leitura de um texto e a audição de um discurso:

*Lectio libera est nec ut actionis
impetus transcurrit, sed
repetere saepius licet, siue
dubites siue memoriae penitus
adfigere uelis. (Inst., X,19)*

A leitura é livre, nem mesmo transcorre como o ímpeto de um discurso proferido: é permitido ir e voltar muitas vezes, seja porque ainda restam dúvidas, seja porque tudo se queira fixar no mais profundo da memória.

Quintiliano trata do orador e, com certeza, sabe que não é mudando apenas o orador que toda a sociedade será transformada. No entanto o orador também precisa fazer a sua parte na ação transformadora, principalmente em face do valor que assumia a palavra na sociedade romana.

Se ele busca a figura do orador ideal, e se a imitação é relacionada como uma das estratégias para se alcançar esse objetivo, seguramente é preciso ultrapassar o entendimento da imitação como servilismo ou entrave ao desenvolvimento. Ao contrário, queremos ver no projeto de Quintiliano o processo da imitação como um momento desencadeador da inovação.

Pretendemos, nos passos seguintes, ampliar as discussões suscitadas pela leitura do Livro X da *Institutio Oratória*, de Quintiliano, tendo como

objetivos principais identificar a natureza das relações entre o orador e o autor do texto literário; caracterizar a noção de imitação enquanto fator de inovação.

Temos, ainda, a intenção de dar consistência a nossas argumentações, orientados, sobretudo, pela certeza de que a *Institutio* se insere num contexto histórico e cultural bastante definido: é uma obra que fala não apenas de um tempo, mas principalmente do ser humano capaz da palavra em ação e que se pode fazer eloquente. Não podemos ignorar também que a *Institutio* assume um valor extraordinário, na medida em que ela é a própria essência do que ensina, tal qual o orador que se faz o discurso pronunciado.

CAPÍTULO II
IN RHETORICA ORATORIA

Na retórica a oratória

NOVI figura no dicionário latino em sua condição de primeira pessoa do singular do pretérito perfeito do indicativo ativo de *nosco*, verbo que ostenta uma estrutura morfológica pertencente ao grupo dos chamados verbos incoativos, já que veicula a ideia complementar de “começar a ...”. Em sua acepção definitiva, *nosco* significa propriamente “eu começo a tomar conhecimento de”. Ao perfeito *noui* cabe, então o papel de expressar a noção de “eu sei, eu conheço”, para nós falantes do português uma forma gramatical de presente. Diante desse fato, observamos em gramáticas do latim serem descritos sob o rótulo de “Pretérito perfeito presente” (*perfectum praesens*) (Berge et alii, 1973: 260) este e outros verbos. A esse mecanismo de expressão linguística, além das ideias de *permanência*; *do que acaba de ser concluído*; *do que passa a ser definitivo*, subjaz a percepção de que o conhecimento é um resultado, isto é, numa linha de sucessão, conhecer é consequência.

Tomemos como exemplo os seguintes versos de Ovídio, que mostram bem essa correlação de tempos: *nouit*, perfeito, está na mesma linha temporal de *scit*, presente.

<i>Scit bene uenator, ceruis ubi retia tendat,</i>	Bem sabe o caçador onde deva armar redes aos cervos,
<i>Scit bene, qua frendens ualle moretur aper;</i>	Bem sabe por qual vale o javali rangedentes vaga;
<i>Aucupibus noti frutices; qui sustinet hamos,</i>	São conhecidos pelos passarinhos todos os arbustos; aquele que segura suspensos anzóis
<i>Nouit quae multo pisce natentur aquae: (Ars Amatoria, I, 45-48)</i>	Conhece que águas são nadadas pelo cardume numeroso

Ovídio se utiliza das duas formas aproximadamente como sinônimas, na realidade, porém, há entre elas uma diferença de sentido: originalmente *scio*

quer dizer “estou a par de” (*facere aliquem scientem* = fazer alguém sabedor de, informar a alguém), enquanto que *nosco*, propriamente *gnosco*, significa “alcançar um conhecimento”.

À noção de conhecimento se pode associar também, mas em relativo distanciamento conflitante, a de experiência, como descreve Connor (2000) em sua obra *Cultura Pós-Moderna*:

Essa formulação baseia-se num sentido de separação inerente entre experiência e conhecimento, uma crença de que, quando experimentamos a vida, só podemos compreendê-la parcialmente e de que, quando tentamos compreender a vida, deixamos de experimentá-la de fato. De acordo com esse modelo, o ato de conhecer está sempre condenado a chegar tarde demais à cena da experiência. (11)

Em que pese essa constatação, há, porém, seguros indícios de que se pode “especular se o conhecimento e a experiência não poderiam ser integrados num contínuo mais complexo”. (Connor, 2000: 11). Esse complexo, no entanto, se amplifica enormemente, quando se trata de tentar estabelecer com o passado um contínuo de formulações teóricas. Exatamente isso vemos quando lidamos com um texto, por exemplo, da antiguidade latina, sobretudo se a finalidade básica desse texto é a construção de um conhecimento, que se deve materializar numa habilidade de natureza eminentemente intelectual, cognitiva: a eloquência enquanto expressividade da competência oratória.

Mesmo que não seja propósito deste estudo aprofundar discussões acerca das relações entre experiência e conhecimento, especialmente no tocante ao grau de aproximação ou de distanciamento que esses conceitos suscitem ou imponham, não há como não levá-las em conta numa circunstância em que se constitui objeto de estudo a colocação em prática de um saber que se consolida basicamente na experiência.

Por séculos e séculos, milênio e séculos Quintiliano foi um dos principais nomes da ciência oratória, exatamente como ele próprio disse de Cícero, se nos é permitida a comparação:

<i>vero id consecutus ut Cicero iam non hominis nomen sed eloquentiae habeatur</i> (Inst., X,1,112).	aconteceu que CÍCERO não mais seja considerado o nome de um homem, mas o da eloquência.
--	---

A sua obra, gigantesca em todos os sentidos, a *Institutio Oratoria*, constitui um marco da inteligência humana, principalmente se considerarmos sua localização no tempo, seus objetivos claramente definidos e, muito especialmente, a harmonia de sua configuração estrutural, o que se pode constatar pela sua concepção, sua organicidade, sua linguagem no apurado estilo de quem domina o assunto e na exuberante severidade de quem, no ensinar, faz, de maneira ainda melhor, aquilo que ensina a fazer.

Mais do que um inventário de técnicas, o livro é permanente formulação e discussão de conceitos básicos e de práticas relativamente aos campos da retórica e da eloquência. Embora não seja um manual para iniciantes na arte do discursar, não falta em Quintiliano a preocupação em oferecer ao aprendiz todos os elementos de que este precisará para compreender integralmente um conteúdo. Vale registrar como exemplo insofismável a seguinte passagem:

<i>Neque enim artem grammaticam componere adgressi sumus</i> (Inst., I, 5, 54).	Nem verdadeiramente nos propusemos compor uma arte gramática.
---	---

Como se pode notar, o autor esclarece que não é seu propósito fazer um tratado de gramática, pois, conforme registra em outras passagens, esse assunto diz respeito a um estágio intermediário no processo de formação do

orador, a escola do gramático. No entanto, dedica boa parte do primeiro livro à descrição da língua latina em uma formulação que se tornou fonte inesgotável de pontos de discussão e análises, as mais variadas, em toda a história subsequente dos estudos linguísticos do latim. Isso podemos verificar no seguinte comentário de Pereira (2006):

De fato, ainda que o próprio autor afirme, mais de uma vez, não ter por meta compor um tratado gramatical, uma simples leitura dos capítulos 4-9 do primeiro livro da *Institutio* faz ver a quantidade de informações relativas à Gramática presentes na obra.(60)

O que vimos apontando até aqui se insere num conjunto de preocupações de ordem ética, técnica e até mesmo estética³⁴, organizado por Quintiliano com vistas a moldar o caráter pessoal e o perfil profissional do orador. Sem dúvida alguma, Quintiliano põe em evidência aquelas “particularidades” descritas por Barthes (2006: 7-8) ao falar sobre retórica antiga, isto é, técnica, ensino, ciência, moral, prática social e prática lúdica.

O foco de interesse deste nosso estudo é o Livro X, com atenção especial – para não dizer quase exclusiva – ao capítulo 1, denominado *copia uerborum*³⁵. Mas para que se possa ter ideia da obra como um todo, e permitir que se contextualize melhor o objeto de nossa discussão, julgamos pertinente descrever de modo sumário a obra inteira, destacando em cada momento os dados mais representativos. Recorremos, para isso, a *Sanz e López (S.d)*, em que se encontra uma bem elaborada síntese, a qual adaptamos ao nosso propósito.

³⁴ Essa é uma opinião registrada em Pereira, 2006: “que ele [Quintiliano] tenha tomado a criança do berço, se se pode dizê-lo, para conduzi-lo até a idade adulta, que ele tenha feito dessa *elocutio* o ponto de partida de sua *institutio*, e que ele tenha atribuído tanto valor à ética, a ponto de seu sistema ter o aspecto e valor de uma *estética da vida*”. (Pereira, 2006: 28)

³⁵ A *institutio* é composta de doze livros, que se subdividem em capítulos. Cada capítulo se caracteriza por desenvolver um tema específico.

O primeiro livro trata de questões que não se limitam especificamente à retórica e tem como objeto principal descrever como deve ser a educação elementar do futuro orador. Nele se fala, por exemplo, da primazia do ensino escolar formal, se comparado ao ensino em ambiente doméstico, privado; se fala da conveniência da estimulação precoce, da inutilidade dos castigos físicos e se faz uma explanação de um currículo, que deve incluir gramática, ortografia e alguns princípios básicos da composição. Inclui no elenco de suas considerações matérias como a música, geometria, astronomia, ginástica, as quais defende como necessárias à formação do orador que julga ideal.

No segundo livro, Quintiliano trata do ensino que faz parte das primeiras etapas da escola de retórica. Censura veementemente os excessos das habituais práticas de declamação, já que essas se constituíam, em geral, de exercícios sobre temas quase sempre exagerados, de pouca ou nenhuma relação com a vida real. Nos últimos capítulos do livro se ocupa de definir a disciplina e limitar seu objeto de estudo.

No terceiro livro inicia-se propriamente a parte mais técnica do tratado. Depois de um preâmbulo em que anuncia o quanto pode haver de aridez nos capítulos que virão a seguir e, após referir-se à origem da retórica e apresentar um breve resumo de sua história, Quintiliano passa a desenvolver a teoria retórica propriamente dita. Começa por recordar e descrever os três tipos tradicionais de oratória, que são a epidíctica, a deliberativa e a judicial.

Os livros seguintes desenvolvem a *inuentio*, dentro do estudo das cinco partes tradicionais em que se define a estrutura do sistema retórico³⁶. No livro quarto são tratadas as duas primeiras partes que compõem o discurso

³⁶ Conforme descrito em *Rhet ad Her.*, 1,3.

persuasivo³⁷: o *exordium* e a *narratio*. Os livros quinto e sexto tratam da *argumentatio*. Ao falar da *argumentatio*, que seria a parte mais propriamente persuasiva do discurso, Quintiliano segue a tradição e divide os argumentos que podem convencer a um auditório em dois grandes grupos, segundo apelem para a razão ou para os sentimentos. O livro quinto trata de maneira muito técnica e detalhada sobre os argumentos que apelam para a razão, enquanto que o livro sexto fala da apelação às emoções e sobre o poder persuasivo do humor, algo em que, segundo Quintiliano, Cícero era mestre.

Terminado o tratamento da *inuentio*, o livro sétimo passa a ocupar-se da *dispositio*, isto é, a maneira pela qual se deve organizar o conteúdo de um discurso, incluindo-se aí os recursos a se utilizar segundo a causa que se vai defender, a atitude do jurado, etc.

Os livros oitavo e nono são dedicados à *elocutio*, isto é, a operação que confere ao discurso sua formulação verbal definitiva. O oitavo prioriza o tratamento das questões teóricas, procura delimitar conceitos e propõe reflexões gerais acerca de estilo, das propriedades das palavras, de vantagens

³⁷ O discurso persuasivo apresenta as seguintes divisões, conforme descrito em Gravelli (2006: 61):

Segundo a divisão que registra a maioria dos consensos entre os autores antigos e medievais, o discurso se articula em quatro partes principais, algumas, por sua vez, subdivisíveis em seções, como mostra o seguinte esquema sinótico das denominações em grego, latim e italiano:

Secondo la divisione che registra la maggioranza dei consensi presso gli autori antichi e medievali, il discorso si articola in quattro parti principali, alcune suddivisibili a loro volta in sezioni, come mostra il seguente schema sinottico delle denominazione greche, latine e italiane:

1. <i>proóimion</i>	1. <i>exordium/prooemium/principium</i>	1. esordio/proemio/inizio
2. (<i>diégesis</i>) 2a. <i>parékbasis</i> 2b. <i>próthesis</i>	2. <i>narratio</i> 2a. <i>digressio/egressus</i> 2b. <i>propositio/expositio</i> 2c. <i>partitio/enumeratio</i>	2. narrazione/esposizione dei fatti 2a. digressione 2b. proposizione 2c. partizione
3. <i>pístis</i> 3a. <i>kataskeué</i> 3b. <i>anaskeué</i>	3. <i>argumentatio</i> 3a. <i>confirmatio/probatio</i> 3b. <i>refutatio/confutatio/reprehensio</i>	3. argumentazione 3a. conferma/dimonstrazione/prova 3b. confutazione
4. <i>epílogos</i>	4. <i>epilogus/peroratio/conclusio</i>	4. epilogo/perorazione/conclusione

e desvantagens da utilização ou não de determinados recursos. O livro nove, por sua vez, constitui-se de um apanhado bastante completo e profusamente comentado e ilustrado dos distintos tropos e figuras.

O Livro X, como já dissemos, constituirá o centro de nosso estudo.

O livro onze começa por fazer comentários sobre o decoro e trata, em seguida, das duas últimas partes do sistema retórico: *memória* e *actio*. Na parte que trata da memória encontramos um dos precedentes mais antigos das modernas técnicas de memorização que se baseiam na associação de ideias; são ainda feitos comentários sobre como conservar e incrementar as faculdades de memória. Sobre a *actio* ou *pronuntiatio*, Quintiliano oferece um estudo completo, à altura do que exige a importância capital que a essa parte se atribui; apresenta comentários detalhados a respeito da voz (impostação, qualidade), dos gestos (da expressão facial, do gestual do corpo e das mãos) e até mesmo do vestuário.

O livro doze da *Institutio* é o livro das qualidades morais. Aí se define o *uir bonus*, de que se fala ao longo de todo o manual. Quintiliano deixa de lado a parte técnica e volta a enfatizar temas que havia mencionado no primeiro livro. Segundo propõe, o orador ideal, o *uir bonus dicendi peritus*, (*Inst.*, XII, 1, 1) seria um homem íntegro, de firmeza e presença de espírito, dotado de uma ampla formação cultural, alguém que põe todas essas disposições naturais e adquiridas a serviço da oratória, da arte de convencer mediante a palavra e, assim, um cidadão³⁸ competente para influir da melhor maneira possível no cenário político, na gestão da comunidade a que pertence.

³⁸ “Segundo Benveniste, um *ciuis* ‘não se pode definir a não ser em relação a um outro *ciuis*’ (1989: 284), o que equivale a dizer que, entre os indivíduos humanos a reciprocidade é um fator determinante na caracterização da identidade. Conquanto traduzamos *ciuis* por cidadão, o seu sentido, de fato, é de concidadão. Assim, sou o concidadão do outro, na mesma relação,

Tal como se descreve neste último livro, merecem destaque as questões de natureza ética. A concepção de orador, que assim se delineia, já aparece formulada em Catão (*Rhet. ad Her.*, 14,1), em seguida foi desenvolvida por Cícero e levada adiante por Quintiliano. Na frase *uir bonus dicendi peritus* nota-se que a qualidade moral vem em primeiro lugar: *bonus*. O que estaria implícito nessa qualidade? Em síntese se poderia propor que o orador, antes de dizer, tem de ser ele próprio, a verdade que ele está para dizer. É preciso ainda enfatizar que o orador é, por excelência, um homem público e, assim, sua conduta moral pessoal é, em última instância, o veículo de sua oratória.

A *Institutio Oratoria*, mesmo sendo um tratado técnico, segundo nossa classificação e terminologia, tem um personagem principal, Cícero, basta ver que seu nome aparece aí cerca de 426 vezes: 391 a palavra Cícero, 35 vezes *M. Tullius*. Inquestionavelmente, Cícero é a mais destacada figura em se tratando de oratória romana. Seus preceitos e até mesmo atitudes pessoais figuram como argumentos e temas desenvolvidos por Quintiliano.

1. Cícero e a retórica

Sabemos que, entre os romanos, a oratória, enquanto expressão maior de intelectualidade, de civilidade, enfim oratória enquanto arte, foi objeto de cuidado por parte de homens públicos e de muitos daqueles a quem, hoje, chamaríamos de intelectuais. Cícero, por exemplo, dedicou muito de seu talento à reflexão sobre fins práticos da linguagem, o que se pode notar sobretudo através de sua proposta para uma nova concepção de oratória³⁹.

linguisticamente expressa de forma possessiva, em que o outro é o meu concidadão". (Trevizam, 2007: 7)

³⁹ As ideias fundamentais de Cícero estão disseminadas principalmente pelos tratados: *Orator*, *De Oratore* e *Brutus*.

Essa proposta de oratória é também uma contundente reação contra as escolas de retores, nas quais se trabalhava apenas a forma. O aprendiz era aí submetido ao exagerado exercício da fórmula, das regras, das técnicas de linguagem, sem o respectivo aprofundamento do conteúdo a ser transmitido. Era, enfim, o combate à escola do normativismo estéril. Observe-se, entretanto, que Cícero, em seus tratados, não faz um elenco explícito de regras de oratória, nem se propõe a dissertar exclusivamente sobre técnicas dessa arte, mas preocupa-se fundamentalmente com a formação intelectual e moral do orador. Esse posicionamento pode ser interpretado como a intenção de mostrar o orador como aquele que vai garantir a veracidade das coisas que transmite em seu discurso; ele deve ser caracterizado como a presença viva que comprova, ensina, convence, comove e demove. Ao construir a figura de um orador excelente, dá-lhe a agudeza de raciocínio, que se forma por meio da aquisição de uma vasta cultura geral, bem como pelo exercício da capacidade de aprofundar sobre temas específicos. Propõe que essa cultura seja especialmente acumulada pelo estudo dos livros; admite ainda que isso se faça complementarmente pela observação das coisas, dos homens e de suas ações e experiências que se vivem no dia-a-dia.

Ac mea quidem sententia nemo poterit esse omni laude cumulatus orator, nisi erit omnium rerum magnarum atque artium scientiam consecutus: etenim ex rerum cognitione efflorescat et redundet oportet oratio. Quae, nisi res est ab oratore percepta et cognita, inanem quandam habet elocutionem et paene puerilem. (Cíc., *De Orat.* I, 6.20).

Pelo menos na minha opinião, ninguém poderá ser um orador que mereça todos os louvores, se não tiver alcançado o conhecimento de todas as matérias e disciplinas importantes. De fato, é dessa cultura geral que deve florescer e emanar o discurso, que, se não tiver um fundo de conhecimentos assimilados, será um articular de palavras vãs e quase pueril.

A linguagem de seus discursos deve ser clara, objetiva, ousada, elegante, adequada ao assunto e, quando oportuno, espirituosa⁴⁰. Recomenda, enfim, que não sejam desprezadas as virtudes morais e que o orador seja também uma espécie de ator exímio.

*Qui actor imitanda quam orator
suscipienda ueritate iucundior?* (Cíc., *De
Orat.* II, 34.4)

Que ator é mais agradável ao imitar
uma verdade do que um orador que
a assume?

Não foi, pois, sem motivo que os romanos valorizaram tanto a arte da Oratória: a sedução através da eloquência, não importa em que assembleia, em que tribunal ou praça tenham sido pronunciados os “discursos”. A sociedade romana desenvolveu, assim, um sistema de condução das massas. Em verdade, alguns oradores conseguiam arrastar multidões, lotar auditórios, quando pronunciavam seus discursos. Os mais renomados oradores eram vistos e ouvidos sobretudo por aqueles que pretendiam exercer os diversos postos da magistratura, por aqueles que tinham pretensões a cargos políticos. As escolas de retórica eram frequentadas por aqueles que tinham como propósito aprender ou aperfeiçoar as próprias técnicas de convencimento pela palavra. Talvez se possa dizer, não sem riscos obviamente, que, de algum modo, o exercício da eloquência tenha desempenhado em Roma o equivalente de um dos papéis pedagógicos que, na Grécia, o teatro representou no processo civilizatório do homem grego⁴¹.

⁴⁰ Cf. também Cíc., *De Orat.* 1,17.

⁴¹ Julgamos importante salientar esse paralelo, já que em ambas as situações estão evidenciados os aspectos da intercomunicação, da fala em presença, do “diálogo” entre orador e seu interlocutor (juiz, jurados, assembleia, etc.), do ator com sua plateia.

Entretanto não se pode deixar de reconhecer que esse teatro herdado dos gregos, especialmente a comédia, desempenhou também em Roma significativo papel de agente transformador, constituindo-se em momentos de reflexão e de crítica das relações sociais, da vida coletiva e da vida individual do cidadão romano. É curioso observar, no entanto, que, nem de longe, a tragédia alcançou em Roma o nível de acolhida da comédia, sobretudo se se considerar que a aceitação desta é mais notória nas faixas menos escolarizadas da população⁴².

2. A *institutio* e seu destinatário

Ao longo do texto, Quintiliano explicita, de modo enfático, o público a que se destina sua obra. Logo no primeiro livro ele diz:

<i>Sed mihi locum signare satis est:</i>	Basta-me, porém, chamar atenção para o fato,
<i>non enim doceo, sed admoneo</i>	pois não estou ensinando, e sim aconselhando
<i>docturos. (Inst., I, 4, 17)</i>	os que vão ensinar.

Este trecho aparece em um dos capítulos sobre a gramática, especialmente no momento em que se descrevem alguns pontos de fonética latina e de pronúncia. Podemos deduzir desta passagem, muito direta, inequívoca, a intenção que tem Quintiliano de formular um “método de ensino” para um estudante de nível mais avançado e também para os professores de todos os estágios. Ainda que essa frase apareça num contexto em que se discute sobre pontos de gramática, podemos estender as implicações de seu sentido a todos os outros níveis de ensino e a todos os profissionais da área.

No Livro X lemos:

⁴² Confira-se Pereira (1990).

Verum nos non quomodo sit instituendus orator hoc loco dicimus (nam id quidem aut satis aut certe uti potuimus dictum est), sed athleta qui omnis iam perdidicerit a praeceptore numeros quo genere exercitationis ad certamina praeparandus sit. Igitur eum qui res invenire et disponere sciet, verba quoque et eligendi et conlocandi rationem perceperit, instruamus qua in oratione quod didicerit facere quam optime quam facillime possit. (Inst., X, 1,4).

Em verdade, nós não estamos aqui dizendo de que maneira um orador haja de ser formado, quanto a isso, da melhor forma, ou o quanto melhor podemos julgar, já o dissemos. Em outras palavras queremos dizer de que maneira um atleta, que já tenha aprendido de seu treinador todas as táticas, haja de ser preparado para um embate. De modo idêntico instruíamos aquele que já saiba identificar e organizar as ideias; que já tenha alcançado a racionalidade do selecionar e do colocar as palavras; de que modo, em um discurso, ele possa o melhor, o mais facilmente pôr em prática tudo aquilo que já tenha aprendido.

Quintiliano, de um lado, insiste em que se está propondo a ensinar aos que formam o orador, de outro, faz transparecer que sua obra também se destina ao aperfeiçoamento do orador já formado. Estas passagens tornam manifesta, acima de tudo, a visão de que o aprendizado se faz num processo contínuo, ininterrupto e sem lapsos de tempo entre o exercício escolar e a prática profissional rotineira.

Vale, neste contexto, enfatizar o recurso às imagens do atleta e do soldado. Ao se confrontarem estas duas figuras se alcança profundo simbolismo, que procuraremos ampliar. No mesmo Livro X está escrito:

Licet tamen nobis in digressionibus uti uel historico nonnumquam nitore, dum in iis de quibus erit quaestio meminerimus non athletarum toris sed militum lacertis <opus>

No entanto, é-nos, algumas vezes, permitido servir, em nossas digressões, do brilho que há no escrito histórico, conquanto nas coisas de que aqui se vai tratar, estejamos sempre lembrados de que se vai necessitar não de músculos de atletas, mas de braços de

*esse, nec uersicolore illam qua
Demetrius Phalereus dicebatur
uti uestem (Inst., X, 1, 33)*

soldados. Da mesma forma, aquele traje multicolorido, que se dizia Demétrio Faléreo vestir, nunca há de cair bem para a poeira do Fórum.

Podemos atribuir a esse jogo de imagens duas grandes dimensões, pelo menos. A elas o autor recorre para destacar, de um lado, os planos da exercitação acadêmica do aprendizado e, de outro, o da prática forense efetiva; são imagens para colocar em confronto a oratória do auditório e a do fórum.

Assim, podemos entender que na atuação do atleta está o espetáculo cênico, o lúdico, a representação, a glorificação materializada no benefício pessoal do vencedor. O soldado, no entanto, corre o perigo: na guerra está o risco pessoal por uma causa presumivelmente coletiva; a vitória que, se alcançada, terá como beneficiário maior o sistema que comanda e governa os cidadãos, enfim, combate-se no interesse de um outro.

Estas imagens suscitam ainda um elucidativo jogo de luz e sombra nos domínios da oratória. Segundo nos ensina Schwartz (2000),

A partir de Augusto as salas de declamação constituem um espaço que reúne oradores conhecidos e também personalidades da vida pública. Convém distinguir aqui entre a declamação como prática escolar dos jovens na escola do retor e a declamação como espetáculo público. Com efeito, nas próprias escolas de declamação se realizavam periodicamente exposições públicas de declamações preparadas pelos alunos, sob orientação do retor. Não era raro que, nessas ocasiões, participassem ativamente convidados alheios à escola. Desse modo, a declamação começa a se tornar progressivamente independente da sua finalidade de preparar para a oratória, e se converte em um fim em si mesma (275-6)⁴³.

⁴³ A partir de Augusto las salas de declamación constituyen un espacio que reúne a oradores reconocidos y aun a personalidades de la vida pública. Conviene distinguir aquí entre la declamación como práctica escolar de los jóvenes en el aula del retor y la declamación como espectáculo público. En efecto en las propias escuelas de declamación se realizaban periódicamente exhibiciones públicas de las declamaciones ya preparadas por los alumnos y el retor. No era raro que en estas ocasiones participaran activamente invitados ajenos a la escuela. De ese modo la declamación comienza a independizarse progresivamente de la

À luz do dia, na poeira do fórum, os embates jurídicos efetivamente acontecem. Ali se requer o esclarecimento do fato, a lucidez das ideias, o arrebatado fogo de uma verdade; ali não cabem os aplausos e tudo se reveste na monocromática sobriedade da toga.

Quintiliano relata a seguinte passagem, através da qual delinea com precisão os limites destas duas oratórias e enfatiza mais um aspecto: a oratória contida e limitada, em sentido amplo, e circunscrita a um tema específico. Esta se opõe à oratória do mundo a céu aberto, do inesperado, que demanda a capacidade do improvisado; oratória variada, que exige uma formação ampla e geral.

ne ab illa in qua prope consenuerunt umbra vera discrimina velut quendam solem reformident. XVIII. Quod accidisse etiam M. Porcio Latroni, qui primus clari nominis professor fuit, traditur, ut, cum ei summam in scholis opinionem optinenti causa in foro esset oranda, impense petierit uti subsellia in basilicam transferrentur: ita illi caelum novum fuit ut omnis eius eloquentia contineri tecto ac parietibus videretur. (Inst., X, 5, 17-18).

Além disso, daquela sombra, onde propriamente cresceram, não refuguem, pelo medo, os verdadeiros perigos, tal como sombra que teme o sol.

18. Um fato semelhante aconteceu, conta-se, a M. Porcio Latrão, aquele que primeiro foi um professor de grande renome: como a ele, que gozava de alta consideração nas escolas, coubesse o dever de atuar em um processo no fórum, com insistência ele pedia que todo o mobiliário e o próprio tribunal fossem trasladados para uma basílica. De tal maneira o céu foi para ele algo tão novo que toda sua eloquência parecia estar contida por um teto e por paredes.

Como se pode ver, as passagens a que recorremos exemplificam, para nós com segura garantia, o perfil de orador pretendido por Quintiliano. Entendemos que o destinatário de sua obra é finalmente esse orador, que se

finalidad de preparar para la oratoria, y se convierte en un fin en si mismo. (Schwartz, 2000: 275-6).

quer pronto para o combate, suficientemente armado de todos os petrechos e apto a lutar sob a luz do céu. Não se pode esquecer, ainda, de que esse orador se institui através da escolarização formal, daí a preocupação de Quintiliano com o outro importante destinatário de sua obra: o professor de cada uma das etapas que constituem o percurso acadêmico do futuro orador.

3. O livro décimo da *institutio*: oratória e literatura

Se podemos falar, hoje, em pós-modernismo na literatura, se já foi proclamada a autonomia da literatura como um ramo do conhecimento científico, isso significa dizer que percorremos, durante demorado tempo, um longo caminho, se tomarmos como referência, por exemplo, a antiguidade latina.

A distância presumida entre a pós-modernidade⁴⁴ e a antiguidade parece-nos dizer respeito mais à forma de leitura da obra literária do que propriamente ao texto considerado literário em si mesmo, este enquanto resultado de uma elaboração mental. Em outras palavras, entendemos, o texto literário, por princípio, pré-existe a qualquer rotulação ou enquadramento, já que é dele, ou de como a obra literária, em sentido amplo, seja inserida no mundo, que emanam os modelos de tipificação e os de classificação.

Caminhando nessas reflexões, defrontamos também com um outro fato bastante expressivo: a relação entre autor e obra, não importa qual seja a perspectiva de leitura, seja qual for a abordagem sob a qual se avalie a obra literária. Assim é que, dentre as muitas questões que o texto suscita, merece

⁴⁴ Nos referimos ao conceito de pós-modernidade tal como a apresenta Connor (2000) e às concepções da antiguidade, como tradicionalmente descritas, por exemplo, em Beard e Henderson (1998) e em Pereira (1990).

ser examinada a correlação entre autor e obra literária, sobretudo considerando que papel Quintiliano atribui à literatura, enquanto elemento auxiliar na formação do orador romano.

Ressalte-se, ainda, que a formação intelectual do cidadão romano⁴⁵ envolvia, em todas as etapas do processo, o estudo da obra escrita, de modo especial a obra poética. Para entender as implicações dos termos literatura e seus cognatos é preciso examinar os sentidos que se lhes atribuíam e como foram empregados pelos latinos.

Não devemos estender o conceito atual de literatura à produção escrita dos latinos antigos, sobretudo porque há entre os nossos e os dias deles distâncias óbvias de tempo e de concepções, de visão de mundo, enfim. A discussão dessa matéria, ou seja, a busca do entendimento do que teria sido literatura, vem sendo a ocupação de muitos estudiosos, como se pode depreender, por exemplo, da opinião de Chiappetta (1997), quando afirma que: “não há uma Teoria Literária na Antiguidade, assim como não há Literatura. Há, no entanto, uma instituição retórica que regula o contrato de circulação dos discursos.” (413).

Diante disso, quando falarmos de literatura em Quintiliano, estaremos falando de *litteratura*, termo que representa o conjunto de saberes que permitiam as várias formas de acesso à obra escrita, muito além, portanto, do que representaria um acervo da produção poética latina.

⁴⁵ “Em Roma, pois, como em país de língua grega, há três graus sucessivos de ensino, aos quais correspondem, normalmente, três tipos de escolas confiados a três mestres especializados: aos sete anos, a criança entra na escola primária, donde sai por volta dos onze ou doze para a escola do *grammaticus*; na idade em que recebe a toga viril, aos quinze anos às vezes, passa para o retórico: os estudos superiores duram normalmente até cerca dos vinte anos, embora possam estender-se além”. (Marrou, 1990: 412)

De início, se estabeleceu entre os conceitos de literatura e de gramática uma perfeita equivalência, como ensina Quintiliano:

<i>et grammaticae, quam in Latinum transferentes litteraturam uocauerunt.</i> (<i>Inst.</i> , II, 1, 4)	E a gramática, que ao transferirem (traduzirem) para o Latim, chamaram literatura.
---	--

Em latim, *LITTĒRA* é o termo para expressar ‘letra do alfabeto’, ‘caractere de escrita’. Equivale a *γραμμα* (*gramma*) em todos os sentidos da palavra grega: ‘letra, livro, texto escrito, inscrição’.

O *grammaticus* era, no começo, aquele que ensinava os rudimentos da escrita⁴⁶, logo em seguida passou a designar também aquele que iniciava o estudante nas regras básicas da expressão falada e escrita e, finalmente, alcançou a condição de comentador dos poetas. O termo *litteratus*, que, em tese, deveria ser sinônimo de *grammaticus*, ampliou seu leque de significação, conforme descreve Chiappetta (1997):

Litteratus é o estudioso que se dedica à erudição e trata qualquer assunto *scienter*, com conhecimento de causa. Designações como *grammatici* e *litterati* indicam o que hoje se chama de críticos profissionais da Antiguidade. (40).

Em Cícero, *litteratus* designa o homem instruído, como por exemplo na passagem abaixo:

⁴⁶ Quintiliano descreve uma interessante técnica de iniciação e treinamento da escrita:
cum uero iam ductus sequi coeperit, non inutile erit eos tabellae quam optime insculpi, ut per illos uelut sulcos ducatur stilus. (*Inst.*, I, 1, 27)

Quando, então, ele tiver começado a seguir os traços, não será inútil que sejam esses traços insculpidos, o melhor possível, em bloquetes (de argila), a fim de que o estilete seja conduzido através daqueles sulcos.

A. Albinus, is qui Graece scripsit historiam, qui consul cum L. Lucullo fuit, et litteratus et disertus fuit; et tenuit cum hoc locum quendam etiam Ser. Fulvius et Numerius Fabius Pictor et iuris et litterarum et antiquitatis bene peritus; (Cic.*Brut.* 81.4)

A. Albino, o que escreveu em grego uma história, que foi cônsul juntamente com Lucullo, foi literato e perito eloquente; e tiveram junto com ele uma certa posição tanto Ser. Fúlvio e Numério Fábio Pictor, este bastante perito do direito, das letras e da antiguidade.

Vale, ainda, ressaltar a percepção que desses dois termos teve Suetônio:

Appellatio grammaticorum Graeca consuetudine inualuit sed initio litterati uocabantur. Cornelius quoque Nepos libello quo distinguit litteratum ab erudito, litteratos uulgo quidem appellari ait eos qui aliquid diligenter et acute scienterque possint aut dicere aut scribere, ceterum proprie sic appellandos poetarum interpretes, qui a Graecis grammatici nominentur. (Gram. et Rhet., 4)

A denominação de ‘gramáticos’ prevaleceu à maneira grega, mas, de início, eles eram denominados ‘literatos’. Também Cornélio Nepos, no livrinho em que distingue o literato do erudito, afirma que, na verdade, são vulgarmente chamados literatos aqueles que são capazes de proferir ou escrever discursos com discernimento, agudeza e habilidade, mas que devem ser chamados assim, propriamente os comentadores dos poetas, que são denominados gramáticos pelos gregos (Trad. de Pereira, 2006: 63)

Um das funções mais representativas desse saber literário está expressa nas palavras com que, no livro primeiro da *Institutio*, se define o ofício do gramático:

Haec igitur professio, cum breuissime in duas partis diuidatur, recte loquendi scientiam et poetarum enarrationem, plus habet in recessu quam fronte promittit (Inst., I, 4, 3)

Pois esse mister, embora se divida, muito sucintamente, em duas partes – a arte de falar corretamente e a explicação dos poetas -, encerra mais em si do que deixa transparecer. (Trad. de Pereira, 2006: 83). (grifos nossos).

É preciso considerar que o termo poeta, em *poetarum enarrationem* (*Inst.*, I, 4, 3), alcança uma significação mais abrangente do que esta que atualmente conhecemos por “autor de poesia”, em sentido estrito. Entre os romanos, identifica todo aquele que produz um texto de escrita formalmente elaborada, dentro de padrões estéticos definidos.

O mais importante, porém, das palavras de Quintiliano é que se prenuncia, logo nessas primeiras linhas do Primeiro Livro, um dos aspectos mais significativos a se desenvolver no Livro X, quando, de modo especial no primeiro capítulo, se vai tratar da relação entre *litteratura* e oratória.

O que nos quer dizer a palavra *poetarum* na expressão *poetarum enarratio*? Certamente, à primeira vista, poderíamos afirmar que, *poetarum* estaria, mais do que metaforicamente, representando literatura, em sentido amplo. Se assim fosse, teríamos de admitir, então, que estaríamos diante de uma grande semelhança nos conceitos de literatura entre a antiguidade e a atualidade. Presumida essa semelhança, não estaríamos transferindo para a antiguidade uma concepção e visão atuais de literatura?

Se estamos admitindo que o termo poeta guarda em si uma concepção especial, poderíamos nos perguntar, então, se não seria cabível esperar alguma coisa como *litteraturae enarratio*. O próprio Quintiliano, no entanto, já havia afirmado que literatura é o correspondente latino para o grego gramática (*Inst.* X, 1, 4) e, se analisarmos o seu significado, veremos que, desde o início, ambas as palavras se referem propriamente à natureza material da expressão escrita, nada mais além disso. Para se ter ideia do que a palavra representa, basta notar que *litteratura* ocorre apenas mais uma vez na *Institutio*, e seu emprego é muito raro, por exemplo, em Cícero.

Nos ipsam nunc uolumus significare substantiam, ut grammatice litteratura est, non litteratrix quem ad modum oratrix, nec litteratoria quem ad modum oratoria: uerum id in rhetorice non fit. (Inst., II, 14, 4).

Queremos, agora, fazer valer o significado da própria substância, de tal forma que gramática é literatura, mas não *litteratrix*, como se poderia formar *oratrix*; nem mesmo *litteratoria* como se fosse formada tal qual oratória. Em verdade, nenhuma das duas derivações é possível para retórica.

São interessantes e muito pertinentes para este momento duas das ocorrências em Cícero:

Quorum omnium interpretes, ut grammatici poetarum, proxime ad eorum, quos interpretantur, divinationem videntur accedere. (Cíc., Diuinationes 1.34.16)

Os intérpretes de todos os gêneros, assim como os gramáticos o são dos poetas, parecem aproximar-se da natureza daqueles que são interpretados

Nihil sane praeter memoriam, quae est gemina litteraturae quodammodo et in dissimili genere persimilis. (Cíc., Partitiones orationum 26.2)

Seguramente, nada além da memória, que é, de certo modo, irmã gêmea da literatura, e muitíssimo igual em gênero diferente.

Já nos referimos aos significados que aos termos *grammaticus* e *grammatica* foram atribuídos. Tais significados, no entanto, não permitem transparecer que o conceito de gramática equivallesse, mesmo que de forma aproximada, ao que hoje incluímos sob o rótulo de literatura. Se no próprio latim fosse possível tal equivalência, não seria certo esperar que também pudesse ser dito *grammaticae enarratio*?

Sabemos que a expressão *poetarum enarratio* é anterior a Quintiliano, mas o que o teria levado a manter a palavra *poetarum*? Podemos até conjecturar que ainda não tivessem sido elaboradas conceituações a respeito do fenômeno literário, de tal forma que um, ou mais de um, termo específico fosse

cunhado para as significar. Entretanto, mais importante do que tentar buscar na antiguidade uma terminologia, em que possamos acomodar o olhar da nossa atualidade, é entender que são inquestionáveis os valores atribuídos pela antiguidade romana à obra escrita, sejam eles nas suas finalidades didático-pedagógicas, nas atividades intelectuais, sejam nas suas possibilidades de expressar os sentimentos do homem no mundo, ou na sua finalidade de criar um objeto de arte.

O mais relevante, em face de tudo isso, é que o nome *poeta* (*poetarum enarrationem*) não nos parece ter permanecido em Quintiliano meramente por inadequação de *grammatica*, por insuficiência de *litteratura*, ou por falta de outra palavra. Queremos entender que, sob o olhar de Quintiliano, cujo propósito é melhor caracterizar a relação orador-oratória, a figura humana do poeta, enquanto criador, precisa ser evidenciada. Quintiliano não ignora que o poeta se faça presente na própria obra, mas ele pretende mais do que isso: ele quer destacar essa forma de presença, valorizando a capacidade criadora, muito mais do que a obra criada por um poeta.

Se for lícito o paralelo, os principais tratados de Cícero sobre a oratória podem-nos servir para ilustrar essa forma de percepção. Que razões haveria para que Cícero se utilizasse dos termos *Orator*, *Brutus*, *De Oratore* para nomear suas obras? O que o teria levado a pôr em destaque o homem, o profissional? Julgamos razoável, no mínimo, entender que a figura humana do orador sobreleva-se à imagem de todo o que poderíamos chamar de “sistema oratório”, com seus preceitos, sua organização formal, seus papéis social e político. Diante disso, podemos até acrescentar mais essa compreensão ao

fato de Cícero, já na maioridade plena, ter classificado seu *De Inventione* como obra da juventude:

Vis enim, ut mihi saepe dixisti, quoniam, quae pueris aut adulescentulis nobis ex commentariolis nostris incohata ac rudia exciderunt vix <sunt> hac aetate digna et hoc usu, quem ex causis, quas diximus, tot tantisque consecuti sumus, aliquid eisdem de rebus politius a nobis perfectiusque proferri; .. (Cic., De Orat., 1.5)

Queres, como sempre me disseste, que eu produza um trabalho mais refinado e mais completo, a respeito daquelas mesmas coisas que de meus pequenos comentários, eu ainda muito jovem, haviam escapado, mal começadas e rudes. Essas mesmas coisas parecem incompatíveis com a idade que agora tenho, e também com a experiência que alcancei no desempenho de tantas e tão importantes causas em que atuei.

Muito embora à obra ter-se atribuído o nome de *Institutio Oratoria*, Quintiliano tem por meta, assim como Cícero, a centralidade do orador. Com certeza, as formulações técnicas não têm fim em si mesmas, pois se apresentam como meio; as propostas pedagógicas não se constituem em exercício de especulação teórica, mas pretendem ser estratégias tanto mais eficazes quanto mais eficientes oradores através delas se puderem formar. É, pois, com idêntico espírito, entendemos, que se privilegia o *poeta*. Ele se constitui o centro de toda a *litteratura*, enquanto conjunto de saberes (do saber ler ao saber fazer) que sustentam a produção escrita.

4. O poeta do livro décimo, Quintiliano e a *litteratura*

Duas figuras ocupam lugar de destaque na *Institutio*: o *grammaticus* e o *poeta*, que, respectivamente, são mais detalhadamente descritos nos livros I e X. Em seu estudo “Quintiliano gramático – O papel do mestre de Gramática na

Institutio oratoria” Marco Aurélio Pereira (Pereira, 2006) analisa em profundidade a natureza da gramática antiga e traça um bem delineado perfil do gramático, este identificado, como se lê no título da obra, com o próprio Quintiliano. Entendemos, assim, que nada mais há que aí se possa acrescentar. Passamos, então, a examinar em nosso estudo alguns elementos de que lança mão Quintiliano para construir a imagem do poeta.

Julgamos conveniente apontar aqui um resumo do livro:

O Livro X é dividido em sete capítulos, nos quais se acentua a necessidade de associar prática e teoria. O primeiro capítulo, o mais extenso de todos, trata predominantemente do valor que têm a leitura e a produção escrita para a constituição do orador. É muito oportuno mencionar a seguinte descrição feita por Sanz e López (s.d.):

No décimo livro, Quintiliano passa em revista o conjunto das literaturas grega e romana, emitindo juízos sobre a conveniência de que o orador em processo de formação leia uns ou outros autores. Como dizíamos antes, não é um livro de crítica literária, mas resulta em enorme utilidade, já que apresenta ao leitor moderno essa que é a primeira visão geral da literatura antiga que possuímos (07)⁴⁷.

O capítulo 2 trata, de forma admirável, o processo da imitação; os capítulos 3 e 5 tratam da escrita, o 4, dos procedimentos relativos à correção, o 6, da reflexão e o 7 da improvisação.

As relações entre literatura e retórica, entre orador e poeta são fatos muito anteriores a Quintiliano, mas continuam sendo necessárias ao seu tempo

⁴⁷ En el libro décimo Quintiliano pasa revista al conjunto de las literaturas griega y romana, emitiendo juicios sobre la conveniencia de que el orador que se está formado lea a unos autores u otros. Como decíamos antes, no es un libro de crítica literaria, pero resulta de enorme utilidad por presentar al lector moderno con la que es la primera visión general de la literatura antigua que poseemos. (07)

e ao seu projeto de formação do orador. Há um precedente, na história da oratória, resgatado por Quintiliano, que assim o registra:

XXVII. Plurimum dicit oratori conferre Theophrastus lectionem poetarum multique eius iudicium secuntur; neque inmerito: namque ab his in rebus spiritus et in verbis sublimitas et in adfectibus motus omnis et in personis decor petitur, praecipueque velut attrita cotidiano actu forensi ingenia optime rerum talium libertate reparantur; ideoque in hac lectione Cicero requiescendum putat. (*Inst.*, X. 1, 27)

Muitíssimas coisas a leitura dos poetas confere ao orador, diz Teofrasto, e numerosas pessoas concordam com seu ponto de vista, não sem razão. Verdadeiramente dos poetas se busca o sopro, que é vida nas ideias, a sublimidade, que se eleva nas palavras, todos os movimentos que se agitam nos afetos, a caracterização que existe nas personagens, em especial porque a mente, desgastada no agir diário do fórum, como que se restaura, no seu melhor, por meio desta liberdade de tudo. Exatamente por isto Cícero entende que se deva descansar neste tipo de leitura.

Esta passagem, em que Cícero é nominalmente citado, se associa com um de seus discursos, para nossa sorte, ainda preservado e muito estudado: *Pro Archia*. A relação de Cícero com a poesia se faz de modo marcante nesse pronunciamento em defesa de Árquias: acusado de haver usurpado a cidadania romana, o poeta de naturalidade grega⁴⁸ é levado a julgamento. Cícero encarrega-se da defesa, e o faz de tal maneira que os estudiosos de sua obra não hesitam em classificar esse discurso como a defesa, não de um homem, mas da poesia e, em última instância, a defesa do próprio Cícero na sua relação com a poesia:

Quaeres a nobis, Gratti, cur tanto opere hoc homine delectemur. Quia

Me perguntarás, Gratio, porque neste homem tenhamos grande contentamento. É

⁴⁸ É também sugestivo o fato de Árquias ser de origem grega, pois nos permite aprofundar o entendimento acerca das relações de Cícero com toda a civilização grega, em especial, como neste caso, as letras.

suppeditat nobis ubi et animus ex hoc forensi strepitu reficiatur et aures convicio defessae conquiescant [...]Ego uero fateor me his studiis esse deditum.(Cíc., *Pro Arch.* 12, 1)

porque ele nos dá os meios pelos quais o espírito se reconforte deste vozerio forense e os ouvidos, cansados da barulheira, se aquietem [...] Confesso, com toda sinceridade, que eu próprio me entreguei a estes estudos.

Esta é a opinião de Pereira (1990) a respeito do discurso de Cícero:

Trata-se da *Defesa de Árguias*, essa oração que havia de ser redescoberta no séc. XIV por Petrarca, e que ficou conhecida como a *magna charta* do humanismo. É aí que, principalmente entre os capítulos VI e XI, Cícero exprime desassombradamente o seu entusiasmo pelas Belas Letras. Elas dão deleite e descanso e contribuem para o aperfeiçoamento espiritual. Poderá objectar-se que quem se lhes dedica falta aos seus deveres para com a comunidade a que pertence. Mas Cícero serviu, com os seus estudos, a quantos dele precisaram, sem nunca lhes negar auxílio, e o tempo que outros gastam em banquetes e jogos, é esse que ele reserva para o estudo. Depois, continua, as Letras têm uma função paradigmática. Elas formaram quase todos os grandes homens do passado, entre eles Cipião-o-Africano, Lélío, Fúrio, Catão-o-Censor. Alimentam a juventudo, deleitam a velhice, dão gosto na felicidade e consolação na adversidade; dão prazer em casa e fora dela; viajam conosco, vão conosco para o campo (131).

O fato de que esse discurso constitua peça de um processo jurídico, com todas as implicações da atividade forense, com interesses em jogo⁴⁹; de que tenha sido construído na observância do rigor técnico exigido por um tribunal, o torna especialíssimo: nele retórica, oratória e literatura fazem seu encontro definitivo. Através desse discurso, Cícero demonstra os seus entendimentos quanto à natureza da obra literária e quanto à sua função e valor, tanto na vida da coletividade, quanto na vida do indivíduo. Ainda mais: uma figura humana é colocada no centro de uma discussão para, através dela, significar uma das formas de expressão de sua capacidade intelectual. É,

⁴⁹ Há indícios de que estivessem em jogo interesses pessoais de Cícero, pois “presidia ao tribunal um pretor que era seu irmão (= de Cícero); o réu já celebrara – e propunha-se continuar a fazê-lo – a gesta do povo romano, numa língua que era universalmente conhecida, e não limitada apenas pelas próprias fronteiras ...” (Pereira, 1990: 130-131).

assim, extremamente simbólico que se faça numa sessão de julgamento de um homem, que é poeta, a defesa da literatura, aí assentada como poesia.

5. O poeta

Se atentarmos para o que ensina Teofrasto (*Inst.* X, 1, 27), acrescido do testemunho de Cícero, e o associarmos ao que o próprio Quintiliano descreve no trecho a seguir, podemos formar com mais precisão uma ideia de qual seja seu pensamento acerca da figura do poeta e sua relação com a oratória:

Igitur, ut Aratus ab loue incipiendum putat, ita nos rite coepturi ab Homero uidemur. Hic enim, quem ad modum ex Oceano dicit ipse amnium fontiumque cursus initium capere, omnibus eloquentiae partibus exemplum et ortum dedit. hunc nemo in magnis rebus sublimitate, in paruis proprietate superauerit. Idem laetus ac pressus, iucundus et grauis, tum copia tum breuitate mirabilis, nec poetica modo sed oratoria uirtute eminentissimus. (*Inst.*, X,1,46)

Sendo assim, tal como Arato pensa dever-se começar por Júpiter, tenho por mim que, exatamente como um rito, havemos de começar por Homero. Este diz que, de certo modo, a corrente de todos os rios e de todas as fontes tem seu começo no Oceano. Assim, ele próprio como que deu origem e serviu de exemplo a todas as partes da eloquência. A este ninguém superou, seja pela sublimidade nas coisas grandiosas, seja pela propriedade nas coisas simples. Ele tanto é fecundo, quanto conciso, prazeroso e grave, admirável na abundância como na parcimônia; o mais elevado não somente por seu vigor poético, mas também pela força oratória.

De início, pelas palavras de Quintiliano somos levados a admitir que a inteligência criadora é de linguagem universal, e sua manifestação em uma língua particular é mero acidente. Insistimos nesta percepção e a queremos ver

significada em suas palavras, pois estamos diante de um fato: há de se formar o orador romano. No entanto, coloca-se nos uma inquietante indagação: por que buscar na literatura grega o modelo de poeta, que constituirá a base de sustentação das relações entre o orador e os demais poetas? Apesar de terem existido motivos de ordem política, de natureza cultural e histórica para a fundação dessa civilização greco-romana, parece-nos que prevalece uma razão, que assim pretendemos que seja a de Quintiliano: o talento não se cria, se descobre e se estimula. Queremos entender que ser orador é possuir um talento que ultrapassa a condição de ser falante nativo de latim ou de grego; ser poeta é mais do que simplesmente ter habilidade para produzir um discurso literário escrito em grego ou latim. Desse modo, muito além do que meramente destacar uma obra literária, parece-nos, Quintiliano pretende enfatizar o *ingenium* que a gerou, o que, de toda maneira, coincide com a opinião de Cícero, no que diz respeito ao talento pessoal:

<p><i>Sic igitur' inquit 'sentio,' Crassus 'naturam primum atque ingenium ad dicendum vim adferre maximam; (Cíc., De Orat. I, 113)</i></p>	<p>Assim, de fato penso, diz Crasso, a natureza, em primeiro lugar, tanto quanto o engenho são a força máxima no processo de construção do discurso.</p>
--	--

São inegáveis as relações culturais entre Roma e Grécia, e isso vemos espelhado, por exemplo, no bilinguismo notório⁵⁰ dos romanos letrados. Ainda que seja tradição, na Antiguidade⁵¹, reconhecer Homero como o “educador da

⁵⁰ Mas o latim não era a única língua: muitos jovens romanos aprendiam o grego, em casa, com escravos gregos e sua educação tornava-se, assim, bilíngue. (Scullard, 1998: 248, Vol. II). “Ma il latino non era l’única lingua: molti giovani romani imparavano il greco in casa dagli schiavi greci e la loro educazione diveniva bilíngue”. (Scullard, 1998: 248, Vol. II).

⁵¹ Do mesmo modo, em nossa contemporaneidade, destaca-se a figura de Homero. Brandão (2005), ao comentar sobre a teoria dos gêneros, afirma que Homero “goza de estatuto paradigmático” (38), que é o “ponto de partida” (38) do processo de discussão sobre gêneros literários.

Grécia”⁵², o fundador da literatura, mesmo assim parece surpreendente a opção de Quintiliano por eleger Homero como o poeta número um. Devemos considerar que o desenvolvimento cultural dos romanos, no séc. I d.C., já era notável, tanto pela qualidade de sua produção literária, quanto pela quantidade de bons poetas, o que permitiria a Quintiliano buscar dentre os autores latinos o poeta exemplar.

Ao reconhecer Homero no *eminentissimus* absoluto, como o mais destacado da virtude poética, em primeiro lugar, e da virtude oratória, Quintiliano, além de ultrapassar as fronteiras de todas as formas de diferença cultural, continua vendo nele o instaurador do fenômeno literário, tal como era concebida a literatura no seu tempo; dá-lhe, por sua *uirtus*, o nome de poeta e o inscreve igualmente na fundação da oratória.

Ao se referir à literatura, estabelecendo suas qualidades, dá-lhe o nome de “Homero” e a define em adjetivos masculinos: *laetus, pressus, iucundus, grauis, mirabilis, eminentissimus*. Independentemente das verdades que porventura presidam aos fatos, Homero é tratado aqui na condição de princípio e fim: *ortum dedit*: deu começo; *hunc nemo ... superaverit*: a este ninguém terá superado.

Julgamos importante aprofundar reflexões acerca deste tratamento dispensado a Homero, que está representando toda a literatura e todos os poetas gregos e latinos. A equivalência terminológica entre *grammatica* e *litteratura* é um exemplo marcante da preocupação dos romanos em criar, em sua língua, palavras que pudessem expressar conceitos gregos. Assim, por exemplo, *ludus* e *scholé* se correspondem na significação de que o

⁵² “Por tudo isso é que Platão na *República* dá como opinião corrente no seu tempo que Homero fora o educador da Grécia” (Pereira, 1970: 112)

aprendizado deve ser, antes de tudo, *prazer, atividade lúdica*, no sentido que ainda hoje atribuímos ao termo lúdico. É significativo, neste contexto, que *poeta*, palavra de origem grega⁵³, tenha sido simplesmente transliterada. É certo que, segundo atestam estudos de etimologia, sua incorporação ao latim tenha-se dado em fase bastante antiga⁵⁴, mas, mesmo assim, não podemos descartar a certeza de que na língua latina se poderia forjar uma palavra equivalente. Mais do que a simples conveniência da transliteração, temos de supor que o termo poeta representou um conjunto de ideias e de conceitos inovador para as classes letradas de Roma, da mesma forma que, provavelmente, tenha-se dado com *philosophus* e a extensão dos cognatos em seu campo semântico. Parece-nos que há neste fato uma razão maior do que a simples consequência, por exemplo, do bilinguismo de uma classe. Poeta, com certeza, não foi, de início, uma palavra do vocabulário geral, mas de um grupo específico de cidadãos romanos, que assimilaram o termo e o fizeram seu, na convicção de que se estaria preservando, sem risco, todo um conjunto de um vasto campo de significações.

Quando se fala do bilinguismo grego-latim, há que considerar implicações que vão muito além da habilidade de falar duas línguas. No plano político, na esfera administrativa, é significativo o fato de que o romano, vencedor, tenha assumido uma língua de vencidos. Sabemos que atitude dessa natureza não é compatível com as tendências de nossos dias, nem mesmo com as próprias formas de dominação dos romanos em relação aos demais vencidos. De qualquer modo, surpreendente o fato de, nessa estratégia

⁵³ Em Brandão (2005), de modo especial no Capítulo I – *Poéticas Gregas*, encontra-se um pertinente estudo das implicações do termo poeta na civilização grega.

⁵⁴ Poeta. Empréstimo antigo do grego, e feito por via oral ...

“Poète. Emprunt ancien, et fait par voie orale, au grec ...” (Ernout, 1951: 918)

de dominação, ter-se privilegiado a adoção e assimilação da língua grega, enquanto língua estrangeira, uma vez que ela passou a ser também para a aristocracia romana a língua da diplomacia, a língua internacional, a língua de seus adversários, de seus súditos orientais, enfim⁵⁵. Certamente, movido por seu espírito de pragmatismo, o romano se aproveitou do fato de que a língua grega fosse, até então, a língua da “diplomacia internacional” do Mediterrâneo.

No plano cultural, se preferirmos não falar que teriam acontecido combates civilizatórios com vencedores e vencidos, houve, por parte da aristocracia romana, a mais interessada assimilação de todos os aspectos da cultura grega que pudessem contribuir para a consolidação de sua própria identidade, enquanto classe civilizada.

Podemos, assim, considerar a centralidade da figura de Homero, além da sua representatividade para a literatura, também como forma de declaração categórica do reconhecimento da dívida cultural que os romanos tinham para com os gregos, como igualmente nos fazem ver Cícero e Horácio:

Non enim me hoc iam dicere pudebit, praesertim in ea uita atque iis rebus gestis, in quibus non potest residere inertiae aut leuitatis ulla suspicio, nos ea, quae consecuti sumus iis studiis et artibus esse adeptos, quae sint nobis Graeciae monumentis disciplinisque tradita. Quare praeter communem fidem, quae omnibus debetur, praeterea nos isti hominum generi praecipue debere uidemur, ut, quorum praeceptis sumus

Já não tenho, com efeito, pudor de o afirmar, especialmente quando na minha vida e nos meus atos não pode ter lugar a menor suspeita de inércia ou de futilidade: que aquilo que alcançamos, o conseguimos graças aos estudos e artes que nos foram transmitidos pelos monumentos e ensino da Grécia. Eis porque, para além da proteção geral que a todos se deve, nos parece que temos para com

⁵⁵ Segundo Dupont, “Roma se heleniza propositadamente para melhor reinar sobre suas recentes conquistas” (1985:146)
Rome s'hellénise alors volontairement pour mieux régner sur ses récentes conquêtes” (Dupont, 1985: 146).

eruditi, apud eos ipsos, quod ab iis didicerimus, uelimus expromere.
(Cíc., *Ad Quintum Fratrem* I.9.28)

Graecia capta ferum uictorem cepit et artes intulit agresti Latio. Sic horridus ille defluxit numerus Saturnius et graue uirus munditiae pepulere; sed in longum tamen aeuum manserunt hodieque manent uestigia ruris. (Horat., *Epistulae* 2.1.155)

esta espécie de homens, acima de tudo, o dever de nos empenharmos em demonstrar para com aqueles, em cujos preceitos fomos instruídos, o que com eles aprendemos. (Trad. de Pereira, 1994: 68)

A Grécia capturada capturou o feroz vencedor e impôs as artes ao agreste Lácio. Assim, aquele horroroso metro satúrnio defluiu e a elegância empurrou para longe o terrível mau-gosto. No entanto, por longa data permaneceram, e até hoje ainda restam, os vestígios de roça.

Não sem razão, além de Homero, são listados e comentados, ao longo do capítulo, uma extensa relação de autores gregos que, segundo Quintiliano, merecem ser assimilados, muito mais do que imitados; incorporadas aquelas qualidades que, em seus discursos literários, são exemplares para a construção do discurso oratório persuasivo.

O breve, mas expressivo comentário acerca de Homero se torna de algum modo o padrão para a estrutura formal e conceitual das referências aos demais autores. Assim é que, no capítulo 1 do Livro X, se faz referência a cerca de 115 autores, gregos e latinos, distribuídos por grupos, segundo a natureza de sua escrita. Quintiliano organiza esta distribuição da seguinte maneira:

1. descreve separadamente os autores gregos e romanos;
2. no primeiro bloco relaciona, por grupos, os autores gregos: poetas, historiadores, oradores, filósofos, o que na divisão do texto latino, segundo a edição Belles Lettres, vai do parágrafo 46 a 84;

3. os autores latinos são agrupados segundo o mesmo esquema [*Idem nobis per Romanos quoque auctores ordo ducendus est (Inst., X, 1, 85)*], o que corresponde aos parágrafos 85 a 124;

O final do capítulo, de 125 a 131, é inteiramente dedicado a Sêneca.

Esses autores selecionados constituíam, enfim, a sugestão de Quintiliano para uma “Biblioteca do futuro orador”⁵⁶.

Abrimos aqui um longo “parágrafo” para falar em que circunstâncias o poeta é aquele a quem é dada a palavra em primeiro lugar.

A composição e organização dessa “biblioteca” revela o pensamento de Quintiliano acerca das qualidades que apresenta cada grupo de autores, ao mesmo tempo em que aponta porque é indispensável ao futuro orador ter o acesso a eles.

A unidade que passam a constituir esses quatro grupos deriva do binômio palavra-ação, que caracteriza o ser do orador, em outros termos, isto significa, como já dissemos anteriormente, que o orador age palavras. Torna-se, assim, perfeitamente compreensível que a primazia tenha sido concedida à palavra do poeta: ele constitui o primeiro grupo. O filósofo, por sua vez, almeja verdades e trata as ideias, os conceitos, com base nos quais se ajustarão as motivações de desempenho do orador, que busca a construção de uma verossimilhança. À história se associa, entre outras coisas, a memória, que, mais do que acervo de fatos, pode constituir-se em modelos de estratégia no tratamento dos fatos. O orador é aquele que fornecerá as condições para que, pela imitação, principalmente, se possa atingir o *apte dicere* (dizer com propriedade, pertinentemente).

⁵⁶ “bibliothèque du futur orateur” (Cousin, 1975: 7 v,6).

Ao falar dos poetas, em complementação ao que é afirmado no parágrafo 27 (*Inst.*, X, 1), Quintiliano reforça o valor da leitura. Ele já havia advertido quanto ao fato de que eles, os poetas, mesmo os mais destacados, são, acima de tudo, homens, passíveis de erro, portanto, e acrescenta que nem tudo na poesia deve ser seguido pelos oradores.

Summi enim sunt, homines tamen. (*Inst.* X, 1, 25).

Supremos, sem dúvida, eles são, contudo são homens.

Meminerimus tamen non per omnia poetas esse oratori sequendos, nec libertate uerborum nec licentia figurarum (*Inst.* X, 1, 28).

Estejamos sempre lembrados, porém, de que não em tudo os poetas devem ser seguidos pelos oradores: nem na liberdade em relação às palavras, nem na licença das figuras.

Esta advertência se materializa nos critérios que são adotados por Quintiliano para elaborar a lista de autores que ele recomenda; nas qualidades morais que ele destaca por contribuírem para reforçar o comportamento ético; nas qualidades técnicas da linguagem que levam à eficiência do discurso; no vigor poético e em todas as formas de sensibilização que ele propõe como fundamentos de uma estética do discurso e como estratégias pelas quais se possam mover os espíritos do destinatário. As palavras com que resume essas ideias suscitam em nós uma imagem de refinado sabor poético: o orador é um soldado que se apóia na vitória e sua arma deve aterrorizar pelo brilho do ferro, não pelo do ouro ou da prata, que são o perigo de quem os possui⁵⁷.

⁵⁷ O texto em sua íntegra é:

Dentre as razões que justificam a leitura dos autores de história está enfatizado por Quintiliano que ela é muito próxima dos poetas, de certo modo, uma poesia em prosa. Embora possa alimentar o orador com um certo fecundo e saboroso suco, é necessário que o orador seja cauteloso em sua leitura. É interessante notar que, segundo Quintiliano, a história não está comprometida com a comprovação (esta é uma obrigação do orador), mas com a narração dos fatos, daí sua linguagem poder ser mais solta⁵⁸.

Os oradores constituirão os mais completos modelos, pois deles se deve imitar a competência oratória, que se faz manifesta na sua linguagem, no tratamento das matérias de que se ocupem, etc.⁵⁹.

A leitura dos filósofos deve ser feita com o máximo discernimento, pois, como ensina Quintiliano, oradores e filósofos igualmente tratam de conceitos como justiça, honestidade, por exemplo, mas em situações muito distintas: as disposições da academia não são as mesmas do fórum⁶⁰. Como observa Cousin (1979),

Quintiliano não ressalva como vantagem da leitura dos filósofos nada mais que a aquisição de métodos de argumentação, de altercação e de interrogação, mas salienta que, se se tiram vantagens do acesso aos filósofos, é porque os oradores lhes haviam cedido a melhor parte de seus domínios (13)⁶¹.

Neque ego arma squalere situ ac robigine uelim, sed fulgorem in iis esse qui terreat, qualis est ferri, quo mens simul uisusque praestringitur, non qualis auri argentique, inbellis et potius habenti periculosus. (Inst., X, 1, 30)

No meu entendimento, eu gostaria que as armas não se deteriorassem num canto qualquer e pela ferrugem, mas que nelas fulgurasse o brilho que aterroriza, como o de uma espada, pelo qual mente e olhar, só de ver, se dilaceram. Nelas o brilho não fosse como o do ouro e da prata, que é inútil numa luta de guerra e, mais ainda, ao que os possui é perigoso.

⁵⁸ Conferir Inst. X,1,31 a 34.

⁵⁹ Abordaremos, no momento oportuno, o capítulo acerca da imitação, que é um dos componentes básicos da pedagogia de Quintiliano.

⁶⁰ Conferir Inst, X, 1,36.

⁶¹ Quintilien ne retient comme avantage de la lecture des philosophes que l'acquisition de méthodes d'argumentation, d'altercation et d'interrogation, mais, précise-t-il, si l'on retire des

Vimos falando até aqui em “grupos de autores”, pois não nos parece cabível aplicar-lhes as noções de “gênero”, tal como se utiliza tradicionalmente. Por certo a escrita filosófica não ostenta características marcadamente próprias para ser considerada um gênero literário, muito menos a versão escrita de um discurso, ainda que na expressividade da sua linguagem se possam identificar algumas das qualidades que geralmente atribuímos ao texto literário.

A palavra *genus*, que traduzimos entre outras coisas por gênero, é de uma abrangência semântica muito grande e, por isso, de largo emprego. Na *Institutio*, por exemplo, *genus* aparece aproximadamente 500 vezes, com os mais diferentes sentidos, o que torna difícil localizar, com maior precisão, no emprego dessa palavra a significação de um conceito mais estrito. Dessa forma, continuaremos a utilizá-la com reserva, até mesmo a partir deste momento em que passamos a falar de poetas e de literatura.

Cabe-nos a reserva, pois gênero tem sido uma questão discutível no âmbito dos atuais estudos discursivos, e seu emprego em Quintiliano não parece inteiramente compatível com a noção que historicamente se atribui ao termo no seu emprego pela antiguidade. Vale insistir em que a perspectiva da finalidade prática está privilegiada por Quintiliano, e seu propósito não é, definitivamente, fazer crítica literária, como a entendemos hoje, mas enfatizar a importância do saber literário.

Apenas um exemplo parece bastante para ilustrar o que vimos considerando. Ao anunciar o exame dos autores, cuja leitura recomenda, Quintiliano diz:

avantages de la fréquentation des philosophes, c'est parce que les orateurs leur ont cédé la meilleure part de leur domaine. (Cousin, 1979: 13).

*Sed nunc genera ipsa lectionum,
quae praecipue conuenire
intendentibus ut oratores fiant
existimem, persequor. (Inst., X, 1, 45)*

Neste momento, porém, persigo os próprios gêneros das leituras que eu julgue especialmente convenientes àqueles que se pretendem tornar oradores.

Em hipótese alguma podemos entender o *genera*, aí expresso, como referindo-se a gênero literário, com os sentidos que historicamente recebeu, da mesma forma que não se enquadra nos conceitos que atualmente se buscam formular. O capítulo 10 do livro XII, dedicado ao estudo dos diferentes “gêneros” de discurso, representa a dimensão que essa palavra assume.

No que concerne aos poetas, lemos ainda em Cousin (1979) que “a autoridade de Homero na epopeia é tal que o prestígio do autor acabará por estabelecer a primazia do gênero” (7v,8)⁶². Esta afirmação se localiza num contexto em que se discute se cabe a supremacia dos gêneros à epopeia, ou se à tragédia. Aristóteles, em sua *Poética*, é muito enfático em atribuir à tragédia o primeiro lugar, uma vez que ela congrega outros elementos como a música, o espetáculo, etc.:

Com efeito, a tragédia pode utilizar o metro desta última, e, além disso — o que não é de pouca importância — dispõe da música e do espetáculo, que concorrem para gerar aquele prazer mais intenso que lhe é peculiar. (*Poét.*, XX, 10)

Portanto, se a tragédia se distingue por todas estas vantagens e mais pela eficácia de sua arte (ela deve proporcionar, não um prazer qualquer, mas o que é por nós indicado), é evidente que, realizando melhor sua finalidade, ela é superior à epopeia. (*Poét.*, XX, 15)

Com relação a esse aspecto, Quintiliano desconsidera a autoridade de Aristóteles e elege a epopeia como o gênero hierarquicamente superior, pois é justamente por ela que começa seus comentários aos poetas.

⁶² “ ... l'autorité d'Homère dans l'épopée est telle que le prestige de l'auteur finira par établir la primauté du genre”(Cousin, 1979: 7 v,8).

Duas palavras merecem destaque na frase de Cousin (1979): *autoridade* e *autor*. Se analisarmos a sua evolução morfológica e semântica, veremos que são termos cognatos e, no latim, vinculam-se ao radical do verbo *augeo*, que, em seu mais profundo sentido, significa *fazer crescer*. Dessa forma, *auctor*⁶³ é *quem faz crescer, o criador, o fundador*; *auctoritas* é o mesmo que *criação, fundação, instituição, garantia*.

Embora na citação de Cousin o termo *autoridade* possa hoje ser entendido com as noções de *poder, modelo*, enquanto que *autor* já não preserva a denotação original de *criador*, Quintiliano se utiliza destas palavras em sentido muito próximo ao da sua origem e como que faz equivaler, em todos os planos, no simbólico, inclusive, *auctor a poeta*. Exatamente isso lemos em traduções para o francês ou para o inglês, por exemplo: a expressão latina *omnibus auctoribus* (*Inst.*, X, 1, 64) é traduzida por “à tous les poètes” (COUSIN, 1979: 87) (a todos os poetas) ou por “writers of this class of poetry” (escritores deste tipo de poesia)⁶⁴. É certo que *auctor* se aplica a muitas outras áreas, além da criação literária, mas é nos limites da produção escrita que ele ganha sentido mais intenso.

À luz do que vimos dizendo, a retórica antiga e, por exemplo, os modernos estudos literários não podem ser vistos como dois planos que se superpõem. São, na verdade, duas esferas que se tocam em pontos mínimos, mas que permitem a projeção de reflexos e sombras de uma sobre a outra. A condição do autor serve como exemplo bastante ilustrativo desta nossa imagem.

⁶³ Cf. nota 22

⁶⁴ Edição inglesa divulgada pela internet: <http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/home.html#14.2>, consultada em 30.07.2007.

Para Quintiliano, a figura do autor é absolutamente importante, na medida em que o discurso passa a ter sua existência no momento em que é proferido, isto é, autor e discurso formam uma unidade indissociável, naquela circunstância em que o silêncio é rompido.

A forma e o tratamento dispensado aos autores do texto literário demonstram o quanto importa a Quintiliano ressaltar as qualidades do ser humano, que fala, e das particularidades do texto que contribuem para que o orador fale ainda mais eficientemente. Há um dado muito significativo (este será mais detalhadamente desenvolvido em outra parte do trabalho) e que reforça a relação entre orador e autor: a natureza da linguagem do texto antigo a que poderíamos chamar literário. Como observa Mazzeo (1962), “desde o mais remoto começo, as literaturas grega e latina eram não apenas lidas em voz alta, o que é muito bem conhecido, mas o próprio leitor pensava a literatura como algo em linguagem falada” (189)⁶⁵.

Sabemos, no entanto, que as concepções de autor e de texto apontadas acima não orientam os estudos literários atuais, sobretudo porque, de um lado, a análise do discurso se faz sob a perspectiva do fato construído, isto é, as teorias literárias não têm como objetivo principal constituírem-se em técnicas pedagógicas para a formação de novos escritores; de outro, é predominantemente na voz do silêncio que hoje se busca a eloquência desse discurso literário, se o confrontarmos, por exemplo, com o valor “performativo”⁶⁶ que a palavra teve em Roma.

A leitura dos comentários de Quintiliano acerca dos poetas revela sua disposição de dar maior destaque ao *ingenium*, o talento do autor, em

⁶⁵ From the very beginning, Greek and Latin literature was not only read aloud, as is well known, but the reader thought of it as something spoken. (Mazzeo, 1962: 189)

⁶⁶ Conferir Pernot (2003: 117), citado na nota 29 .

essência, privilegiar o criador, através do estudo de sua “arte”. Nas pouquíssimas vezes em que menciona o nome de uma obra, não o faz com o propósito de analisá-la em suas qualidades de arte literária, mas de situar o autor. Na verdade, encontramos apenas três referências a nomes de obras nos parágrafos em que se fala dos autores:

Cornelius autem Severus [...] ad exemplar primi libri bellum Siculum (Inst., X, 1, 86).

Ovidi Medea videtur mihi ostendere quantum ille vir praestare potuerit si ingenio suo imperare quam indulgere maluisset. (Inst., X, 1, 98).

Bassus Aufidius egregie, utique in libris belli Germanici, praestitit genere ipso. (Inst., X, 1, 103).

Cornélio Severo, por sua vez... *Bellum Siculum* escrito inteiramente com a mesma qualidade do primeiro livro

A *Medeia* de Ovídio parece-me mostrar o quanto aquele homem teria podido ser superior, se tivesse preferido ser imperador do próprio talento, ao invés de tratá-lo com indulgência.

Aufídio Basso, que pouco o precedia na idade, superou, de modo destacado no gênero, essa autoridade, sobretudo em seus livros sobre a guerra da Germânia.

Como já vimos afirmando, com base no que diz o próprio Quintiliano, a meta principal é formar o orador e, na medida em que a literatura lhe serve de instrumento, nos é lícito dizer que a escrita poética é vista como um expediente, um recurso funcional, utilitário, na construção do discurso em geral e, em especial, do discurso persuasivo.

Ao apresentar os demais autores que integram a lista de leituras recomendáveis, Quintiliano segue o estilo de linguagem utilizado para delinear o perfil de Homero. Alguns exemplos são suficientes para o demonstrar. Não importa se se trate de autor grego ou latino, se esse autor tenha escrito uma epopeia ou se deixou versão escrita de um discurso pronunciado no tribunal, Quintiliano mantém um padrão de escrita que pode até sofrer algumas

variações na forma, incluída aí a forma gramatical em sentido estrito⁶⁷, mas preserva os mesmos parâmetros estilísticos. É importante, ainda, notar a ênfase em certas qualidades relativas a conceitos como *iucunditas*, *sublimitas*, *claritas*, *grauitas*, etc.

Raro adsurgit Hesiodus magnaque pars eius in nominibus est occupata... §52.

Contra in Antimacho uis et grauitas et minime uulgare eloquendi genus habet laudem ...§53.

Arati materia motu caret, ut in qua nulla uarietas, nullus adfectus, nulla persona...§55.

Simonides, tenuis alioqui, sermone proprio et iucunditate quadam commendari potest ...§64.

Tragoedias primus in lucem Aeschylus protulit, sublimis et grauis et grandilocus saepe usque ad uitium, sed rudis in plerisque et incompositus ...§66.

Densus et breuis et semper instans sibi Thucydides, dulcis et candidus et fusus Herodotus ...§73.

His aetate Lysias maior, subtilis atque elegans et quo nihil, si oratori satis sit docere, quaeras perfectius ...§78.

Isocrates in diuerso genere dicendi nitidus et comptus et palaestrae quam pugnae magis accommodatus

Ocasionalmente aparece Hesíodo, e grande parte de sua obra está ocupada por uma relação de nomes.

De modo contrário, em Antímaco merece elogio a força, a gravidade e seu gênero minimamente vulgar de discurso.

A temática de Arato carece de vitalidade, de uma tal forma que nela nenhuma variedade exista, nenhum sentimento, nenhuma personagem caracterizada

Simônides, por sua vez, pode ser recomendado por sua linguagem própria e por um certo encanto prazeroso.

Quanto às tragédias, Sófocles foi o primeiro a trazê-las ao brilho da luz. Sublime, grave e grandiloquente, muitas vezes, porém, ao excesso, mas rude em muitas passagens e até mesmo desconcertado.

Denso, preciso e exigente de si mesmo, assim é Tucídides; doce, lícido e profuso, assim é Heródoto.

Lysias, que é anterior em geração a estes, é sutil e elegante: nada mais perfeito do que ele se busque fazer, se o bastante seja fazer aprender a um orador.

Isócrates é brilhante e bem preparado numa forma diferente de oratória, mais adequado para a sala de exercícios do

⁶⁷ Referimo-nos aqui também ao fato de que o nome do autor ora aparece citado em nominativo, ora em ablativo e assim por diante.

...§79.

quis dubitet Platonem esse praecipuum siue acumine disserendi siue eloquendi facultate diuina quadam et Homericam? ...§81.

...Vergilius [...] ut illi naturae caelestis atque immortalis cesserimus, ita curae et diligentiae [...] in hoc ...§86.

Ennium sicut sacros uetustate lucos adoremus, in quibus grandia et antiqua robora iam non tantam habent speciem quantam religionem. ...§88.

Multum est tersior ac purus magis Horatius et, nisi labor eius amore, praecipuus. ...§81.

Horatius fere solus legi dignus: nam et insurgit aliquando et plenus est iucunditatis et gratiae et uariis figuris et uerbis felicissime audax. ...§96.

... Titum Livium, cum in narrando mirae iucunditatis clarissimique candoris. ...§101.

Ideoque illam inmortalem Sallustii uelocitatem diuersis uirtutibus consecutus est ...§102.

que para o combate, propriamente.

quem duvida de que Platão foi o mais importante, seja pela sua agudez de raciocínio, seja por sua capacidade de eloquência, que é divina e quase homérica?

Virgílio [...] conquanto tenhamos de ceder a passagem àquela Natureza Celestial e Imortal (Homero), no entanto, muito de dedicação cuidadosa e diligência [...] existiu neste.

A Ênio adoremos, tal como aos bosques que, pela sua idade, se fizeram sagrados: neles os robustos e antigos carvalhos não mais ostentam tamanha beleza, quanta revelam em sua dimensão de religiosidade.

Muito mais enxuto e mais puro e, se não me deslizo em razão do amor que tenho por ele, é Horácio o primeiro.

... Horácio é praticamente o único digno de ser lido. Sem dúvida alguma ele se sobrepõe, em determinados momentos, cheio de encantamento e graça, variado nas figuras, fecundamente ousado nas palavras.

Tito Lívio. Este, em sua expressão narrativa é de admirável encanto, de brilho fulgurante;

Por estas razões, ele alcançou ainda que por virtudes diferentes, aquela veloz agilidade, que nunca há de morrer, da escrita de Salústio.

... *Nam mihi uidetur M. tullius, cum se totum ad imitationem Graecorum contulisset, effinxisse uim Demosthenis, copiam Platonis, iucunditatem Isocratis. ...*§108.

C. uero Caesar [...] tanta in eo uis est, id acumen, ea concitatio, ut illum eodem animo dixisse quo bellauit appareat; exornat tamen haec omnia mira sermonis, cuius proprie studiosus fuit, elegantia ...§114.

... *Egregius uero multoque quam in orationibus praestantior Brutus suffecit ponderi rerum: scias eum sentire quae dicit. ...*§123.

... *in Epicuriis leuis quidem sed non iniucundus tamen auctor est Catius. ...*§124.

A mim seguramente parece que Marco Túlio, tendo-se entregue de todo à imitação dos gregos, conseguiu externar a força de Demóstenes, a copiosidade de Platão, o encantamento de Isócrates.

Caio César [...] Nele há tão grande vigor, tão refinada sutileza, tão ágil arrebatamento que pareça ele ter escrito os seus relatos com disposição idêntica àquela com que fez as suas guerras. Enfeita estas maravilhas todas a elegância de uma linguagem, à qual se dedicou ardorosamente.

Verdadeiramente destacado e muito mais avançado que em seus discursos, Bruto pôde dar sustentação ao peso de suas ideias. Pode-se perceber que ele sente o que diz.

Dentre os epicuristas, Cátio é leve, pelo menos, mas é um autor não desagradável.

A análise do autor, mas não da obra, precisa ser entendida além do seu valor de “figura de retórica”: o reconhecimento, a validação de um talento exige que o autor se enquadre em um perfil moral compatível com a figura de bem que se espera do orador que ele venha ajudar a formar. Parece ser clara esta intenção de Quintiliano, principalmente quando censura alguns temas tratados ou recomenda, com reservas, alguns autores.

Para que seja possível examinar melhor esta questão, julgamos necessário descrever mais detalhadamente o que se espera de um *uir bonus*, e, assim, recorreremos a algumas informações que se encontram no livro XII.

6. O homem de bem

Ao iniciar o livro doze, Quintiliano fala do ousado empreendimento de ter-se lançado na ciência da eloquência, tão recentemente descoberta - *eloquendi rationem nouissime repertam* (*Inst.*, XII, proemium, 3) -, e da própria disposição de impor à sua “temeridade” o empenho de dar ao orador o caráter moral e de lhe consignar os deveres – *nostra temeritas etiam mores ei conabitur dare et assignabit officia*. (*Inst.*, XII, proemium,3). Mostra-se tomado de tão excessivo zelo, que entende declarar-se ser ele próprio o primeiro a quem cabe a observância dos princípios éticos pelos quais se deve guiar o orador. Manifesta, assim, o temor de que sua obra venha a ser utilizada no interesse de quem seja contrário ao bem-estar público ou privado:

Nosque ipsi, qui pro uirili parte conferre aliquid ad facultatem dicendi conati sumus, pessime mereamur de rebus humanis si latroni comparamus haec arma, non militi. (*Inst.*, XII, 1, 1)

Eu mesmo, de minha parte me esforcei para desenvolver a faculdade do discurso, pessimamente seria merecedor das qualidades mais humanas, se tivesse dado arma a bandido e não a soldado⁶⁸.

Quanto ao orador, em síntese, propõe:

Ne futurum quidem oratorem nisi uirum bonum (*Inst.*, XII, 1, 3)

Não poderá tornar-se orador, se não for um homem de bem.

Na caracterização do orador ideal Quintiliano expressa claramente a consciência de que esse ainda não existiu, mas guarda a expectativa de que um dia ele venha a existir. Mais uma vez, com base na figura real de Cícero é que se vai construir a imagem ideal desse *uir bonus dicendi peritus*. Eleito

⁶⁸ Mais uma vez Quintiliano se serve da imagem do soldado, sempre atribuindo a ele qualidades de homem de bem:

Cícero como o mais próximo do ideal, Quintiliano o chama de perfeito. À primeira vista parece haver conflito de ideias entre “ideal” e “perfeito”, mas, segundo interpretamos, Quintiliano, ao falar de “ideal”, fala de um orador “mais do que perfeito”, na medida em que Cícero está no passado e não tem mais como ser aperfeiçoado. Nessas circunstâncias, a *Institutio* é sua contribuição para auxiliar a formação do orador que se espera.

saepe dixi dicamque perfectum oratorem esse Ciceronem (Inst., XII, 1, 19) Frequentemente disse e sempre direi que Cícero é o orador perfeito.

Vale entender que nesta acepção de *perfectum* se enquadra a ideia, manifesta por Quintiliano, de que perfeição se compatibiliza com perpetuidade, em outras palavras, sempre que se falar de eloquência, há de se falar em Cícero.

ego non audeam dicere aliquid in hac quae superest aeternitate inveniri posse eo quod fuerit perfectius? (Inst., XII, 1, 21) Eu não ousaria dizer que possa ser encontrado, nessa eternidade que está por existir, algo mais perfeito do que aquilo que já tenha existido.

Para convalidar essa opinião, faz veemente defesa da conduta moral de Cícero, da sua atuação enquanto homem de estado, das qualidades intelectuais e da própria coragem pessoal.

Testimonio est actus nobilissime consulatus, integerrime provincia administrata et repudiatus vigintiviratus, et civilibus bellis, quae in aetatem eius gravissima inciderunt, neque spe neque metu declinatus animus quo minus optimis se partibus, id est rei publicae, iungeret. Parum fortis videtur quibusdam, quibus optime Em testemunho, o seu consulado tão nobremente gerenciado, sua província tão honestamente administrada, o vigintivirato que ele recusou. Durante as guerras civis, que aconteceram gravemente em seu tempo, seu espírito não se abalou, nem pela esperança, nem pelo medo de que não pudesse aderir ao que era o melhor, ou seja, a

respondit ipse non se timidum in suscipiendis sed in providendis periculis: quod probavit morte quoque ipsa, quam praestantissimo suscepit animo. (Inst., XII, 1, 16-17)

República. Pareceu pouco forte a alguns, mas a esses admiravelmente respondeu que não era tímido em enfrentar perigos, mas em os prever. Isto ele provou com a própria morte, a qual assumiu com o mais resolutivo espírito.

Podemos ainda associar à figura de Cícero o motor da inspiração de Quintiliano ao explicitar que resultados espera como os bons frutos de seu trabalho:

Non enim forensem quandam instituimus operam nec mercennariam uocem neque, ut asperioribus uerbis parcamus, non inutilem sane litium aduocatum, quem denique causidicum uulgo uocant, sed uirum cum ingenii natura praestantem, tum uero tot pulcherrimas artis penitus mente complexum, datum tandem rebus humanis, qualem nulla antea uetustas cognouerit, singularem perfectumque undique, optima sentientem optimeque dicentem. (Inst., XII, 1, 25-26)

Em verdade, não pretendemos formar simples mão-de-obra forense, nem uma voz mercenária, nem, para nos poupar de palavras muito ásperas, um não inútil advogado de litígios, a quem chamam, à maneira popular, de causidico. Ao contrário, temos por meta um homem eminente que, ao mesmo tempo, seja naturalmente dotado do talento e que, na profundidade de sua mente tenha abarcado tão abrangentemente as artes mais refinadas; uma dádiva para a humanidade, de tal modo notável que nenhuma antiguidade tenha conhecido igual; único e perfeito em tudo, capaz dos sentimentos mais elevados e da palavra mais acertada.

Como se vê, não se está em busca de uma habilidade, de um padrão de comportamento ou de uma ideologia, em sentido estrito, mas se busca um ser humano, um *ciuis romanus*, na mais legítima acepção do termo *concidadão*⁶⁹.

⁶⁹ Conferir notas 38 e 70.

Deve o orador estar orientado por dois conceitos fundamentais: *Veritas* e *Honestas*. Embora complementares entre si, estas noções precisam ser intermediadas pela *sapientia*, é o que se pode deduzir de toda a argumentação de Quintiliano. Merece atenção algo que nas suas referências ao homem sábio poderia passar como simples detalhe, mas que se reveste de profunda significação e das mais extensas implicações. Analisemos a seguinte passagem:

Atqui ego illum quem instituo Romanum quendam uelim esse sapientem, qui non secretis disputationibus sed rerum experimentis atque operibus uere ciuilem uirum exhibeat.(*Inst.*, XII, 2, 7)

De minha parte, aquele orador que eu formo genuinamente romano, eu gostaria que fosse um sábio, o qual se mostrasse um homem verdadeiramente concidadão, não pelas discussões fora da realidade, mas pelas experiências concretas e por ações, de fato, práticas.

Apesar de toda a relação com a cultura grega, Quintiliano volta-se para o destinatário de sua obra e manifesta o cuidado em querer tornar seu orador um sábio genuinamente romano. Em pouquíssimas palavras condensa as principais características do que poderíamos denominar romanidade, revelado nos próprios sentidos etimológicos de cada termo, como os descrevem Ernout (1951) e Martin (1959). Aplicadas essas definições aos termos, no contexto em que os empega Quintiliano, temos:

- 1) *non secretis disputationibus*. *Secretus* é um adjetivo participial do verbo *secerno*: literalmente, “eu faço uma triagem utilizando o recurso de afastar as coisas umas das outras”. A ideia de separação é veiculada pelo prefixo SE. *Secretus*, portanto, significa “triado, afastado, separado”. O não às “discussões distantes, afastadas”, significa, em termos rasos, que o sábio romano precisa integrar-se à sua comunidade

e confrontar-se com o mundo objetivo; há que discutir, de modo pragmático, o fato, não uma possível idealização; há que materializar a validade de uma ideia, na medida em que ela é uma condição do mundo vivido ou a este se aplique.

- 2) *Rerum experimentis atque operibus*. *Experimentum* tem sua base radicada em *per*, forma preposicional, que significa “por, através de”. A palavra *experimentum* guarda as noções fundamentais de “movimento”, já que a experiência é, em última instância, “já ter passado por ...”. Mais uma vez aqui se enfatiza a ideia de que se faz necessária a comprovação pela prática. *Opus* tem o sentido de trabalho concreto, visível, palpável, assim como um livro é *opus* e um quadro de pintura é uma “obra” de arte.
- 3) *Virum ciuilem*. A expressão ganha sentido especial, na medida em que combina as noções de individual e coletivo: *uir* é o homem na sua condição individual, um exemplar, diríamos, da espécie *homo*. *Ciuilis* é adjetivo formado a partir de *ciuvis* que, já o dissemos, é o homem na sua interação com os outros homens: o concidadão na sua *ciuitas*⁷⁰.

⁷⁰ O equivalente latino **ciuitas**, conforme ensina Benveniste (1989), apresenta em relação ao termo grego diferenças na origem de sua estruturação morfológica, o que significa, por sua vez, diferenças profundas de significação.

Ciuitas é um substantivo derivado de **ciuvis** – o indivíduo, o homem enquanto indivíduo, “mas que não se pode definir a não ser em relação a outro **ciuvis**”.(Benveniste, 1989: 284). (Em português a palavra **civilidade** guarda um pouco desse sentido primitivo). **Ciuitas** é, por isso, uma associação, um conjunto de **ciuvis**. O seu emprego por aqueles que guardam o seu valor etimológico indica sempre a cidade (palavra que nos chegou pelo acusativo **ciuitem**) do ponto de vista das pessoas que a formam. Propriamente equivale a comunidade.

Pólis é o substantivo do qual se deriva **polités**, ou seja, para o entendimento grego a comunidade (**pólis**) antecede o indivíduo (**polités**).

Vale observar, no entanto, que em relação ao aspecto gramatical, mas não como concepção, igualmente temos **cidade** como primitivo e **cidadão** como derivado.

Julgamos temerário querer dizer mais do que a frase de Quintiliano, levar adiante projeções ou ampliar deduções acerca do seu ideal de sábio orador na coletividade romana. Cabe, ainda, a nós admitir como coerente com o seu projeto de orador a proposição de que a eloquência é a mais bela das coisas - *rem pulcherrimam eloquentiam* (*Inst.*, XII, 1, 45) - e que sua beleza se preserva, mesmo que o discurso deva ajustar-se à circunstância, contanto que tenha sido mantida a intenção honesta - *quapropter ut res feret flectetur oratio, manente honesta uoluntate* (*Inst.*, XII, 1, 45).

Uma vez considerados os traços morais do orador, de que maneira Quintiliano propõe relacionar o bem, que deve buscar o orador, com o mal, que tem para oferecer um mau poeta? Um levantamento ainda que sumário das qualidades negativas, identificadas nos autores, tal como elaboramos abaixo, faz-nos perceber mais claramente a maneira como é sugerida por Quintiliano a relação autor-obra-leitor (Devemos, neste caso, identificar o leitor com o orador em formação).

Nessa correlação de forças entre o “bem” e o “mal”, lembremo-nos, por exemplo, de que ao falar de Homero, Quintiliano atribui ao autor qualidades que também podem ser facilmente associáveis a um texto. Adjetivos como *laetus*, *pressus*, *gravis*, por exemplo, se aplicam igualmente à obra literária seja em referência às suas qualidades formais, seja em relação à natureza dos conteúdos morais, em sentido amplo, que são veiculados.

Quando nos voltamos para a sua maneira de fazer restrições ou de censurar um autor, notamos que, por exemplo, ele chega ao ponto de qualificar, por duas vezes, o escritor Ovídio como *lasciuus* (parágrafos 88 e 93, abaixo). Ainda que este termo possa ser interpretado, muito figuradamente,

como “afetado (em relação a um estilo de escritor)” (Faria, 1967: 550), sua carga semântica pejorativa é muito forte. Mais ainda, é um termo que se aplica igualmente à conduta moral, à índole de um indivíduo, muito mais do que define qualidades de um texto literário.

Como poderia o leitor julgar que é secundária ou irrelevante a censura moral feita por Quintiliano aos costumes de Afrânio (Inst., X,1,100)? Ampliando o quadro de censura, não temos dúvida de que é também com propósitos moralizantes, sobretudo considerando-se a *romana grauitas*, que se põe em evidência a vaidade de um escritor, duas vezes exemplificada na figura do poeta Ovídio (§§ 88 e 98).

Alcaeus [...] sed et lusit et in amores descendit ...§65.

Habent tamen alii quoque comici, si cum uenia legantur, quaedam quae possis decerpere ...§72.

Lasciuus quidem in herois quoque Ouidius et nimium amator ingenii sui, laudandus tamen partibus. ...§88.

Ouidius utroque lasciuior...§93.

Ouidi Medea uidetur mihi ostendere quantum ille uir praestare potuerit si ingenio suo imperare quam indulgere maluisset. ...§98.

Rabirius ac Pedo non indigni cognitione, si uacet. ...§90.

Togatis excellit Afranius: utinam non inquinasset argumenta puerorum

Alceu [...] No entanto, ele brincou e também desceu aos amores....

Alguns outros cômicos, se lidos condescendentemente, têm coisas que se possam colher com proveito...

Lascivo de verdade em seus versos heróicos, Ovídio é também excessivo amante do próprio talento. Mesmo assim, porém, há de ser elogiado em algumas partes específicas.

Ovídio é mais lascivo que os dois,

A Medeia de Ovídio parece-me mostrar o quanto aquele homem teria podido ser superior, se tivesse preferido ser imperador do próprio talento, ao invés de tratá-lo com indulgência.

Rabírio e Pedo não são indignos de serem reconhecidos, se se dispuser de tempo.

Afrânio foi excelente nas fábulas togadas: oxalá, réu confesso dos próprios

foedis amoribus, mores suos fassus.
...§100.

costumes, ele não tivesse conspurcado as intrigas de suas peças com pederastias abjetas.

104. *Habet amatores - nec inmerito - Cremuti libertas, quamquam circumcisis quae dixisse ei nocuerat:*
...§104.

Tem seus admiradores, não imerecidamente, a independência de Cremúcio, embora tenham sido suprimidas todas as partes que, diz-se, o haviam prejudicado.

Estas poucas referências são seguro exemplo do quanto importa ao orador espelhar-se na imagem de cidadãos observantes da honesta cultura moral de seu tempo. Se, no entanto, passarmos dos vícios dos homens para a natureza das palavras, observaremos, baseados nas orientações de Quintiliano, que a elas se podem fazer concessões, conforme se lê:

Omnibus enim fere uerbis, praeter pauca quae sunt parum uerecunda, in oratione locus est. [...]. Omnia uerba, exceptis de quibus dixi, sunt alicubi optima. (Inst., X, 1, 9)

Para quase todas as palavras existe um lugar no discurso, exceto umas poucas que, de certo modo, ferem o pudor. [...] Todas as palavras, exceto aquelas de que acabo de dizer, são ótimas, cada qual para um emprego específico.

No entanto, ele não poupa nem os vícios nem os excessos dos poetas, na sua condição de homens. Podemos deduzir que, se para Quintiliano um orador precisa se fazer capaz da escolha consciente de seu vocabulário, dos padrões de expressão morfossintática e do estatuto semântico de suas palavras, muito mais ainda ele deve estar capacitado para construir um universo de palavras sustentado pela lucidez na escolha e retidão na intenção.

Mas é na figura de Sêneca que vemos representada, de modo mais contundente, a complexidade da relação entre orador em formação e autor. À primeira leitura dos parágrafos 125 a 131 (*Inst.*, X), toda a argumentação de

Quintiliano deixa transparecer um certo caráter de ambiguidade. A impressão é a de que ele quer-se refugiar nessa ambiguidade para não condenar de modo explícito e definitivo aquele de quem simultaneamente enumera os vícios e exalta qualidades.

Chama a atenção o espaço de texto destinado aos autores: se compararmos a extensão dos comentários, veremos que Homero e Sêneca são, de longe, os que mais demoradamente foram analisados, e dentre os dois, Sêneca foi o mais extensamente comentado. É bem verdade que a Homero só se fazem comentários elogiosos: de Sêneca, no entanto, são examinados os vícios e as virtudes.

Propositadamente servimo-nos aqui do termo ambiguidade, também no seu sentido etimológico: “o que pode pender para um ou outro lado da balança”⁷¹, “o que tem diante de si dois caminhos”. De um lado, Quintiliano não diz categoricamente qual é sua verdadeira opinião:

... *propter uulgatam falso de me opinionem qua damnare eum et inuisum quoque habere sum creditus.*
(*Inst.*, X, 1, 125)

... em decorrência da opinião falsamente divulgada, segundo a qual se acredita que eu o queira condenar e até mesmo tê-lo por detestado.

De outro, descreve a figura de Sêneca utilizando-se de conceitos sempre em pares contrastantes: *adulescentes* - *antiqui* (jovens - antigos), *amor* - *imitatio* (amor - imitação), *ingenium* - *iudicium* (talento - juízo crítico), etc.

Examinemos os elementos que citamos como exemplos.

a) Jovens e Antigos:

Fazia parte da moral romana o culto dos antepassados, o respeito às tradições. Falar de Sêneca é um momento oportuníssimo para deixar ainda

⁷¹ “qui penche également dans la balance de chaque coté” (Martin, 1959: 9)

mais clara a preocupação de Quintiliano em resgatar valores da antiguidade romana. Considerando suas palavras, Sêneca não se identificava com os antigos, pois era quase o único nas mãos dos adolescentes [*tum autem solus hic fere in manibus adolescentium fuit (Inst., X, 1, 125)*]; ele estava muito afastado dos antigos, mas assim mesmo teria recebido a aprovação dos eruditos, ao invés do amor de meninos, se tivesse posto em equilíbrio talento e juízo próprios. É muito importante ressaltar que subjazem a estas relações os conceitos de maturidade intelectual, moral pessoal e senso estético.

Podemos, através das próprias palavras, ver que *adulscntes* e *pueri* são utilizadas em oposição a *antiqui* e *eruditi*. Tudo no texto nos leva a crer que na correlação *adulscntes-eruditi* estão representadas as noções de experiência de vida, graus de desenvolvimento intelectual, níveis de comprometimento pessoal com a coletividade, etc. Por sua vez, a correlação *pueri-antiqui* vem carregada de um tom moralizante, sobretudo no plano pessoal. É claro que *puer* carrega ainda os sentidos de ingenuidade, imaturidade, mas não podemos descartar da expressão *amore puerorum (Inst., X, 1, 131)* conotação pejorativa, principalmente se a colocarmos em oposição à *grauitas* dos romanos antigos e ao seu conceito *mos maiorum*⁷².

Ainda que não tenha descido a pormenores e detalhes a respeito das tendências estéticas do seu tempo e da pertinência da escrita de Sêneca,

⁷² PEREIRA (1989) assim se expressa sobre esses dois conceitos:

“Ao homem público investido de *dignitas* correspondia geralmente um comportamento que se designava por outra palavra-chave da cultura romana, a de *grauitas*.

A sua derivação a partir de *gravis* (‘pesado’) é evidente. Mas o mais curioso é que o adjectivo figura desde cedo no sintagma *vir gravis*, onde é evidente um sentido metafórico que não tem paralelo noutras línguas indo-europeias” (343).

“Os romanos tinham como suporte fundamental e modelo do seu viver comum a tradição, no sentido de observância dos costumes dos antepassados, *mos maiorum*. Esta ideia é, pelo menos, tão antiga como Énio, em fragmento muitas vezes citado:

Nos costumes e varões antigos se apoia o estado romano.” (347-8)

Quintiliano diz apenas, e com censura, das *minutissimae sententiae*. Se, do ponto de vista estético, não se possa, em princípio, questionar o valor de uma obra pelo emprego de frases curtas, sentenças muito diminutas⁷³, o tom censório de Quintiliano, no entanto, nos permite pensar que esse não devesse ser um estilo adequado à formulação do raciocínio forense, enfim à virtude oratória que ele propõe ao futuro orador.

Kennedy (1994), ao falar as mudanças de estilo na linguagem, no terceiro quartel do séc. I a.C, comenta a reação de Quintiliano aos rumos da oratória, incluídas aí as *minutissimae sententiae*, pois:

o estilo declamatório ganhou popularidade, resultando em uso crescente de frases curtas, transições abruptas, metáforas e figuras forçadas e, acima de tudo, o gosto pelas *sententiae* (173)⁷⁴.

b) Amor e Imitação:

Outra vez se coloca em destaque a relação jovens e antigos. A imaturidade intelectual, sugerida e censurada por Quintiliano, impede que o jovem saiba fazer conscientemente uma boa escolha. É assim que ele interpreta a relação dos adolescentes com Sêneca. Eles, tomados de paixão cega, se assim exageradamente possamos nos expressar, não são capazes de enxergar que aquilo que amam em Sêneca é defeito e que, por não serem conscientes da escolha, não são capazes da imitação. Muito adequadamente Quintiliano utiliza para esta situação o termo *effingenda*, um participio de *effingo*, que tem no radical verbal de *finigo* as ideias de moldar, modelar, fingir, “ficcional”. Ainda em *effingo* temos a noção do movimento “de dentro para

⁷³ Assim se registram texto latino e a tradução francesa (Cousin, 1979: 106):

<i>si rerum pondera minutissimis sententis non fregisset. (Inst., X,1,130)</i>	S'il n'avait brisé la solidité des idées en usant de phrases trop finement hachées...
--	---

⁷⁴ ... and the declamatory style gained popularity, resulting in increasing use of short sentences, abrupt transitions, strained metaphors and figures, ad above all fondness for *sentences* Kennedy (1994: 173).

fora”, garantida pela preposição *ex*, em sentido contrário ao *imitor*, que o contexto parece sugerir como “de fora para dentro”⁷⁵.

Interpretamos nesse *effingenda* a situação de alguém que, sem a devida reflexão, sem o devido tratamento, deixa escapar de dentro de si o que lhe venha à cabeça, ou somente pela exterioridade se deixa conduzir. Isso nos parece diferente do *imitare*, que, naturalmente, exige aquele movimento inicial de “conduzir para dentro”, em seguida, retrabalhar o conteúdo interiorizado para, finalmente, exteriorizá-lo segundo as determinações do modelo.

c) Talento e Juízo Crítico:

Quintiliano reconhece como *facile e copiosum* o talento de Sêneca, qualidades elogiáveis, portanto. Informa, ainda, que ele não somente tratou de quase todos os assuntos, mas também os escreveu nos mais variados formatos de textos: discursos, poemas, cartas, diálogos⁷⁶. Enfim, ele era um homem capaz de tudo o que ele quis. Mas Quintiliano chega a ser excessivamente mordaz, diríamos, em sua crítica ao juízo de Sêneca, quando afirma que ele foi pouco diligente em matéria de filosofia; que foi uma natureza digna de que quisesse as coisas melhores, e culmina com um golpe fatal:

*Velles eum suo ingenio dixisse,
alieno iudicio. (Inst., X, 1, 130)*

Seria desejável ele ter dito o que disse com o próprio talento, mas com o discernimento alheio.

Segundo cremos, não importa muito saber qual dos dois, Quintiliano ou Sêneca, afinal de contas, nessa batalha, saiu vencedor, qual o vencido, mesmo porque esse confronto belicoso influi muito pouco no julgamento que possamos

⁷⁵ Esta acepção não pode ser confirmada pela etimologia. O que se pode dizer é que *imitor* se constrói no radical de *imago*. Esta palavra, por sua vez, seria derivada de um radical **im-*, de origem incerta, segundo Ernout: *Imago* suppose peut-être un verbe à radical **im-* (1951: 552).

⁷⁶ Cf. *Inst.* X, 1, 129.

fazer do passado. Mais importa entender que, ao retratar assim a figura de Sêneca, Quintiliano quer mostrar ao futuro orador e àqueles que se encarregam de sua formação, o quanto é desafiadora, o quanto pode ser cheia de perigos a seleção dos autores que devem ser lidos. Não se trata aqui simplesmente de absolver ou condenar um autor, mas de exemplificar, através deste modelo de análise, as dificuldades de um processo de formação intelectual e profissional.

Em resumo, entendemos que a ênfase na figura do autor guarda imenso simbolismo e emerge da necessidade que tem Quintiliano de fazer uma aproximação entre o orador e o poeta. Já dissemos que o orador é o seu discurso, ele é a verdade que transmite, é, enfim, a personificação de sua fala. Do mesmo modo, a obra poética é vista como a identidade, ou melhor, como a entidade poeta.

O simbolismo que admitimos existir se caracteriza pelo fato de que, nas situações concretas, como no tribunal, por exemplo, as relações do orador com o seu interlocutor não acontecem por mediação, mas por presença atuante de ambas as partes. Assim para mostrar que o orador em seu processo de formação precisa reforçar essa característica de sua profissão, Quintiliano procura colocar o seu orador em interlocução com o poeta, não com a obra.

CAPÍTULO III
IN ORATORIA ELOCVTIO

Na oratória a elocução

Enquanto participante do mesmo grupo de *coepi* e de *noui, memin* é igualmente uma formação de *perfectum* e, nessa condição, traduz as ideias de processo concluído, de fato consumado. No plano do sentido, o lembrar projeta-se para o passado, já que aí se funda a memória.

Julgamos, muito além do mero ilustrativo, que se faz necessária a referência ao modelo de formulação da expressão da memória em latim, pois essa forma de compreender e de expressar o mundo nos auxilia a ver com mais clareza que uma das bases em que se assenta o processo da imitação é justamente a memória. Não há dúvida de que o processamento da imitação, nos termos propostos por Quintiliano, se opera em etapas, considerando-se que um fato, para tornar-se imitável, exige que tenham sido criadas as condições para que esse fato se constiuia em modelo. Nesse sentido, faz-se necessária a construção de uma memória cultural, que se torna um arquivo de fatos e modelos imitáveis, ao mesmo tempo em que se torna a matriz de uma competência para estabelecer novos padrões de imitação. Veremos que, de fato, em Quintiliano, a imitação se dá, sobretudo, na referência a modelos e saberes consolidados por uma tradição histórica. Temos de considerar, além disso, que o recurso a essa memória cultural, com o objetivo de recuperar-se um fato, pode igualmente constituir-se numa oportunidade de inovação.

É bem verdade que hoje a palavra imitação⁷⁷ permite associar-lhe ideias como as de “cópia imperfeita”, “falsificação”, “fingimento”, “arremedo”, “replicação” e até mesmo “clonagem”, palavra tomada de empréstimo à

⁷⁷ Assim se descreve o verbo imitar em Ferreira (1975): “1. fazer exatamente (o que faz uma pessoa ou animal); reproduzir à semelhança de ... 2. Ter por modelo ou norma 3) Tentar reproduzir o estilo ou a maneira de (um artista) 4) Arremedar, repetir, reproduzir, copiar ... 5) Falsificar, contrafazer ... 6) Ser semelhante a ... 7) Apresentar falsa aparência com ...”(749)

linguagem das ciências biológicas. Ninguém duvida de que o uso do termo é feito, de modo geral, com uma carga semântica altamente pejorativa. Isto se verifica de maneira mais evidente nos processos industriais e nas transações comerciais de bens e de produtos, quando, então, recebe, entre outros, o nome de “pirataria”.

A criação intelectual, guardadas certas proporções, também se rege pelos mesmos princípios das relações industriais e comerciais. Ela, muitas vezes, é tratada como uma “produção”, um “bem” ou um “patrimônio cultural”, especialmente quando, de modo explícito ou não, entram em jogo interesses de ordem comercial e financeira. Aqui essa variante de imitação recebe o nome de “plágio”⁷⁸ e se sujeita, assim, ao “império da lei”. No plano das relações sociais, os modelos estabelecidos como imitáveis são aqueles a que poderíamos considerar de “virtuosa força moral”. Na maioria das vezes, entretanto, esses modelos são impostos, de tal forma a dar mais ênfase às qualidades piores do imitador do que valorizar as qualidades melhores daquele que deve ser imitado.

Não é com esses valores que a *imitatio* se nos apresenta pelo tratado de Quintiliano. Da mesma forma que a literatura foi examinada sob a perspectiva de função utilitária, de conteúdo aplicável à construção de um saber prático e com vistas ao estabelecimento de padrões de comportamento social, a imitação, por sua vez, é tratada como um exercício, um procedimento, uma estratégia pedagógica que se faz mediação, sem fim em si mesma, portanto, entre um saber já construído e outro saber que se pretende aprimorado. A própria palavra *imitatio* revela em sua estrutura morfossemântica a natureza de

⁷⁸ Terêncio, no prólogo do *Eunuchus*, se defende da acusação de “imitador”, nesse sentido que atribuímos a plágio.

processo⁷⁹. Se retomarmos a correlação que apresentamos entre *tingo* e *imitor*, veremos que *fictio* e *imitatio* são formações derivadas por procedimento gramatical idêntico, mas são palavras que alcançam grande diferença quanto ao valor semântico, tal como demonstrado pelo próprio Quintiliano, ao utilizar o cognato *effingenda* (*Inst.*, X, 1, 127).

Ocorre que a imitação requer também a sensibilidade. Para que se torne ação, ou até mesmo aconteça um resultado prático, é necessário que o imitador faça passar pelo crivo dos sentimentos a inteireza da obra que lhe é proposta por modelo. Não se trata, obviamente, de concordar ou discordar, apropriar-se de ou censurar sua forma e conteúdo, mas, antes de tudo, de reconhecer no modelo as qualidades que lhe são intrínsecas.

Torna-se a sensibilização ainda mais relevante dentro do processo de imitação, quando se constata que uma das finalidades da oratória é justamente convencer, dar movimento aos sentimentos da alma, os quais a natureza conferiu ao gênero dos homens, numa tradução livre das palavras de Cícero: *omnes animorum motus, quos hominum generi rerum natura tribuit* (*De Orat.*, I, 5, 17).

No sistema da retórica, a imitação, de que trata e da forma como a trata Quintiliano, parece-nos que mais amplamente se localiza nos limites da *elocutio*. Dado que esta seja a instância da materialização linguística do discurso, entendemos que é no procedimento de concretizar-se a imitação que a *elocutio* pode mais visivelmente mostrar-se não apenas no texto produzido, mas também na habilidade do orador que a produz. Se atentarmos para o

⁷⁹ Ela tem como base um radical verbal, *imita-*, unido a um sufixo, *-tion-*, formador de nomes abstratos que indicam ação.

processo como um todo, veremos que as etapas de invenção e de disposição já terão sido cumpridas pelo autor do texto original.

Ao aprendiz de orador e ao orador que se quer aperfeiçoar se permite a imitação em sentido muito abrangente: se lhes permite imitar plenamente outros oradores, contemporâneos seus; os oradores de outros tempos que deixaram por escrito uma obra oratória; as características linguísticas de uma obra literária, partes de uma obra, ou o estilo de um poeta.

De tudo isso Quintiliano fala, mas daremos ênfase maior ao processo de imitação no que diz respeito à obra literária: priorizaremos o valor da poesia; o engenho do poeta. Estamos certos de que há também na criação poética uma *elocutio*, que entendemos sugerida na obra de Quintiliano, e que vem reconhecida por sua estreita ligação com a *elocutio* oratória.

A imitação, segundo propõe Quintiliano, não é um processo que se verifica na natureza, mas um expediente criado pela mente humana. Esse recurso é, assim, um daqueles mecanismos concebidos pelo homem com o propósito de aprimorar seja a criação intelectual e artística, sejam as formas de relacionamento entre os cidadãos. Constitui, pois, uma indispensável ferramenta a ser levada em conta no processo de formação desse que se projeta como orador ideal, já que

Neque enim dubitari potest quin artis pars magna contineatur imitatione. (Inst., X, 2, 1)

... não há que duvidar de que uma grande parte da arte esteja circunscrita à imitação.

A imitação, tal como utilizada na antiguidade greco-romana, não se concretiza numa ideia universal, no sentido de consensual, não caracteriza um conceito unitário. Ela pode ser vista como um complexo de amplo espectro,

tendo sido concebida de forma variada no universo da filosofia, das artes e até mesmo nas relações sociais de grupos entre si e de indivíduos, estes nas interações com os grupos ou com outros indivíduos. Assim é que se podem notar as diferenças de conceitos a ela atribuídos por Platão e Aristóteles, por exemplo.

De acordo com a filosofia platônica, assim como a descreve Sullivan (1989), a imitação sempre esteve associada ao mundo das aparências e da ilusão. Transferidas essas concepções para a criação intelectual e material, pode-se dizer que a arte não passa de uma sombra, pois, enquanto imagem espelhada, não é, objetivamente, a realidade em si mesma⁸⁰.

Dessa maneira, a imitação é proposta como um conceito muito abrangente, pois diz respeito à forma de relação entre o homem e as diversas instâncias do mundo. Enfim, propriamente diz respeito ao como existir o homem no mundo.

Segundo o desenvolvimento de Aristóteles, a arte é imitação da realidade. No entanto, é preciso entender que essa imitação é seletiva, já que se restringe a coisas particulares, em especial a ações dos homens. Esta é a conclusão de Sullivan (1989), que acrescenta:

McKeon descreve o conceito de Aristóteles sobre a imitação nas belas artes como um processo no plano abstrato: “na imitação o artista separa algumas formas do elemento material com o qual elas estão ligadas na natureza - não a forma substancial, mas a forma perceptível pelas sensações – e as religa, desta vez, ao elemento material de sua arte, sendo essa arte o meio do qual ele se utiliza para sua expressão. A

⁸⁰ Costuma-se ilustrar essa passagem com o clássico exemplo da cama: o carpinteiro cria apenas uma representação material do conceito idealizado de uma cama, enquanto que o pintor somente faz a imitação dessa representação que o carpinteiro materializou.

natureza das belas artes, e, daí, a da poesia, tem como fim simplesmente apresentar uma imitação realística de coisas particulares.

O conceito de imitação era utilizado na antiguidade não apenas para descrever a natureza da arte, mas também para explicar como se cria a arte.⁸¹

Se nos ativermos ainda a percepções que a antiguidade nos fornece, veremos que no campo da criação intelectual, seja a arte literária ou a retórica, a imitação de outros artistas é reconhecida como mecanismo de aprimoramento, de evolução da arte. Vale notar que a imitação de um outro artista representa uma nova dimensão da criação, um estágio diferente do processo, sobretudo se considerarmos que essa arte transcende ao que pode ser simplesmente a imitação da natureza. Nos domínios da arte, acontece a imitação da criação, ao invés da imitação da criatura. Especialmente em Quintiliano privilegia-se a imitação do processo de criação, ao invés da imitação do discurso pronto.

Para se ter ideia da abrangência de um processo imitativo, imaginemos, por exemplo, a situação de um poeta que, não tendo presenciado a erupção do Vesúvio, queira colocar-se na condição de testemunha ocular e, assim, fazer o relato da destruição de Pompeia. Para isso ele recorre a Plínio, o Jovem, que

⁸¹ McKeon describes Aristotle's concept of imitation in the fine arts as an abstracting process: "in imitation the artist separates some form from the matter with which it is joined in nature – not, however, the 'substantial' form, but some form perceptible by sensation – and joins it anew to the matter of his art, the medium which he uses". The nature of the fine arts, and hence of poetry, is simply to present a realistic imitation of particular things.

The concept of imitation was used in antiquity not only to describe the nature of art, but also to explain how to create art. (Sullivan, 1989: 07)

presenciou todo o acontecido e o narrou em uma carta emocionante⁸². Nestas circunstâncias, o poeta, impedido pelo tempo e lugar, não tem como agir identicamente a Plínio, mas levado pela criação literária, finge uma presença e constrói sua narrativa. Em verdade, o poeta imitará duas vezes, pois, ao imitar a criação literária do relato, imitará igualmente Plínio, enquanto presente ao evento.

Tanto Dionyso de Halicarnaso, quanto Longino podem ser utilizados como exemplos de partidários desta opinião de que a imitação dos grandes escritores é mais produtiva do que a imitação da natureza. Segundo eles, o trabalho de leitura dos escritores consagrados é fonte de inspiração para grandes obras. Isso se concretiza numa operação que Sullivan (1989) descreve: “O imitador é direcionado para os grandes modelos através da imitação ou da emulação (*zelos*) e recebe a impressão desse modelo através da imitação (*mimesis*), enquanto o examina em profundidade”.⁸³

Três conceitos chamam a atenção nesta passagem: “admiração”, “emulação” e “imitação”. Inquestionavelmente são significativos, nesse contexto, pois trazem associados a si aqueles movimentos da alma que se expressam como simpatia, desejo consciente, análise, escolha e impulso de superação, compatibilidade de gênio, enfim, identificação pessoal.

1. Imitação e emulação

Há que considerar que muito comumente se associam, no mesmo processo da imitação como um todo, duas atitudes marcadamente distintas e

⁸² Cf. Plin. Ep.6.16. C. PLINIVS TACITO SVO S.

⁸³ “The imitator is drawn to great models through admiration or emulation (*zelos*) and receives the impression of the model through imitation (*mimesis*), while inspecting the model” (Sullivan, 1989: 8)

que, por isso, uma delas recebe nome diferente: emulação. Em linhas gerais poderíamos identificar a emulação como um procedimento de imitação em que o imitador é tomado do desejo de “fazer melhor”, ou de conduzir a um resultado diferente, ou seja, impelido por um processo de imitação ativa, motivado por um zelo ardoroso, o imitador busca a superação ou a descaracterização do modelo. Subjaz, enfim, à emulação um certo caráter de rivalização.

Um aspecto importante da emulação é que ela tem em conta a obra em sua totalidade. Assim, por exemplo, não se procede à emulação de uma parte de um discurso ou de um de seus aspectos. Em verdade, se colocam em confronto dois discursos de natureza idêntica, sobre o mesmo tema, de tal modo que o segundo, embora motivado pelo primeiro, não pareça ser a sua cópia, mas seu competidor. É assim que interpretamos a seguinte passagem em que Homero é colocado na condição de quem não tem rivais:

*Quid? in uerbis, sententiis,
figuris, dispositione totius
operis nonne humani ingenii
modum excedit? - ut magni sit
uiri uirtutes eius non
aemulatione, quod fieri non
potest, sed intellectu sequi.*
(*Inst. X, 1, 50*)

Ainda mais? Nas palavras, nas sentenças, nas figuras, na organização da obra como um todo, não é verdade que excedeu a medida do talento humano? Em consequência disto, há que haver nos homens que se queiram grandes a competência para seguir as qualidades dele, não pela emulação, pois que isso não se pode fazer, mas pela compreensão intelectual apenas.

Ao falar da realidade de que até o seu momento ainda não havia sido encontrado o orador perfeito, Quintiliano adverte que, mesmo aqueles que não têm essa pretensão, devem recorrer à emulação com outros oradores, muito mais do que simplesmente os deve seguir.

*Sed etiam qui summa non adpetent, contendere potius quam sequi debent. (Inst., X, 2, 9)*⁸⁴

Até mesmo aqueles que não estejam em busca de perfeição devem competir, muito mais do que simplesmente seguir acompanhando.

Outras passagens reforçam o conceito de emulação como competição ampliando-lhe a abrangência a ponto de estendê-la à relação entre autores. Depois de tratar de certos “perigos” da imitação, Quintiliano, em X,2,17, põe em destaque algumas atitudes de imitadores numa variada relação com seus modelos, que vai do *se pares credunt*, passando por *superant* e *emulantur*, até chegar a uma determinada situação em que o imitador se julga o próprio imitado:

Ideoque qui horride atque incomposite quid libet illud frigidum et inane extulerunt, antiquis se pares credunt, qui carent cultu atque sententiis, Atticis; scilicet [qui] praecisis conclusionibus obscuri Sallustium atque Thucydiden superant, tristes ac ieiuni Pollionem aemulantur; otiosi et supini, si quid modo longius circumduxerunt, iurant ita Ciceronem locuturum fuisse (Inst., X, 2, 17).

Por razões como estas, aqueles que, de maneira grosseira e malsonante, puseram para fora qualquer coisa de frio e oco, estes se acreditam pares dos antigos. Aqueles que carecem de sofisticação e de opinião formada se dizem pares dos áticos. Os que são obscuros por causa de seus abruptos finais de período superam Salústio e Tucídides. Os tristes e anoréticos se dizem êmulos de Polião; os inoperantes e os letárgicos, se porventura fecharam o círculo de algo mais longo, juram que exatamente assim Cícero haveria de ter falado.

Enquanto a emulação se estabelece na correlação com o todo, a imitação, embora possa igualmente alcançar esse todo, tem a possibilidade de

⁸⁴ A tradução francesa para esta frase se serve da palavra emulação para significar o latino *contendere*: “Mais ceux mêmes qui ne viseront pas les sommets doivent être des émules plutôt que les traînants” (Cousin, 1979: 108)

restringir-se a uma parte específica, a um aspecto particular. É com esta percepção que nos devemos posicionar diante da tão eclética lista de autores selecionada por Quintiliano, ou na caracterização das qualidades que Cícero imitou:

Nam mihi uidetur M. tullius, cum se totum ad imitationem Graecorum contulisset, effinxisse uim Demosthenis, copiam Platonis, iucunditatem Isocratis. (Inst. X, 1, 108)

A mim seguramente parece que Marco Túlio, tendo-se entregue de todo à imitação dos gregos, conseguiu externar a força de Demóstenes, a copiosidade de Platão, o encantamento de Isócrates.

O orador deverá buscar o que for pertinente à oratória seja no poeta, no historiador ou no filósofo; pode ter como modelo um outro orador, ou um de seus discursos; pode selecionar em um poeta apenas suas melhores qualidades e deixar de lado as que lhe pareçam censuráveis, como, por exemplo, no caso de Ovídio a quem o próprio Quintiliano admira as qualidades poéticas de sua criação literária, mas condena a sua lascívia.

Quintiliano ressalta no processo da imitação o conceito de “comum” e o exprime na seguinte frase:

Habet tamen omnis eloquentia aliquid commune: id imitemur quod commune est. (Inst., X, 2, 22)

No entanto, toda eloquência tem alguma coisa em comum, imitemos, pois o que é comum.

É interessante notar que *commune* não se refere a identidade, mas a generalidade, ou seja, uma base compartilhada.

Ainda um outro aspecto deve ser considerado: enquanto a imitação pode, em circunstância última, ser um exercício passivo da cópia, da busca do “fazer relativamente igual”, uma ferramenta pedagógica, um meio pelo qual se busca a equação identitária, a emulação é um fim, um produto que tem por

característica ostentar, sobre uma base de caráter identitário, um elemento diferenciador. De tudo isso, no entanto, há uma certeza: toda emulação se constrói nos limites da imitação, mas nem toda imitação é motivada pela emulação.

Se estas manifestações psíquicas se verificam nas relações autor-obra-imitador, muito mais visivelmente elas se manifestam nas relações sociais que são retratadas pelos discursos dos gêneros epidíctico e deliberativo.

Como já dissemos, a oratória deliberativa visa ao coletivo, precipuamente; se realiza na assembleia, autônoma, por natureza, e traz em si a perspectiva de futuro, já que assume ou defende uma propositura a se efetivar. Importa entender, no entanto, que não se projeta um modelo para o futuro, mas se propõe um futuro com base num modelo já consagrado. É nesse ponto do processo que vemos operar a imitação.

Como explica Sullivan (1989), a oratória epidíctica, também chamada de discurso cerimonial, ou demonstrativo, se constitui num mecanismo de celebração, de exaltação e intensificação de valores culturais, sobretudo com o propósito de preservar a estabilidade política. Ao insistir em qualidades morais, essa oratória visa particularmente ao indivíduo, seja ele celebrado em suas virtudes, seja censurado em seus vícios. Na caracterização de uma personalidade, o que se tem, de fato, é a construção de um modelo, que, por suas qualidades admiráveis, deve ser fonte de inspiração e motivo de emulação.

Este gênero de discurso retórico é muito abrangente e se estende até mesmo a uma literatura que se poderia facilmente classificar como epidíctica. É o caso, por exemplo, da *Eneida*, de Virgílio, que, em última instância pretende

resgatar valores morais do passado e celebrar os feitos de um herói mítico, de quem o Imperador Augusto é mais do que imitação: ele é o próprio herói a ser imitado.

Não teriam parte dos escritos de Sêneca sido interpretados por Quintiliano como pertencentes a esse gênero que pode prestar-se ao elogio tendencioso? Não estaria aí a sua tão censurada “falta de juízo”? A proximidade temporal não teria permitido a Quintiliano identificar na obra de Sêneca aspectos, para nós já perdidos, das estreitíssimas relações de Sêneca com um poder político “censurável” e com os seus poderosos?

2. O exercício da imitação

No universo propriamente romano da retórica destacamos as figuras de Cícero e Quintiliano, para falar da imitação, pois ambos a consideram como forma legítima de aperfeiçoamento do orador, bem como um expediente de todo compatível com o sistema da retórica, sobretudo quando se trata da inserção de procedimentos de imitação no processo pedagógico. A leitura dos tratados destes autores permite identificar, na parte do processo de imitação que não inclui a emulação, cinco diferentes modalidades de imitação, conforme Sullivan (1989) descreve:

“Cinco variedades de imitação emergem dos escritos de Cícero e Quintiliano: dos mais estritos exercícios de imitação, como

memorização, tradução, paráfrase, a formas mais vagas de imitação: o estabelecimento de modelos e a leitura”⁸⁵

É significativo que relacionem a tradução entre essas formas de exercício. Quintiliano a recomenda; o próprio Cícero relata que a praticou e que dela obteve benefícios.

Vertere Graeca in Latinum ueteres nostri oratores optimum iudicabant. Id se L. Crassus in illis Ciceronis de Oratore libris dicit factitasse: id Cícero sua ipse persona frequentissime praecipit, quin etiam libros Platonis atque Xenophontis edidit hoc genere tralatos. (Inst., X, 5, 2)

Os nossos antigos oradores recomendavam fazer versões do grego para o latim como o melhor exercício. Lúcio Crasso, na famosa obra de Cícero, *De Oratore*, disse tê-lo praticado repetidamente; o próprio Cícero, em pessoa, o recomendou frequentissimamente. Tanto isso é verdade, que ele publicou, em traduções, livros de Platão e Xenofonte.

Postea mihi placuit, eoque sum usus adulescens, ut summorum oratorum Graecas orationes explicarem. Quibus lectis hoc adsequebar, ut, cum ea quae legeram Graece, Latine redderem, non solum optimis verbis uterer et tamen usitatis, sed etiam exprimerem quaedam uerba imitando, quae nova nostris essent, dum modo essent idonea. (Cíc., De Orat., 1.155).

Depois disso, ainda jovem, assumi como tarefa agradável analisar os discursos, escritos em grego pelos mais destacados oradores. Lidos esses discursos eu adotava o seguinte procedimento: à medida que eu lia em grego, eu os traduzia para o latim; não apenas me servia das melhores palavras, em uso entre nós, mas também, pelo imitar o grego, eu forjava umas palavras, que seriam novas para nós. Isso, no entanto, eu fazia, desde que essas palavras me parecessem adequadas.

Esta recomendação de Quintiliano ajuda a esclarecer ainda melhor a razão de ele ter relacionado tantos autores gregos na sua indicação de leitura.

⁸⁵ “Five varieties of imitation emerge from the writings of Cicero and Quintilian, from very close imitative exercises like memorizing, translating, paraphrasing, to rather loose forms of imitation: modeling and reading”. (Sullivan, 1989: 13)

Nos permitimos a ousadia de entender que, nessas circunstâncias, a simples compreensão de um texto em língua estrangeira pode ser considerada como um exercício de tradução, pois o leitor não abdica de sua língua nativa e nela mentalmente reescreve toda a sua interpretação. Isso, se estiver correto o nosso entendimento da expressão, citada acima, *cum ea quae legeram graece, Latine redderem*.

Podemos concordar com a interpretação de Sullivan (1989), segundo a qual a leitura há de ser considerada um exercício de imitação, na medida em que entendamos que a leitura é capaz de provocar no leitor, até mesmo inconscientemente, uma reação favorável, ou não, em vista das qualidades da obra. Essa reação se consuma, portanto, em assimilação, já que existe no ser humano uma disposição natural para, através da imitação, incorporar ideias, processos e atitudes, desde que haja afinidades entre as partes.

Convém refletir, neste momento, em que falamos de tradução, que não há como fazer uma afirmação categórica, mas nos é lícito conjecturar que a presença dos numerosos autores gregos em Quintiliano reforça a sua intenção de tornar mais próxima do orador em formação a figura de Cícero. As estreitas relações de Cícero com a retórica e a oratória gregas não se deram por simples acaso ou conveniência, mas, sobretudo, pela necessidade de se fundar em Roma um modelo de retórica e uma oratória compatíveis com a natureza do Estado Romano e com a índole de seus concidadãos. O salto de qualidade desencadeado por Cícero se deu justamente por sua atitude inovadora de conciliar a tradição romana com a desenvolvida cultura intelectual grega (Pereira, 1990: 115-155). Ao propor a figura de Cícero como modelo, nos parece que Quintiliano pretende resgatar como reconciliação (no pleno sentido

de sua estrutura morfológica: *re-conciliare*), a conciliação que anteriormente Cícero havia feito. Ao propor essa reconciliação, está-se propondo, de fato, uma dimensão atualizada, o resgate, em versão contemporânea, daquela conciliação.

Como se vê, o texto em grego terá para o estudante latino uma dupla função, isto é, será simultaneamente compatível com duas das cinco formas de imitação: a tradução e a leitura.

É também significativo o tratamento que a imitação recebe na *Retórica a Herênio*. Logo no início do Livro I, quando descreve a estrutura do discurso, assim se expressa o Autor:

Haec omnia⁸⁶ tribus rebus adsequi poterimus: arte, imitatione, exercitatione. Ars est praeceptio, quae dat certam viam rationemque dicendi. Imitatio est, qua impellimur cum diligenti ratione ut aliquorum similes in dicendo valeamus esse. Exercitatio est assiduus usus consuetudoque dicend.
(*Rhet. ad Her.*, 1,3)

Tudo isso teremos podido alcançar por três meios: arte, imitação, exercício. Arte é o preceito que dá o encaminhamento e sistematização ao discurso. Imitação é o meio pelo qual somos impulsionados, com racionalidade criteriosa, a nos tornar, no discursar, semelhantes a outros. Exercício é a prática assídua e o costume de discursar.

O autor seleciona, para definir imitação, palavras bastante fortes e carregadas de sentido, como podemos constatar das descrições feitas por Ernout (1951) e Martin (1959): inicialmente *impellimur* (= somos impelidos) propõe que a imitação seja uma força, um impulso instintivo ao qual não se pode resistir; em *diligenti ratione* prevalecem as ideias de “escolha consciente”,

⁸⁶ *Haec omnia* - o “tudo isso” propriamente se refere às cinco partes do discurso, já mencionadas na Introdução, quando citamos *Rhet. ad Her.*, 1, 3.

“trabalho racional”; através de *ualeamus esse* se expressam as noções de “ser tão forte quanto”, “ter a mesma saúde que”, enfim, “valer tanto quanto”.

É possível também identificar, na própria disposição dos conceitos na frase, o momento e a importância da imitação: ela se localiza textualmente entre *ars* e *exercitatio*. Deve-se entender que *ars*, neste contexto, significa todo o arcabouço teórico: é propriamente o conhecimento técnico acumulado e sistematizado; a *exercitatio*, por sua vez, é a prática. Com isso, a imitação representa a mediação – ela é a passagem – entre o saber teórico e a prática. Essa mediação corresponde, assim, ao momento do exercício que implica não só o domínio de um saber teórico, mas também o grau de aprofundamento alcançado na análise da obra que se vai imitar. Sullivan (1989) descreve esses aspectos da imitação como “análise” e “gênese”, ao dizer que:

De acordo com Edward P. J. Corbett, “A *análise* era um estágio no qual os estudantes, sob a supervisão de um professor, faziam um estudo bem detalhado de modelos, a fim de observarem o quanto, em suas qualidades excelentes, esses modelos seguiam os preceitos de arte. *Gênese* era o estágio em que os estudantes tentavam produzir algo ou fazer alguma coisa similar ao modelo analisado (11)⁸⁷.”

Apenas estas ponderações parecem-nos suficientes para destacar o importante papel da imitação na antiguidade romana. Se considerarmos que todo o esforço de Quintiliano se faz na intenção de oferecer ao aprendiz recursos para seu aprimoramento, confirmaremos que a imitação assume o real valor que podemos ler nas palavras de Sullivan (1989):

O lugar da imitação na filosofia clássica, na política e na pedagogia indica que a imitação era mais do que uma abordagem simplória para ensinar retórica. Ela era parte integrante do aparato clássico que alcançou enorme respeito na consolidação do passado e que viu na

⁸⁷ According to Edward P. J. Corbett, “Analysis was the stage in which students, under the guidance of the teacher, made a close study of the model to observe how its excellences followed the precepts of art. Genesis was the stage in which students attempted to produce something or to do something similar to the model that had been analysed.” (Sullivan, 1989: 11).

imitação uma base para a ontologia, arte, ação política e para a ética(14)⁸⁸.

Ainda que não esteja em nosso propósito discutir aqui o quanto seja relevante o saber teórico no processo de formação do orador, julgamos pertinente dizer que, de forma dispersa no tratado das Instituições como um todo, Quintiliano propõe um relativo equilíbrio entre conhecimento teórico e imitação, embora tenha ele dado mais ênfase à explicitação do saber técnico.

Queremos ver no capítulo sobre a imitação algo mais do que simplesmente se as ideias de Quintiliano são compatíveis com o conhecimento de seu tempo, ou dos tempos anteriores. Nossa leitura caminha na interpretação de que o processo imitativo é também um fator decisivo na construção de um saber fazer que, antes de tudo, é igualmente um saber ser.

3. A imitação no capítulo 2

Na primeira frase do capítulo 2, identifica-se uma estreitíssima vinculação com a matéria tratada no capítulo 1: a leitura. Nessa frase, são destacadas, na sua relação com a imitação, três utilidades primordiais da leitura, respectivamente: a) permitir que se construa a *copia uerborum*; b) que se ampliem as possibilidades de uso de maior *uarietas figurarum*; c) que se potencialize a competência para a *componendi ratio*. Se atentarmos para esta sequência, veremos que, mais do que simbólica, ela tem razão de ser, também dentro do sistema oratório: o ponto de partida são as palavras, que,

⁸⁸ The place of imitation in classical philosophy, poetics, politics, and pedagogy indicates that imitation was more than a simple-minded approach to teaching rhetoric: It was an integral part of the classical mindset which held great respect for the accomplishments of the past and saw in imitation a basis for ontology, art, political action, and ethics. (Sullivan, 1989: 14)

formalmente estruturadas em sintagmas e frases, se organizam em figuras. Estas, devidamente harmonizadas, tecem o discurso.

Se a leitura se constitui em um dos mecanismos através dos quais se adquire o domínio desse instrumental, é também pelo método da imitação que se processam a sedimentação e a conversão dessas habilidades em maior eficiência da competência para produzir resultados práticos.

Parece-nos razoável associar o domínio dessas três habilidades com a construção daquilo que foi chamado por Quintiliano de *firma facilitas* (*Inst.*, X, 1, 1). Como se descreve no início do livro X, essa *facilitas*, que é a palavra latina para o conceito grego εἰς, representa para o vigor oratório (*Inst.*, X, 1, 1) a condição essencial em todos os estágios pelos quais um discurso se constitui. Como prevê a teoria retórica, um discurso tem começo na *invenção* e se consuma na prática da sua *exposição*, ou *actio*. Sob essa perspectiva, dentro do sistema oratório, a *disposição* e a *elocução* representam os momentos em que mais evidentemente será necessário o emprego dessa *facilitas*, da mesma forma que aí poderão ser mais visivelmente explícitos os seus resultados.

Vimos tratando da interação autor-obra sob a perspectiva da valorização das qualidades morais do homem em sua relação com a produção escrita. Nesse percurso expressamos o entendimento de que, para Quintiliano, o talento do poeta precisa ser mais enfatizado do que a obra que esse engenho produza, quando se trata de construir a figura do orador ideal.

Reforçamos a nossa compreensão também através do entendimento de que se está levando em conta o fato de que o orador é um “homem presente em ação”. Ele é autor de um tipo de discurso que somente tem existência plena ao ser pronunciado pelo próprio autor. Assim, o texto literário que se escolhe

para leitura deve permitir que seu autor, de algum modo, seja identificado (de forma imaginada, suposta, presumida, não importa) como homem em ação, para cumprir todos os requisitos de modelo imitável.

Em nenhuma circunstância, no entanto, julgamos que *facilitas* deva ser interpretada como sinônimo de *ingenium*. Enquanto o talento é uma qualidade inata, exatamente o diz a etimologia de *ingenium*⁸⁹, a *facilitas*⁹⁰ é algo próximo de uma técnica, que pode ser trabalhada ou, nas palavras de Quintiliano, a ela se pode ter acesso (*Inst.*, X, 1, 1).

Mas a imitação, enquanto um dos recursos para se forjar a *facilitas*, pode ser igualmente um meio de se aproximar daquele talento, desde que entendamos *facilitas* como uma das vias de expressão do *ingenium*. Em outras palavras, poderíamos dizer que a *facilitas* seria o mesmo que “tirar o *ingenium* da sua condição de abstrato e concretizá-lo numa prática”.

Podemos também, seguindo essa linha de raciocínio, propor certo paralelismo com os estudos linguísticos, quando estes falam de “competência” e “desempenho”. Da mesma forma que tanto os linguistas, quanto os gramáticos podem atuar no nível do desempenho, seja em termos de análise material e direta, seja com vistas a aprimorar esse desempenho, Quintiliano aponta a imitação como meio de formar uma *facilitas* qualificada ou, na sua própria palavra, *firma* (*Inst.*, X, 1, 1).

É comum encontrar nos escritos mais recentes sobre a retórica a expressão “competência oratória”. No entanto, o termo “competência” não deve

⁸⁹ *Ingenium* liga-se a *genius*. Esta palavra designava, inicialmente, a divindade que presidia ao nascimento; com o tempo, passou a significar também a divindade tutelar de cada indivíduo; incorporou, depois, o sentido de inclinações de nascimento. Em vista disso, o derivado *ingenium* fixou a significação de “caráter inato”, “disposições naturais” (Martin, 1959: 96).

⁹⁰ Vale enfatizar a habilidade de Quintiliano para explorar o potencial semântico dos termos que seleciona. *Facilitas* é um derivado de *facio*, “fazer”, e nessa vinculação etimológica significa ‘a condição de tudo aquilo que se pode fazer sem esforço’; passou a significar também “aptidão, habilidade, a condição de quem pode fazer sem esforço” (Martin, 1959: 72).

ser visto aí como significando *ingenium*, tal como referido acima. É o que podemos interpretar na leitura do seguinte esquema de Pernot (2000). Como se poderá observar, a *compétence* de que fala está muito mais próxima da *facilitas* pretendida por Quintiliano:

3. As fontes da competência oratória

◆**dons naturais**: gr. *Physis* – lat. *natura, ingenium*

◆**aprendizagem** (ou **arte, ciência**): gr. *Epistêmê, mathêsis* – lat. *doctrina, artificium, ars*

◆**exercício**: gr. *Meletê, askêsis* – lat. *Exercitatio*

→ Plat. *Phedro*, 269 d. Cf. Isocr., *Contra os sofistas*, 14-17 ; *Sobre a troca*, 187 ; Cíc., *Inv.*, I, 5 ; *Brut.*, 25 ; Quint., VII, 10, 14.

Alguns acrescentavam a **imitação** : gr. *Mimêsis* – lat. *imitatio* (*Ret. Her.* I, 3; Quint., III, 5, 1). (284)⁹¹

É igualmente relevante notar, nesta passagem, que Pernot enfatiza, através do termo *certaines*, que a imitação, enquanto elemento auxiliar da competência oratória, não é levada em conta pela maioria dos teóricos da antiguidade.

Embora não tenhamos encontrado informações precisas sobre o porquê dessa exclusão, parece-nos que podemos analisá-la à luz dos conceitos de competência e desempenho. Muito provavelmente tenham esses teóricos associado a imitação aos limites do que hoje entendemos por desempenho, na ideia de que imitar é uma atitude passiva. Sob essa perspectiva, se alguma inventividade pudesse haver na imitação, ela seria pouco representativa, quando comparada ao talento de um gênio originalmente criador.

⁹¹ 3. Les sources de la compétence oratoire

◆**dons naturels**: gr. *Physis* – lat. *natura, ingenium*

◆**apprentissage** (ou **art, science**): gr. *Epistêmê, mathêsis* – lat. *doctrina, artificium, ars*

◆**exercice**: gr. *Meletê, askêsis* – lat. *Exercitatio*

→ Plat. *Phèdre*, 269 d. Cf. Isocr., *Contre les sophistes*, 14-17 ; *Sur l'échange*, 187 ; Cíc., *Inv.*, I, 5 ; *Brut.*, 25 ; Quint., VII, 10, 14.

Certains ajoutaient l'**imitation** : gr. *Mimêsis* – lat. *imitatio* (*Rhét. Her.* I, 3; Quint., III, 5, 1). (Pernot, 2000: 284)

Para Quintiliano a imitação é, de fato, um procedimento altamente relevante na formação do orador, seja como estratégia de consolidação da competência oratória, seja como recurso pedagógico no aprimoramento do desempenho. Além disso, um dos fatores mais significativos da imitação, o qual podemos identificar em Quintiliano, é o da aproximação intencional que se verifica estabelecer entre culturas, gerações, pessoas, tendências, estilos, etc. Assim, interessa-nos aqui investigar as principais características da imitação e buscar razões de sua pertinência no contexto em que a descreve Quintiliano.

No processo da imitação, a utilidade é a primeira das características apontada por Quintiliano. No momento em que se reconhece a qualidade de uma invenção intervém a conveniência da imitação, já que as qualidades identificadas podem ser utilizadas como modelo a ser seguido. Isto acontece, não por uma disposição da natureza em geral, mas por uma inclinação específica da alma humana, assim entendida:

Atque omnis uitae ratio sic constat, ut quae probamus in aliis facere ipsi uelimus. (Inst., X, 2, 2)

Além disso, consta como de ordem natural da vida de cada um que queiramos fazer, nós mesmos, tudo aquilo que aprovamos nos outros.

Assegura essa inclinação o fato de que o início de todo o percurso acadêmico de um aprendiz, não importa de que área, se baseia em atitudes de imitação. É visto por Quintiliano como imitação, por exemplo, o desenho das letras no primeiro estágio da alfabetização; a reprodução da voz do mestre pelo aprendiz de canto; a cópia de uma pintura, ou até mesmo a atitude do agricultor que repete as práticas recebidas dos antigos, enfim,

...omnis denique disciplinae initia ad propositum sibi praescriptum formari

... constatamos que o começo de toda disciplina se forma segundo um modelo

uidemus. (Inst., X, 2, 2)

estabelecido anteriormente a si.

É fundado na observação das leis da natureza, inicialmente, que Quintiliano procura estabelecer as bases do processo da imitação. Assim, quando ele diz que a natureza não produz o *símile*, mas a imitação o faz⁹², somos levados a compreender que esta palavra ganha amplificação de sentido, pois passa a representar os fenômenos que na natureza poderíamos denominar multiplicação ou replicação, muito mais do que propriamente imitação. Ao que tudo indica, esses fenômenos se realizam por uma força inercial, descuidada, em termos de qualidade, de qualquer controle que não a própria seleção natural, ou seja, é um processo que opera sem intenção consciente, sem intervenção deliberada.

A imitação, segundo interpretamos nesse projeto de formação acadêmica, passa pelo crivo da escolha consciente, da observação, da análise em profundidade, e tem como destino projetar-se ao aprimoramento. Poderíamos deduzir que, ao contrário do que acontece nos processos de seleção natural, chega-se a uma produção que é resultante de uma seleção racionalmente induzida. Essa imitação, convém lembrar, demanda, ainda, a memória, pois somente os fatos devidamente assimilados e instalados na memória podem-se apresentar como coadjuvantes do processo da imitação, quando não são esses próprios fatos os modelos imitáveis.

Dentro desse espírito, Quintiliano propõe como prejudicial ao futuro orador o exercício da imitação inercial, passiva e que não é suficiente, nem mesmo para aproximar-se do modelo escolhido. Assim, a sua proposta de

92

Similem raro natura praestat, frequenter imitatio. (Inst., X, 2, 3).

O semelhante, a natureza raramente o produz, mas a imitação frequentemente (o faz).

imitação contém toda uma noção de dinamismo, de inovação e de superação dos modelos, sem ser pela via da emulação deliberada.

Quintiliano aponta duas circunstâncias, ou dois cuidados, primordiais nos procedimentos de imitação: que ela seja conduzida cautelosamente e com discernimento - *caute et cum iudicio* (*Inst.*, X, 2, 3). Entendemos que esse *cum iudicio* se aplica aos critérios de seleção, dentro do mais amplo e do mais estrito sentido que se possa atribuir ao conceito de racionalidade. A matéria precisa ser examinada em toda a sua complexidade; devem ser analisados todos os elementos que a constituem. Somente executadas essas operações se pode proceder à re-elaboração.

Ainda que no conceito de cuidado, expresso pelo *caute*, possamos identificar a noção de “zelo preventivo”, a maneira pela qual se desenvolve o raciocínio de Quintiliano nos permite associar aí a palavra *cura*, uma vez que a ela se pode dar o sentido de “atenção preservadora”. Em verdade, tudo aquilo que resulta de uma imitação precisa manter refletidas as qualidades que são intrínsecas à coisa imitada, portanto:

Quapropter exactissimo iudicio circa hanc partem studiorum examinanda sunt omnia. (Inst., X, 2, 14)

Em vista disso, há que se examinar tudo acerca desta parte dos estudos com o mais acurado discernimento.

Apesar de reconhecer a força, os valores e benefícios que a imitação possa trazer, Quintiliano adverte de que ela, por si somente não é suficiente:

Ante omnia igitur imitatio per se ipsa non sufficit. (Inst., X, 2, 4)

Antes de tudo, a imitação por si só não é suficiente.

Para assegurar-se da sua opinião, recorre à análise das ações e reações da natureza humana e observa que, confrontadas algumas gerações,

os Antigos, mesmo não tendo quem lhes tivesse servido de modelo, muitos tinham sido capazes de criar coisas grandiosas. Acrescenta, ainda, que, diante disso, coisas ainda maiores poderão ser criadas ou aprimoradas, por aqueles que se utilizem com critério da imitação, uma vez que já existem modelos que lhes são precedentes.

Esta ideia de que pode haver aprimoramento, nestas condições em que não se tem um modelo a imitar, confere à natureza da mente humana um caráter de grandeza, sobretudo de competência para inovar, ao mesmo tempo em que reforça a concepção de que essa mente é inimitável. Simultaneamente, essa percepção reduz a imitação a uma ferramenta auxiliar no processo de aprimoramento. Quintiliano é categórico ao afirmar:

*Ac si omnia percenseas,
nulla sit ars qualis inuenta
est, nec intra initium stetit:
[...] : nihil autem crescit sola
imitatione. (Inst., X, 2, 8)*

Acresça-se que se se analisarem detalhadamente todas as coisas, nenhuma arte permaneceu identicamente tal como foi inventada, nem ficou estacionária em sua forma inicial. [...] verdadeiramente nada cresce por força apenas da imitação.

Se atentarmos nesse processo, veremos que o original, ou o modelo, está fundado numa realidade objetiva, foi motivado por uma intenção própria e impulsionado a se organizar num conjunto de argumentos e de fórmulas, já que tem um alvo a ser atingido, um objetivo a ser alcançado. A imitação, pelo contrário, mesmo aquela que não pretenda ser fim em si mesma, se alicerça numa outra dimensão, isto é, numa realidade que já se transubstanciou em discurso.

No detalhamento e avaliação das circunstâncias em que se operam as relações entre original e imitação, inevitavelmente se colocam em evidência os

conceitos de “real”, “realidade” e “artificial”, “ficção”. Quintiliano igualmente os destaca, sobretudo no momento em que põe em confronto as declamações e os discursos do tribunal:

Quo fit ut minus sanguinis ac uirium declamationes habeant quam orationes, quod in illis uera, in his adsimulata materia est. (Inst., X, 2, 12)

Sendo assim, acontece que as declamações tenham menos de sangue e de vigor que os discursos, pois nestes existe matéria original, naquelas a matéria é fictícia. (grifos nossos)

Quintiliano lembra, também, de um outro elemento de extrema relevância na correlação original-cópia: as palavras. Ele se mostra absolutamente consciente de que a língua é dinâmica e de que ela expressa seu dinamismo seja na dimensão temporal, seja nas diversas instâncias das relações sociais. Para exemplificar a consciência desse dinamismo ele assim descreve a natureza das palavras:

... cum et uerba intercidant inualescantque temporibus, ut quorum certissima sit regula in consuetudine, eaque non sua natura sint bona aut mala (nam per se soni tantum sunt), sed prout oportune proprieque aut secus conlocata sunt, et compositio cum rebus accommodata sit, tum ipsa uarietate gratissima. (Inst., X, 2, 13)

Acontece, no entanto, que as palavras caíam em desuso, com o passar do tempo, ou se tornem ainda mais expressivas, já que no uso esteja a mais definitiva de suas regras. Além disso, as palavras não são, por natureza, nem boas nem más (elas, de fato, não são mais do que sons), no entanto produzem seu valor conforme sejam colocadas com ou sem adequação e propriedade.

Igualmente Cícero, mas muito antes, já havia declarado essa percepção:

Equidem cum audio socrum meam Laeliam - facilius enim mulieres incorruptam antiquitatem

Quando ouço a minha sogra Lélia – em verdade as mulheres conservam inalterada a antiguidade, pois não participantes da

conseruant, quod multorum sermonis expertes ea tenent semper, quae prima didicerunt - sed eam sic audio, ut Plautum mihi aut Naeuium uidear audire, sono ipso uocis ita recto et simplici est, ut nihil ostentationis aut imitationis adferre uideatur; ex quo sic locutum esse eius patrem iudico, sic maiores; (Cic., *De Orat.*, III, 45)

conversação de muitos, sempre mantêm as coisas exatamente as mesmas como as aprenderam – a ela ouço, tal como pareça-me ouvir Plauto ou Névio. Ela fala com um próprio som de voz de tal modo direto e simples que nada de ostentação ou de imitação pareça carregar; a partir disso, julgo assim terem falado seu pai, assim os seus antepassados;

(Grifo nosso para ressaltar não somente o que pode haver de artificial, mas também de inovação, na linguagem imitada)

Com toda certeza, ao manifestar a preocupação com o dinamismo da língua, ele, mais uma vez, reforça os cuidados que devem merecer os procedimentos de imitação. Devemos interpretar, ainda, nesta abordagem da língua, que o fato de ele recomendar que se imitem os Antigos não significa que o imitador possa ser desatento a ponto de não escrever ou falar para os seus contemporâneos na língua de seus contemporâneos.

Além disso, o imitador, ao imitar, não se pode ater apenas ao discurso enquanto produto acabado, mas deve buscar, o quanto possível, o processamento através do qual o discurso se foi construindo⁹³. Assim, por exemplo, um imitador de Cícero deve considerar os seus processos de criação, muito ao invés de repetir fórmulas⁹⁴ e construções sintáticas; reaproveitar o vocabulário. Em resumo, ele nos diz:

⁹³ Como observamos em nossa introdução, a retórica antiga visa à construção do discurso.

⁹⁴ Não vemos de outra forma, senão como ironia mordaz a observação de Quintiliano:

Noueram quosdam qui se pulchre expressisse genus illud caelestis huius in dicendo uiri sibi uiderentur si in clausula posuissent "esse uideatur". (*Inst.*, X, 2, 18)

Conheci alguns que se achavam ter imitado excelentemente a maneira de dizer daquele homem celestial, se tivessem colocado ao fim de cada período "esse uideatur".

*Imitatio autem (nam saepius idem dicam)
non sit tantum in verbis. (Inst., X, 2, 27)*

A imitação, no entanto – é preciso que eu o diga repetidamente – não se restrinja apenas às palavras.

Esta observação, com certeza, mostra o quão profundamente Quintiliano pensa a respeito da imitação: obviamente ele quer fazer entender que imitar não se realiza no vocabulário ou no seu arranjo de superfície, isto é, não se limita à estrutura superficial, à forma aparente, segundo se pode encontrar classificação nos estudos da linguagem.

Por outro lado, são impostos ao imitador certos limites. Como, então, nos situar diante da relação de itens que, segundo Quintiliano, são inimitáveis?

*Adde quod ea quae in oratore
maxima sunt imitabilia non sunt,
ingenium, inuentio, uis, facilitas
et quidquid arte non traditur.
(Inst., X, 2, 12)*

Acrescente-se que todas aquelas qualidades que em um orador são as mais importantes, estas não são imitáveis, ou seja, o talento, a invenção, o vigor, a facilidade e tudo aquilo que não se transmite pelo ensinamento teórico.
(grifos nossos)

Certamente que não há como transferir, pela imitação, essas qualidades de um indivíduo ou de um discurso para outro indivíduo ou outro discurso. No entanto elas podem, de algum modo, ser analisadas, descritas as suas características aparentes, até mesmo identificados os seus traços peculiares e os de natureza mais genérica. Se não fosse assim, o que restaria a ser transmitido pela “arte”? Por que outra razão Quintiliano haveria de recomendar a leitura e a imitação de tão numerosa lista de autores, engenhosos cada um em sua área de atuação?

Enfim, essas qualidades inimitáveis não se constituem num sistema absolutamente hermético, inacessível. Há a possibilidade de aceder a elas, no

mínimo através da intuição. De outra maneira, como se pode saber que um autor é genial? Como dizer de uma invenção que ela é “um achado”? Como reconhecer a “facilidade” de alguém?

Se nossa interpretação está coerente com as ideias de Quintiliano, podemos dizer que as condições de reconhecimento e de compreensão de um talento alheio, demandam, igualmente, um mínimo de talento e de conhecimento técnico por parte daquele que vai imitar. Esta parece ser a base sobre a qual se constrói toda a argumentação a respeito da imitação:

Ergo primum est ut quod imitaturus est quisque intellegat, et quare bonum sit sciat. (Inst., X, 2, 18)

É, portanto, primordial que cada pessoa compreenda inteiramente tudo aquilo que se disponha a imitar e que saiba por qual razão seu modelo seja bom.

É preciso ressaltar que em nenhum momento, Quintiliano faz diretamente a caracterização do imitador: ele descreve o processo da imitação, não o seu agente. Assim, a palavra *imitator* aparece apenas três vezes: Inst., X,1,74; X,1,115; XII,10,4. A palavra *imitaturus* se registra unicamente nesta ocorrência. Ela tem uma significação bastante expressiva: trata-se de um participio futuro ativo, que permite aqui ser interpretado substantivamente – imitador. A noção de futuro se agrega para indicar a ideia de permanência, de continuidade, isto é, todo aquele que continuará sendo ou venha a ser imitador.

A imitação para realizar-se nos moldes em que é proposta por Quintiliano exige do imitador que ele seja consciente da sua própria capacidade, que é constituída por habilidade técnica, sensibilidade e lucidez de memória. Em outras palavras, a imitação é um encargo a demandar forças que o sustente:

Tum in suscipiendo onere consulat suas uires. (Inst., X, 2, 19).

Nestas circunstâncias, ao assumir este encargo (o imitador) avalie as próprias forças.

Para que se possa compreender com maior clareza todo o processamento da imitação, julgamos pertinente retomar o termo *declamationes*, tal como descrito em *Inst.*, X, 2, 12, e, através dele, exemplificar o que até aqui se vem falando.

Como observamos, naquele contexto se discutiam principalmente questões como realidade e ficção, mas há dados que não foram por nós mencionados: a realidade do tempo físico, em que aconteciam essas declamações, e o que elas, de fato, eram e como apareciam sob o ponto de vista de Quintiliano.

4. As declamações

As declamações constituíam no sistema da retórica o estágio final da formação linguística, sobretudo. Nessa condição, representavam o momento supremo em que acontecia a transição dos estudos teóricos e das técnicas, praticadas junto ao *grammaticus* e ao *rhetor*, para um conhecimento funcional. Esse conhecimento consistia em saber criar um discurso original, apropriado a situações específicas.

Muito embora fossem exercícios práticos, não versavam sobre os acontecimentos da vida real, das ações em processo no *forum*, do lugar presente e do momento contemporâneo.

Em seu desenvolvimento histórico as declamações tiveram, inicialmente, o propósito de imitar as ações que se realizavam no dia-a-dia do *forum*, mas foram-se distanciando a ponto de se tornarem propriamente um espetáculo cênico, um exercício de ficção, marcado pela artificialidade dos temas, pelo patético sensacionalismo dos apelos e por uma linguagem de estilo empolado, como descreve Mendelson (1994):

... declamação acabou sendo caracterizada por enredos fantásticos e um estilo inflado, além de um divórcio geral dos reais procedimentos do fórum e dos tribunais, procedimentos que, no início, a declamação tentava imitar. (92)⁹⁵.

Opinião semelhante encontramos nas palavras de Schwartz (2000):

A partir de Augusto as salas de declamação constituem um espaço que reúne oradores reconhecidos e também personalidades da vida pública. Convém distinguir aqui entre a declamação como prática escolar de jovens na sala de aula do retor e a declamação como espetáculo público. Com efeito, nas próprias escolas de declamação se realizavam periodicamente exposições de declamações preparadas por alunos e o retor. Não raramente, nessas ocasiões participavam ativamente convidados alheios à escola. Desse modo, a declamação começa progressivamente a se tornar independente de sua finalidade de preparar para a oratória e se converte em um fim em si mesma. (276)⁹⁶.

Dentre os estudos relativos ao tema, é de Sêneca, o Retor, o mais desenvolvido e substancioso escrito da Antiguidade a que podemos ter acesso. A partir de seus relatos tornaram-se mais eficientemente descritas as modalidades de declamação que, basicamente se classificam como

⁹⁵ ... declamation came to be characterized by fantastic plots, and inflated style, and a general divorce from the actual procedures of the forum and law courts, procedures that declamation was initially intended to imitate (Mendelson, 1994: 92)

⁹⁶ "A partir de Augusto las salas de declamación constituyen un espacio que reúne a oradores reconocidos y aun a personalidades de la vida pública. Conviene distinguir aquí entre la declamación como práctica escolar de los jóvenes en la aula del retor y la declamación como espectáculo público. En efecto en las propias escuelas de declamación se realizaban periódicamente exhibiciones públicas de las declamaciones ya preparadas por los alumnos y el retor. Non era raro que en estas ocasiones participaran activamente invitados ajenos a la escuela. De ese modo la declamación comienza a independizarse progresivamente de la finalidad de preparar la oratoria, y se convierte en un fin en si mismo" (Schwartz, 2000: 276)

controuersiae e *suasoriae*. Schwartz (2000) assim nos relata a história do texto de Sêneca, o Retor:

É conhecido como *Controvérsias e Suasórias*, ou simplesmente *Declamações*, embora o título que se conservou poderia ser traduzido como *Sentenças, Divisões e Coloridos dos Oradores e Retores*. Trata-se de um registro, o mais completo de que dispomos, sobre as declamações, em suas duas formas: *controvérsias* e *suasórias*. Sêneca transcreve para seus filhos, destinatários da obra, discursos ouvidos em sua juventude, nas salas de declamação, e uma variedade de “suculentas” anedotas e reflexões acerca de seus protagonistas, os declamadores (*rhetores*) e também de oradores (*oratores*) que acrescentavam a suas atividades, no fórum ou no senado, participações ocasionais nas salas de declamação (277)⁹⁷.

Embora apresentem características marcadamente distintas, as *suasoriae* e as *controuersiae* não alcançam, segundo entendemos, o status de gêneros discursivos, em sentido estrito: são, na verdade, variantes de um mesmo exercício, de uma prática escolar que se transformou em espetáculo e se estendeu, às salas de audição.

⁹⁷ Se lo conoce como *Controversias y Suasorias*, o simplemente *Declamaciones*, aunque el título que se ha conservado podría traducirse como *Sentencias, divisiones y colores de los oradores y retores*. Se trata de un registro – el más completo de que disponemos – sobre las declamaciones, en sus dos formas, *suasorias* y *controversias*. Séneca transcribe para sus hijos, destinatarios de la obra, discursos oídos en su juventud en las salas de declamación y una variedad de jugosas anécdotas y reflexiones relativas a sus protagonistas, los declamadores (*rhetores*) y también a oradores (*oratores*), que añadían a su actividad en el foro o en el senado participaciones ocasionales en las salas de declamación. (Schwartz, 2000: 277)

As *suasoriae* consistiam em discursos de cunho deliberativo e, assim, tratavam de assuntos relativos à cultura propriamente romana, ou estrangeira, à mitologia, à religião; buscavam temas históricos, como também punham em destaque fatos políticos. A própria palavra – *suasoria* – se constrói no radical do verbo *suadeo*, cuja significação se preserva no derivado português “persuadir”. É, pois, no espírito de que a tomada de decisão passa pelo convencimento, que se associam as declamações suasórias à oratória deliberativa.

Por sua natureza, esses exercícios de discurso assumem um tipo de elaboração mais ágil, direta, isto é, o declamador conduz sua argumentação para a centralidade do tema, de modo a não permitir que se evidenciem conflitos de ideias, divergências de opinião. Em linhas gerais, poderíamos dizer que o declamador não discute dúvidas, mas elabora uma certeza, a partir do tema que lhe é dado a dissertar. O seu objetivo será alcançado, na medida em que consiga estabelecer com o seu público a perfeita sintonia de sentimentos, veiculado o seu discurso numa linguagem completamente inteligível.

As *controversiae*, por sua vez, tratam das questões forenses, das ações judiciais, enfim, da lei, em sentido específico, da sua interpretação, da sua aplicação.

Ao declamador, neste caso, propriamente o orador, cabia entrar em um tribunal fictício e aí fazer parte advogada de um litígio; desempenhar o papel de defender ou de acusar; levantar e dirimir dúvidas. Seu exercício era, principalmente, o de temperar a frieza da lei com o agitar das paixões humanas, enfim, obter para seu favor a imparcialidade dos julgadores.

O exercício das declamações perdurou longamente, conforme o afirma Mendelson (1994):

“A despeito dos excessos, a declamação permaneceu como parte do currículo dos estudos da linguagem, através da Renascença tendo chegado às salas de aula das escolas americanas do século dezanove”.⁹⁸

Como, então, poderíamos entender a crítica de Quintiliano, quando afirma que “as declamações tenham menos de sangue e de vigor que os discursos, pois nestes existe matéria original, naquelas a matéria é fictícia” (*Inst.*, X,2,12)?

Com toda certeza ele não as censura enquanto exercício que, em tese, consistem em simulação de uma realidade objetiva e de prática de imitação⁹⁹. Ao contrário, ele as admite e as incentiva como forma de treinamento:

pauca mihi de ipsa declamandi ratione dicenda sunt, quae quidem ut ex omnibus nouissime inuenta, ita multo est utilissima. (*Inst.* II, 10, 1)

Cabe-me dizer umas poucas coisas a respeito da teoria da declamação. Esta é, ao mesmo tempo, a mais recentemente descoberta e o mais útil de todos os exercícios.

Essas considerações permitem-nos propor que existe um certo paralelismo entre, de um lado, a situação de Sêneca (Lucius Annaeus Seneca)

⁹⁸ “Despite its excesses, however, declamation remained a part of the language curriculum through the Renaissance and into the classrooms of nineteenth-century American colleges” (Mendelson, 1994: 92)

⁹⁹ Assim Mendelson se expressa:

“Para Quintiliano a declamação era o principal meio de transpor o enorme arsenal de técnicas da retórica para uma representação unificada e funcional que antecipou os tipos de oratória deliberativa e judiciária, sobre as quais as reputações públicas foram construídas” (1994: 93). And for Quintilian declamation was the principal means of translating the enormous arsenal of rhetorical techniques into a unified, functional presentation that anticipated the kinds of deliberative and forensic oratory on which public reputations were built. (1994: 93)

frente aos demais escritores e, de outro, os descaminhos das declamações no universo contemporâneo do sistema oratório. Admitimos esse paralelismo, tendo em vista, antes de tudo, a necessária complementaridade que identificamos dever existir, segundo as proposições de Quintiliano, entre a escrita do poeta e a fala do orador. Fundamos nosso ponto de vista na evidência de que a leitura e imitação da literatura de Sêneca são recomendadas com extrema reserva, principalmente porque ele é visto como o “autor da moda” para a geração dos adolescentes. As declamações, também porque “estão na moda”, parecem a Quintiliano esvaziadas de sua condição de efetivo exercício e, portanto, empobrecidas de qualidades imitáveis. Desse modo, as *declamationes*, exangues, deixam de prestar sua utilidade de instrumento pedagógico, sobretudo quando se pretende valorizar a imitação e seu papel na formação do orador que se busca ideal.

5. Retórica, literatura, imitação

O elenco de autores e o tratamento que lhes dá Quintiliano nos encaminha também a aprofundar reflexões acerca das relações necessárias e possíveis entre a retórica e a literatura. De imediato se nos colocam as diferenças conceituais consequentes do distanciamento entre o nosso tempo e a antiguidade romana. Não podemos nos esquecer, ainda, de que esses dois momentos não são únicos e estanques, mas foram intermediados por uma longa sucessão de outros momentos, cada qual estruturado segundo modelos próprios. Ao estudar o fenômeno da paródia na atualidade, Hutcheon (2000) faz uma observação que nos parece pertinente e compatível com o que acabamos de dizer:

O romantismo focalizou, quase exclusivamente, o autor; em reação, o formalismo olhou para o texto; a teoria do *leitor-resposta* considera apenas o texto e o leitor. A paródia, hoje em dia, aponta para a necessidade de ir além dessas limitações (108)¹⁰⁰.

Como vimos tratando, a oratória romana é uma expressão funcional da retórica e, sendo assim, ela se constitui do ato comunicativo em toda a sua abrangência, na sua inteireza. Todos os estudos nos mostram que a retórica não é uma estética do ato comunicativo, mas que a constituição do discurso oratório inclui uma estética da linguagem, que pode muito bem ser demandada no texto literário, principalmente se levarmos em conta as características formais do texto antigo, na aproximação que propunham existir entre as modalidades de língua falada e escrita.

O processo de formação do orador contempla o estudo da literatura, além das “utilidades” já apontadas, também como forma de manter os mecanismos de preservação da identidade cultural, que se foi construindo ao longo do tempo. Quintiliano simboliza essa relação com o passado através da seleção prioritária de autores e obras de tempos anteriores. Esse fato é significativo, também sob a perspectiva social, pois denota a compreensão da cultura como um processamento cíclico, que se organiza pelas mais diferentes formas de interação.

Nessa mesma linha de raciocínio, o discurso oratório, na proposta de Quintiliano, segue um dos princípios fundamentais do sistema da língua, que se baseia na noção de não ruptura brusca, mas da inovação lenta e continuada. Benveniste (1989) diz a esse respeito:

Com exceção das mudanças violentas, produzidas pelas guerras, pelas conquistas, o sistema da língua não muda senão muito lentamente, e

¹⁰⁰ Romanticism focused almost exclusively on the author; in reaction, formalism looked to the text; reader-response theory considers only the text and the reader. Parody today points to the need to go beyond these limitations. (Hutcheon, 2000: 108)

sob a pressão de necessidades internas, de maneira que – aí está um condição que é preciso sublinhar – nas condições de vida normal os homens que falam não são nunca testemunhas da mudança linguística. Só se dá conta disto retrospectivamente, ao fim de muitas gerações, e conseqüentemente somente nas sociedades que conservam os testemunhos dos estados linguísticos mais antigos, as sociedades dotadas da escrita. (98-99).

Por outro lado, mesmo considerando que o discurso literário não necessariamente se sujeite a esse princípio da língua, em particular; mesmo considerando que o discurso oratório aconteça numa situação em que, por força da condição de presença, seu codificador e decodificador não compartilhem de todas as formas de distanciamento que caracterizam as relações entre escritor e leitor, a compreensão do fato linguístico, também por meio da literatura, é indispensável ao orador.

O que, enfim, se pode entender da essência da relação entre oratória e literatura se resume à necessidade de eficiência que o discurso oratório demanda. Assim, os exercícios de leitura, análise e imitação da obra literária, para a oratória romana, valem também como uma das estratégias de satisfação da necessidade de se aprimorar o desempenho linguístico do orador.

Como já vimos, o orador precisava ter uma formação científica e cultural ampla, diversificada, incluindo-se aí a literatura. Com respeito a essa literatura, ainda não existia a autonomia, que hoje vemos ela ter alcançado. Sabemos, entretanto, que o estudo sistemático e aprofundado dos poetas e de suas obras acontecia, de modo particular e com vistas a uma utilidade funcional, na escola do retor. Assim, aquela via de mão dupla, que se estabeleceu nos domínios da poética e da retórica, denominada “retorização” da literatura, ou

“literaturização”¹⁰¹ da retórica, com toda certeza contribuiu para essa autonomia. O divórcio entre literatura e retórica é, sobretudo, notável no próprio distanciamento que se foi estabelecendo entre a língua da literatura escrita e a língua falada. Um aspecto importante nesse processo diz respeito à figura do leitor que ao longo do tempo se vai formando. Ao que tudo indica, em paralelo com o percurso de autonomia da literatura se foi construindo a figura de um leitor também autônomo, independente, um leitor em silêncio.

A noção de autonomia da obra literária nos ajuda a compreender melhor a enorme distância, não apenas temporal, que existe entre, por exemplo, os processos antigos de imitação e as recentes formulações para o conceito de paródia. A citação de Hutcheon (2000), que fizemos acima, argumenta em favor da extrapolação dos limites estabelecidos pelas diversas correntes e teorias literárias. De algum modo, a relação que a antiguidade tem com a criação literária se estabelece igualmente na visão de limites ampliados. No entanto, imitação e paródia se colocam em posições muito diferentes. Sabemos que a imitação, no interior da retórica, se dá como exercício de aprimoramento do desempenho linguístico; que tem em conta a figura humana do orador e que assume a literatura sob a perspectiva funcional. A paródia somente é possível, por sua vez, sob a condição da autonomia da obra literária, autonomia que se faz até mesmo em relação ao próprio autor.

A palavra-chave com que Hutcheon (2000), fundamenta seu conceito de paródia é “trans-contextualização” (101). Se é possível que, sob os mais diferentes matizes, o “reprocessamento”, a reciclagem, em sentido amplo (assim entendemos o termo “trans-contextualização”), de parte ou de uma obra

¹⁰¹ Estes termos se encontram registrados em Pernot (2000: 257), cuja citação se encontra na nota 105 deste trabalho.

inteira possa acontecer, de modo que culmine em outra, em nova obra, o mesmo não podemos dizer da imitação antiga. Ao se utilizar dessa imitação, tinha-se em mente uma situação de fala em presença; de um local determinado; de uma querela jurídica; de uma decisão específica; de uma pessoa em particular. Nessas circunstâncias, o que mais se exigia era a construção de um discurso eficiente. Em um processo jurídico, muito provavelmente, não se veria qualquer finalidade operacional para o uso de um discurso imitado.

CAPÍTULO IV
IN ELOCVTIONE ELOQUENTIA

Na elocução a eloquência

Parece-nos oportuno lembrar os mecanismos através dos quais, de acordo com a *Retórica a Herênio*, se alcança o que vimos chamando de competência oratória. São eles: a teoria – a imitação – o exercício (I, 3). Quintiliano, segundo entendemos, pode ser interpretado como partidário desses mesmos princípios. Podemos observar que, na organização do Livro X, ele distribui os conteúdos em idêntica sequência, basta ver que o capítulo 2 é dedicado à imitação, enquanto que os seguintes 3, 4 e 5 são dedicados à escrita. Esta, sem sombra de dúvida, para o aperfeiçoamento do orador, é muito mais do que um exercício imprescindível.

O exercício de que falamos não se limita ao manter-se em atividade, ou no reforçar uma habilidade específica, mas significa a busca do aprimoramento, a construção de uma identidade linguística, isto é, mais extenso domínio do código linguístico e formação de um estilo próprio de discurso. A busca dessa identidade é perfeitamente compatível com os princípios da oratória, principalmente se considerarmos que a qualidade de um discurso é um elemento indispensável na arte de convencer pela palavra. Se assumirmos que o orador é o seu discurso, como o entendemos da proposta de Quintiliano, a necessidade de uma marca identitária se faz ainda mais premente.

Da mesma forma que tratamos a imitação da literatura, o tratamento da modalidade de língua escrita terá como modelo preferencial o texto literário. No entanto, isso será feito de forma a incluir nessa escrita o que ela pode ter de proximidade com a linguagem do discurso proferido. Importa, ainda, ressaltar

que nessa dupla modalidade – fala e escrita – se consuma a inteireza da *elocutio*.

Além de ser indiscutivelmente o principal ofício do poeta, a escrita recebe de Quintiliano um tratamento de dimensão extraordinária, uma vez que ele a compreende indissociavelmente ligada à linguagem falada. É preciso observar, no entanto, que essa linguagem falada se refere àquele registro próprio dos círculos letrados e das esferas administrativas mais elevadas. Trata-se, pois, de uma linguagem escolarizada utilizada em situações formais. Nessas circunstâncias, Quintiliano estaria sinalizando para a indicação de que a escrita seja o referencial para a língua falada culta. Não devemos nos esquecer, porém, de que ele visa ao orador, que, antes de tudo, é o homem do discurso proferido, da palavra pronunciada. Essa linguagem falada, portanto, precisa ter um grau de qualidade que maximamente se aproxime da língua escrita escolarizada.

Ao analisar o tratamento dado por Quintiliano ao conjunto de normas que regem o sistema oratório, Leddy (1953) enfatiza a correlação fala-escrita nestes termos:

Esse uso independente, que fez Quintiliano do inventário de regras, nos prepara para interessantes considerações a partir da prática antiga, sendo a mais notável delas a aplicação de teoria idêntica para as modalidades de língua escrita e falada. Com isso, ele atribui enorme significância ao seu ensino. Ele não aceita qualquer distinção, ainda que sutil, e abertamente declara: “para mim não há diferença essencial entre falar bem e escrever bem” (55)¹⁰².

Podemos ainda confirmar esta equivalência, ou, pelo menos, complementaridade em condições de equilíbrio, fundamentando-nos na própria

¹⁰²This independent use which Quintilian makes of stock rules prepares us for several interesting departures from earlier practice, the most notable being his application of the same theory to written as well as spoken prose, thus imparting a wider significance to his teaching. He does not accept any subtle distinctions, saying quite plainly: “To me there is no essential difference between speaking well and writing well”. (Leddy, 1953: 55)

O texto latino é: *Mihi unum atque idem uidetur bene dicere ac bene scribere* (*Inst.*, XII, 10, 51)

seleção e abordagem dos conteúdos que fazem parte do livro X. A significância do exercício da escrita aí se sobrepõe, de início, na importância atribuída à leitura, que é orientada para um elenco de autores muito bem definido e qualificado. À leitura se seguem os processos da imitação, e o peso da escrita culmina na sua utilidade até mesmo como exercício preparatório para a improvisação, conforme se enfatiza:

... ut copiam sermonis optimi, quem ad modum praeceptum est, comparemus, multo ac fideli stilo sic formetur oratio ut scriptorum colorem etiam quae subito effusa sint reddant, ut, cum multa scripserimus, etiam multa dicamus. (*Inst.*, X, 7, 8)

Assim, para que formemos um rico acervo do que há de melhor, em se tratando de linguagem, conforme já se ensinou, aquilo que se vai dizer há de ser de tal forma elaborado, através do intenso e consciente exercício do estilete, que até mesmo as improvisações tragam em si o colorido próprio de textos escritos. É bem verdade que, se tivermos exercitado bastante a escrita, também se poderá ampliar nossa capacidade de falar.

Como se não bastasse enfatizar o peso da escrita na língua falada, ele mostra nessa inter-relação uma via de mão dupla tão perfeita, que se confessa incapaz de precisar qual das duas, a língua escrita ou a falada, favorece mais uma à outra:

Ac nescio an, si utrumque cum cura et studio fecerimus, inuicem prosit, ut scribendo dicamus diligentius, dicendo scribamus facilius. Scribendum ergo quotiens licebit, si id non dabitur cogitandum:... (*Inst.*, X, 7, 29)

Seguramente não sei precisar se a exercitação das duas habilidades, com todo o cuidado e dedicação, resulte em benefício maior de um ou de outro lado, ou seja, se pelo escrever possamos falar mais eficientemente, ou se pelo falar possamos escrever com maior facilidade. É preciso escrever, sempre que for possível, mas quando não, é preciso meditar ...

Merece destaque também a observação final: “é preciso escrever, sempre que possível”. Esta, na verdade, é uma reafirmação do que

anteriormente já Quintiliano havia dito. Entendemos que, levado pelos ensinamentos do próprio Cícero, ele chegou a esta constatação, quando afirma:

Nec inmerito M. tullius hunc (= stilum) "optimum effectorem ac magistrum dicendi" uocat, cui sententiae personam L. Crassi in disputationibus quae sunt de Oratore assignando iudicium suum cum illius auctoritate coniunxit. (Inst., X, 3, 1).

Com toda razão M. Túlio o (= estilete) chama "o mais eficiente realizador e mestre do dizer". A esta sentença, nas discussões que se dão a respeito de como se deve moldar um orador, Cícero associa a própria opinião, que se manifesta na pessoa de L. Crasso, firmada na autoridade deste.

Nesta passagem, Quintiliano põe em destaque uma questão muito significativa: a imersão de Cícero, autor, na própria obra – *De Oratore*. Lembremo-nos de que a figura histórica de Lúcio Crasso passa a ser o personagem que dá vida às ideias de Cícero. Ao se fazer assim representar, Cícero se torna um exemplo concreto de uma das faces da imitação. Uma vez que se utiliza do expediente, à moda platônica, da forma dialogada para expor suas ideias sobre oratória, Cícero se mostra, em pessoa, atuando no *De Oratore*. Quintiliano reforça, no próprio uso das palavras com que constrói a passagem (*Inst.*, X, 3, 1), a duplicidade de Cícero. enquanto personagem (*personam L. Crassi*) e autor (*illius auctoritatis*).

Os valores simbólicos da obra e da presença de Cícero tornam-se ainda mais acentuados, se considerarmos que a forma de exposição escolhida, o diálogo, é igualmente imitação das circunstâncias em que ocorrem os discursos. Estas são caracterizadas, necessariamente, pelo uso da linguagem oral, pela fala em presença, com direito a réplicas e trélicas. Com todos os riscos da ousadia, podemos, enfim, dizer que Cícero imita Cícero.

De que outro modo ver esta mesma situação do diálogo de Cícero, senão como exemplo, também concreto, desta vez do estreitamento das relações entre língua escrita e língua falada, nos termos em que a propõe Quintiliano? Para nós parece, sem sombra de dúvida, que foi intencional, plenamente consciente o propósito de começar o Capítulo 3 (Como se deve escrever), fazendo alusão a essa obra, em que Cícero “fala” uma língua escrita. Opinião semelhante se encontra expressa em Pereira (1990):

Um aspecto curioso do pensamento de Cícero a este respeito (que, como temos estado a ver, se exprime através de Crasso), é o primado que atribui à escrita, denunciativo de uma idade fortemente letrada. Assim, para ele, a melhor maneira de aprender a falar bem é escrever, porque o improvisado é inferior ao discurso preparado, que ocorre ao bico da pena, “de um modo que não é o ritmo da poesia, mas uma espécie de ritmo da oratória”. (136)

Parece-nos de todo justificável essa percepção de Quintiliano, sobretudo se considerarmos o ambiente rigorosamente formal, cerimonioso, dos tribunais e das sessões em que aconteciam essas manifestações de discurso. Além disso, quando entra em discussão um tema, por natureza, complexo, instintivamente se recorre a um nível de linguagem compativelmente complexo, uma vez que o refinamento de uma ideia necessariamente demanda uma linguagem formalmente bem elaborada, em outras palavras, refinada. E, até onde nos é dado compreender, o refinamento de uma linguagem falada exige o rigor e caminha paralelamente aos modelos da língua escrita.

Para simbolizar essa particularidade e caracterizar a sua natureza, Quintiliano se serve da palavra *stilus*, através da qual faz passarem todos os sentidos e matizes semânticos relativamente aos procedimentos da escrita. O objeto *stilus* representa, assim, as dimensões de materialidade, personalidade, intensidade, relevância, extensão, abrangência e profundidade do ato de escrever. Nesse sentido, vemos como de sublime força poética as expressões:

... *multo stilo* (*Inst.*, X,1,2),

... ao escrever continuamente

... *multo ac fideli stilo* (*Inst.*, X, 7, 7)

... intenso e consciente exercitar do estilete

pois, nessa relação gramatical entre um substantivo e seu adjetivo, nos é lícito enxergar, como o expressamos em nossa tradução, uma construção verbal, um processo propriamente verbal, intensificado por advérbio¹⁰³.

Muito atento à natureza dos processos e atitudes psíquicas envolvidos na produção da escrita, Quintiliano observa que o ato de escrever se realiza por um movimento cuja trajetória é de dentro para fora. Torna-se, então, a escrita um valioso exercício, na medida em que, este, muito internamente, está alicerçado no próprio talento, e deve consolidar a *facilitas* daquele que assim se exercita. Comparemos essa atividade com a prática da leitura, ou mesmo com a tarefa de imitação: para Quintiliano estas se incluem entre os recursos que se obtêm de fora para dentro:

Et haec quidem auxilia extrinsecus adhibentur: (*Inst.*, X, 3, 1)

Tais são, de fato, os recursos provenientes de elementos externos a que se pode ter acesso.

Quando identificamos as três ações em sequência – leitura, imitação, escrita – como proposta de um conjunto de forças em equilíbrio, conjunto de ações complementares, precisamos reiterar que isso diz respeito, essencialmente, aos mecanismos de formação, de exercitação do orador. Vale insistir em que a produção escrita, apesar de toda a sua importância enquanto fato cultural, é secundária, por exemplo, nos trâmites de um processo jurídico,

¹⁰³ Vale lembrar que preservamos no português a dupla categorização morfológica do latino *multo*: multo é, com esta mesma forma, simultaneamente advérbio e adjetivo.

especialmente nos momentos de ação no tribunal; a força de um discurso está no seu desempenho oral, muito mais do que na sua representação por escrito.

Nessas circunstâncias, como avaliar, por exemplo, as obras oratórias que nos legaram Cícero ou Quintiliano? São de fato, peças escritas, discursos, alguns com certeza, outros, não, proferidos em sessões do fórum; alguns “revisados” após terem sido pronunciados. No entanto, esses discursos devem ser, hoje, lidos e vistos prioritariamente como exercício de preparação, não como relatos ou registros de um ocorrido. São peças, em princípio, pré-existentes à ação¹⁰⁴, um dos estágios, forma ou momento da reflexão, enfim, um roteiro a ser confiado à memória, mesmo porque não combina com as circunstâncias do fórum a apresentação lida de um discurso que se traz por escrito. As ações do fórum estão sempre sujeitas aos riscos do imprevisto, o que exige do orador estar preparado para o imprevisto:

Nam ut primum est domo adferre paratam dicendi copiam et certam, ita refutare temporis munera longe stultissimum est. (Inst. X, 6, 6)

Assim como é preponderante levar de casa uma cópia do discurso, já pronta e confiável, é, de longe, a máxima tolice rejeitar os presentes de um momento.

Não resta dúvida de que a língua escrita é o eixo central de todo o processo de formação do orador. Tanto a escola do gramático, quanto a do

¹⁰⁴ O próprio Quintiliano relata, no entanto, que há quem tenha feito por escrito seus discursos, como que para deixá-los à posteridade, como é o caso de discursos de Sulpício, referido abaixo:

Sed feruntur aliorum quoque et inuenti forte, ut eos dicturus quisque composuerat, et in libros digesti, ut causarum quae sunt actae a Seruio sulpicio, cuius tres orationes extant: sed hi de quibus loquor commentarii ita sunt exacti ut ab ipso mihi in memoriam posteritatis uideantur esse compositi. (Inst., X, 7, 30).

Mas circulam alguns apontamentos de outros oradores, achados por acaso, escritos exatamente como eles estavam para ser pronunciados; alguns redigidos em livros, como as causas nas quais Sérvio Sulpício atuou, de quem ainda restam três discursos. Mas estes apontamentos de que estou falando foram tão bem elaborados que me parece terem sido redigidos por ele, para ficarem como legados à memória da posteridade.

retor são escolas fundamentalmente radicadas na prática do texto escrito. Uma vez consideradas a força natural da língua da literatura e também a definitiva presença da escrita na formação do orador, podemos entender a seguinte observação de Pernot (2000):

Alguns críticos (por exemplo, V. Florescu, G. A. Kennedy) empregaram o termo “literaturização” da retórica para designar o processo pelo qual formas e procedimentos pertencentes ao domínio da retórica são transpostos para a literatura. A retórica, nessas condições, não visa apenas ao discurso, mas se estende a todas as composições literárias (em sentido amplo, incluindo as demonstrações filosóficas e até mesmo os documentos epigráficos, os tratados científicos ...). Inversamente, por esse processo a literatura se abre às técnicas do discurso: a “literaturização” da retórica tem por corolário a “retorização” da literatura. Esse fenômeno existiu ao longo de toda a antiguidade, mas se tornou particularmente agudo sob o Império. Na época imperial, tem-se a impressão de que a retórica está por toda parte e que aumenta a sua empresa, a ponto de imprimir uma marca bastante sensível, no fundo e na forma, sobre os gêneros literários exteriores a ela (257)¹⁰⁵.

A ênfase dada por Quintiliano à língua escrita pode ser vista não apenas como parte do processo acima descrito, mas se insere num contexto cultural mais amplo da formação cultural e da civilização do cidadão romano. É assim que podemos explicar a existência em Roma de uma prática muito representativa dessa relação entre escrita e fala, a que denominaram *recitationes*.

¹⁰⁵ Certains critiques (par exemple V. Florescu, G. A. Kennedy) ont employé le terme de «littérisation» de la rhétorique, pour désigner le processus par lequel des formes et des procédés appartenant au domaine de la rhétorique sont transposés dans la littérature. La rhétorique, dans ces conditions, ne vise plus seulement les discours, mais s'étend à toutes les compositions littéraires (au sens large, incluant les démonstrations philosophiques, voire les documents épigraphiques, les traités scientifiques ...). Inversement, par ce processus, la littérature s'ouvre aux techniques du discours : la « littérisation » de la rhétorique a pour corollaire la « rhétorisation » de la littérature. Ce phénomène a existé tout au long de l'Antiquité, mais il est devenu particulièrement aigu sous l'empire. A l'époque impériale, on a l'impression que la rhétorique est partout, et qu'elle augmente son emprise, au point d'imprimer une marque très sensible, dans le fond e dans la forme, sur les genres littéraires extérieurs à elle. (Pernot, 2000: 257).

1. As recitações

Até o início do Império (meados do século primeiro a.C.) a publicação de livros em Roma era extremamente complicada e onerosa, tendo em conta não somente as limitações dos materiais de que se dispunha (papiro e pergaminho, por exemplo), mas também as tecnologias de processamento desses materiais e a mão de obra de copistas, que precisava ser especializada. Isso resultava em que o acesso ao livro se permitisse restritamente aos cidadãos de alto poder aquisitivo, nesse caso, em especial aos homens ligados às esferas superiores do poder político. A criação de bibliotecas públicas¹⁰⁶, inicialmente com César, minimizava o problema, mas, obviamente, não eram elas sozinhas a solução.

Como estratégia que, de um certo modo, favorecia a ampliação do acesso aos livros, consolidou-se em Roma, nos tempos de Augusto¹⁰⁷, a prática das recitações. Consistiam elas de sessões de leitura pública, em que um autor, antes de entregar sua obra para publicação, lia, pessoalmente, seus escritos. Compunham o público aquelas pessoas especialmente convidadas pelo autor e outros interessados em ouvi-lo. Somente depois de avaliadas as manifestações dos ouvintes, o autor dava por concluído seu trabalho e o entregava a seu editor.

Para se ter ideia de como eram essas sessões¹⁰⁸, ilustramos com a seguinte descrição feita por Carcopino (1997):

¹⁰⁶ Cf. Pereira, 1990: 201.

¹⁰⁷ Conforme narra Suetônio, o próprio imperador Augusto participava de sessões de leitura pública: “Favoreceu de todos os modos os talentos de seu tempo. Ouviu com benevolência e boa vontade não apenas os que liam poemas e obras históricas, mas também discursos e diálogos” (Suetonio e Augusto, 2007: 105).

¹⁰⁸ Estudos pormenorizados dessa atividade podem ser encontrados no capítulo II, da segunda parte de *La vita quotidiana a Roma*, obra de Jérôme Carcopino, e no capítulo *Outros modos de*

O aparato não variava muito de uma *domus* (=casa) para outra: um palco onde se senta o autor-leitor, que pela circunstância teve cuidados particulares com sua *toilette*: tem os cabelos luzidios, coberto de uma toga nova, enfiou nos dedos todos os seus anéis e se prepara para seduzir os ouvintes, não somente com os apelos dos seus escritos, mas com a solenidade de sua postura, a meiguice do olhar, o tom moderado e a doçura das modulações de sua voz [...] Diante dele está o público, que ele reuniu, enviando cartõezinhos em domicílio (*codicilli*), ou que distribuiu entre as cadeiras com encosto (*cathedrae*) nas primeiras fileiras ou nos bancos das outras fileiras [...] Toda esse encenação não estava à altura de todos os bolsos, os autores pobres dependiam da boa vontade dos ricos (255)¹⁰⁹.

Muito embora esse sistema tenha recebido severas críticas de autores antigos e contemporâneos (como se pode notar do tom carregado de ironia na descrição acima), importa aqui salientar que, através das recitações, também se punham em relação estreita as dimensões escrita e oral da língua. O autor precisava escrever seu texto em uma linguagem apreensível pelos ouvidos de seus convidados; o autor “corrigia” seu texto de acordo com as manifestações e observações que fossem feitas pelos ouvintes. Em outras, palavras, o texto literário deveria sujeitar-se, primeiramente, à recepção dos ouvidos.

A etimologia da palavra *carmen*, que se traduz por poema, ilustra bem essa situação. Segundo Martin (1959: 32), *carmen* se apóia no radical do verbo *cano* (=cantar), o que, obviamente, associa *carmen* à sonoridade da voz. Um poema era feito, de modo especial, para a audição e, por isso, se ordenava segundo esquemas métricos de sonoridade.

difusão da cultura: bibliotecas e leituras públicas, na obra *Estudos de História da cultura clássica*, vol.II, de Maria Helena da Rocha Pereira, 1990.

¹⁰⁹ L'apparato non variava molto da una *domus* all'altra: un palco dove siede l'autore-lettore, che per la circostanza ha avuto cure particolari per la sua *toilette*: ha lucidi i capelli, indossa una toga nuova, ha messo alle dita tutti i suoi anelli e si prepara a sedurre gli ascoltatori, non solo con i pregi degli scritti, ma con la solennità del portamento, la blandizia degli sguardi, il tono moderato e la dolcezza delle modulazioni della voce. [...] Davanti a lui sta il pubblico, ch'egli ha raccolto inviando biglietti a domicilio (*codicilli*), e che è distribuito tra le sedie con spalliera (*cathedrae*) de primi posti, e gli sgabelli degli altri posti. [...] Tutta questa messa in scena non era alla portata de tutte le borse; gli autori poveri dipendevano dalla buona volontà dei ricchi... (Carcopino, 1997: 225)

Se remontarmos aos poemas homéricos, veremos igualmente essa aproximação entre fala e escrita. É tradição que a fixação dos poemas homéricos em língua escrita se deu como estágio final de um longo processo de transmissão oral¹¹⁰: os cantos dos aedos, guardados de cor e passados, assim, de geração a geração, finalmente ganharam uma forma escrita, definitivamente fixa. Pereira (1970) afirma que “os poemas assentam numa técnica de improvisação oral” (1970: 47) e que “a princípio eram transmitidos oralmente e escutados em ocasiões festivas de que a *panegyris* iônica em Delos, descrita no chamado *Hino Homérico a Apolo*, nos dá talvez uma ideia” (1970: 110).

2. Oratória e língua escrita

Se havia a intenção de compatibilizar a língua da literatura escrita com a língua oral, através das recitações, muito mais fortes e naturais razões havia para se estreitarem os laços entre a língua dos discursos, nas ações do fórum, com os padrões de uma língua escrita, formal em toda a sua extensão de sentido.

A passagem seguinte pode ser a expressão dessa aproximação, de que se vem tratando, entre fala e escrita no âmbito da oratória:

Nam certe, cum sit in eloquendo positum oratoris officium, dicere ante omnia est, atque hinc initium eius artis fuisse manifestum est, proximam deinde imitationem, nouissimam scribendi quoque diligentiam. (Inst., X, 1, 3)

Com toda certeza, como resida no falar o ofício do orador, o dizer vem antes de tudo. Está claro que este foi o ponto de partida desta arte, logo em seguida a imitação e, por último, o zelo de refinamento do escrever.

¹¹⁰ Ainda hoje, guardadas as devidas proporções, procedimentos aproximadamente paralelos se dão na fixação, por escrito, da tradição oral de tribos indígenas em aculturação ou já aculturadas.

Quintiliano demonstra profunda compreensão do tema – escrita – e elucida os reflexos de sua importância para o orador, em duas situações específicas, isto é, o exercício da linguagem e a ativação da memória. Como forma de atingir esse objetivo, em particular, e também oferecer um ensino de qualidade na formação do orador, existe em Quintiliano uma necessidade explícita de seduzir o seu leitor. Para isso se utiliza de uma linguagem, que busca aproximar a sua escrita dos padrões linguísticos ao gosto dos romanos, mas sem recorrer à prática do que ele chama de *speciosius stili genus* (*Inst*, VII, 1, 54), isto é, um padrão pomposamente ornamentado de escrita. Uma das características marcantes de sua linguagem é o uso de imagens muito bem traçadas, ao estilo dos grandes escritores latinos.

Fica, assim, melhor consolidada a intenção que ele manifesta de querer ensinar a fazer, fazendo-se ele próprio de modelo:

Sedulo imitor quaerentem, ut quaerere doceam, et omisso speciosiore stili genere ad utilitatem me submitto discentium. (*Inst*, VII, 1, 54)

Dedicadamente imito o que investiga, a fim de que eu possa ensinar a investigar, e omitido o pomposo gênero do estilete, me submeto para a utilidade dos que aprendem.

Essa mesma preocupação, de se apresentar numa escrita que se aproxime da linguagem literária, se revela no transcorrer de sua obra, devendo-se notar, por exemplo, os primeiros quatro parágrafos do capítulo 3, livro X. O texto oferece comprovação segura do vigor poético das imagens que ele cria. Desse modo, Quintiliano nos permite ver a escrita simbolizada pelo próprio objeto – *stilus* – em ação; ela é a fecundidade da terra preparada, onde as sementes deitam raízes e produzem o tesouro de fartura.

Elegemos como primeira imagem, uma das mais reveladoras, em se tratando de conceber a escrita, a que se expressa na seguinte passagem:

Nihil enim rerum ipsa natura uoluit magnum effici cito, praeposuitque pulcherrimo cuique operi difficultatem: quae nascendi quoque hanc fecerit legem, ut maiora animalia diutius uisceribus parentis containerentur. (Inst., X, 3, 4)

Nenhuma das coisas a própria natureza quis que se tornasse grande, aceleradamente, mas antepôs a dificuldade a cada um das mais belas obras. Assim é que igualmente formulou uma lei do nascimento: os animais maiores mais demoradamente permanecem contidos no ventre da mãe.

Esta alegoria da longa gestação dos animais maiores é bastante pertinente, dentro das concepções formuladas por Quintiliano, pois coloca em evidência as suas ideias de que não somente a escrita se realiza de dentro para fora, como também é tratada como um processo de elaboração crescente, mas que segue em aceleração constante e se realiza demoradamente.

Esta imagem suscita ainda as noções de cuidado, que devem presidir a todos os feitos que se querem grandes. Esses cuidados são necessários, uma vez que, do ponto de vista psíquico, as ações humanas estão sempre se defrontando com a celeridade do pensamento. No terreno da escrita, torna-se absolutamente indispensável redobrar esses cuidados, pois o pensamento é infinitamente mais ágil do que a sua materialização em texto. Quintiliano mostra que a própria natureza criou alertas específicos desse descompasso, quando impõe uma disparidade insuperável entre o fluir do pensamento e o curso da mão que escreve:

Nam in stilo quidem quamlibet properato dat aliquam cogitationi moram non consequens celeritatem eius manus... (Inst., X, 3, 19)

De fato, ao se utilizar do estilete, ainda que esse possa ser acelerado, permite-se à reflexão um tempo mais dilatado, já que a mão

não tem celeridade compatível com a do pensamento.

Aos que se dão a esses movimentos de reflexão e escrita, compete buscar o equacionamento de suas velocidades, mas para que isso aconteça é preciso que se trabalhe com cuidado e com toda diligência. Convém ressaltar, no entanto, que os conceitos de cuidado e diligência aqui expressos não significam “agir tímida ou temerosamente”, mas “agir com discernimento, conscientemente”.

*Sed ut eo reuertar unde sum egressus: narrationes **stilo** componi quanta maxima possit adhibita diligentia uolo.* (Inst., II, 4, 15)

Mas para que eu volte ao ponto de onde parti, quero que as narrações sejam compostas ao estilete, aplicada a diligência, a máxima que se possa.

Sit primo uel tardus dum diligens stilus. (Inst., X, 3, 5)

Ainda que possa, inicialmente, ser lento o estilete, seja, contudo, diligente;

Uma outra noção que se põe em destaque em relação à escrita é a de profundidade. Quintiliano havia já chamado a atenção para o fato de que, no improvisado, existe o risco de se compor um discurso com palavras que não nascem de dentro, mas formam-se na superfície dos lábios. Isso pode acontecer, desde que o discurso não tenha sido preparado por escrito.

Nam sine hac quidem constantia ipsa illa ex tempore dicendi facultas inanem modo loquacitatem dabit et uerba in labris nascentia. (Inst., X, 3, 2)

Certamente sem a verdadeira consciência desta condição, até mesmo a própria capacidade de improvisar resultará numa loquacidade vazia e em palavras só e mal nascidas dos lábios.

Da mesma forma, a preparação escrita, entendida sempre, no contexto da formação oratória, como exercício, demanda o recurso à profundidade. Para

alcançá-la é preciso, de imediato, retrabalhar o que logo salta aos olhos, ou seja, à luz do juízo crítico, dar nova equação, dar unidade ao conjunto ideia-palavra, com atenção fixada, também aqui, aos passos *invenção – disposição - elocução*:

*... quaeramus optima nec
protinus offerentibus se
gaudeamus, adhibeatur
iudicium inuentis, dispositio
probatis: dilectus enim rerum
uerborumque agendus est et
pondera singulorum
examinanda. Post subeat ratio
conlocandi uersenturque omni
modo numeri, non ut quodque
se proferet uerbum occupet
locum. (Inst., X, 3, 5)*

busquemos o que há de melhor e não nos alegremos com o que de imediato se nos coloque diante dos olhos – o juízo crítico deve-se aplicar àquilo a que se chegou; a organização, àquilo que já se comprovou – deve-se exercitar a escolha de ideias e de palavras e o peso de cada uma delas há de ser aferido. Em seguida se apresentem os mecanismos de ordenação: as palavras hão de ser dispostas em todas as sequências de metros e ritmos, de tal forma que nenhuma delas necessariamente ocupe a mesma posição em que originalmente aparecem.

É muito significativa a associação entre, de um lado, a fala e os lábios, de outro, a escrita e sua materialidade visível ao olhar. Inicialmente não podemos nos esquecer de que a associação entre língua, nos seus sentidos concreto e figurado, fala, paladar, lábios, estão na base etimológica da ideia de “saber”: sabor (*sapor*) e saber (*sapere*) compartilham o mesmo radical *sap-* e simbolizam a totalidade que se observa no gesto da criança, que faz suas primeiras experiências de “conhecimento” ao levar tudo à boca.

Ao falar de *ratio conlocandi* e de *omni numeri* (*Inst.*, X, 3, 5), Quintiliano, parece-nos, pensa não somente na sonoridade percebida pelos ouvidos de quem ouve, mas também no “sabor” que experimenta a boca de quem pronuncia.

O *stilus* traçará no plano visível as palavras, nas quais as ideias têm vida. Todo o simbolismo que está no sentido da visão completa com as palavras in *labris* a associação e proximidade propostas por Quintiliano entre as modalidades de língua falada e escrita: para o olhar, a escrita, para os ouvidos a fala.

Toda essa forma de argumentação, além de ser de grande força expressiva, enfatiza o que vimos indicando como a estratégia de sempre recorrer à formulação de uma linguagem simbólica, tão própria da literatura. Através dessa atitude, Quintiliano nos dá a entender que tem consciência de que sua posição de professor o coloca na condição de imitável e, sendo assim, se faz modelo, até mesmo de um padrão de escrita.

A necessidade de aprofundamento da escrita, que se faz pelo reexame, pela reelaboração, precisa ser um cuidado permanente, principalmente porque a autocrítica deve estar acima de tudo. Quintiliano chama a atenção para isso, quando fala da facilidade suspeita – *suspectam facilitatem*. Ele constrói esse argumento, baseado na sua visão de ser humano, em cuja condição se inclui através dos pronomes *nos* e *nostra*:

... dum nos indulgentia illa non fallat; omnia enim nostra dum nascuntur placent: alioqui nec scriberentur. Sed redeamus ad iudicium et retractemus suspectam facilitatem. (*Inst.*, X, 3, 6)

... conquanto essa indulgência não nos induza a erros. De fato, tudo o que vem de dentro de nós, no exato momento em que nasce, nos agrada. Se não fosse assim, nem mesmo isso seria registrado por escrito. Em sentido contrário, levemos a reexame a facilidade suspeita e façamos as devidas correções.

Toda a argumentação se torna ainda mais significativa, quando constatamos que a palavra *indulgentia* se constrói com a mesma raiz de *largus*.

Esta palavra, por sua vez, se relaciona com as ideias de abundância, generosidade, relaxamento, largueza, enfim.

A situação que descrevemos acima, ou melhor, essa forma de perceber a condição da natureza humana, muito certamente contribuiu para que os romanos tivessem admitido as leituras públicas. Elas constituiriam a oportunidade de uma avaliação prévia: o que tivesse escapado ao senso crítico do autor, e que não fosse do agrado, seria percebido pelo ouvinte e colocado em questão.

Na sua proposta de destacar o que seja escrever bem, Quintiliano salienta a necessidade da justa medida, da estabilidade no equilíbrio; adverte que se devem evitar os excessos, que se constituem vícios naqueles que nunca se satisfazem, naqueles para quem tudo serve:

*Nec promptum est dicere utros
peccare ualidius putem, quibus
omnia sua placent an quibus nihil.*
(*Inst.*, X, 3, 12)

E não é demais dizer quem mais gravemente, segundo penso, erra: aquele a quem agrada tudo o que faz ou aquele a quem nada pode agradar.

Nessa mesma linha de raciocínio, observa que a celeridade da escrita somente pode acontecer para aqueles que têm a capacidade de escrever bem e que isso se alcança pelo exercício constante. Para sintetizar esse processo Quintiliano utiliza da seguinte frase, que merece ser comentada em detalhe:

*... celeritatem dabit consuetudo. Paulatim
res facilius se ostendent, uerba
respondebunt, compositio sequetur,
cuncta.* (*Inst.*, X, 3, 9) Grifos nossos

O hábito dará a celeridade. Pouco a pouco as ideias se apresentarão mais facilmente, as palavras responderão às demandas, o arranjo (das palavras) virá em consequência.

Inicialmente destacamos os termos *res* e *uerba*, segundo interpretamos e traduzimos, “ideias” e “palavras”. Elas se encontram mediadas pelo advérbio *paulatim* (= pouco a pouco, paulatinamente), fazendo-nos entender que a velocidade das ideias se sujeita à habilidade verbal. Nesse sentido, o termo *uerba* é muito mais do que acervo de palavras, ou domínio de um elenco de palavras, pois significa não só a própria competência linguística, mas também a verdadeira facilidade, aquela que se associa à *copia uerborum*, isto é, o código de expressão linguística dominado. É altamente expressivo, ainda, que ele tenha usado o termo *compositio*¹¹¹ (*cum pono*), pois, assim, está-se definindo a escrita como “a ideia justaposta (não *super* ou *sub*), ou seja, posta juntamente com a palavra”.

O exercício da escrita será ainda mais proveitoso, na medida em que se trabalhe com disciplina, com método, com atenção às próprias leis da natureza. Tais formas de agir podem contribuir para que o orador tenha a devida segurança no exato momento em que deve assumir o discurso, em outras palavras, romper o silêncio. Ocorre muitas vezes, como o próprio Quintiliano observa, que o conhecimento e o estudo, ao invés de serem os facilitadores do processo de comunicação, se tornem um peso inibidor e causa de uma certa perplexidade que, geralmente, não se vê em situações de informalidade, ou até mesmo entre as pessoas não escolarizadas, como ele próprio exemplifica:

... *ideoque nec indocti nec rustici
diu quaerunt unde incipient...* (*Inst.*,
X, 3, 16)

É por isto que nem os incultos nem os camponeses precisam ficar, durante muito tempo, procurando por onde começar.

¹¹¹ É preciso lembrar, sobretudo, que o termo *compositio* é, na metalinguagem da retórica, a organização das palavras no limite da frase. Barthes (2006) assim descreve: “O nível da frase (*compositio*), o nível da parte (*conlocatio*), o nível do discurso (*dispositio*)”. Il livello della frase (*compositio*), il livello della parte (*conlocatio*), il livello del discorso (*dispositio*) (89).

Em verdade, pretende-se que o orador, em seu mais alto nível de qualificação para a escrita, preserve a naturalidade e facilidade que os não escolarizados guardam em relação à linguagem falada.

A escrita, segundo Quintiliano já havia afirmado, acontece de dentro para fora e, sendo assim, é um ato predominantemente solitário, que demanda condições ambientais facilitadoras da concentração, da introspecção, *silentium*, numa palavra. Ao considerar esses aspectos, fica evidenciada a sua opinião de que o ato da escrita é intransferível, ou seja, a escrita é um processo, uma dinâmica que se constrói por um sujeito agente; não é um arranjo de que se apropria.

Devemos entender que essa posição de Quintiliano é compatível com sua reação crítica ao costume dos ditados, que ele aponta como responsável por colocar o escritor “afastado” de seu texto e à mercê da qualificação de seu copista. Segundo se pode depreender, havia escritores que encarregavam copistas da tarefa de, pelo ditado, escrever os “originais” de seu texto. Outro aspecto importante é que a presença desse copista impede o isolamento necessário à concentração. Fica bastante claro, assim, que a escrita, em todas as suas dimensões, precisa constituir-se numa ação definitivamente inalienável.

Entendemos que essas “prescrições” ganham mais expressividade se as considerarmos no plano simbólico, na relação de afetividade que se deve fazer presente no momento da materialização por escrito de uma ideia. Há que considerar também o fato de que o texto produzido deve ser encaminhado à memória e, para que ela o possa guardar melhor e mais facilmente, é necessária essa proximidade de que vimos falando. Acresça-se que até

mesmo a simples visualização de um texto, muitas vezes, contribui para a eficiência da memorização.

Podemos considerar ainda um outro aspecto quanto ao fator memorização: a velocidade do ato de escrever. O próprio autor, ao materializar suas ideias se beneficiaria do descompasso de velocidade entre o pensamento e a mão. Uma vez que esta é mais lenta, pode o autor utilizar-se dessa condição para fixar mais atentamente o olhar e, assim, ampliar as possibilidades de memorização de seu texto. Lembremo-nos de que estamos falando da escrita em tabuinhas de cera, em papiro ou pergaminho; de potes de tinta, estiletos, penas e pincéis, mata-borrões, suportes que eram causa de lentidão de escrita muitíssimo maior, se compararmos com os recursos que hoje são disponíveis. Considerados esses aspectos, é certo que tais dificuldades teriam levado muitos oradores e escritores a preferirem o ditado.

Não podemos nos esquecer, ainda, de que o ser humano, em todas as dimensões de sua humanidade, é, em Quintiliano, a figura central. Tanto isso é mostrado como verdade, que, por exemplo, ele cita o poeta, mas não a obra; a ele não escapam os mínimos detalhes de conduta, em quaisquer que sejam as situações. Desse modo, nesse capítulo sobre a escrita, ele aponta cuidados que se devem ter para com a saúde física, como, por exemplo, em relação às horas de sono, no caso dos que precisam trabalhar à noite; fala do quanto uma alimentação exagerada pode interferir negativamente na saúde como um todo e, conseqüentemente, nos processos de concentração e de reflexão:

*Sed cum in omni studiorum genere,
tum in hoc praecipue bona ualetudo
quaeque eam maxime praestat
frugalitas necessaria est, cum*

Como em toda modalidade de estudo, especialmente nesta, o trabalho noturno, são indispensáveis uma boa saúde e a frugalidade, que, mais do que tudo, a

tempora ab ipsa rerum natura ad quietem refectionemque nobis data in acerrimum laborem conuertimus. cui tamen non plus inrogandum est quam quod somno supererit aut non deerit. (Inst., X, 3, 26).

produz. Isso é necessário, pois o tempo que nos foi dado pela natureza para a quietude e restabelecimento, nós o convertemos no mais aguilhoante trabalho. Cabe, no entanto, a quem assim trabalha não exigir do sono mais do que lhe sobra ou não faz falta.

No que diz respeito à concentração aconselha a que se entregue ao trabalho, tão completamente, que os olhos cessem a mediação entre o cérebro e as imagens do mundo físico; que ouvidos sejam alheios aos sons da vida circundante.

Na mesma ordem de cuidados, ele lembra que devem fazer parte das atenções de quem escreve a natureza dos materiais, as dimensões dos suportes, as margens, os espaços entre as linhas, pois tudo isso pode interferir no processo de escrita. Se houver necessidade de se fazerem correções, que se disponha das entrelinhas; se, repentinamente, surge uma ideia diferente, haverá espaço nas bordas do texto para anotá-la; se aquele que escreve se vê na contingência de se fazer prolixo, na mesma proporção do tamanho da página, que esta seja reduzida em suas dimensões.

3. O significado da correção

Quando falamos em controle externo da *elocutio*, tínhamos em mente o Capítulo IV, que trata da correção. Quintiliano se utiliza, mais uma vez, do termo *stilus* para falar de correção. O objeto, na sua constituição e forma, era o mesmo com o qual se escrevia e se “apagava”. Acresça-se a isso um outro elemento: a cera sobre a qual se escrevia. Outras vezes Quintiliano já havia

associado pensamento e escrita com modelagem. Assim como se podem moldar diversas figuras com a mesma cera, igualmente se podem trabalhar ideias e construir diferentes escritas com as mesmas palavras:

*uelut eadem cera aliae aliaeque
formae duci solent. (Inst., X, 5, 9)*

tal como diferentes imagens, na verdade,
se podem moldar com a mesma cera.

Se com a ponta do estilete se traçam, na cera, as palavras, com a outra extremidade, em formato de espátula, se “apaga” o escrito, para que venha ocupar o espaço uma nova escrita. Esta foi a imagem utilizada por Quintiliano para dizer que

*Sequitur emendatio, pars studiorum longe
utilissima (Inst., X, 4, 1)*

Logo a seguir vem a correção, parte
dos estudos, de longe, a mais útil.

Quintiliano igualmente ensina que o melhor expediente de correção é o tempo: quando se concede repouso ao texto, se permite voltar a ele com distanciamento e renovado senso crítico. Isso, no entanto, deve ser feito com o justo cuidado, para que as operações de revisão não deixem que o texto pareça exangue e coberto de cicatrizes.

O orador, em seu processo de correção, precisa ser mais ágil, pois ele escreve para o presente: sua atuação é imediata, as sessões do *forum* têm data e hora marcadas. Assim, o orador precisa desenvolver, em velocidades mais ou menos equiparáveis, as habilidades de escrever e de corrigir.

Outro aspecto relevante nesse processo é que a correção de que se vem falando não se restringe às questões formais de ortografia ou de morfossintaxe, por exemplo. *Emendatio*, no contexto da retórica, é mais do que a correção dos vícios, “reparação de danos físicos”, como sugere a

etimologia¹¹². Ela significa o aprimoramento qualitativo do discurso como um todo, uma ação que tem por objetivo garantir a eloquência da fala.

Como vimos apresentando, a perspectiva da retórica antiga é a da construção do discurso e, para essa construção, concorre até mesmo a correção do texto, na dimensão que esta alcança nos ensinamentos de Quintiliano.

Seja pelo significado que a palavra preserva, tendo em vista o processo de sua derivação vocabular¹¹³, no âmbito da língua, seja por um tratamento teórico nos limites da retórica, a *elocutio* é o espelho da eloquência. Desse modo, a representação escrita se caracteriza como a própria materialização da *elocutio*, sobretudo por causa das habilidades que a escrita requer e pelo papel que desempenha, não apenas dentro do sistema da retórica, enquanto veículo de eloquência.

Fica assim evidenciado que a ferramenta de escrita, o *stilus*, é, por excelência, o mestre oratório, o que retifica a escrita, o que dá fluência à capacidade de reflexão, o que dá vazão, naturalidade e consistência à improvisação. O *stilus* é o meio eficiente da expressão da eloquência, pois a escrita vem de dentro para fora e, assim, ele é também um mediador entre o racional e o emocional. Essas forças precisam estar em equilíbrio, segundo Quintiliano, pois a elas se atribui o papel de produzir a eloquência:

*pectus*¹¹⁴ est enim quod disertos facit, et uis mentis (Inst., X, 7, 15)

Com certeza, o coração é que faz os eloquentes; também o faz a força da mente.

¹¹² *Vitium* significava inicialmente qualquer defeito físico.

¹¹³ Ver nota 11.

¹¹⁴ Quintiliano associa nesta frase *pectus* e *mens*. Segundo a etimologia, *pectus* é, no plano figurativo, a sede do coração, da alma, da inteligência sensível; *mens* é o princípio pensante, a atividade do pensamento, o pensamento em sentido concreto e figurado.

Devemos reiterar que a atividade, a “função” oratória envolve, além das questões de natureza técnica, o componente ético e o senso estético. A frase de Quintiliano nos condensa esses três elementos.

CONCLUSÃO

Verba non odisse: não odiar as palavras, mas a elas dedicar-se no criativo *silentium*, para que permitam ao coração e à mente fazerem os eloquentes é uma das mais reveladoras lições que podemos tirar dos ensinamentos de Quintiliano. Para simbolizar a construção dos eloquentes elege-se um intermediário: o *stilus*, que exterioriza e dá materialidade à sensibilidade, molda na cera a arte do poeta; que vivifica a memória do historiador; que põe sob questionamento as ideias do filósofo; que é a eloquência do orador.

No conjunto do sistema retórico, a oratória, privilegiada pelos romanos como arte funcional, se organiza em torno da ideia do “bem”, pois exige um *bene loqui*, exige um *orator bonus*. Quintiliano foi certamente levado por essa ideia, ao propor que o coração também ajuda a fazer os eloquentes. Assim o vimos encaminhar o orador para a leitura dos poetas de quem as virtudes lhe pareçam recomendáveis; assim o vimos censurar os vícios daqueles que pudessem corromper a oratória.

A frase utilizada para falar da gênese da eloquência (*Inst. x, 7, 15*) permite uma interpretação ingênua, nada cientificamente comprovável, diríamos, se fosse tomada isoladamente, descontextualizada da obra de Quintiliano. Devemos considerar que no momento em que fala de coração, *pectus*, ele, de forma simbólica, humaniza a sua ciência. Lembremo-nos de que ele sempre colocou a figura humana do orador acima de tudo; exatamente assim ele tratou do poeta, na sua relação com a obra literária.

A abordagem técnica, em linguagem de colorido¹¹⁵, muitas vezes, artístico, emocional, afetivo, não encobre o cientificismo de seus questionamentos teóricos nem de suas propostas pedagógicas. Muito importante, também, é notar a percepção que ele tem do valor da oratória como ferramenta civilizatória, enquanto instrumento de ação social; a percepção da oratória e suas implicações no interior de um modelo de organização do sistema político. O fato de ter eleito Cícero o orador perfeito e de, nas suas ideias combativas, ter conseguido ensinar uma oratória libertária, sob um regime imperial, são o exemplo mais flagrante de como Quintiliano alcançou estabelecer um forte nexos de coerência entre as próprias ideias e próprias ações.

O que nos pareceu central em todo o percurso de leitura da obra de Quintiliano é que para ele, assim o interpretamos, a formação do orador é a construção do discurso. Para o sistema oratório, no contexto romano, é imprescindível a estreita relação entre autor e discurso, sobretudo porque há uma verdade que não se pode esconder nas palavras, mas que precisa manifestar-se na ação do orador. Esta mesma relação se coloca como essência da retórica, já que seu fim é o discurso convincente, é a causa defendida com sucesso, no uso da palavra eficiente.

Vimos ainda em Quintiliano o delineamento da oratória romana como arte funcional. A funcionalidade dessa arte compreende, assim, a objetividade de sua natureza: o orador pratica uma ação no tribunal; a sua fala produz um efeito concreto, seja no limite do individual, seja na extensão do coletivo. Essa

¹¹⁵ Color,-oris: "Cor, tinta. A cor servindo sempre de caráter distintivo, ou sendo acrescentada a um objeto para dissimular o seu aspecto real".
Couleur, teint. La couleur servant souvent de caractère distinctif, ou étant ajoutée à un objet pour en dissimuler l'aspect réel (Ernout, 1951: 238).

funcionalidade compreende, ainda, a materialidade de sua organização estrutural. É sob esta perspectiva que podemos entender, por exemplo, porque ele diz que é possível aprender as técnicas da invenção.

*Quare iuuenis qui rationem
inueniendi eloquendique a
praeceptoribus diligenter acceperit.
(Inst., X, 5, 19)*

Por esta razão, logo que o jovem tenha diligentemente aprendido de seus professores as técnicas da invenção e da elocução.

A expressão “aprender uma técnica” sugere, na frase de Quintiliano, um procedimento que envolve uma abordagem teórica e uma prática pedagógica, de tal modo em sintonia, que permitam o acesso à “invenção”. Não podemos nos esquecer de que a *inuentio*, enquanto qualidade no orador, ou parte da oratória, é considerada, pelo próprio Quintiliano, inimitável.

A imitação, enquanto estratégia pedagógica da construção do discurso, pôs em evidência a língua escrita, com destaque para a obra poética. Esse instante da retórica permitiu uma forma de “desconstrução”, no sentido de uma leitura analítica, da obra literária, não como fim de examinar a obra em si mesma, mas como recurso de conhecimento e de aprimoramento das formas de construção. Em outras palavras, esse instante, dentro daquele momento a que chamamos de silêncio, tinha como objetivo maior o momento da ruptura do silêncio: a hora do discurso proferido. A imitação é, assim, como interpretamos das palavras de Quintiliano, um procedimento ativo, um movimento construtivo.

A nossa visão e o nosso tratamento da retórica, venha esta sob o nome de oratória, eloquência ou *elocutio*, se fez na perspectiva do passado, mas até mesmo aqui seguimos a orientação de Quintiliano, quando diz:

*illa quae complexi animo sumus fluant
secura, non sollicitos et respicientes et
una spe suspensos recordationis non
sinant prouidere... (Inst., X, 6, 6).*

tudo aquilo que houvermos abarcado
com o espírito flua em segurança e nos
permita olhar à frente, sem
desassossego, sem estar de olhos
presos no passado...

INSTITVTIO ORATORIA

LIBER DECIMVS

Educação Oratória

Livro décimo

INTRODUÇÃO

Até onde nos é dado ver, a trajetória para se chegar ao que poderíamos chamar de conhecimento racional de uma realidade passa, entre outras instâncias, pela intuição, que antecede a elaboração de fórmulas e conceitos. O refinamento de ideias, que tanto pode ser um meio de alcançar o conhecimento, quanto pode ser o próprio conhecimento, vai dando forma e autonomia aos elementos que constituem uma ideia inicial e, assim, costuma fazer com que esses novos elementos passem a se expandir em novas ideias.

Quando se trata da ciência da linguagem, é comum nos surpreendermos com o grau de profundidade alcançado pelos gregos e romanos antigos. De fato, os conhecimentos já adquiridos ao longo do tempo, a respeito de teoria literária, linguística e gramática, e os que atualmente estão sendo construídos nos levam a considerar que esses antigos não somente haviam intuído determinados processos, mas, à sua maneira, os elaboraram de forma bastante sofisticada. Assim, se rompermos a barreira da língua e se compreendermos os motivos que, na antiguidade, deram forma ao tratamento dos fatos, produtos e processamentos da língua, constataremos o quanto se aproximam dos nossos, os conhecimentos anteriormente estabelecidos pelos antigos. Em outras palavras, as diferenças no tempo, e tudo que com ele vem, costumam ser distâncias menores do que sugerem as intuições, as teorias e terminologias.

O Livro X da *Institutio Oratória* de Quintiliano pode ser um bom exemplo do que acabamos de dizer, especialmente se orientarmos nossa leitura para as reflexões, que ali se encontram, acerca das relações dos homens com sua linguagem. Buscamos fazer isso em nosso estudo quando, de modo especial,

priorizamos os aspectos teóricos que nos pareceram mais significativos na relação orador-discurso. Neste momento, porém, ampliaremos nossas reflexões, tendo como propósito procurar, com base em elementos do texto, a reafirmação das ideias que sustentam Quintiliano e subjazem à formulação de alguns conceitos.

De maneira geral, uma vez interpretados esses conceitos, o primeiro impacto se dá, quando nos defrontamos com a tarefa de os traduzir. Nem sempre é possível fazê-lo; muitas vezes é preferível deixá-los intraduzidos, sobretudo quando, no original, se resumem a uma só palavra, ou a uma perífrase curta.

A construção do Livro X se apóia em dois pilares maiores, que são as ideias contidas nas fórmulas *facilitas* (inicialmente determinada pelo adjetivo *firma*, como em X, 1, 1: *firma facilitas*) e *copia uerborum*. Nada nos desautoriza a dizer que os equivalentes atuais para essas expressões sejam *competência* e *desempenho*. Não se trata aqui nem de levar a conceituação atual para uma obra da Antiguidade, nem de trazer para o nosso tempo as conceituações formuladas pela Antiguidade, a respeito de aspectos concernentes aos estudos da linguagem. Trata-se, em verdade, de entender que, neste caso específico, se dizem as mesmas coisas, muito além da intuição, em duas línguas e em contemporaneidades diferentes; com perspectivas e propósitos, muitas vezes, também diferentes.

Insistimos nessa identidade dos conceitos, tendo em conta que, exatamente como hoje, se faz, ao longo da obra de Quintiliano, clara distinção entre, de um lado, a linguagem enquanto fenômeno do psiquismo humano e, de outro lado, a língua enquanto código de expressão. Isso se pode perceber

na maneira como Quintiliano desenvolve sua compreensão desses fatos. Para ele, o código de expressão, o desempenho, isto é, a *copia uerborum*, pode ser adquirida, trabalhada, aperfeiçoada, dimensionada. À competência, ou seja, à *facilitas*, embora não se permita acesso direto, é possível oferecer um ambiente em que ela se possa estimular, se orientar.

Quintiliano elabora um manual de oratória, que, logicamente, se fundamenta em concepções pedagógicas e estratégias didáticas compatíveis com as circunstâncias de seu tempo. No entanto, se analisarmos essa obra à luz do conceito de *defasagem*, tal como formulado por BEARD e HENDERSON (1998)¹¹⁶, veremos o quanto próximos estamos de Quintiliano, muito mais do que imaginamos. Tomemos como exemplo os parágrafos 20 e 21, do capítulo 2. Eles são exemplares de tudo isso que vimos falando acerca de *facilitas* e de *copia uerborum*.

Inicialmente Quintiliano propõe que a tarefa de formação do orador seja assumida sob as perspectivas das atuações entre si complementares do *praeceptor* e do *rector* (deve-se ter atenção, pois o termo é mesmo *rector* – do verbo *rego*¹¹⁷: dirigir, comandar, guiar – e não *rhetor*, professor de retórica). Obviamente, o *grammaticus* e o *rhetor* são formalmente os responsáveis pela administração dos “conteúdos” no processo de formação do orador. No entanto, o que está na base dos termos *praeceptor* e *rector* não é a tipificação de mais dois outros profissionais, mas a ênfase na dinâmica de atuação que

¹¹⁶ A Antiguidade clássica é um tema que existe na defasagem entre nós e o mundo dos gregos e romanos. As questões levantadas pelos clássicos são as questões levantadas pela distância que nos separa do mundo “deles” e, ao mesmo tempo, pela proximidade e pela familiaridade desse mundo para nós. (20)

¹¹⁷ Conforme Ernout (1951) descreve: *Rego* dirigir em linha reta. [....] Sentido físico e moral; em seguida, “ter a direção ou o comando de”.
Rego diriger en droite ligne [...] Sens physique et moral; par suite “avoir la direction ou le commandement de.” (1002)

precisa ser de ambos, *grammaticus* e *rhetor*. Em síntese, na condição de *praeceptor* trabalha-se a forma, atua-se no nível do código de expressão linguística, circunstância em que se permite preceituar, acrescentar, corrigir, mudar. Na condição de *rektor*, ao que forma compete a tarefa de guiar, orientar o talento, já que “É muito mais difícil moldar as próprias disposições naturais.” (2, 20).

Para dar a noção de unidade ao processo de formação do orador e demonstrar a necessidade de ação integrada dos profissionais que nele atuam, Quintiliano diz, em 6, 21, *ille doctor*. Na palavra *doctor* se encontram o radical *doc-*, o mesmo de *doceo*¹¹⁸ (fazer aprender), acrescido do sufixo *-tor*, formador de nomes de agente. Em sua ocorrência, nesse contexto, “o que faz aprender” se aplica igualmente a *praeceptor* e a *rektor*.

Assim como avaliamos a correlação *grammaticus-rhetor* e *praeceptor-rektor*, podemos estabelecer certo paralelismo entre *facilitas-copia uerborum* e *res-uerba* (ideia-palavra). Parecem-nos sinônimos esse pares de conceitos, mas com a particularidade de se enfatizarem nestes, *res-uerba*, o aspecto “mais concreto”. Entendemos que a correlação *facilitas-res* pode ser explicada da seguinte maneira: não podemos ter acesso à *facilitas*, mas podemos presumir sua existência, uma vez que as ideias (*res*) têm existência, isto é, justamente a existência de ideias é que permite presumir uma instância que as produza, ou as abrigue. Uma vez considerados assim, esses conceitos *res* e *uerba* permitem que sobre a sua “maior concretude” se possa mais eficientemente atuar.

¹¹⁸ Segundo Ernout (1951), *doceo* “fazer aprender, ensinar”; em particular, “fazer repetir” uma peça (uma fala, um texto). *Doceo* “faire apprendre, enseigner”; em particulier “faire répéter” une pièce . (322).

Nessa relação metonímica, *res* é a porção mais concreta da *facilitas*, e a representa. *Verba*, por sua vez, passa a ser a expressão material (fônica ou escrita) de uma ideia (*res*). Tudo isso fica ainda mais instigante, quando lemos em 1, 5 a expressão *copia rerum ac uerborum* (a mesma expressão com que, em 1,61, se fala da grandeza de poetas líricos, entre os quais o poeta Horácio): nessas passagens, parece-nos fortemente evidenciada a identificação da *facilitas* com a *copia rerum*, ou seja, a competência; *copia uerborum* é, portanto, o desempenho.

Com essa mesma estratégia, ou seja a de formar correlações, se trabalham as modalidades de língua escrita e falada. Em se tratando do orador, Quintiliano propõe que escrita e fala precisam existir em perfeita interação, perfeito equilíbrio (7, 29), sobretudo no que diz respeito às qualidades funcionais, que garantem um discurso eficiente.

Ler e ouvir são caminhos que levam também à *facilitas*. Assim, o apelo aos sentidos da visão e da audição nos induz a buscar as formas de materialidade sobre as quais operam esses sentidos: para os ouvidos, as declamações, as audiências no fórum, os pronunciamentos dos oradores modelares; para a visão, a escrita.

Quintiliano elege como a inteira e perfeita imagem do código linguístico escrito a palavra *stilus*, o que a coloca em um sentido muito distante do que hoje atribuímos a *estilo*. Assim, *stilus* não é metáfora apenas como figura de linguagem, mas é também metáfora no sentido próprio que lhe atribui o grego moderno¹¹⁹, pois é o meio de transporte pelo qual se tira uma ideia do abstrato

¹¹⁹ Quem viaja à Grécia não se espante de que metáfora seja o caminhão-de-mudança.

ou da fluidez de sua sonoridade, e a conduz para ou a fixa em um suporte material.

Devemos considerar que ler e ouvir são vias de mão dupla, ida e volta de e para a reflexão, de e para a abstração. Quintiliano procura demonstrar que, no processo de formação do orador essas duas modalidades de língua têm peso idêntico, mesmo que se declare ciente de que a fala vem antes da escrita; de que o desempenho do orador não se faz de outra maneira que não através da modalidade falada. É o que podemos constatar, de modo mais explícito, em 1, 10.

A correlação escrita e fala também leva a outras significativas implicações, que são as condições de presença e ausência; quietude e movimento, isto é, silêncio e ruptura do silêncio. O orador só se comprova existente no momento em que pronuncia seu discurso. Ele o faz rompendo o silêncio e em presença dos destinatários de seu discurso, criando-se, assim, um cenário, em que se desenvolve uma ação performática e onde também se dá vida a emoções. Importa, no entanto, ressaltar que a tudo isso precede o silêncio da leitura; a quietude que, no distanciamento, o ato de escrever exige. Podemos exemplificar todas as implicações do processo de escrita através da passagem 6, 3, onde Quintiliano sugere que se deva formar através do *multus stilus* uma representação até mesmo do ato de fazer reflexões.

Não se pode esquecer, ainda, de que tudo em Quintiliano está voltado para a construção do discurso, a ser pronunciado com as palavras que melhor convenham a objetivos predeterminados e a circunstâncias específicas. Trata-se de uma arte funcional fundada na identidade que, na oratória romana, precisa existir entre orador e discurso.

A leitura do Livro X somente alcançará sua plenitude, se lidos por inteiro, no original, obviamente, os outros onze livros da *Institutio*. A tradução que apresentamos de apenas um livro é amostra de um desafio e também sugestão, convite a uma degustação, nos termos em que não a aprova Quintiliano:

Sejam lidos diligentemente e com o cuidado semelhante da solícitude de quem escreve. Não será por partes que o todo haverá de ser profundamente examinado: uma vez lido do princípio ao fim, o livro há de ser retomado em sua inteireza. (1, 21)

NOTAS:

1. Os termos *facilitas* e *copia uerborum*, por abrigarem conceitos muito abrangentes não serão traduzidos por só uma fórmula genérica, mas pelo sentido que mais se aproxime daquele que o contexto exija. Julgamos ser esse o procedimento mais adequado, sobretudo se considerarmos que são termos de ocorrência numerosa e variada, como é, em especial, o caso de *facilitas*. Esse termo aparece trinta vezes na *Institutio* e sua significação vai desde o que entendemos por “facilidade” até o mais abstrato e específico sentido de “competência linguística”.
2. Quanto à palavra *stilus*, mantemos os percursos que esboçamos em REZENDE (2005)
3. Em nosso estudo teórico nos referimos à linguagem do texto de Quintiliano como uma escrita elaborada. Caracterizam essa linguagem a

sua tendência a construir períodos longos, o emprego de termos técnicos em grego e o recurso ao sentido etimológico de grande parte das palavras com as quais elabora os conceitos mais importantes. Poderíamos falar, então de Quintiliano como um hábil artesão da palavra, autor de uma linguagem refinada que, na maioria das vezes cria sérias dificuldades para o tradutor.

Nos esforçamos para que o texto em português espelhe algumas das características da escrita de Quintiliano. Há no autor um tom carregado de sobriedade, que se alterna, muitas vezes, com requintada ironia, mas sem perder o “ar professoral” de que se sente “autoridade no assunto”. Sempre que possível, construímos nossas frases o mais perto do latim, no entanto, com a preocupação de que não ficasse comprometida a legibilidade do texto em português.

Para assegurar nossa tradução, recorremos à edições francesas Garnier (S.D). e Belles Lettes (Cousin, 1979); à italiana de Calcante (1997); à edição inglesa da Oxford (1970); à versão inglesa, internet, http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Quintilian/Institutio_Oratoria/home.html, acessada em 11/01/2007; à versão espanhola, <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/24616141101038942754491/index.htm>, acessada em 15.11.2007

EDUCAÇÃO ORATÓRIA

LIVRO DÉCIMO

Institutio Oratoria

Liber decimus

TRADUÇÃO

I - Da riqueza de palavras

1. Mas estes preceitos de conduta relativos ao falar, tanto quanto são necessários para se obter o conhecimento teórico da eloquência, não são suficientes para formar a competência oratória, a não ser que a eles se venha ajuntar uma certa facilidade inabalável, que entre os gregos se denomina εἶσις.

A esta facilidade se tem acesso pelo exercício do escrever, prioritariamente, do ler e do próprio praticar da oratória: este é o caminho pelo qual, eu sei, se costuma buscá-la. Caso pudéssemos restringir-nos a um só desses exercícios, haveria para nós a obrigatoriedade de examiná-lo muito criteriosamente.

2. Na verdade eles formam de tal maneira um todo conexo e indiscriminável que, se algum tiver faltado, o haver trabalhado nos demais terá sido em vão. De fato, nem sólida, nem mesmo vigorosa terá sido em qualquer momento a eloquência, se ela não tiver tomado forças ao escrever continuamente. Sem o exemplo que a leitura fornece, todo o esforço de escrita, carente de um guia, vaguará: todo aquele que saiba o que dizer, e de que modo haja de ser dito, se não tiver a eloquência, em prontidão e preparada para todas as eventualidades, será alguém que permanecerá deitado sobre tesouros fortemente trancados.

3. Muito embora cada um desses exercícios seja sumamente necessário, isto não significa que, para se formar um orador, eles venham a se constituir os itens de máxima importância. Com toda certeza, como reside no falar o ofício do orador, o dizer vem antes de tudo. Está claro que este foi o ponto de partida

desta arte, logo em seguida a imitação e, por último, o zelo de refinamento do escrever.

4. Mas como não é possível alcançar a excelência, a não ser por começar do princípio, assim, tão logo um processo se inicie, começam a se tornar mínimas as coisas que vieram em primeiro lugar. Em verdade, nós não estamos aqui dizendo de que maneira um orador haja de ser formado; quanto a isso, da melhor forma, ou o quanto melhor podemos julgar, já o dissemos. Em outras palavras, queremos dizer de que maneira um atleta, que já tenha aprendido de seu treinador todas as táticas¹²⁰, haja de ser preparado para um embate. Assim, com essa perspectiva, instruíamos aquele que já saiba identificar e organizar as ideias, que já tenha alcançado a racionalidade do selecionar e do colocar as palavras; a ele instruíamos de que modo, em um discurso, possa o melhor, o mais facilmente pôr em prática tudo aquilo que já tenha aprendido.

5. Existe, por acaso, alguma dúvida de que a ele devam ser fornecidos certos recursos dos quais se possa utilizar, toda vez que necessário? Esses constituem-se da abundância de ideias e de palavras.

6. As ideias, por sua vez, são específicas de uma causa determinada, ou comuns a umas poucas; as palavras, no entanto, não de estar preparadas para todas as causas. As palavras, se fossem únicas para causas específicas, haveriam de exigir menos cuidado: sem dúvida todas se apresentariam de imediato, ao mesmo tempo que as próprias ideias. Mas como umas são, em relação a outras, ou mais apropriadas, ou mais adornadas, ou mais eficientes, ou melhor sonantes, todas elas devem não somente ser conhecidas, mas

¹²⁰ O termo latino é *numeri* (números) significa, neste contexto, propriamente “os passos”, “os golpes”, “os ritmos.”

também estar de prontidão, por assim dizer, sob o olhar, para que, logo que se apresentem ao juízo de quem as vai dizer, seja fácil a escolha das melhores entre elas.

7. Sabemos que há pessoas acostumadas a decorar palavras de significação idêntica, para que pelo menos uma delas, mais prontamente, esteja disponível e também para que, tendo-se servido de uma delas, se, por força da repetição, em curto espaço de tempo, fosse ela outra vez requisitada, se tornasse possível servir-se de uma outra, através da qual se pudesse significar a mesma coisa. Entretanto, isso é pueril e, de certo modo, uma ação improdutivo, pouco útil, enfim. Além do mais, de fato, amontoa-se um turbilhão de palavras de que, sem discernimento, apanha-se a primeira, qualquer que seja.

8. A nós, no entanto, cabe-nos que seja elaborado um amplo vocabulário, fundado no mais rigoroso senso crítico; nós que pretendemos o vigor oratório, não volubilidade que gira em torno de si mesma. Conseguimos isso por meio do ler e do ouvir o que há de melhor. Por assim agir, não apenas conheceremos as palavras mais adequadas para cada uma das coisas, mas também qual a palavra mais acertada para cada lugar e momento.

9. Para quase todas as palavras existe um lugar no discurso, exceto umas poucas que, de certo modo, ferem o pudor. Sem dúvida escritores de jambos¹²¹, como também autores da comédia antiga, são frequentemente elogiados, até mesmo pelo uso daquelas palavras. Para nós, no entanto, é

¹²¹ Ver §§ 59 e 96.

A *Institutio* é dividida em livros, capítulos e parágrafos. Assim, nesta tradução, aparecem as seguintes formas de referência:

- a) o número do livro (I - XII, em algarismos romanos), quando se referir a qualquer outro livro, que não o X;
- b) indicação do capítulo (1 a 7) e do parágrafo – (significa dentro do livro X);
- c) indicação do parágrafo somente - (significa dentro do capítulo de que se esteja tratando)

bastante cuidar da nossa própria atividade. Todas as palavras, exceto aquelas de que acabo de dizer, são ótimas, cada qual para um emprego específico. Em verdade, o uso de termos simples e, muitas vezes, de palavras vulgares é necessário. Até mesmo certas palavras que, num contexto sublimado, parecem sórdidas se mostram apropriadas, quando o assunto as exige.

10. Essas palavras, para que as conheçamos e tenhamos detalhadamente ciência não apenas de seus significados, mas também de sua morfologia e de seus valores métricos, de tal forma que sejam apropriadas aos contextos em que devam ocorrer, de nenhum outro modo as podemos apreender, a não ser através de intensa leitura e de as ouvir, já que é através do ouvido que primeiramente aprendemos a língua. É por essa razão que os bebês, por ordem de reis, no isolamento criados por amas de leite mudas, ainda que haja relatos de que tivessem balbuciado algumas palavras, mesmo assim careciam da faculdade de falar.

11. Existem outros tipos de palavras que apresentam a seguinte característica: de tal maneira denotam, embora com sons diferentes, a mesma coisa, que nada de significação existente entre elas possa levar a um uso preferencial, como, por exemplo, *ensis*¹²² e *gladius*. Outras, no entanto, ainda que sejam

¹²² O termos latinos, na ordem em que ocorrem, têm a seguinte tradução:

Ensis espada.

Gladius espada.

Ferrum ferro.

Mucro Ponta, extremidade pontiaguda.

et pressi copia lactis uma fartura de leite prensado (para significar queijo) - *Virgílio, Écloga 1,81*.

Scio eu sei (o verbo vem sempre enunciado na primeira pessoa do presente).

non ignoro, non me fugit, non me praeterit não ignoro, não me escapa; não me passa ao longe.

Quis nescit quem desconhece.

Nemini dubium est a ninguém resta dúvida.

Intellego eu escolho pelo espírito, compreendo, alcanço o conhecimento.

Sentio eu sinto, experimento uma sensação.

Video eu vejo.

palavras designativas de coisas específicas, utilizadas como tropos, conduzem à significação de uma só e mesma coisa, como, por exemplo, **ferrum** e **mucro**.

12. É assim que, por catacrese¹²³, chamamos de sicários todos aqueles que provocaram a morte com não importa qual tipo de arma perfurante ou contundente. Algumas coisas representamos por um conjunto de várias palavras, como é o caso de **et pressi copia lactis**. Diversas outras, pela substituição da expressão: **scio** para equivaler a **non ignoro**, **non me fugit**, **non me praeterit** e **quis nescit** e **nemini dubium est**.

13. É permitido, ainda, servir-se, como por empréstimo, de um termo próximo: em verdade, **intellego**, tanto quanto **sentio** e mesmo **uideo** frequentemente valem a mesma coisa que **scio**. A fecundidade e a riqueza dessas palavras nos será dada pela leitura, de tal modo que as possamos usar não somente no modo como ocorrem, mas também no modo como convém.

14. Nem sempre aquelas mesmas palavras produzem entre si idêntico sentido: assim como eu diria corretamente **uideo** para significar o ato de perceber pela inteligência, não do mesmo modo eu diria **intellego** para o ato de captar uma imagem pelos olhos; **mucro** coloca diante de nós um **gladius**, mas **gladius** não se nos apresenta como **mucro**.

15. Mas como a riqueza de palavras assim se adquire, não somente por causa de palavras se deve ler e ouvir. Em verdade os exemplos de todas as coisas, quaisquer que sejam as que ensinamos, são, neste aspecto, mais poderosos até mesmo do que aqueles transmitidos pelos próprios manuais – em tais circunstâncias, aquele que aprende já foi levado a compreender as coisas, sem

¹²³ Ver [VIII,2,5](#) e [6,34](#). (Catacrese é uma “figura” que consiste em utilizar-se de um termo em sentido figurado, por falta de uma palavra de sentido próprio).

alguém para o demonstrar, e já pode caminhar com as próprias forças: o que um doutor¹²⁴ preceituou, o orador já terá mostrado na prática.

16. Certos aspectos do ouvir ajudam de um determinado modo, os do ler, de outro. Pelo próprio sopro, aquele que diz excita: não pela imagem, nem pelo contorno das coisas, mas pelas próprias coisas faz inflamar. São viventes todas aquelas coisas, se agitam e, com benevolência e solicitude, as colhemos como novas, tal como se acabassem de nascer. Não somente pela sorte de um julgamento somos afetados, mas também pelo risco¹²⁵ que correm aqueles próprios que discursam.

17. Além de tudo isso, a voz, o desempenho elegante, comedido da pronúncia, tal que sempre exige cada passagem é, por assim dizer, o fator mais poderoso em se proferindo um discurso. Tudo isso igualmente, numa só palavra, ensina. Na leitura, o juízo é mais acertado do que aquele que frequentemente a boa fé, ou o clamor dos que louvam, arranca a cada um dos ouvintes.

18. No auditório, chega mesmo a causar constrangimento discordar e, como que tomados de uma certa discrição, nos reprimimos de acreditar mais em nós mesmos. Muitas vezes, não somente o que é vicioso agrada à maioria, mas também são elogiadas pela claqué até aquelas coisas que não agradam.

19. Mas, ao contrário do que deveria ser, também acontece que esses juízos depravados não sejam capazes de dar o devido valor a coisas excelentemente ditas. A leitura é livre, nem mesmo transcorre como o ímpeto de um discurso proferido: é permitido ir e voltar muitas vezes, seja porque ainda restam

¹²⁴ O termo “doutor” (*doc-tor*) está aqui em sentido etimológico: “o que faz aprender”. Cf. nota 3.

¹²⁵ O termo latino *periculum* (perigo) é, nesse contexto, utilizado para significar a condição do orador no tribunal. O risco, o perigo se referem à possibilidade de uma ação fracassada. Cf. §36.

dúvidas, seja porque tudo se queira fixar no mais profundo da memória. Seja-nos permitido ir e voltar, montar e remontar e, tal como os alimentos que, mastigados e liquefeitos para que sejam mais facilmente digeridos, engolimos, assim também a leitura não crua, mas moída repetidas vezes, e como que dissolvida, pode ser entregue à memória e à imitação.

20. Além do mais, durante prolongado tempo, devem ser lidos somente aqueles que sejam os melhores e que, de modo quase nenhum, possam enganar a quem neles confia. Sejam lidos diligentemente e com o cuidado semelhante da solicitude de quem escreve. Não será por partes que o todo haverá de ser profundamente examinado: uma vez lido do princípio ao fim, o livro há de ser retomado em sua inteireza. Isto se faça sobretudo quando se trate de um discurso, pois suas qualidades essenciais também se podem ocultar deliberadamente.

21. Com frequência um orador prepara, dissimula, cria armadilhas: há coisas que ele diz numa primeira parte do discurso, mas que somente no final haverão de ter seu proveito. Assim, agradam pouco no lugar onde se encontram, pois nos são ditas a nós que ainda não sabemos porque estão sendo ditas. Por esta razão é que a elas se deve sempre retornar, uma vez conhecidos todos os fatos em seu conjunto.

22. É, com efeito, utilíssimo conhecer os fatos processuais de que tratam os discursos que venhamos a ter em mãos e, todas as vezes que for possível, ler os discursos proferidos pelas partes conflitantes, por exemplo, os discursos entre si contrários de Demóstenes e de Aeschines; os de Sérvio Sulpício, os de

Messala: um discursou a favor de Aufídia, o outro, contra; de Polião e de Cássio¹²⁶, sendo réu Asprenate¹²⁷, enfim, muitos outros mais.

23. Como não levar em consideração também muitos discursos, ainda que se mostrem díspares, mas que são corretamente requisitados para que sejam compreendidas questões de certos processos. Assim, temos contra Cícero, de um lado, os discursos de Tuberão a favor de Ligário, de outro, os de Hortênsio a favor de Verres¹²⁸. Além do mais, seria útil saber como cada um tenha, a seu modo, tratado causas idênticas: com efeito, Calídio¹²⁹ discursou a respeito da Casa de Cícero e Bruto, como exercício, escreveu um discurso a favor de Milão, ainda que Cornélio Celso¹³⁰, equivocadamente, pense esse discurso ter sido, de fato, proferido.

24. Tanto Polião, quanto Messala defenderam os mesmos réus¹³¹ e, quando ainda éramos meninos, eram referidos como notáveis os discursos de Domício Afro, de Crisipo Passieno¹³², de Décimo Lélío¹³³ em favor de Voluseno Cátulo. Não convém ao leitor de pronto persuadir-se de que tenha sido perfeito tudo aquilo que os melhores autores hajam dito. Com certeza eles cometem lapsos, ocasionalmente, também cedem ao peso, até mesmo são indulgentes para com a volúpia de seus próprios talentos; nem sempre estão de espírito atento,

¹²⁶ Ver [IV, 2, 106](#) e [VI 1, 20](#) (Aufidia); § 113 (Polião); § 116 (Cássio).

¹²⁷ C. Nônio Asprenate, um amigo de Augusto, acusado por Cássio e defendido por Polião da suspeita de envenenamento dos próprios convidados a um banquete.

¹²⁸ Cícero defendeu Ligário da acusação de desobediência civil (este havia sido exilado por Caio César); o mesmo Cícero atuou contra Verres, acusado de abuso de poder e malversação do erário público, durante o período em que foi propretor da Sicília.

¹²⁹ Provavelmente diante de algum outro tribunal. *De Domo Sua* de Cícero foi pronunciado diante dos pontífices.

¹³⁰ Cornélio Celso era um escritor enciclopedista. Viveu no começo do império, e dele resta um tratado sobre medicina.

¹³¹ Libúrnica. ver IX, 2,3 4.

¹³² Padrao de Nero.

¹³³ Provavelmente o Lélío Balbo que é referido em [Tácito: Anais, VI, 47, 48](#).

às vezes se mostram fatigados. Assim é que a Cícero¹³⁴ pareça Demóstenes cochilar, algumas vezes; para Horácio até mesmo o próprio Homero pareceu dar seus cochilos¹³⁵.

25. Supremos, sem dúvida, eles são, contudo são homens. No entanto, àqueles que pensam ser lei da oratória tudo aquilo que nesses ilustres tenham encontrado ocorre que se tornem imitadores das coisas piores - isso, inquestionavelmente, é muito fácil; mais ainda, se julguem semelhantes aos grandiosos, se lhes imitam os defeitos.

26. Contudo, a um juízo moderado e circunspecto compete o pronunciar-se a respeito de tão grandes homens, a fim de que não - isso acontece a muitas pessoas - se condene o que não se entende. Além do mais, se necessariamente acontece de haver enganos em um ou outro dos dois sentidos¹³⁶, particularmente eu preferiria que tudo deles agradasse aos leitores, ao invés de que muitas coisas desagradassem.

27. Muitíssimas coisas a leitura dos poetas confere ao orador, diz Teofrasto¹³⁷, e numerosas pessoas concordam com seu ponto de vista, não sem razão. Verdadeiramente dos poetas se busca o sopro, que é vida nas ideias; a sublimidade, que se eleva nas palavras; todos os movimentos que se agitam nos afetos; a caracterização que existe nas personagens; principalmente porque a mente, desgastada no agir diário do fórum, como que se restaura, no

¹³⁴ Deve ter constado de uma carta, hoje, perdida: cf. [Plutarco Cic. 24](#). Quanto à “imperfeição” de Demóstenes, ver *Orator*, 104

¹³⁵ “quandoque bonus dormitat Homerus; (Ars, 359)

E quando o bom Homero cochila.

¹³⁶ Isto é, no agradar e desagradar.

¹³⁷ Em um dos seus tratados sobre retórica (já perdido).

seu melhor, por meio desta liberdade de tudo. Exatamente por isto Cícero¹³⁸ entende que se deva descansar nesse tipo de leitura.

28. Estejamos sempre lembrados, porém, de que não em tudo os poetas devem ser seguidos pelos oradores: nem na liberdade em relação às palavras, nem na licença das figuras. Aquela, a poesia, é um gênero feito e destinado para a apresentação performática, além do fato de que busca apenas a deleitação. Ao deleite ela persegue pelo inventar não apenas fantasias, mas até mesmo o inacreditável e, nessa forma de existir, ela conta ser ajudada por um assentimento favorável.

29. Pelo fato de estar atrelada a exigências de precisão da métrica, nem sempre ela pode utilizar-se de palavras apropriadas: repelida do caminho direto, necessariamente percorre determinados desvios para se expressar e é obrigada tanto a mudar as palavras, quanto a alongá-las, ou abreviá-las, deslocá-las ou as desmembrar. Nós, por força de uma verdade, nos obrigamos a estar armados, em linha de combate, e a lutar por causas supremas e a nos firmar em uma vitória¹³⁹.

30. No meu entendimento, eu gostaria que as armas não se deteriorassem num canto qualquer e pela ferrugem, mas que nelas fulgurasse o brilho que aterroriza, como o de uma espada¹⁴⁰, pelo qual mente e olhar, só de ver, se dilaceram. Nelas o brilho não fosse como o do ouro e da prata, que é inútil numa luta de guerra e, mais ainda, é perigoso ao que os possui.

¹³⁸ Cíc. *Pro Arch.*, 12.

¹³⁹ Como a atenção está voltada para a oratória forense, Quintiliano associa, com frequência, os embates no tribunal com as imagens do soldado, do combate e de estratégias de guerra, das armas (neste caso as palavras). Cf. § 33.

¹⁴⁰ O termo latino é *ferrum*. Cf. § 11.

31. A história¹⁴¹, por sua vez, pode também alimentar o orador, como se fosse por uma qualidade de seiva ricamente nutritiva e saborosa. No entanto, também ela precisa ser lida de tal modo que saibamos que muitas de suas especificidades devem ser evitadas pelo orador. É, seguramente, próxima aos poetas e, em certa medida, um poema em prosa; é escrita para narrar, não para provar; é um tipo de obra que, na sua totalidade, se compõe não para o concretizar de um fato e para um combate imediato, mas para a memória da posteridade e para a fama de uma genialidade. Sendo assim, tanto pelas palavras pouco usuais quanto por figuras mais livres, a história evita o tédio do narrar.

32. Assim, como eu disse¹⁴², nem o famoso estilo sintético de Salústio¹⁴³ – para os ouvidos abertos e eruditos nada pode ser mais perfeito – há de ser percebido por nós em um juiz ocupado de variadas reflexões e, muito frequentemente, nada erudito; nem aquela exuberância, farta como leite, de Tito Lívio ensinará muito àquele que não está buscando a qualidade formal de uma exposição, mas busca a credibilidade¹⁴⁴.

33. Acrescente-se que Marco Túlio¹⁴⁵ julga que nem mesmo Tucídides ou Xenofonte sejam úteis ao orador, ainda que considere aquele um “cantor guerreiro” e pela boca deste “as musas terem falado”. No entanto, é-nos, algumas vezes, permitido servir, em nossas digressões, do brilho que há no escrito histórico, conquanto nas coisas de que aqui se vai tratar, estejamos sempre lembrados de que se vai necessitar não de músculos de atletas, mas

¹⁴¹ A palavra *historia* equivale, na *Institutio*, a historiografia.

¹⁴² [IV, 2, 45](#).

¹⁴³ Gaio Salústio Crispo (86-36 a.C.) Escreveu *Bellum Catilinae* e *Bellum Iugurtinum*.

¹⁴⁴ Sobre Tito Lívio § 101; A credibilidade, ou confiabilidade, deve ser um dos requisitos essenciais no orador.

¹⁴⁵ As citações de Quintiliano são *Orator* 39 e 62. Outras referências são: *Orator*. 32 e seg.; *De orat.*, II, 58.

de braços de soldados. Da mesma forma, aquele traje multicolorido, que se dizia Demétrio Faléreo¹⁴⁶ vestir, nunca há de cair bem para a poeira do fórum.

34. Existe ainda uma outra serventia que se origina dos fatos históricos, em verdade, a principal, mas não pertinente ao ponto de que nos ocupamos neste momento: do recôndito dos fatos e de seus exemplos é que, precipuamente, o orador se deve instruir¹⁴⁷. Que ele não espere de seu cliente todos os testemunhos, mas diligentemente os recolha, já conhecidos, em sua maior parte, pela antiguidade, considerando-se o fato de que serão mais poderosos, pois somente esses testemunhos estão isentos de suspeitas e de favorecimento.

35. Como nos coubesse a todos nós buscar muitas coisas na leitura dos filósofos, isso, no entanto, foi feito de forma defeituosa pelos oradores. Estes, de fato, os abandonaram no que há de melhor em suas obras. Indubitavelmente, a respeito das coisas justas, honestas, úteis, também de tudo que a estas seja contrário, e, sobretudo a respeito das coisas divinas os filósofos tratam cabalmente, argumentam ferrenhamente; não somente para as alterações, mas também para os interrogatórios os Socráticos¹⁴⁸ preparam otimamente o orador.

36. Mas também nestes casos se deve aplicar semelhante juízo: como igualmente versemos, nós os oradores, sobre os mesmos temas que a filosofia, no entanto, é preciso que saibamos que não são idênticas as situações dos processos jurídicos e as das discussões filosóficas; do fórum e da sala de leitura; dos preceitos e dos riscos em uma contenda judicial.

¹⁴⁶ cf. § 80.

¹⁴⁷ Cf. *De Oratore*, 1, 201; *Inst.*, V, 11, 36-37

¹⁴⁸ É uma referência ao método dialético. Os socráticos são Platão, Xenofonte e os Acadêmicos.

37. Eu creio serem muitos os que haverão de exigir, já que julgamos haver tanto de utilidade na leitura, que ajuntemos ao nosso tratado isto: quais sejam os autores que devem ser lidos e qual, em cada um, a virtude principal. Mas analisar todos eles, um por um, seria uma tarefa infinita.

38. Analisemos o seguinte fato: como M. Túlio, no *Brutus*, tenha, em tantos milhares de linhas, falado apenas dos oradores romanos e, no entanto, tenha-se silenciado, excetuados César e Marcelo¹⁴⁹, a respeito de todos os mais de seu tempo, os quais ainda eram vivos, como haveria de ter limite, se eu me atrevesse a falar de todos aqueles que existiram depois de Cícero e, ainda, não somente todos os oradores gregos, mas também os filósofos?

39. Existiu, verdadeiramente, a famosa, acertadíssima e sumária afirmação, que se encontra escrita numa carta de Lívio a seu filho¹⁵⁰, segundo a qual “devem ser lidos Demóstenes e Cícero e somente então cada um que fosse muitíssimo semelhante a Demóstenes e Cícero”.

40. Não há, igualmente, de ser dissimulada a essência da nossa opinião: poucos, ou antes, um só, talvez, dentre aqueles que perpetuaram a antiguidade, eu penso poderem ser relacionados na condição de quem haja de ser considerado de alguma utilidade para os que se dediquem à reflexão. O próprio Cícero confessa-se ter sido ajudado por alguns autores muito antigos, que foram engenhosos, embora carecessem de escolarização formal.¹⁵¹

41. Nem é muito outra coisa o que sinto em relação aos novos autores. Que número tão pequeno de escritores pode, em verdade, ser encontrado e tão

¹⁴⁹ Caio Júlio César (100-44 a.C.), o grande general romano. Escreveu *De bello gallico*. Marco Cláudio Marcelo, Cônsul em 51 a.C.. A respeito dele Cícero pronunciou o discurso *Pro Marcello*.

¹⁵⁰ Essa carta se perdeu.

¹⁵¹ Cícero *Brutus*, 61-66; *Orator*, 169.

demente que não tenha esperado pertencer à memória da posteridade, ainda que na pálida confiança em alguma parte de sua obra? Esse autor, se é que existe algum, logo nos primeiros versos será descoberto e nos despachará antes de se constatar que o fato de tê-lo experimentado aconteceu como se fosse um desperdício de tempo.

42. Mas não qualquer coisa que pertença a alguma parte do conhecimento científico está imediatamente adequada para se elaborarem os padrões e as estruturas de frase sobre as quais vimos falando. Antes que eu fale a respeito de cada um dos autores em particular, umas poucas coisas no geral precisam ser ditas quanto à diversidade de opiniões.

43. Alguns, de fato, pensam que somente os autores antigos hão de ser lidos. Mais ainda, julgam que em nenhuns outros autores a eloquência natural existe, nem vigor digno dos homens. A outros agradam esta lascívia atual, as fruições e tudo quanto se compõe para a volúpia da massa ignara.

44. Até mesmo dentre aqueles que querem seguir o padrão do falar naturalmente, alguns pensam séria e indubitavelmente que se deva agir à maneira Ática, isto é, de forma resumida, ligeira, minimamente se afastando do uso cotidiano. A outros aprisiona a sublime força de um talento, essa força mais arrebatadora e plena de espírito. Existem ainda não poucos amantes do padrão suave, brilhante e harmonioso. A respeito destas diferenças dissertarei mais diligentemente no momento em que tiver de ser investigada a natureza do discurso¹⁵². Neste momento tocarei resumidamente naquilo e através de que leitura o possam buscar aqueles que querem fortalecer sua capacidade de discursar.

¹⁵² XII, 10, 58 e seg.

45. Tenho em mente tomar à parte uns poucos - estes são, de fato, os mais eminentes. É fácil, no entanto, para os que se dedicam aos estudos, decidir quais sejam os mais semelhantes a si. Nestas circunstâncias, que ninguém se queixe terem sido, por acaso, omitidos aqueles que cada um, em particular, aprecie intensamente. Confesso serem muito mais numerosos os que devam ser lidos, além desses que serão relacionados. Neste momento, porém, persigo os próprios gêneros das leituras que eu julgue especialmente convenientes àqueles que se pretendem tornar oradores.

46. Sendo assim, tal como Arato¹⁵³ pensa dever-se começar por Júpiter, tenho por mim que, exatamente como um rito, havemos de começar por Homero. Este diz que, de certo modo, a corrente de todos os rios e de todas as fontes tem seu começo no Oceano¹⁵⁴. Assim, ele próprio como que deu origem e serviu de exemplo a todas as partes da eloquência. A este ninguém superou, seja pela sublimidade nas coisas grandiosas, seja pela propriedade nas coisas simples. Ele tanto é fecundo, quanto conciso, prazeroso e grave, admirável na abundância como na parcimônia, o mais elevado não somente por seu vigor poético, mas também pela força oratória.

47. Sem que seja preciso eu falar, neste momento, a respeito dos panegíricos, exortações e consolações, mas em relação ao nono livro¹⁵⁵, em que está contida a embaixada enviada a Aquiles, ou a famosa contenda entre os chefes, no livro primeiro, ou as sentenças proferidas no segundo, não é verdade que

¹⁵³ Arato (fim do séc. IV – início séc. III a.C.). Escreveu um poema didático sobre astronomia, de grande divulgação, *Fenômenos*. A expressão “começar por júpiter” esta no início dessa obra, que foi traduzida por Cícero.

¹⁵⁴ *Ilíada*, 21, 196.

¹⁵⁵ *Ilíada*, 9, 255; 1, 121-303; 2, 53-394.

tudo isto explica o conhecimento técnico de todos os tipos de processos jurídicos e de todas as formas de ações deliberativas?

48. Quanto ao que move a alma, seja o que há de mais doce, seja o que há de exasperador, ninguém haverá que se confesse ignorante de que este autor o tenha possuído em seu completo poder. Eia, pois, não é verdade que na porta de entrada de ambas as obras, em pouquíssimos versos ele, não digo que obedeceu, mas constituiu a lei dos proêmios? Sem dúvida ele torna benevolente o ouvinte pela invocação das deusas, as quais, se acredita, presidiram aos poetas; ele o torna atento pela grandeza proposta dos temas; o torna receptivo pelo essencial que, em forma de sumário, ele condensa.

49. Quem é capaz de fazer mais sucintamente uma narrativa do que aquele que anuncia a morte de Pátroclo¹⁵⁶? Quem é capaz de fazer mais significativamente uma exposição do que aquele que relata o combate dos Curetes e dos Etólios¹⁵⁷? Sejam comparações, amplificações, exemplos, episódios, comprovações de fatos e de argumentos e tudo o mais de que se pode utilizar para provar ou refutar, assim, tantas são essas coisas que até mesmo aqueles que escreveram sobre essas técnicas tenham buscado neste poeta a maior parte dos exemplos para suas abonações.

50. Tome-se, por exemplo, uma genuína peroração: que autor terá podido igualar-se às célebres preces de Príamo, que suplica a Aquiles¹⁵⁸? Ainda mais? Nas palavras, nas sentenças, nas figuras, na organização da obra como um todo, não é verdade que excedeu a medida do talento humano? Em consequência disto, há que haver nos homens que se queiram grandes a

¹⁵⁶ *Ilíada*, 18, 18.

¹⁵⁷ *Ilíada*, 9, 529.

¹⁵⁸ *Ilíada*, 24, 486 e seg.

competência para seguir as qualidades dele, não pela emulação, pois que isso não se pode fazer, mas pela compreensão intelectual apenas.

51. Com certeza ele deixou todos para trás, indubitavelmente longe de si em todo gênero de eloquência, principalmente os poetas épicos, já que é só dureza a comparação, considerando-se que trataram de matéria semelhante.

52. Ocasionalmente aparece Hesíodo, e grande parte de sua obra está ocupada por uma relação de nomes¹⁵⁹. No entanto são úteis suas sentenças que tratam de preceitos morais. É digna de apreço a leveza das palavras e da composição e se lhe pode conferir a palma naquele gênero intermediário de discurso, sobre o qual já falei.

53. De modo contrário, em Antímaco¹⁶⁰ merece elogio a força, a gravidade e seu gênero minimamente vulgar de discurso. No entanto, ainda que o quase consenso dos gramáticos lhe atribua uma segunda colocação, seja em relação aos movimentos da alma, ao que dá prazer, à organização, enfim, à arte como um todo, ele, de tal maneira, é mais fraco que se torne claramente visível que uma coisa seja estar perto, outra, seja ser o segundo.

54. Paniasis¹⁶¹, em matéria de linguagem, pensa-se, não supera as qualidades de nenhum dos dois últimos. No entanto, julga-se que um deles, Hesíodo, é superado no que diz respeito à temática, o outro, Antímaco, no que se refere à racionalidade de sua organização. Apolônio¹⁶² não vem relacionado em nenhuma categoria formulada pelos gramáticos, mesmo porque Aristarco e

¹⁵⁹ Em especial a *Teogonia*.

¹⁶⁰ Antímaco de Colofon (*nasceu aprox. em 405 a.C.*), autor de uma *Tebaida*.

¹⁶¹ Tio de Heródoto, autor de uma *Heracléia*.

¹⁶² Apolônio de Rhodes, autor da *Argonáutica*. A lista a que se faz referência consistiu de quatro poetas, já mencionados, acrescida de Pisandro. Ver § 56.

Aristófanes¹⁶³, juízes dos poetas, não haviam incluído no elenco de autores consagrados quem quer que, de seu tempo, ainda vivesse. Produziu uma obra que, no entanto, não é desprezível, caracterizada por um certo nivelamento mediano.

55. A temática de Arato carece de movimento, quando este significa vitalidade, de uma tal forma que nela nenhuma variedade exista, nenhum sentimento, nenhuma personagem caracterizada, nenhum discurso do que quer que seja. No entanto, o poeta se basta à sua obra, da qual se julga à altura. Admirável em seu gênero é Teócrito¹⁶⁴, mas aquela sua musa, rústica e pastoral, foge atemorizada não somente do fórum, mas até mesmo da própria cidade.

56. Parece que, de todos os lados, ouço pessoas sugerirem nomes de poetas, os mais diversos. Como assim? Os feitos de Hércules não os poetizou tão bem Pisandro¹⁶⁵? Como não? A Nicandro¹⁶⁶, foi em vão que o imitaram Macro e Virgílio? Como ainda? Passaremos ao largo de Euforião¹⁶⁷? Deste igualmente, se Virgílio não tivesse provado, com certeza nunca teria feito, nas *Bucólicas*, menção aos poemas compostos em metro calcídico. Ainda mais? É sem critério que Horácio subscreve Tirteu¹⁶⁸ logo abaixo de Homero?

57. Além de tudo isso, ninguém, em sã consciência, se encontra tão afastado do conhecimento deles que não possa transcrever nos seus próprios livros a relação dos nomes desses poetas, obtida em qualquer biblioteca. De minha

¹⁶³ Aristófanes de Bizâncio.

¹⁶⁴ Nasceu em Siracusa (aprox. 300 a.C.). Escreveu poesia de caráter bucólico, mimos, hinos, etc.

¹⁶⁵ Um poeta Ródio do século sétimo a.C.

¹⁶⁶ Nicandro de Colofon (segundo século a.C), autor de poemas didáticos, *Theriaca* e *Alexipharmaca* e *Metamorphoses*. Virgílio o imitou nas *Geórgicas*; Emílio Macro, o amigo de Ovídio, o imitou em sua *Theriaca*.

¹⁶⁷ Euforião de Chalcis (220 a.C) escreveu de modo elaborado curtos poemas épicos. Ver *Ecl.* 10. No verso 50, através das palavras de Galo, Virgílio faz referência a suas próprias imitações de Euforião.

¹⁶⁸ Ver Hor. *Ars*, 401. Tirteu, escritor de cantos de guerra. (sétimo século a.C).

parte, nem ignoro aqueles ao largo de que passo, nem, muito menos, lhes causo qualquer dano, pois, já tenho dito¹⁶⁹, em todos existe algo de utilidade.

58. Mas voltaremos àqueles, uma vez completamente desenvolvidas e constituídas as forças. Exatamente assim fazemos, com frequência, nos grandes banquetes: até mesmo quando já estamos saciados pelas melhores iguarias, a variedade dos pratos inferiores nos é agradável. Sendo assim, há tempo para tomar nas mãos a elegia: dela Calímaco¹⁷⁰ é tido como príncipe; Philetas¹⁷¹ ocupou o segundo lugar, de acordo com o reconhecimento da maior parte.

59. Enquanto seguimos no encalço daquela, como eu disse¹⁷², facilidade inabalável, é preciso nos acostumarmos aos melhores: não só há de ser formado o espírito, de modo mais eficiente, por uma leitura em profundidade do que pela leitura de muitos; também assim há de ser externado o colorido da forma. Consequentemente, dentre os três escritores de Jambos¹⁷³, acolhidos segundo o juízo de Aristarco, Arquíloco é o único que se pode dizer pertinente para, através dele, se alcançar aquela facilidade.

60. Neste é suprema a força da elocução, de tal modo que são vigorosas, algumas vezes breves, mas sempre vibrantes as suas sentenças; são dotadas de muito sangue e de nervos, a tal ponto que pareça a alguns ser por defeito do assunto, não do talento, o fato de ele eventualmente se apresentar inferior a um outro poeta qualquer.

¹⁶⁹ § 45.

¹⁷⁰ Calímaco (séc. III a.C.) viveu em Alexandria. Escreveu, entre outras coisas, jambos e epigramas.

¹⁷¹ Philetas de Cós (290 a.C.).

¹⁷² X, 1, 1.

¹⁷³ Os outros dois escritores são Simônides de Amorgos e Hiponax de Éfeso. Archilochus (*nasceu aprox.* 686 a.C.). Escreveu jambos e elegias.

61. Dentre os nove líricos¹⁷⁴, verdadeiramente, Píndaro¹⁷⁵ é, de longe, o primeiro na inspiração, na magnificência, nas sentenças, nas figuras, na felicíssima riqueza de temas e de palavras, enfim, como que fosse ele uma correnteza de eloquência. Diante destas qualidades, Horácio¹⁷⁶ acredita que ele, por seus méritos, não pode ser imitado por nenhum humano.

62. Stesicoro¹⁷⁷, o quanto ele seja vigoroso em talento, mostram-no até mesmo as suas temáticas: ele que canta as guerras mais significativas e os generais mais ilustres; ele que, com sua lira, sustenta o peso da poesia épica. Ele devolve às suas personagens a devida dignidade no agir, bem como no falar. Além disso, se tivesse contido as medidas, ele, muito de perto, parece-me, teria podido rivalizar-se com Homero, mas é redundante e difuso. Isto é algo que se deva repreender, uma vez que se constitui em vício de excesso.

63. Alceu é merecidamente condecorável com *Plecto Áureo*¹⁷⁸, tendo em vista uma parte de sua obra, aquela através da qual, tendo invectivado os tiranos, até mesmo traz sua contribuição para os bons costumes. No falar, é igualmente breve e magnífico, muitas vezes semelhante, na força de seu discursar, a um orador. No entanto, ele brincou e também desceu aos amores¹⁷⁹, ainda assim suas aptidões são compatíveis com as dos maiores.

64. Simônides¹⁸⁰, por sua vez, pode ser recomendado por sua linguagem própria e por um certo encanto prazeroso. Tão notável, contudo, é sua força no

¹⁷⁴ Os cinco não mencionados aqui são: Alcmane, Safo, Íbico, Anacreonte e Bachílides.

¹⁷⁵ Píndaro (518-438 a.C.). Era de família aristocrática. São notáveis seus epigramas.

¹⁷⁶ *Od.*, [IV, 2, 1](#).

¹⁷⁷ Stesicoro de Himera, na Sicília, (*aprox.* 600 a.C.), escreveu em versos líricos sobre diversas lendas, especialmente sobre temas ligados à guerra de Tróia.

¹⁷⁸ Hor. *Od.*, II, 13, 26. Alceu de Mitilene (*aproxim.* 600 a.C.).

¹⁷⁹ Escreveu poesia amorosa de caráter erótico.

¹⁸⁰ Simônides de Céos (556-468 a.C.), famoso por todas as formas de poesia lírica, especialmente odes funerárias. Certamente Quintiliano o recomenda, tendo em vista o forma como esse poeta elabora as emoções.

que diz respeito aos movimentos do patético, que muitos, quanto a este aspecto, o coloquem à frente de todos os outros de semelhantes composições.

65. A comédia antiga, quase como única, retém aquela graça pura da conversação ática, quando então ela gozava da liberdade de falar abertissimamente; mais ainda, se ela tem como poder principal perseguir os vícios, mesmo assim ela guarda muitíssimo de forças em outros aspectos igualmente. Ela é, de fato, grandiosa, elegante e sedutora: não sei se qualquer outra forma de literatura, depois de Homero – este, assim como Aquiles, deve ser tomado à parte - é igual ou muito semelhante aos oradores ou mais adequada para se formarem os oradores.

66. Numerosos são seus autores, mas Aristófanes, Eupolis e Cratino¹⁸¹ são os principais. Quanto às tragédias, Sófocles foi o primeiro a trazê-las ao brilho da luz. Sublime, grave e grandiloquente, muitas vezes, porém, ao excesso, mas rude em muitas passagens e até mesmo desconcertado. Por esta razão os atenienses permitiram colocar em concurso suas peças corrigidas por poetas posteriores. Dessa maneira, muitos alcançaram a coroação.

67. Mas, sem igual, fizeram brilhar mais claramente este gênero Sófocles e Eurípides. Discute-se entre muitas pessoas qual seja melhor poeta, cada um dos dois em seu modo próprio e tão díspar de dizer. Mas isto eu, em sã consciência, deixo sem julgamento, já que nada tem de pertinente com a presente matéria. Existe, no entanto, um fato que ninguém nega desnecessário àqueles que se preparam para a atuação forense: Eurípides, de longe, há de ser mais útil.

¹⁸¹ Contemporâneos: Cratino (519-422), Aristófanes (448-380), Êupolis (446-410).

68. O fato é que, na sua linguagem, (pois a esta própria repreendem aqueles para os quais parecem ser mais sublimes a gravidade, o coturno e a sonoridade de Sófocles) ele muito se aproxima do gênero oratório. Ele é denso em suas sentenças; é quase igual a filósofos sábios, naquelas sentenças que por eles nos foram legadas. No discursar e no replicar há de ser comparado a qualquer um daqueles que no fórum eram peritos eloquentes. No que se refere aos movimentos da alma, em tudo é admirável; especialmente naqueles movimentos que consistem de sentimentos de compaixão ele é indubitavelmente o primeiro.

69. A este admirou muitíssimo, como sempre o testemunhou, Menandro¹⁸², e o seguiu, ainda que numa obra de natureza diferente. Menandro, segundo minha opinião, ainda que fosse o único a se ler diligentemente, bastaria para que fossem retratadas todas aquelas qualidades que vimos ensinando. Tão fielmente expressou toda uma imagem da vida; tão copiosas eram nele a riqueza da invenção e a capacidade de falar; tão perfeitamente equilibrado ele era em todas as situações, personagens e emoções.

70. Acertadamente compreenderam, segundo penso, aqueles que julgaram terem sido escritos por Menandro os discursos que vieram à luz sob o nome de Carísio¹⁸³. Parece-me, entretanto, que ele se prova de longe melhor orador através da própria obra, se, por acaso, não se considerem as questões judiciais que estão contidas em *Epitréontes*¹⁸⁴, *Epiclesos* e *Locroe*; as reflexões que

¹⁸² Menandro (342-291 a.C.), principal representante da comédia nova, junto com Dífilo e Filémon

¹⁸³ Um contemporâneo de Demóstenes; seus discursos não permaneceram, mas eram considerados semelhantes aos de Lísias.

¹⁸⁴ A maior parte de *Epitréontes* foi recuperada de um papiro. As outras peças se perderam. Os nomes podem ser traduzidos por: "Os Árbitros," "A Herdeira," "Os Lócrios," "O Tímido," "O Legislador," "O Desafiante"

em *Psophodee*, *Nomothete*, *Hypobolimaéo* se fazem, embora não estritamente sob todos os requisitos da oratória.

71. De minha parte, no entanto, penso que ele há de levar algo mais de contribuição aos declamadores, já que a estes é necessário, segundo a natureza das controvérsias, se comportarem como os mais diferentes personagens, ou seja, como pais, filhos, <solteirões>, maridos, soldados, camponeses, ricos, pobres, mal-humorados, suplicantes, amáveis, ríspidos. Em todos estes retratos a perfeita imagem é admiravelmente guardada por esse poeta.

72. Mais do que tudo isso, ele, de fato, deixou longe o nome de todos os autores de idêntico gênero e, com certo fulgor de sua claridade, os lançou às trevas. Alguns outros cômicos, se lidos condescendentemente, têm coisas que se possam colher com proveito, como especialmente Filémon¹⁸⁵. Este, de acordo com juízos tortos de seu tempo, muitas vezes foi posto à frente de Menandro¹⁸⁶, mas no consenso de todos os demais mereceu ser creditado como o segundo.

73. A história, muitos¹⁸⁷ a escreveram de forma admirável, mas ninguém duvida de que, de longe, há dois que não de ser colocados à frente dos demais. Suas qualidades, ainda que diferentes entre si, alcançam glória quase idêntica. Denso, preciso e exigente de si mesmo, assim é Tucídides¹⁸⁸; doce, lúcido e profuso, assim é Heródoto¹⁸⁹. Aquele é melhor quanto aos sentimentos arrebatadores, este quanto aos sentimentos tranquilizadores; aquele, nos

¹⁸⁵ Filémon nasceu em Siracusa, mas obteve cidadania ateniense, (360-262);

¹⁸⁶ Menandro de Athenas (342-290).

¹⁸⁷ Cíc. *De orat.*, 2, 55 e seg.

¹⁸⁸ Tucídides (460-395 a.c.) autor de uma obra sobre a guerra do Peloponeso.

¹⁸⁹ Heródoto (490-424 a.C.) escreveu sobre a guerra dos persas.

embates acalorados, este, nas conversações pacíficas; aquele, o primeiro, é melhor no vigor da força, o outro, no encantamento.

74. Teopompo¹⁹⁰ é o que vem logo a seguir a estes. Ele, ainda que inferior aos já referidos, em se tratando de história, é, no entanto, muito semelhante a um orador: em verdade, ele, antes de ter-se seduzido pela atividade de historiador, foi, durante bom tempo, orador. Filisto¹⁹¹ igualmente merece ser tomado à parte dos que são considerados bons, dentre a multidão de autores que segue após estes de que já falei. Foi imitador de Tucídides, mas, ainda que bastante mais fraco, de certa forma, brilhou um pouco mais pela clareza. Eforo¹⁹², segundo a visão de Isócrates, carece de umas boas esporas¹⁹³. O talento de Clitarco¹⁹⁴ é apreciável, a sua credibilidade, porém, é suspeita.

75. Após longa passagem de tempo, nasceu Timagenes¹⁹⁵. Ele é digno de aprovação pelo que se segue: restaurou como nova glorificação a engenhosidade do escrever histórias, nesse meio tempo interrompida. Xenofonte não me cai no esquecimento, mas há de ser considerado entre os filósofos.

76. O que se segue é uma grande mão cheia de oradores. Para Atenas uma única geração produziu, de uma só vez, cerca de dez oradores¹⁹⁶. Deles, de

¹⁹⁰ Theopompo de Chios, nascido cerca de 378 a.C, escreveu uma história da Grécia (*Helênicas*) aproximadamente da guerra do Peloponeso até 394 a.C, e uma história relativa ao reino de Filipe da Macedônia (*Filípicas*). Seu mestre, Isócrates, incentivou-o a escrever história.

¹⁹¹ Filistus de Siracusa, nascido cerca de 430 a.C, escreveu uma história de Sicília. Cf. Cic. *De orat.*, II, 57.

¹⁹² Eforo de Cumas, cerca de 340 a.C, escreveu uma história universal. Ele era aluno de Isócrates.

¹⁹³ Isto é, de esporadas, para que se torne mais ágil, mais veloz.

¹⁹⁴ Clitarco de Megara escreveu uma história da Pérsia e de Alexandre, de que ele era contemporâneo.

¹⁹⁵ Timagenes, um Sírio do tempo de Augusto (fim do séc I a.C – início do séc. I d.C.), escreveu uma história de Alexandre e de seus sucessores.

¹⁹⁶ São eles: Antifone, Eócides, Lísias (aprox. 403-380), – a ele Cícero se refere em *Brut.*, 35; 110 - Isócrates (435-338), Iseu, Demóstenes, Eschines, Licurgo, Hypérides e Dinarco.

longe, Demóstenes¹⁹⁷ foi o príncipe e quase a própria lei da oratória. Tão grande força, tão densas nele existem todas as coisas, como que tensionadas por nervos próprios. Nada é afrouxado e a justa medida do dizer é tal que nele se não pode encontrar nem o que falte, nem o que redunde.

77. Esquines¹⁹⁸ é muito cheio e muito profuso; tem aparências de grandiosidade pelo fato de que é menos conciso: ele tem mais de carne do que de musculatura. Doce, sobretudo, e perspicaz é Hipérides. No entanto está melhor aparelhado para as causas menores, para não dizer, causas mais insignificantes.

78. Lísias, que é anterior em geração a estes, é sutil e elegante: nada mais perfeitamente do que ele fez se busque fazer, se o bastante seja fazer aprender a um orador. Nada nele é vão, nada é rebuscado: assemelha-se mais a uma fonte pura do que a um rio caudaloso.

79. Isócrates¹⁹⁹ é brilhante e bem preparado numa forma diferente de oratória: mais adequado para a sala de exercícios do que para o combate, propriamente. Perseguiu, não sem razão, todas as graças sedutoras do dizer. Ele se havia, de fato, preparado para as salas de audição, não para as ações do tribunal: hábil na invenção, cuidadoso do que é honesto, a tal ponto diligente em sua composição que chegue a ser repreensível no seu excesso de zelo.

80. Eu, em se tratando dos autores, a respeito dos quais acabo de falar, nem considero aquelas as suas únicas qualidades, conquanto me pareçam as principais, nem julgo que os demais tenham sido de pouca relevância. Como

¹⁹⁷ Demóstenes (384-322 a.C.). *Princeps* (príncipe) significa “aquele a quem cabe o direito de tomar a palavra em primeiro lugar”. Inspirado em suas *Filípicas*, Cícero compôs os discursos contra Marco Antônio, também denominados *Filípicas*.

¹⁹⁸ Esquines (389-314). Adversário político de Demóstenes.

¹⁹⁹ Isócrates (436-338 a.C.) é o orador que melhor caracteriza o estilo artificioso da oratória epidíctica.

não haveria de confessar que o também famoso Demétrio Faléreo²⁰⁰, ainda que tenham dito que ele primeiramente se inclinara para a eloquência, foi, por sua vez, de muito talento e de notável dom da palavra? Diante disso, pois, é digno de memória, já que é quase o último dentre os áticos²⁰¹ que pode ser considerado um orador. É justamente este autor aquele a quem Cícero prefere a todos os outros²⁰², quando se trata daquele tom comedido de linguagem a que já me referi.

81. Dos filósofos, dos quais Cícero²⁰³ confessa haver buscado muitíssimo de sua eloquência, quem duvida de que Platão foi o mais importante, seja pela sua agudez de raciocínio, seja por sua capacidade de eloquência, que é divina e quase homérica? Ele se eleva muito acima da conversação linear a que os gregos chamaram de “linguagem pedestre”, de tal maneira que a mim pareça inspirado não pelo talento de um ser humano, mas por um oráculo délfico.

82. De que maneira eu poderia falar daquele charme não afetado de Xenofonte²⁰⁴, mas que afetação nenhuma pode alcançar? As próprias Graças parecem ter-lhe modelado a linguagem e é permitido, com toda justiça, aplicar-se a ele o comentário que um autor de comédia antiga²⁰⁵ fez a respeito de Péricles: “nos lábios dele como que fez morada a deusa da persuasão”.

83. O que dizer da elegância dos demais Socráticos? O que dizer de Aristóteles²⁰⁶, a respeito de quem fico em dúvida se o considero mais brilhante

²⁰⁰ Governou Atenas como auxiliar de Cassandro 317-307: fugiu depois para o Egito, onde morreu em 283.

²⁰¹ [de Oratore, 2, 95](#); [Orator, 92](#).

²⁰² Trata-se propriamente do estilo médio. Ver *Orator*, 92.

²⁰³ Cf. *Orator*, 12.

²⁰⁴ Xenofonte (430-355 a.C.) escreveu sobre filosofia e história.

²⁰⁵ Eupolis, Fragmento 94 K.

²⁰⁶ "Doce" é o último epíteto a se aplicar aos trabalhos que sobreviveram de Aristóteles. Mas Dioniso de Halicarnasso e Cícero não os elogiam menos calorosamente, referindo-se,

em sua ciência das coisas, na imensa quantidade de seus escritos, na suavidade de sua fala, na aguda perspicácia de suas descobertas ou na variedade de seus trabalhos²⁰⁷? Em Teofrasto²⁰⁸, o brilho do falar é verdadeiramente tão divino que se diz ter ele derivado daí o próprio nome!

84. Os velhos estóicos²⁰⁹ trataram com menor indulgência a eloquência, mas como pregaram as coisas honestas, foram de máximo valor, seja na forma de raciocinar sobre, seja na maneira de provar tudo aquilo que haviam instituído. No entanto, eles foram de muito mais acuidade em suas reflexões do que magníficos em seus discursos, mesmo porque, em plena consciência, não se afizeram a isto.

85. Cabe-nos a tarefa de tratar dos autores romanos, estabelecendo-se idêntica ordenação. E assim, tal como entre eles Homero, entre nós Virgílio terá dado o começo, o mais auspicioso. Sem sombra de dúvida, dentre todos os poetas gregos e romanos que escreveram este gênero de poesia, ele é o mais próximo de Homero.

86. Usarei das mesmas palavras que eu, ainda jovem, ouvi de Domício Afro²¹⁰. A mim, que o interrogava a respeito de quem mais de aproximasse de Homero, ele disse: “o imediatamente seguinte é Virgílio, no entanto, ele está muito mais perto do primeiro do que do terceiro”. Por Hércules, conquanto tenhamos de ceder a passagem àquela Natureza Celestial e Imortal, Homero, no entanto,

indubitavelmente, a trabalhos que se perderam. (Este é o comentário feito na versão inglesa veiculada pela internet, citada na bibliografia).

²⁰⁷ Cf. Cíc. *Orator*, 172.

²⁰⁸ Teofrasto, sucessor de Aristóteles como líder de sua escola, (322-287). Diógenes Laércio (v.38) diz que seu nome verdadeiro era Tirtamo, mas que Aristóteles o chamou de Teofrasto por causa das "qualidades divinas de seu estilo" (φράσις).

²⁰⁹ Zenão, Cleanto, Crisipo. (Séc III-II a.C.).

²¹⁰ Domício Afro (morreu em. 59 d.C., sob Nero). Foi o orador principal do império de Tibério e de seus sucessores.

muito de dedicação cuidadosa e diligência existiu em Virgílio pelo fato de que o esforço de elaboração lhe foi muito mais exigido. O quanto, porém, somos inferiores em relação aos momentos em que Homero se destaca, em idêntica, mas inversa, proporção somos compensados por nossa harmoniosa regularidade.

87. Todos os demais poetas o seguem, mas de longe. É, pois, assim que Macro e Lucrécio²¹¹ devem inquestionavelmente ser lidos, mas não propriamente para que se adquira a expressividade da frase, ou seja, o corpo da eloquência. Em verdade, são seletivos, cada um em sua temática, mas enquanto um é mais simples, o outro é nada fácil. Varrão de Atax²¹² alcançou renome justamente na condição de intérprete²¹³ de obra alheia. Ele não deve ser desprezado, mas, na verdade, para se desenvolver a capacidade oratória ele oferece poucos recursos.

88. A Ênio²¹⁴ adoremos, tal como aos bosques que, pela sua idade, se fizeram sagrados: neles os robustos e antigos carvalhos não mais ostentam tamanha beleza, quanta revelam em sua dimensão de religiosidade. Existem ainda outros autores muito perto disto de que falamos e também muito mais úteis. Lascivo de verdade em seus versos heróicos, Ovídio é também excessivo

²¹¹ Macro, §56. Lucrécio (94-55 a.C.) Escreveu poesia didática – De rerum natura, obra editada por Cícero.

²¹² Varrão de Atax, um gaulês, (82-37 a.C) era especialmente famoso por causa da sua tradução da *Argonáutica* de Apolônio de Rodes. Ele escreveu também poesia didática e épica histórica.

²¹³ Significa, propriamente, tradutor. A obra traduzida a que se faz referência é *Fenômenos*, de Arato.

²¹⁴ Ênio (239-169 a.C.) escreveu *Annales*, um poema épico, de que restam fragmentos. Sua obra inclui tragédias, sátiras e poesia didática.

amante do próprio talento. Mesmo assim, porém, há de ser elogiado em algumas partes específicas²¹⁵.

89. Cornélio Severo²¹⁶, por sua vez, mesmo que melhor versificador do que poeta, se tivesse o seu *Bellum Siculum* escrito inteiramente com a mesma qualidade do primeiro livro, poderia reivindicar para si, com justa razão, o segundo lugar. A morte prematura impediu Serrano²¹⁷ de alcançar sua perfeição. No entanto, suas obras de juventude revelam como admiráveis, para a idade que tinha, uma índole elevadíssima e uma predisposição para o trabalho refinado de escrita.

90. Há pouco perdemos muito com a morte de Valério Flaco²¹⁸. Foi veemente e poético o talento de Saleu Basso²¹⁹, mas ele não pôde amadurecer, pela velhice, esse talento. Rabirio²²⁰ e Pedo²²¹ não são indignos de serem reconhecidos, se se dispuser de tempo. Lucano²²² é ardente, arrebatado e notável em suas reflexões e, para dizer o que sinto, mais pelos oradores do que pelos poetas há de ser imitado.

²¹⁵ Segundo interpreta Calcante (1977), o termo “lascivo” (*lasciuus*), neste contexto significa que Ovídio se utiliza de elementos elegíacos na sua obra *Metamorfoses*, aqui indicada pela expressão “versos heróicos”. (pág.1689).

²¹⁶ Amigo e contemporâneo de Ovídio (*Pont.* 4, 2). Um fragmento considerável foi preservado por Sêneca *Suas.* vi.26. A guerra da Sicília foi a guerra com Sexto Pompeu (38-36 a.C.) e formou, provavelmente, uma grande parte da obra sobre a guerra civil (*Bellum Siculum*). Os fragmentos sobreviventes tratam da morte de Cícero. O *primus liber* acima referido pode ter sido o primeiro livro dessa extensa obra.

²¹⁷ Nada, a não ser o nome desse poeta, é conhecido. Há referência a um “Serrano” em Juvenal 7,80, mas não se pode afirmar que seja o mesmo de quem está falando Quintiliano.

²¹⁸ Valério Flaco (séc 1 dC.) é autor de uma *Argonáutica*, obra incompleta.

²¹⁹ Nada desse poeta é conhecido, a não ser que ele é altamente elogiado por Tácito em seu *Dialogus*; era patrocinado por Vespasiano.

²²⁰ Um contemporâneo de Ovídio. Acredita-se que é o autor de um fragmento sobre a batalha de Actium, encontrado em Herculano.

²²¹ Caio Albinovano Pedo escreveu um poema sobre uma viagem de Germânico ao norte da Germânia. Um fragmento foi preservado por Sêneca: *Suas.*, 1, 14.

²²² Lucano (39-65 dC.), espanhol de origem, neto de Sêneca. Escreveu a *Farsália* (sobre a guerra entre César e Pompeu).

91. Nomeadamente relacionamos estes autores porque o cuidado das coisas do mundo desviou Germânico Augusto²²³ das atividades literárias e porque aos deuses pareceu ser pouco ele ser o maior dos poetas. No entanto, o que é mais sublime, mais sábio, o que, enfim, é mais avançado além de todas as medidas, do que as obras próprias, às quais, ainda jovem, se havia entregado, depois de abrir mão do poder imperial? Quem poderia cantar melhor as guerras do que exatamente aquele que as fez? A quem as deusas que presidem a estes estudos ouviriam mais de perto? A quem Minerva, sua divindade familiar, revelaria, abertamente todas as suas artes?

92. Estas coisas mais completamente os tempos futuros dirão, pois neste momento a sua glória literária está levemente obscurecida pelo brilho de suas outras virtudes. A nós que cultuamos os ritos das letras, nos permitirás, ó César, que não passemos em silêncio e que o testemunhemos através de um verso, o mais acertado, de Virgílio: “entre os louros da vitória, a ti a hera serpenteante enredará”²²⁴.

93. Na elegia desafiamos até mesmo os gregos. Deste gênero, a mim me parece Tibulo o autor mais enxuto e maximamente elegante. Há os que preferem Propércio. Ovídio é mais lascivo que os dois, da mesma forma que Galo²²⁵ é mais severo. A sátira, sem dúvida, é inteiramente nossa. Nela, como

²²³ Germânico Augusto é Domiciano, imperador entre 81-96 d.C. Ele se declarava filho de Minerva. Duvida-se se ele, de fato, tenha escrito qualquer poema, embora, segundo Valério Flaco (1,12), ele teria escrito um poema sobre a guerra dos judeus. A expressão em latim *donato imperio* significaria o seu gesto de entregar o império ao pai e ao irmão. A referência de Quintiliano pode ser uma homenagem, uma vez que ele se incumbia da educação dos netos desse imperador. Outras referências em [Tácio Hist., 4.86](#), Suetônio. *Dom.*, [2](#) e [20](#)

²²⁴ *Ecl.*, 8,13.

²²⁵ Tibulo (55-19 a.C.), Propércio (49-16 a.C.), Ovídio (43 a.C. – 18 d.C.), Cornélio Galo (69-26 a.C.), o amigo de Virgílio, e, em seu tempo, o mais destacado escritor de elegias em Roma. Cf. § 56.

o primeiro, Lucílio²²⁶ alcançou insigne glória. Ele tem até hoje admiradores tão devotados que não hesitam em colocá-lo à frente não só dos autores do gênero, mas de todos os outros poetas.

94. Eu mesmo discordo tanto destes quanto de Horácio²²⁷, que considera Lucílio um “lodo a fluir lento” e dele “existirem coisas que se podem suprimir”. De verdade, nele é admirável a erudição, a liberdade e, em consequência, a aspereza de linguagem e a mordacidade abundante. Muito mais enxuto e mais puro, e se não me deslizo em razão do amor que tenho por ele, Horácio é o primeiro. Pérsio²²⁸, ainda que por um único livro, foi de grande mérito e de glória verdadeira. Existem ainda hoje autores, que são notáveis e que, um dia, serão renomados.

95. Existiu ainda, bem antes, um outro gênero de sátira, mas que se caracterizava por ser mais do que um misto de metros variados. Terêncio Varrão²²⁹, o homem mais erudito dos romanos, foi quem o fundou. Ele compôs diversos livros, sapientíssimos. Ele foi o mais versado na língua latina e o maior conhecedor de toda a antiguidade não só em relação às coisas gregas, mas também no que diz respeito às nossas coisas. Entretanto, ele há de ser melhor relacionado com a ciência em geral do que especificamente com a eloquência.

96. O jambo não foi, para dizer a verdade, praticado pelos romanos como uma forma de composição com identidade própria, mas foi posto como parte, no

²²⁶ Lucílio (morto em 102 a.C.) escreveu cerca de 30 livros de sátiras em metros variados; restam 1300 versos.

²²⁷ *Sat.*, I, 4, 11.

²²⁸ Aulo Persio Flaco (34-62 d.C.). Escreveu seis sátiras, publicadas postumamente por Césio Basso. Cf. § 96.

²²⁹ Terêncio Varrão (116-27 a.C.). A referência é às suas *Sátiras Menipeias*, de que somente sobrevivem alguns fragmentos. São, no entanto, imitações do trabalho do grego Menipo de Gadara.

meio de outras medidas de verso²³⁰. O seu azedume pode ser encontrado em Catulo, Bibáculo²³¹ e Horácio, mesmo que neste último o epodo²³² tenha sido intercalado aos jambos. Mas, dos líricos, o mesmo Horácio é praticamente o único digno de ser lido. Sem dúvida alguma ele se sobrepõe, em determinados momentos, cheio de encantamento e graça, variado nas figuras, fecundamente ousado nas palavras. Se se queira acrescentar mais algum, este é Césio Basso²³³, que, não faz muito tempo, nossos olhos ainda viam, no entanto, o talento dos que hoje vivem, de longe, o precede.

97. Os escritores de tragédia Ácio e Pacúvio²³⁴ são, dentre os mais antigos, os mais brilhantes na gravidade de suas reflexões, no peso de suas palavras e na dignidade de seus personagens. O brilho que em outros existia e a última demão, com que se fazem polidas as obras, parecem ter faltado à época deles, não a eles próprios. Muito de vigor se atribui a Ácio, mas aqueles que se pretendem sábios querem que Pacúvio seja visto como ainda mais sábio.

98. O *Thiestes* de Vário²³⁵ pode-se comparar a qualquer que seja das tragédias gregas. A *Medeia* de Ovídio parece-me mostrar o quanto aquele homem teria podido ser superior, se tivesse preferido ser imperador do próprio talento, ao invés de tratá-lo com indulgência. Daqueles que tenho podido ver, Pompônio Segundo²³⁶ é, de longe, o primeiro. A este os antigos julgavam, de fato, pouco

²³⁰ A significação do texto latino não é muito clara. As palavras podem significar 1) esses escritores não se limitaram ao Jambo; 2) que o jambo alterna com outros metros (provavelmente a alternância entre trímetros e dímeter); cf. *epodos* abaixo.

²³¹ M. Fúro Bibáculo, contemporâneo de Catulo, e escritor de similar invectiva contra os partidários de César.

²³² Trata-se da breve linha jâmbica interposta entre os trímetros.

²³³ Amigo de Pérsio, a quem este dedicou a sua sexta sátira Cf. § 94. Compôs um tratado de métrica, dedicado a Nero.

²³⁴ Ácio (170-90 a.C.), Pacúvio (220-132 a.C.). Horácio refere-se a este como “doctus” : *Epist.*, 2,1,55.

²³⁵ L. Vário Rufo (64 a.C.- 9 d.C.), do círculo de Virgílio e Horácio, juntamente com Tuca foi o editor da *Eneida*; compôs épicos e uma única tragédia.

²³⁶ Pompônio Segundo, morreu em 60 d.C.; escreveu uma tragédia intitulada *Aeneas*.

trágico, mas confessavam que ele tinha a primazia pela erudição e pelo brilhantismo.

99. Na comédia nós claudicamos, de todo jeito, ainda que Varrão diga, segundo sentença de Élio Estilão²³⁷, que as Musas haveriam de ter usado a linguagem plautina²³⁸, se quisessem falar latim; ainda que os antigos tenham exaltado Cecílio²³⁹ com todos os elogios; ainda que escritos de Terêncio sejam atribuídos a Cipião Africano – esses escritos são os mais elegantes no gênero e até mesmo haveriam de ter muito mais de encantamento, se tivessem permanecido nos limites dos versos trímetros.

100. Mal conseguimos lançar tênue sombra <do que foi a comédia grega >, mesmo porque a própria língua romana não me pareça receber aquela graça do sol concedida aos áticos. Em verdade, nem mesmo os gregos a puderam ter em qualquer outra variante da língua. Afrânio foi excelente na *togata*²⁴⁰: oxalá, réu confesso dos próprios costumes, ele não tivesse conspurcado as intrigas de suas peças com pederastias abjetas.

101. Mas a história não terá feito concessões apenas aos gregos. Muito certamente nem eu teria qualquer receio de contrapor Salústio a Tucídides, nem mesmo Tucídides se indignaria pelo fato de a si ser igualado Tito Lívio²⁴¹. Este, em sua expressão narrativa, é de admirável encanto, de brilho fulgurante; em seu desempenho nas assembleias públicas é eloquente, muito além do que

²³⁷ O primeiro filólogo romano (144-70 a.C.). Foi professor de Cícero e Varrão. Dedicou-se às obras de Plauto e comentou o *Carmen Saliare*.

²³⁸ Tito Mácio Plauto (250-184), o mais produtivo e consagrado autor latino de comédias. Dele restam 21 peças consideradas autênticas.

²³⁹ Cecílio Estácio (219-166 a.C.); Lúcio Afrânio (nasceu aprox. 150 a.C.). De Cecílio e Afrânio restam apenas fragmentos. Afrânio escreveu comédias de temática romana, mas tendo por modelo o grego Menandro. Públio Terêncio Afro (185-159 a.C.), comediógrafo de refinado senso estético, de quem restam 6 peças.

²⁴⁰ Gênero de comédia latina, que pretendia substituir a comédia imitada dos gregos.

²⁴¹ Tito Lívio (59 a.C. – 17 d.C.) escreveu *Ab Vrbe Condita*.

se pode descrever. Assim, tudo que é dito vem na medida certa dos fatos e das personagens. Quanto aos afetos, sobretudo aqueles que são os mais doces, ninguém, para dizer com sobriedade, dentre os historiadores melhor os sublimou.

102. Por estas razões, ele alcançou, ainda que por virtudes diferentes, aquela veloz agilidade da escrita de Salústio, a qual nunca há de morrer. Em verdade, me parece que Servílio Noniano²⁴² disse, de maneira muito pertinente, que eles são pares, são muito mais do que semelhantes. Já pudemos ouvir, em pessoa, este mesmo Servílio, homem brilhante no talento e substancioso em suas reflexões, menos conciso, no entanto, do que exige a autoridade da história.

103. Aufídio Basso²⁴³, que pouco o precedia na idade, superou, de modo destacado no gênero, essa autoridade, sobretudo em seus livros sobre a guerra da Germânia. Digno de aprovação em tudo, ele foi, no entanto, menor, consideradas, em determinadas passagens, as suas potencialidades.

104. Ainda vive e honra a glória do nosso tempo um homem digno de ficar na memória²⁴⁴. Este terá, um dia, seu renome, assim agora se entende. Tem seus admiradores, não imerecidamente, a independência de Cremúcio²⁴⁵, embora tenham sido suprimidas todas as partes que, diz-se, o haviam prejudicado. No entanto, pode-se depreender, mesmo no que dele resta, um espírito sumamente elevado e reflexões ousadas. Existem ainda outros bons

²⁴² Amigo de Pérsio e famoso como orador, recitador e historiador; morreu em 60 d.C.

²⁴³ Ele escreveu uma história do império, que começaria a partir da época de César. O trabalho sobre a guerra da Germânia era, provavelmente, uma obra à parte.

²⁴⁴ Provavelmente, Fábio Rústico, citado em Tác. *Agr.*, 10. Certamente esta passagem não se refere a Tácito, pois ele seria ainda muito jovem a esse tempo, para ser mencionado com tais palavras.

²⁴⁵ Cremúcio Cordo escreveu uma história sobre as guerras civis e sobre reinado de Augusto. Ele foi acusado por causa do seu elogio a Bruto e Cássio; cometeu suicídio em 25. d.C. Foi ele quem chamou Cássio "o último de todos os romanos."

escritores, mas estamos fazendo um diagnóstico de gênero, não espremendo bibliotecas.

105. Os oradores nossos podem especialmente fazer a eloquência latina em parâmetros de igualdade com a grega. Sem nenhuma hesitação eu oporia Cícero a qualquer um dos oradores deles. Não ignoro a tamanha reação que eu suscite contra mim, sobretudo porque não esteja em questão isto: que, neste momento²⁴⁶, eu o compare a Demóstentes. Em verdade, nem julgo isso ser pertinente, pois considero que Demóstenes, antes de todos, há de ser lido ou, de preferência, guardado de cor.

106. Particularmente avalio que as virtudes deles, em sua grande maioria, são semelhantes, ou seja, a prudência²⁴⁷, a organização, os métodos de divisão, de preparação e de comprovação, enfim, todos aqueles elementos que dizem respeito à invenção. No desenrolar da fala existe alguma diferença: aquele, Demóstenes, é mais denso, este, Cícero, é mais copioso; aquele tece suas conclusões de maneira mais estrita, este com mais amplidão; aquele combate sempre com o agulhão, este, reiteradamente, a toda carga; àquele nada se pode suprimir, a este nada se pode acrescentar. Naquele há um zelo mais racionalizado, neste sobressaem-se os dotes naturais.

107. Nós superamos tanto na mordaz perspicácia quanto no provocar a comiseração, estas são as duas qualidades que mais têm valia, quando se trata dos movimentos da alma. Muito provavelmente o costume específico de sua comunidade privou²⁴⁸ Demóstenes das perorações, mas também a nós a

²⁴⁶ Ver [XII, 1, 14 e seg.](#); também [XII, 10, 12 e seg.](#)

²⁴⁷ O termo latino é *consilium*, que, no orador, indica a capacidade de definir as estratégias de defesa.

²⁴⁸ Quintiliano se refere a uma suposta lei, em Atenas, que proibia apelos à emoção.

própria natureza interna da língua latina²⁴⁹ nos permitiu muito menos aquelas qualidades que os áticos tanto admiram. No que diz respeito a cartas - que em verdade existem escritas deles dois - ou a diálogos - aquele não escreveu um sequer - nenhuma rivalização existe.

108 Há que ceder, com toda certeza, nisto: Demóstenes existiu primeiro e em grande parte tornou Cícero da grandeza que este é. A mim seguramente parece que Marco Túlio, tendo-se entregue de todo à imitação dos gregos, conseguiu externar a força de Demóstenes, a copiosidade de Platão, o encantamento de Isócrates.

109. Não apenas alcançou, pelo estudo, o que houve de melhor em cada um destes autores, mas ele, a fecundidade sagrada de um gênio que não há de morrer, tirou de si mesmo quase todas, ou melhor, todas as excelências. Não propriamente “as chuvas do céu”, como diz Píndaro²⁵⁰, “ele recolhe, mas transborda em vivo turbilhão”, pois, nascido como dom da providência, nele a própria eloquência experimentaria todas as suas forças.

110. E assim, pois, quem pode fazer aprender mais diligentemente, mover com mais veemência? Para quem, um dia, existiu tamanha capacidade de encantamento? Até mesmo as coisas que ele faz sair com violência dão a impressão de que as obtém pela súplica; quando, por acaso, pela sua competência ele arraste um juiz para uma decisão contrária, este parece não ser levado à força, mas parece secundá-lo.

²⁴⁹ Quintiliano já havia, no §100, manifestado essa preocupação com a diferença entre as duas línguas, o que será retomado em X, 5, 3 e XII, 10, 27

²⁵⁰ Píndaro, *Olímpicas*, 11, 1 e seg.

111. Em tudo o que ele diz há tão grande autoridade, que não concordar é constrangedor. Essa autoridade carrega não o empenho de um advogado²⁵¹, mas a credibilidade de um testemunho ou de um juiz. É certo que todas essas qualidades, das quais uma única só pode ser alcançada por um outro qualquer com intensíssima dedicação, fluem naturalmente para ele, enquanto que um discurso, do que nada se ouviu de mais belo, leva a facilidade mais fecunda.

112. Diante de tudo isso, merecidamente, por todos os homens de seu tempo, se disse que ele reinou nos tribunais. Junto dos que vieram depois dele, aconteceu que CÍCERO não mais seja considerado o nome de um homem, mas o da eloquência. Que o tenhamos diante dos olhos; nele nos seja proposto o exemplo; que tenha a certeza de haver feito progressos aquele a quem Cícero tiver agradado.

113. Em Asínio Polião²⁵² é digna de nota a invenção, supremo o cuidado de elaboração, a tal ponto que a alguns pareça excessivo; nele há bastante capacidade de elaborar um julgamento, como também bastante de vivacidade de espírito. Mas anda longe do brilho e do encantamento de Cícero, a tanto que possa parecer anterior a este em uma geração. À sua vez, Messala²⁵³ é brilhante e claro e, de certa maneira, naquilo que diz destaca-se a sua nobreza; no entanto, é menos vigoroso.

114. Nenhum outro dentre os romanos, a não ser Caio César²⁵⁴, se ele tivesse podido dedicar-se unicamente ao fórum, poderia ser relacionado como rival de

²⁵¹ No período republicano, *advocatus* era um amigo que dava assistência na formulação de acordos no decorrer de um processo; no império se equipara a um *patronus*.

²⁵² Asínio Polião (75 a.C.- 4 d.C.), o amigo de Virgílio, distinguido como poeta, historiador e orador.

²⁵³ Marco Valério Messala Corvino (64 a.C.- 8 d.C.), o amigo de Tibulo e distinguido como orador. Foi cônsul em 51 a.C.

²⁵⁴ Sobre a eloquência de César: Cíc. *Brut.*, 251-262; Suetônio. *Caes.*, 55.

Cícero. Nele há tão grande vigor, tão refinada sutileza, tão ágil arrebatamento que pareça ter ele escrito os seus relatos com disposição idêntica àquela com que fez as suas guerras. Enfeita estas maravilhas todas a elegância de uma linguagem, à qual se dedicou arduamente.

115. Há em Célio²⁵⁵ um talento grandioso e, sobretudo quando atua na acusação, um notável espírito de urbanidade. Foi um homem merecedor de que lhe tivessem tocado uma mente amadurecida e uma vida mais longa. Encontrei quem antepusesse Calvo²⁵⁶ a todos os outros; encontrei quem fosse da mesma opinião que Cícero quanto ao fato de Calvo haver perdido a sua verdadeira identidade ao estabelecer contra si próprio um excessivo rigor crítico. Mas o seu discurso é sagrado e grave, sofredamente elaborado e, com frequência, veemente também. É imitador dos áticos e sua morte repentina foi-lhe como uma injúria, se consideramos que ele viveu como quem haveria de acrescentar a si, e não como quem haveria de ser detrator de si mesmo.

116. Também Sêrvio Sulpício²⁵⁷ mereceu, com toda justiça, insigne fama pelos seus três discursos. Muitas coisas dignas de imitação poderá oferecer Cássio Severo²⁵⁸, se lido com senso crítico. Ele haveria de ser colocado entre os principais, se tivesse acrescentado às demais qualidades o colorido e a gravidade do discurso.

117. Nele há muitíssimo de talento e, além disso, uma admirável agudez, senso de urbanidade e linguagem de conversação, mas cedeu mais à invectiva

²⁵⁵ M. Célio Rufo (88-48 a.C.), defendido por Cícero e citado em *Brut.*, 273. Assassinado em 48 a.C, cf. [IV, 2, 123](#); [VIII, 6, 53](#).

²⁵⁶ Gaio Licínio Calvo (82-47 a.C.) fez parte do movimento *poetae novi*. Aparece referido em *Cíc. Brut.*, 283.

²⁵⁷ Sêrvio Sulpício Rufo, o maior jurista da época de Cícero, cf: *De orat.*, I, 132 e III, 46.; *Brut.*, 106, 203, 306.

²⁵⁸ Cássio Severo (*morreu em 34 d.C.*) havia sido banido por Augusto por conta de seus escritos insultuosos.

mal humorada do que à deliberação judiciosa. Além de tudo isso, a tal ponto são amargos os seus ditos mordazes, que, muito frequentemente, essa amargura se torna motivo de riso.

118. Existem ainda muitos outros de grande capacidade expressiva, mas é um longo percurso descrevê-los todos. Dentre os que tenho conhecido Domício Afro e Júlio Africano²⁵⁹, de longe, são os primeiríssimos. Aquele há de ser colocado à frente na arte da palavra e na oratória como um todo. Pode-se, sem temor, relacioná-lo no número dos antigos. Este é mais arrebatador, mas exagerado no cuidado das palavras; quase sempre muito delongado nas suas estruturas de frase e pouco comedido nas correlações metafóricas.

119. Continuaram a existir talentos notáveis até há pouco tempo. É assim que se pode considerar Tracalo²⁶⁰, que foi em quase tudo sublime e bastante claro. Acreditar-se-ia ele pretender a perfeição, no entanto, foi maior quando era ouvido. Na verdade a plenitude de sua voz era tamanha que nenhuma igual eu conheci; a sua dicção até mesmo poderia resistir a encenações teatrais e sua elegância, enfim, tudo que diz respeito a qualidades exteriores lhe veio em profusão. Víbio Crispo²⁶¹ foi harmonioso e agradável; poder-se-ia dizer nascido para a deleitação, no entanto, foi melhor nas causas particulares do que nos assuntos públicos.

120. Júlio Segundo²⁶², se uma idade mais longa lhe tivesse sido concedida, haveria de ter junto aos pósteros um nome de orador seguramente claríssimo. Ele teria acrescentado, de fato já vinha acrescentado, às suas outras

²⁵⁹ Júlio Africano, um gaulês que se tornou famoso no reinado de Nero. Cf. Tác. *Dial.*, 15.

²⁶⁰ M. Galério Tracalo (cônsul em 68 d.C.). Cf. [XII, 5, 5](#).

²⁶¹ Víbio Crispo, um delator no reinado de Nero, morreu aproximadamente em 90 d.C., depois de ter conquistado uma grande fortuna. Cf. [Tác. Hist.](#), 2, 10; *Dial.* 8.

²⁶² Júlio Segundo (morreu em 88 d.C.), um orador distinguido no reinado de Vespasiano. Um dos interlocutores no *Dialogus* de Tácito, de quem havia sido mestre.

qualidades tudo aquilo a que se pode aspirar, ou seja, que ele fosse muito mais combativo; que volvesse o seu olhar, com mais frequência, da elocução para o refinamento das ideias.

121. Interceptado na vida, quando ainda era produtivo, mesmo assim ele pode reivindicar uma posição significativa, tal é sua capacidade de falar, tão grande a graça em desenvolver o que ele queira dizer, tão límpida, leve e encantadora a natureza de seu discurso, tão perfeita a adequação daquelas palavras que ele emprega por metáforas, tão pertinente a significância naquelas que ele busca de modo ousado.

122. Terão aqueles que hão de escrever depois de nós acerca dos oradores, verdadeiramente um grande motivo de elogiar os que neste momento se encontram em atividade: há, com certeza, nestes em que hoje o Fórum se ilustra, os mais elevados talentos. De fato, como advogados já consumados eles não somente podem rivalizar-se com os antigos, mas também a inteligência criativa dos jovens que tendem para as coisas superiores os imita e os segue.

123. Há que se dizer ainda a respeito dos que escreveram sobre filosofia. Neste gênero são pouquíssimos os que até aqui as letras romanas produziram como eloquentes. O mesmo Marco Túlio, que se sobressaiu em todos os campos de atuação, também neste gênero pode ser considerado um rival de Platão. Verdadeiramente destacado e muito mais avançado que em seus

discursos, Bruto²⁶³ pôde dar sustentação ao peso de suas ideias. Pode-se perceber que ele sente o que diz.

124. Cornélio Celso²⁶⁴, um seguidor dos Séxtios²⁶⁵, escreveu, não do modo resumido, muitas coisas. Estas não sem os devidos trato e brilho. Plauto²⁶⁶, dentre os estóicos, é útil para o conhecimento das ideias. Dentre os epicuristas, Cácio²⁶⁷ é leve, pelo menos, mas é um autor não desagradável.

125. Deliberadamente deixei Sêneca à parte de todo gênero de expressão linguística, em decorrência da opinião falsamente divulgada, segundo a qual se acredita que eu o queira condenar e até mesmo tê-lo por detestado. Isto acabou acontecendo a mim, na circunstância em que me lançava, com toda força, a chamar para um julgamento mais severo um gênero de discurso corrompido e aviltado por todos os tipos de defeitos. Naquele momento quase que exclusivamente Sêneca esteve nas mãos dos adolescentes.

126. Eu não me esforçava completamente para lançá-lo de todo fora, mas não consentia que ele fosse colocado à frente de outros mais vigorosos, aos quais ele não desistia de atacar. Ele tinha consciência de que a forma de eles escreverem era diferente da sua. Sendo assim, ele não confiava que pudesse, pela própria maneira de dizer, agradar aos leitores a quem esses outros autores agradavam. Os adolescentes, porém, amavam-no mais do que o

²⁶³ Bruto, omitido da lista de oradores de Quintiliano, era um seguidor das escolas Estóica e Acadêmica. Ele é conhecido por haver escrito trabalhos sobre a Virtude, a Moral e sobre a Paciência. Cf. Tác. *Dial.*, 21

²⁶⁴ Um escritor enciclopedista, viveu sob Augusto e Tibério. Seu tratado sobre medicina ainda existe. Ele escreveu também sobre oratória, e, não raramente, é citado por Quintiliano.

²⁶⁵ Os Séxtios, pai e filho, foram filósofos pitagóricos, do tempo de Augusto; tinham também certa tendência para o estoicismo.

²⁶⁶ Nada se sabe a respeito desse escritor, que aparece referido por Quintiliano também em [II, 14, 2](#), e [III, 6, 23](#).

²⁶⁷ Um contemporâneo de Cícero, que fala sobre este com certo tom de desprezo. Ele escreveu um *De rerum natura* e um *De summo bono*.

imitavam; dele andavam mais abaixo, na mesma proporção que ele descia dos antigos.

127. Haveria de ser desejável que os jovens se tornassem iguais, ou pelo menos próximos daquele homem. Mas ele agradava por causa unicamente de seus vícios e somente a estes cada um se voltava para modelar aquilo de que fosse capaz. Em consequência disso, como contassem vantagem de dizer do mesmo modo, difamavam Sêneca.

128. Dele existiram, por outro lado, muitas e grandes virtudes, um talento produtivo e copioso, muitíssimo de dedicação, profunda ciência das coisas. Quanto a esta ciência, no entanto, foi levado a enganos por aqueles a quem ele confiava a investigação de determinados temas.

129. Ele tratou também de quase tudo que fosse matéria de estudo. De fato, circulam dele discursos, poemas, cartas e diálogos²⁶⁸. Na filosofia foi pouco diligente, mas foi um singular censor dos vícios. Nele são muitos e brilhantes os ditos sentenciosos, mas na sua forma de expor a maior parte é corrompida e de certo modo extremamente perniciosa, pois eles se inundam de vícios que docemente seduzem.

130. Seria desejável ele ter dito, com o próprio talento, o que disse, mas com o discernimento alheio. Com toda certeza, se tivesse desprezado umas tantas coisas, se não tivesse tido a concupiscência das coisas depravadas, se não tivesse amado tudo que vinha de si, se não tivesse quebrado o peso de unidade das ideias com frases as mais diminutas, ele seria aprovado, antes pelo consenso dos eruditos do que pela paixão de meninos.

²⁶⁸ Os discursos de Sêneca se perderam. Dion Cássio fala sobre a oratória de Sêneca. Cf. 59,19,7.

131. Exatamente assim, cabe àqueles vigorosos, que já tenham sido fortalecidos por um gênero de expressão mais severo, a obrigação de o ler, pelo fato de que ele pode fazê-los exercitar o juízo em uma ou outra direção. Muitas coisas, como eu já disse, existem nele que devem ser aprovadas, muitas que não de ser admiradas, porém que exista o cuidado de escolher o que está na medida. Oxalá ele próprio assim tivesse feito. Aquela natureza foi digna de que quisesse as coisas melhores, pois foi capaz de efetivar o que ele quis.

II – Sobre a imitação

1. Destes e dos demais autores que são dignos de ler, há uma imensa quantidade de palavras que se deve absorver, uma variedade de figuras e modelos de composição e, enfim, um espírito que deve ser encaminhado como exemplo de todas as virtudes. E não há que duvidar de que uma grande parte da arte esteja circunscrita à imitação. Com efeito, como o inventar acontece primeiro e é o mais importante, assim, é proveitoso secundar aquelas coisas que foram bem inventadas.

2. Além disso, consta, como de ordem natural da vida de cada um, que queiramos fazer, nós mesmos, tudo aquilo que aprovamos nos outros. Assim, os meninos acompanham os sulcos das letras, para que se adquira a habilidade do escrever; de maneira semelhante os músicos imitam a voz de seus docentes, os pintores reproduzem as obras dos antecessores, os camponeses tomam para exemplo o cultivo comprovado pela experiência, enfim, constatamos que o começo de toda disciplina se forma segundo um modelo estabelecido anteriormente a si.

3. Por Hércules, é inevitável que ou sejamos semelhantes aos bons ou dessemelhantes deles. O semelhante, a natureza raramente o produz, mas a imitação frequentemente o faz. Mas este mesmo procedimento de imitação, que torna para nós a razão de todas as coisas tanto mais fácil do que foi para aqueles que nada tinham a que pudessem acompanhar, será prejudicial, a não ser que assumido cautelosamente e com discernimento.

4. Antes de tudo, a imitação por si só não é suficiente, mesmo porque é próprio do espírito preguiçoso estar limitado ao que tenha sido inventado pelos outros.

Como teriam sido aqueles tempos, que existiram sem modelos, se os homens julgassem nada haver que fazer a si, ou pensar, senão aquilo de que já tivessem conhecimento? Seguramente nada teria sido inventado.

5. Por que seria algo tão nefasto descobrir por nós próprios alguma coisa que anteriormente não tenha existido? Não é verdade que os homens primitivos foram levados, pela natureza da mente apenas, a que produzissem tantas coisas? Quanto a nós, não é certo que nos sintamos motivados a pesquisar, pela própria razão de sabermos que somente aqueles que fizeram investigações puderam, com certeza, descobrir alguma coisa?

6. Como aqueles, que não tiveram nenhum mestre do que quer que seja, e, mesmo assim, tenham legado à posteridade muitas coisas, não é verdade que a nós o uso de umas coisas não nos terá podido ser de serventia para que outras sejam elaboradas? Em outras palavras, nada teremos senão o que vem de benefício alheio? Nesta linha de atuação muitos pintores se esforçam somente em saber copiar quadros com o auxílio de medidas e linhas²⁶⁹.

7. Igualmente é vergonhoso estar limitado a reproduzir o que se copia. Ainda outra vez, o que haveria de ter sido se ninguém tivesse realizado além daquilo de quem se copiava? Nos poetas nada teríamos acima de Lívio Andronico²⁷⁰; nada de história além dos *Anais* dos pontífices²⁷¹; ainda estaríamos navegando em rudimentares embarcações; não haveria pintura, a não ser aquela que

²⁶⁹ A referência é ao procedimento de dividir, em quadrados, a superfície da obra a ser copiada e, em mesmo número de quadrados, a do material para onde deverá ser transferida a figura.

²⁷⁰ Lívio Andronico, um escravo procedente de Tarento, que chegou em Roma por volta de 272 a.C. Foi o fundador da poesia latina: traduziu para o latim a *Odisseia* e produziu as primeiras comédias e tragédias latinas, compostas em metros gregos.

²⁷¹ Os *Anais Máximos*, guardados pelo Pontífice Máximo, continham a lista dos cônsules e um breve sumário dos eventos de cada consulado.

circunscrevesse as linhas de pontos definidos da sombra que os corpos ao sol tivessem projetado.

8. Acresça-se que se se analisarem detalhadamente todas as coisas, nenhuma arte permaneceu identicamente tal como foi inventada, nem ficou estacionária em sua forma inicial. Não por acaso, condenamos, de modo brutal, o nosso tempo pelo crime desta infelicidade, a saber, agora nada pode crescer: verdadeiramente nada cresce por força apenas da imitação.

9. Na verdade, se não é permitido acrescentar coisa alguma aos antecessores, em que medida podemos esperar o orador perfeito, considerando-se que, dentre aqueles que até agora vimos como os maiores, nenhum tenha sido encontrado no qual nada ou deixe a desejar ou seja repreendido. Até mesmo aqueles que não estejam em busca de perfeição devem competir muito mais do que simplesmente seguir acompanhando.

10. De fato, quem assim age para ser superior, provavelmente ainda que não ultrapasse, pelo menos se igualará. Ninguém poderá igualar-se àquele cujas pegadas se pensa deverem ser reimpressas: necessariamente acontece que seja sempre posterior aquele que é o seguinte. Acresça-se também que muitíssimas vezes é mais fácil fazer mais do que fazer igual. A semelhança encontra tamanhas dificuldades que nem mesmo a própria natureza tenha sido capaz de fazer com que coisas muitíssimo semelhantes definitivamente não pareçam tão iguais que não possam ser distinguidas por algum traço discriminante.

11. Acresça-se, ainda, que qualquer coisa que seja feita à semelhança de uma outra necessariamente seja inferior àquela de que é imitação, por exemplo, a sombra em relação ao corpo, a imagem de um rosto e o próprio rosto, o

desempenho de um ator e os sentimentos em sua realidade verdadeira. O mesmo acontece em relação aos discursos. Na realidade, a tudo aquilo que assumimos por modelo sustém uma originalidade e uma força verdadeiras; contrariamente, toda imitação é um produto resultante e se ajusta a um propósito alheio.

12. Sendo assim, acontece que as declamações tenham menos de sangue e de vigor que os discursos, pois nestes existe matéria original; naquelas a matéria é fictícia. Acrescente-se que todas aquelas qualidades que em um orador são as mais importantes, estas não são imitáveis, quais sejam, o talento, a invenção, o vigor, a facilidade e tudo aquilo que não se transmite pelo ensinamento teórico.

13. É por isso que diversas pessoas, uma vez que pinçaram ou umas tantas palavras de discursos, ou agrupamentos rítmicos invariáveis de uma composição, julgam ter admiravelmente imitado aquilo leram. Acontece, no entanto, que as palavras caiam em desuso, com o passar do tempo, ou se tornem ainda mais expressivas, já que no uso esteja a mais definitiva de suas regras²⁷². Além disso, as palavras não são, por natureza, nem boas nem más (elas, de fato, não são mais do que sons); no entanto produzem seu valor conforme sejam colocadas com ou sem adequação e propriedade. Acrescente-se ainda, que se a composição linguística é compatível com o assunto, ela, por isso mesmo, pode ser agradabilíssima, tendo em conta a sua natureza variável.

14. Em vista disso, há que se examinar tudo acerca desta parte dos estudos com o mais acurado discernimento. Primeiramente examinemos aqueles a quem se deve imitar: verifica-se que são muitos os tenham cobiçado a

²⁷² Cf. Horácio *Ars*, 60-62; 70-71.

semelhança de um qualquer, sejam esses os piores e os mais corrompidos. Depois, nos próprios autores que tenhamos escolhido é preciso buscar o que exista que nos há de fazer, pela imitação, eficientes.

15. Na realidade, também nos grandes autores acontecem coisas viciosas e que são censuradas pelos sábios e também reciprocamente entre os próprios autores. Oxalá aqueles que tanto imitam fossem capazes de dizer de modo melhor as coisas boas, quanto dizem de modo pior as coisas ruins. Nem àqueles, para os quais houve bastante de discernimento para se evitarem os defeitos, seja suficiente moldar uma aparência externa do que há de boa qualidade; ou como eu poderia dizer de outra maneira, apenas a pele ou ainda aquelas auras de Epicuro, as quais ele diz efluírem da superfície dos corpos²⁷³.

16. Exatamente isto é o que acontece com aqueles que, não tendo considerado as qualidades mais profundamente intrínsecas, adaptaram-se à primeira impressão de um discurso. E quando lhes acontece de a imitação ser exitosa, não são muito diferentes nas palavras e no ritmo sonoro, e não alcançam a força da expressão e da invenção; na maior parte das vezes, deslizam para o pior e assimilam vícios como se próximos de virtudes, e, assim, se tornam inflados ao invés de grandiosos, magriços ao invés de concisos, temerários em lugar de fortes, extravagantes ao invés de fecundos, saltitantes, mas não harmoniosos, negligentes e não simples.

17. Por razões como estas, aqueles que, de maneira grosseira e malsonante, puseram para fora qualquer coisa de frio e oco, estes se acreditam pares dos antigos. Aqueles que carecem de sofisticação e de opinião formada se dizem

²⁷³ Epicuro sustentava que tudo o que se percebia pelos sentidos era causado pelo impacto de átomos que se desprendiam, cf. Lucrécio *De Rerum Natura*, 4, 42-46; Sên. *Epist.*, 1, 48.

pares dos áticos²⁷⁴. Os que são obscuros por causa de seus abruptos finais de período superam Salústio e Tucídides. Os tristes e anoréticos, isto é, os que padecem de inanição, se dizem êmulos de Pollião; os inoperantes e os letárgicos, se porventura fecharam o círculo de algo mais longo, juram que exatamente assim Cícero haveria de ter falado.

18. Conheci alguns que achavam ter imitado excelentemente a maneira de dizer daquele homem celestial²⁷⁵, se tivessem colocado ao fim de cada período “*esse uideatur*”²⁷⁶. É, portanto, primordial que cada pessoa compreenda inteiramente tudo aquilo que se disponha a imitar e que saiba por qual razão seu modelo seja bom.

19. Nestas circunstâncias, ao assumir este encargo, o imitador avalie as próprias forças. Existem algumas qualidades, de fato, imitáveis, em relação às quais, no entanto, ou a fragilidade dos dons naturais se mostra como empecilhos de concretização, ou a diversidade as rejeite. Não queira aquele, para quem a inteligência é tênue, somente as coisas fortes e as abruptas. Aquele, para quem o talento é verdadeiramente forte, mas indômito, se quer-se tomar de amor pela sutileza não somente perde o seu vigor, mas também não alcança a elegância que almeja. Nada é tão indecoroso quanto coisas delicadas feitas com dureza.

20. Eu mesmo já manifestei a opinião de que ao mestre, cuja caracterização propus no livro segundo²⁷⁷, cabe ensinar não somente aquelas coisas para as quais ele visse cada um de seus alunos ser individualmente apto por natureza. Na verdade, ele deve ajudar naquelas qualidades que descobre como boas em

²⁷⁴ Sobre aticismo, ver Cíc. *Orator*, 28. Também *Inst.*, XII, 10, 16.

²⁷⁵ Cícero.

²⁷⁶ Cf. IX, 4, 73. Tac. *Dial.*, 23.

²⁷⁷ [II, 8.](#)

cada um deles e, o quanto se pode fazer, acrescentar as que faltam, corrigir algumas e fazer mudanças. Ele é quem dirige o intelecto de outros, além do mais, é seu formador. É muito mais difícil moldar as próprias disposições naturais.

21. No entanto, aquele que de fato ensina, ainda que queira todas as melhores qualidades e em plenitude existirem em seus aprendizes, não deverá trabalhar até cansar naquele ao qual perceber que a natureza impõe obstáculos. Deve-se ainda evitar algo em que uma grande parte erra: não se pense deverem ser imitados, em um discurso, os poetas e historiadores, da mesma forma que, na poesia e na história, os oradores e os declamadores não devam ser imitados.

22. Para cada propósito existe sua lei específica²⁷⁸, seu próprio caráter. Nem a comédia se alça nos coturnos, nem, de modo contrário, a tragédia entra em cena calçada de borzeguim. No entanto, toda eloquência tem alguma coisa em comum, imitemos, pois, o que é comum.

23. Costuma, ainda, acontecer algo de desmedido àqueles que se entregam a um gênero único, de tal forma que, se a aspereza lhes agrada dela não se desnudam até mesmo nas causas que demandam suavidade e fluidez; se a delicadeza e atratividade é o que lhes agrada, nas causas espinhosas e graves pouco respondem ao peso das circunstâncias. Como seja diferente a apresentação não somente dos processos entre si, mas até mesmo das partes, cada uma em seu processo específico; como devam elas ser proferidas, algumas com leveza, outras asperamente, algumas com arroubos, outras com mais descontração, algumas por força de fazer aprender, outras para comover,

²⁷⁸ Cada estilo tem suas peculiaridades. Trata-se aqui do *decorum*, isto é, a conveniência, a adequação. Sobe a noção de propósito – *propositum* – cf. IX, 4, 19; XI, 1, 32. Coturno é tipo calçado característico das encenações trágicas e borzeguim das encenações cômicas

consequentemente é preciso compreender que é diversa e dessemelhante a estrutura interna de todos esses processos entre si.

24. E assim, eu não aconselharia, de modo algum, a que alguém se entregasse a um único modelo, segundo o qual fizesse todas as coisas. De longe Demóstenes foi o mais perfeito de todos os gregos. Em alguma coisa, contudo, em algum lugar, outros conseguiram ser melhores (na maior parte, no entanto, ele). Diante disto, não é porque há um autor que, maximamente, deva ser imitado, que esse deva ser o único a se imitar.

25. Como proceder, então? Não é o bastante falar todas as coisas exatamente como Cícero falou? Em verdade, para mim seria, se eu tivesse, em todas as coisas, a competência para segui-lo. Mas que prejuízo haveria se, em determinadas circunstâncias, se tomasse o vigor de César, a aspereza de Célio, a diligência de Polião, o juízo de Calvo!

26. Com efeito, além do fato de que é próprio do sábio, se este pode, fazer seu o que de melhor existe, há que se considerar que na tão grande dificuldade da oratória, para aquele que se fixa em um só modelo, alguma qualidade apresentará grande dificuldade de ser adquirida. Assim, como seja, quase de todo, não permitido a um ser humano reproduzir a inteireza daquele a quem se elege, coloquemos diante dos olhos o melhor de muitos, a fim de que algo de um autor esteja disponível para que se possa adequar a um contexto a que seja pertinente.

27 A imitação, no entanto – é preciso que eu o diga repetidamente – não se restrinja apenas às palavras. A mente deve estar voltada para o quanto naqueles homens tenha existido de tratamento refinado em relação a fatos e pessoas; deve ter em conta os seus planos, as formas de estruturação, o como

todos os elementos estejam projetados para a vitória, até mesmo aqueles que pareçam ter sido dados por puro deleite; como se procede em um exórdio, qual e quão variada seja a estrutura do narrar, qual a força da ação de provar e de refutar; quanta seja a ciência de se suscitarem todos os tipos de emoções; o quanto de aplauso recebido pela própria graça e favor do auditório, o que é belíssimo, quando acontece espontaneamente, não quando forçosamente buscado. Todas estas coisas, se as observarmos por completo, então imitaremos verdadeiramente.

28. Aquele que suas próprias qualidades tiver acrescentado a estas, a fim de que supra as que estiverem em falta e que seja capaz de suprimir, se algo esteja redundante, este será o orador perfeito que buscamos. Neste momento seja oportuníssimo consumir-se tal orador, pois que subsistem em maior quantidade os mais numerosos exemplos do bem dizer do que existiram para aqueles que até hoje são os maiores. Com efeito, igualmente existirá esta glosa deles, já que se considera eles terem superado os seus antecessores, tanto quanto terem feito aprender a seus sucessores.

III – Como se deve escrever

1. Tais são, de fato, os recursos provenientes de elementos externos a que se pode ter acesso. Dentre aqueles que cabem a nós, individualmente, providenciar, de longe, o *estilete*²⁷⁹ é o que mais exige de esforço e o que mais rende de proveito. Com toda razão M. Túlio o chama “o mais eficiente realizador e mestre do dizer”²⁸⁰. A esta sentença, nas discussões que se dão a respeito de como se deve moldar um orador, Cícero associa a própria opinião, que se manifesta na pessoa de L. Crasso²⁸¹, firmada na autoridade deste.

2. Deve-se, portanto, escrever o mais cuidadosa e o mais intensamente possível. Assim como a terra profundamente revolvida se faz mais fecunda para que dela germinem e se alimentem as sementes, do mesmo modo é certo que não é da superficialidade que o desejado fruto dos estudos mais profusamente se derrame e mais fielmente se preserve. Certamente, sem a verdadeira consciência desta condição, até mesmo a própria capacidade de improvisar resultará numa loquacidade vazia e em palavras só e mal nascidas dos lábios.

3. Ali as raízes, ali estão os fundamentos, ali riquezas, como se estivessem protegidas em um tesouro muito sagrado, de onde se as possa fazer sair, se necessário, até mesmo em situações de emergência. Acumulemos forças, antes de tudo, forças que sejam suficientes para as fadigas dos combates forenses, forças que não se esgotem pelo uso.

²⁷⁹ O exercício da escrita.

²⁸⁰ [De Or. 1, 150](#).

²⁸¹ Lúcio Licínio Crasso (140-91 a.C.). Orador e um dos interlocutores do *De Oratore*, de Cícero.

4. Nenhuma das coisas a própria natureza quis que se tornasse grande, aceleradamente, mas antepôs a dificuldade a cada uma das mais belas obras. Assim é que igualmente formulou uma lei do nascimento: os animais maiores mais demoradamente permanecem contidos no ventre da mãe²⁸².

Mas como seja dupla esta questão, isto é, de que maneira e sobre o que maximamente convenha escrever, a partir de agora obedecerei a esta sequência.

5. Ainda que possa, inicialmente, ser lento o estilete, seja contudo, diligente; busquemos o que há de melhor e não nos alegremos com o que de imediato se nos coloque diante dos olhos – o juízo crítico deve-se aplicar àquilo a que se chegou; a organização, àquilo que já se comprovou – deve-se exercitar a escolha de ideias e de palavras e o peso de cada uma delas há de ser aferido. Em seguida se apresentem os mecanismos de ordenação: as palavras hão de ser dispostas em todas as sequências de metros e ritmos, de tal forma que nenhuma delas necessariamente ocupe a mesma posição em que originalmente aparecem.

6. Para que possamos conseguir isso com eficiência é preciso voltar sempre ao que se acabou de escrever. Com certeza, além do fato de que, assim, o que se segue se liga melhor ao que antecede; aquele calor próprio da reflexão, que se arrefece por causa da demora do ato de escrever, refaz integralmente suas forças e, tal como um território reconquistado, retoma seu ímpeto. É isto o que exatamente vemos acontecer nas competições de salto, ou seja, os atletas buscam tomar impulso numa distância bem grande e se lançam em velocidade para o ponto aonde se precise chegar; tal como em competições de arco e

²⁸² Cf. Plínio *Historia Naturalis*, X, 175.

flecha, retrocedemos o braço e, no momento de atirar as flechas tensionamos para trás as cordas.

7. Se o vento sopra, que se lancem as velas, conquanto essa indulgência não nos induza a erros. De fato, tudo o que vem de dentro de nós, no exato momento em que nasce, nos agrada. Se não fosse assim, nem mesmo isso seria registrado por escrito. Em sentido contrário, levemos a reexame a facilidade suspeita e façamos as devidas correções.

8. Aprendemos que assim escreveu Salústio e, sem dúvida alguma, seu esforço fica evidente pela própria obra. Vário²⁸³ informa que Virgílio escrevia pouquíssimos versos por dia. A condição do orador, no entanto, é muito diferente. Assim, eu recomendo essa lentidão e essa solicitude a tudo que é começo.

9. Em primeiro lugar, o que há de ser estabelecido e que há de ser alcançado é que escrevamos com a máxima qualidade. O hábito dará a celeridade. Pouco a pouco as ideias se apresentarão mais facilmente, as palavras responderão às demandas, o arranjo das palavras virá em consequência, tudo, enfim, tal como em uma criadagem bem organizada, estará em sua respectiva função.

10. Em suma, esta é a condição: escrever rapidamente não resulta em escrever bem, mas escrever bem faz com que se possa escrever com velocidade. Mas precisamente quando tivermos alcançado essa capacidade é que devemos fazer uma parada, a fim de olhar adiante e refrear com algum tipo de rédeas os cavalos que nos levam. Isso não causará uma lentidão maior do que os novos ímpetos que nos serão dados.

²⁸³ Vário, juntamente com Tucça, foram os editores da *Eneida*. Cf. § 98.

E penso que aqueles que já tenham alcançado um certo vigor no estilete não devam submeter-se ao estéril castigo de tecerem críticas caluniosas a si mesmos.

11. De que modo pode dar sustentação aos afazeres políticos²⁸⁴ de seus concidadãos aquele que chegue até a velhice fazendo e refazendo, uma por uma, as mesmas partes dos seus discursos? Existem, por outro lado, aqueles para os quais nada seja suficiente: querem mudar tudo, querem dizer tudo de modo diferente daquele que lhes ocorreu; desconfiados e desmerecedores do próprio talento, eles são os que pensam ser diligência criar para si mesmos a dificuldade de escrever.

12. E não é demais dizer quem mais gravemente, segundo penso, erra: aquele a quem agrada tudo o que faz ou aquele a quem nada pode agradar. Com certa frequência acontece, até mesmo a jovens talentosos, que se consumam de tanto esforço, a tal ponto que desçam ao completo silêncio, levados pela vontade excessiva do bem se expressar. A respeito de situação parecida lembro de ter-me sido contado que o já referido Júlio Segundo, meu contemporâneo e, como se sabe, estimado por mim como a um parente próximo, era um homem de admirável capacidade de falar, mas de infinito cuidado. Quem me disse serem esses os atributos dele foi seu tio materno.

13. Esse tio foi Júlio Floro²⁸⁵, em eloquência o Príncipe das Gálias, pois aí ele a exercera, em outras palavras, bem falante como poucos e homem digno de tal parentesco. Ele, como tivesse visto Segundo, ainda um estudante, casualmente triste, interrogou-lhe o motivo da fronte tão contraída.

²⁸⁴ *Officia ciuilla* – trata-se de serviços que os cidadãos de uma comunidade trocavam entre si, como, por exemplo, nas relações entre patronos e clientes, nos assuntos jurídicos ou nas ligações administrativas.

²⁸⁵ De identificação incerta. Há quem o identifique numa referência de Horácio em *Epist.*, 1, 3.

14. O jovem não dissimulou o fato de que, já havia três dias, vinha aplicando pleno esforço a escrever e ainda não havia encontrado um exórdio para o assunto ao qual se dedicara. Por isso, não apenas havia uma dor presente, mas também uma desesperança haveria de se consumir para o futuro. Então Floro, com sorriso, disse: “Por acaso tu queres falar melhor do que és capaz?”

15. Exatamente assim é que as coisas acontecem: é preciso cuidar para que falemos da melhor maneira possível, mas há que se falar de acordo com a própria capacidade. Para que se faça o progresso, esforço dedicado é necessário, não a exasperação.

Para que possamos escrever com maior alcance e com mais rapidez, não apenas a prática do exercício será útil, e nisso, sem dúvida, reside muito, mas sobretudo a racionalidade. Se não agirmos como quem deita de barriga para cima, olhando o teto e murmurantemente agitando a imaginação, e, assim, fica na expectativa de que algo lhe venha ao encontro; se, pelo contrário, examinarmos a fundo o que o assunto exija, o que convenha à pessoa, a oportunidade do momento, a índole do juiz, nós, tendo considerado o que é verdadeiramente humano, teremos tido acesso ao escrever. Desta forma, não apenas o começo, mas tudo que vem a seguir nos será prescrito pela própria natureza.

16. Os elementos de uma causa, em sua maior parte, são bastante bem determinados e nos saltam à vista, a menos que estejamos de olhos fechados. É por isso que nem os incultos nem os camponeses precisam ficar, durante muito tempo, procurando por onde começar. Assim, torna-se mais constrangedor o fato de que justamente a cultura venha provocar a dificuldade. Não consideremos, portanto, em definitivo, que o ótimo seja o que está

escondido. Devemos, por outro lado, nos calar, se nada nos pareça que se possa dizer, senão aquilo que não fomos capazes de descobrir.

17. Contrário a este é o vício daqueles que, em primeiro lugar, querem discorrer sobre o assunto com um estilete, o mais ágil possível, e, tomados do calor e do impulso, como que de improviso escrevem. Chama-se a isso um cipoal²⁸⁶. Têm por hábito retomar, imediatamente, e organizar o que há pouco haviam profusamente derramado. Ainda que as palavras e os metros possam-se corrigir, no entanto, permanece nas ideias imponderadamente arranjadas a mesma superficialidade.

18. Será mais correto colocar, desde o início, o necessário zelo e, desse modo, conduzir todo o trabalho, a fim de que ele precise apenas ser burilado, não inteiramente fabricado. Às vezes, no entanto, nos consentimos seguir os afetos; neles o calor pode quase mais do que vale a diligência. A partir do fato de que condeno a negligência dos que escrevem, mostra-se bastante evidente o que eu venha sentindo a respeito das tão conhecidas volúpias do recurso de fazer ditados²⁸⁷.

19. De fato, ao se utilizar do estilete, ainda que esse possa ser acelerado, permite-se à reflexão um tempo mais dilatado, já que a mão não tem celeridade compatível com a do pensamento. Aquele a quem ditamos tem urgência, pressiona, além do mais, paralelamente constrange estarmos em dúvida, fazer uma pausa, promover uma alteração, como se o copista tivesse consciência de que tememos pela nossa insegurança.

²⁸⁶ *Silua* pode significar também “esboço”, “rascunho”. Estácio (40-96 d.C.) intitulou uma de suas obras de *Siluae*.

²⁸⁷ Sobre o ditado, cf. Cíc. *Brut.*, 87.

20. Desse modo acontece que efluam não somente coisas mal elaboradas e fortuitas, também concomitantemente impróprias, quando é imperativa unicamente a vontade de produzir um encadeamento de fala. Nada disso tem como consequência o zelo dos que escrevem, a impetuosidade dos que discursam. Mais ainda, aquele mesmo a quem se dita, se for lento no escrever e vacilante na leitura será como que um tropeço: inibe a desenvoltura; toda aquela tensão da mente, que já havia sido concertada, se abala pela lentidão, às vezes até mesmo pela irritabilidade.

21. Assim, torna-se ridículo tudo aquilo que vem junto com um movimento mais exacerbado do espírito e que, de certo modo, propriamente o excita, ou seja, o agitar a mão, contrair a musculatura da face, o bater de tempo em tempo as coxas e também o flanco e tudo aquilo que Pérsio²⁸⁸ censura, quando põe em evidência um modo ruim de discursar: “não tamborila o púlpito, nem sente o gosto de unhas roídas”. Tudo isso é, com certeza, ridículo, a menos que estejamos a sós.

22. Enfim, que eu diga, de uma vez por todas, o que seja o mais importante: o isolamento, que se perde, quando se usa do recurso do ditado, um lugar livre de espectadores e o silêncio mais profundo possível são circunstâncias que mais convêm aos que escrevem. Disto ninguém haverá que duvide. Contudo não se deve dar ouvidos aos que crêem serem os bosques e florestas os mais adequados para esse fim, uma vez que, acredita-se, a tão falada liberdade do céu e o encantamento das paisagens tornem sublime a alma e mais fecunda a inspiração²⁸⁹.

²⁸⁸ 1,106.

²⁸⁹ Cf. Hor. *Epíst.*, 2, 2, 77; Tác. *Dial.*, 9.

23. Para mim, com certeza, esse afastar-se simplesmente tem muito mais de agradável do que pode ser de estímulo aos estudos. Seguramente aquelas mesmas coisas que encantam fazem com que se desvie a atenção do trabalho a que se deveria ater. O espírito não pode ir de todo a fundo e em plena consciência em muitas coisas, simultaneamente, e, para qualquer lado a que se estenda, ele deixa de examinar profundamente o que de início havia sido proposto.

24. Assim, o encantamento das florestas, as águas que fluem, os ventos que, brandos, sopram aos ramos das árvores, o canto dos pássaros e a própria liberdade de, à larga, tudo olhar em volta arrastam para si a atenção, de tal forma que, me parece, esse prazer distende a reflexão, muito ao contrário de a intensificar.

25. Demóstenes muito sabiamente agia, já que se recolhia em um lugar²⁹⁰ de onde nenhuma voz pudesse ser ouvida e, de onde, nada pudesse ver, a fim que seus olhos não obrigassem a outra coisa a sua mente. Assim, aos que trabalham à luz artificial, os guardem como que inteiramente protegidos o silêncio da noite, o quarto fechado, a lucerna solitária.

26. Como em toda modalidade de estudo, especialmente nesta, o trabalho noturno, são indispensáveis uma boa saúde e a frugalidade. Esta, mais do que tudo, produz saúde. Isso é necessário, pois o tempo que nos foi dado pela natureza para a quietude e restabelecimento, nós o convertemos no mais aguilhoante trabalho.

Cabe, no entanto, a quem assim trabalha não exigir do sono mais do que lhe sobra ou não faz falta.

²⁹⁰ Um quarto subterrâneo. Ver Plut. *Dem.*, 8.

27. A fadiga também é obstáculo à tarefa de escrever e, de sobra, as horas de luz, se se tem disponibilidade, são suficientes: a necessidade é que impele os ocupados à noite. Todavia o trabalho noturno, desde que a ele, inteiros e renovados, nos entreguemos, é a melhor forma de privacidade.

28. Mas o silêncio, a privacidade e o espírito livre completamente de tudo, da mesma forma que são maximamente desejáveis, nem sempre podem ser alcançados. Por esta razão, se um ruído nos faz interromper, não imediatamente os manuscritos devem ser atirados para longe, nem se deve logo chorar o dia como perdido. Há que reagir verdadeiramente a essas inconveniências e, a partir daí, criar-se o hábito de fazer com que a concentração vença a todos aqueles impedimentos. Se a dirigirmos completamente para o próprio trabalho, nada daquilo que vai de encontro aos olhos ou aos ouvidos alcançará o espírito.

29. Não é verdade que, muitas vezes, uma reflexão casual, quase involuntária, se torne tão mais importante que não sejamos capazes de ver quem chega diante de nós e que, sem perceber, até nos desviemos de nosso caminho? Não podemos, pois, alcançar essa habilidade de concentração, se igualmente a tivermos buscado com vontade consciente?

Não se deve ser indulgente em se tratando de pretextos de indolência. Em verdade, se pensarmos que não é preciso estudar, a menos que seja por força de nos repousar; senão quando estejamos de bom humor; a não ser que estejamos livres de todas as outras preocupações, sempre haverá algum pretexto que nós apresentamos como desculpa.

30. Sendo assim, no meio da multidão, em viagem ou até mesmo em recepções festivas, a própria reflexão encontre para si um local e um momento

de retiro²⁹¹. Em outras palavras, o que haveria de ser se em pleno fórum, em meio a tantos debates judiciais, tantas querelas e também os ocasionais aplausos e vaias, de repente acontecesse de ser necessário fazer um discurso ininterrupto, numa situação em que só teríamos condição de averiguar as partes que anotáramos nas tabuinhas, se nos encontrássemos em privacidade? Por razões como estas, o próprio Demóstenes, tão declarado amante do isolamento, junto ao mar, onde as ondas colidem em grandes estrondos, enquanto meditava, fazia com que se acostumasse a não se apavorar com os alaridos das assembleias²⁹².

31. Igualmente, nem mesmo certas coisas de menor importância (mas a verdade é que nos estudos nada é pequeno) devem ser deixadas de lado. A escrita pode ser otimamente feita em tabuinhas de cera, pois nelas a ação de apagar acontece de modo fácilimo, a menos que uma visão mais enfraquecida exija que se faça, de preferência, o uso de pergaminhos. Esta forma de escrever, da mesma maneira que favorece a acuidade visual, também pela ação repetida e frequente de recarregar a pena no tinteiro, retarda a mão e quebra o ímpeto do pensamento.

32. Devem ser deixados, em qualquer que seja o material de escrita, espaços vazios, nos quais se possam livremente fazer acréscimos. Em verdade, espaços estreitos incitam à preguiça da correção ou provocam a confusão do que anteriormente foi escrito, se aí se fazem interposições de coisas novas. Eu recomendaria, ainda, que as tabuinhas não tivessem medidas exageradas. A propósito, conheci um jovem que, embora muito dedicado, fazia discursos extremamente longos, pois ele os media conforme o número de linhas. Esse

²⁹¹ Exemplos em Cíc. *De finibus*, III, 7; Plin. *Jovem Epíst.*, III, 5, 10.

²⁹² Cf. Plutarco *Vit. Orat.*, 8.

vício que não se tinha podido corrigir pela frequente advertência, no entanto, foi abolido, uma vez mudadas as tabuinhas.

33. Deve-se igualmente deixar reservado um espaço no qual se registrem todas as ideias que, aos que escrevem, costumam ocorrer fora de ordem, ou seja, são ideias diferentes relativamente aos assuntos que no momento estejam sendo tratados. Irrompem, às vezes, excelentes ideias que nem é conveniente as inserir, naquele exato momento, nem é seguro deixá-las à solta, pois nesse espaço de tempo elas se esvaem; elas impedem de outras descobertas aqueles que as querem guardar de memória. Assim, o melhor a fazer é que estejam em depósito.

IV - Sobre a correção

1. Logo a seguir vem a correção, parte dos estudos, de longe, a mais útil. Não é sem razão que sempre se acreditou que o estilete não age em desvantagem quando apaga. Está igualmente no âmbito da correção acrescentar, subtrair, mudar. Dentre todos esses procedimentos o mais fácil e simples é identificar o que há de ser completado e o que há de ser suprimido; comprimir o que está inchado, elevar o que se arrasta pelo chão, simplificar o que é luxuriante, arranjar o que está desordenado, dar ritmo ao que anda solto, refrear o que corre aos saltos, tudo isso é tarefa de duplo encargo: na verdade, há que se submeter à crítica tudo o que já havia caído no agrado e ir em busca do que havia escapado.

2. Não há que duvidar de que o melhor método de correção consiste nisto: o que foi escrito seja posto de lado, em repouso por um certo tempo²⁹³, para que a ele voltemos como se, depois desse intervalo, ele fosse um novo ou até mesmo um escrito alheio. Isso se deve fazer para que os nossos escritos não sejam, por interesse próprio, tratados tão brandamente quanto filhotes recém nascidos.

3. Mas nem sempre isto é possível, sobretudo ao orador, a quem é necessário, na maioria das vezes, escrever para uso do momento presente. Além do mais, a própria correção tem seus limites. Existem, com certeza, aqueles que voltem a seus escritos, tal como se eles estivessem cheios de defeitos e, como não admitem que possa estar certo o que é escrito de primeira mão, julgam que melhor é aquilo que é diferente e agem exatamente assim, todas as vezes que tomam nas mãos um manuscrito: são semelhantes a médicos que amputam

²⁹³ Cf. Hor. *Ars*, 388; também a própria carta de Quintiliano a Trifon, na introdução da *Institutio*.

até as partes sadias. E assim, acontece que esses escritos se apresentem de tal forma cheios de cicatrizes, exangues e ainda piores, por causa dos cuidados.

4. Que em algum momento exista algo que agrade, ou que, pelo menos, seja suficiente, de tal forma que a lima faça o leve polimento, não o desbaste desse trabalho. É preciso também que haja medida para o tempo: sabemos que *Zmyrna*, de Cina²⁹⁴, levou nove anos e que o *Panegírico* de Isócrates, dizem, foi elaborado em, no mínimo, dez anos. No entanto, nada disso é compatível com o orador, a quem será de valor nenhum o auxílio que venha tão lentamente.

²⁹⁴ Caio Hélvio Cina, o amigo de Catulo e também adepto do movimento *poetae noui*. A obra *Smyrna* era um curto mas excepcionalmente obscuro e erudito poema épico.

V - O que preferencialmente se deve escrever

1. Convém, neste momento, que apontemos o que seja mais importante para aqueles que se preparam para atingir a facilidade²⁹⁵. Não cabe nesta parte do nosso trabalho explicar quais sejam os assuntos, o que deva ser tratado em primeiro lugar, em segundo ou depois – na verdade, isso já foi feito no primeiro livro²⁹⁶, no qual propusemos uma certa ordenação dos estudos das crianças, e no segundo²⁹⁷, quando igualmente o fizemos para os mais avançados - mas trata-se neste momento de estudar principalmente de onde procedam a abundância e a facilidade.

2. Os nossos antigos oradores recomendavam fazer versões do grego para o latim como o melhor exercício. Lúcio Crasso, na famosa obra de Cícero, *De Oratore*²⁹⁸, disse tê-lo praticado repetidamente; o próprio Cícero, em pessoa, o recomendou frequentíssimamente. Tanto isso é verdade que ele publicou, em traduções, livros de Platão e Xenofonte²⁹⁹. Esse mesmo exercício foi também do agrado de Messala, e muitos discursos se encontram escritos em traduções. A tal ponto ele chegou que rivalizasse com a célebre sutileza de Hipérides em sua defesa de Frine³⁰⁰, lembrando que o refinamento era coisa difícilíssima para os romanos.

3. Está mais do que evidente a razão desta forma de se exercitar. Em verdade, os autores gregos não somente oferecem vária quantidade de assuntos, mas

²⁹⁵ Ver X, 1, 1.

²⁹⁶ Cap. 9.

²⁹⁷ Cap. 4.

²⁹⁸ [1, 155](#).

²⁹⁹ As obras são: *O Econômico*, de Xenofonte, o *Protágoras* e *Timeu*, de Platão.

³⁰⁰ Cf. II, 15, 19 e X, 1, 77.

também souberam levar para a eloquência muitíssimo de arte. Assim, aos que se dedicam a traduzi-los torna-se permitido servir-se das mais expressivas palavras: de fato, somos levados a nos servir das que temos de melhor³⁰¹. No que diz respeito às figuras de linguagem, através das quais muitíssimo se embeleza um discurso, há certa necessidade de recorrer à imaginação para criá-las em quantidade e variedade, porque as características próprias da romanidade em muito diferem das que são específicas dos gregos.

4. Igualmente também ajudará em muito a conhecida prática da reescrita³⁰² dos próprios textos latinos. Estou certo de que ninguém duvida disso, especialmente quando se trata da poesia. Esse era, por exemplo, o único tipo de exercício do qual dizia-se Sulpício³⁰³ ter-se utilizado. Sem dúvida a inspiração sublime pode elevar um discurso; também as palavras, na ousada liberdade da poesia, em princípio, não suprimem a sua propriedade de significação literal. Em sentido contrário, pode-se adicionar a essas ideias poéticas o vigor oratório, suprimindo-lhes as lacunas, restringindo-lhes as profusões.

5. Além disso, não pretendo que uma paráfrase seja simplesmente uma interpretação, mas, no desenvolverem-se os raciocínios parafraseados, que ela seja como que um combate, uma emulação. É por isso que não concordo com aqueles que proíbem fazer paráfrases de discursos latinos³⁰⁴. Esses entendem que, se tudo já tenha sido feito com a máxima propriedade, qualquer coisa que de outra maneira se diga torna-se necessariamente muito inferior. Em verdade,

³⁰¹ Isto é, nós não as tomaremos emprestado de nossos modelos como é possível fazer ao parafrasear obras em latim.

³⁰² O mesmo que paráfrase.

³⁰³ Cf. X, 1, 116

³⁰⁴ Cíc. *De Orat.* 1, 154.

nunca se deve perder a esperança de que se possa encontrar algo melhor do que o anteriormente dito, pois nem mesmo a natureza fez a eloquência de tal modo estéril e pobre que única e somente uma vez se possa expressar bem uma ideia.

6. Seria equívoco admitir que o gesto dos atores não possa variar muito em relação ao conteúdo das mesmas falas e que a força da oratória seja ainda menor, de tal forma que, ao se dizer algo, nada mais se deve dizer, logo a seguir, a respeito do mesmo assunto³⁰⁵. No entanto, há de ser sempre assim: ainda que não possa, o que descobrimos, ser melhor ou, ao menos, igual, com certeza haverá de ocupar uma posição de proximidade.

7. Não é verdade que nós próprios falamos duas ou mais vezes a mesma coisa e até em alguns momentos por frases seguidas, sem interrupção? Será que podemos entrar em confronto conosco mesmos, mas não com os outros? Com efeito, se houvesse uma só maneira de bem expressar, seria justo pensar que esse caminho tivesse sido fechado pelos nossos antecessores; no entanto, ainda agora são inumeráveis os modos, e caminhos os mais diversificados conduzem a destino idêntico.

8. A brevidade tem seus encantos, assim como também a exuberância; um certo vigor é próprio da linguagem figurada, outro da não figurada. A fala denotativa convém melhor a uma determinada situação, ao passo que a utilização de figuras convém a outras. Enfim, até mesmo a dificuldade se torna utilíssima enquanto meio de exercitação. Por que motivos se busca tão diligentemente o conhecimento dos melhores escritores? Em verdade, não transcorremos pelos seus escritos numa leitura desavisada, mas como que nos

³⁰⁵ No § 5 esse conceito já havia sido expresso: *ut una de re bene dici nisi semel non possit*.

arrastamos penosamente de ponto em ponto e, necessariamente, examinamos a fundo cada detalhe. O quanto tenham de valor reconhecemos pelo simples fato de que nos constatamos incapazes de os imitar.

9. Não será bastante simplesmente parafrasear o que é alheio, mas se tornará de grande proveito tratar de várias maneiras, em forma de exercício, o que nós próprios tenhamos escrito. Deliberadamente tomemos algumas ideias e as recomponhamos das mais variadas maneiras, tal como diferentes imagens, na verdade, se podem moldar com a mesma cera.

10. Segundo penso, muitíssimo da facilidade se pode alcançar servindo-se como matéria de um assunto qualquer, seja ele o mais simples. Em verdade, uma reconhecida falta de talento facilmente se esconderá atrás da complicada diversidade de personagens, de causas, de tempos, de lugares, de palavras e de feitos. De todas essas coisas que de todas as partes se oferecem, muito certamente, uma delas, pelo menos, se há de agarrar.

11. É indício certo de vigor criativo expandir o que pela natureza veio condensado, ampliar o resumido, dar variedade à mesmice e prazer inovador ao lugar comum, enfim, dizer com clareza e elegância muitas coisas a respeito de assuntos de pouca relevância. Nisto hão de ser otimamente eficientes as “questões gerais”³⁰⁶, que já dissemos chamarem-se *thesis*. Cícero³⁰⁷, já na qualidade de homem importante da república, delas costumava utilizar-se.

12. Exercícios limítrofes a estes são a refutação e a confirmação de sentenças jurídicas. Na verdade, como seja uma sentença uma espécie de decreto e, mais do que isso, um preceito, tudo o que puder ser demandado a respeito de

³⁰⁶ Ver III, 5, 5 e *seg.*

³⁰⁷ Cíc. *Ad Att.*, IX, 4, 1.

um fato em si, pode ser igualmente demandado a respeito do juízo que se formulou acerca desse fato. Há, ainda, os lugares comuns³⁰⁸, os quais, sabemos, foram por escrito tratados pelos oradores. Com certeza, todo aquele que houver tratado com largueza os assuntos simples e que não incidem em rodeios, seguramente será mais exuberante naqueles que admitem variadas digressões. Esse estará, assim, preparado para todos os tipos de causas. Todas estas, para todos os efeitos, constam de “questões gerais”³⁰⁹.

13. Em verdade, o que há de diferente entre “Cornélio, tribuno da plebe, seja declarado réu porque tenha feito a leitura de um texto de lei”³¹⁰ e “é crime de lesa-majestade, se o magistrado tenha feito ao povo a leitura de uma proposição de lei que ele próprio esteja encaminhando”? De que outra maneira se coloque sob julgamento se “Milão agiu acertadamente, quando matou Clódio” ou se “é justificável que se mate alguém predisposto à traição ou se mate um cidadão pernicioso ao Estado, até mesmo quando esse ainda não tenha consumado seu ato desleal”? Ainda mais: “Catão agiu honestamente ao entregar Márcia a Hortênsio”³¹¹ ou “por acaso convém uma tal atitude a um cidadão honrado”? Na realidade, se fazem juízos de pessoas em particular, mas as discussões, de fato, se travam a respeito de atitudes em sentido mais amplo.

14. As declamações, como as que se pronunciam nas escolas dos retores, se, na justa medida, se apresentam compatíveis com a realidade objetiva e se assemelham a um discurso proferido, são utilíssimas, não apenas quando o

³⁰⁸ Ver II, 1, 9-11 e 4,22.

³⁰⁹ Independem da pessoa, do tempo e do lugar. Cf. Cíc. *De orat.*, 2, 133.

³¹⁰ Alusões a particularidades dos processos jurídicos: IV, 4, 8; V, 13, 26; VI, 5, 10; VII, 3, 3, e 3, 35. Especificamente sobre o episódio de Cornélio, ver Cíc. *Brut.*, 271.

³¹¹ Márcia vivera com Ortênsio com o consentimento do marido e do pai. Após a morte de Ortênsio, voltou para Catão.

progresso (do orador) ainda se faz adolescente – nessa etapa elas são como que exercícios de invenção e de disposição, simultaneamente – mas também quando esse progresso já está consumado e, no fórum, já é notável. Tal como de uma comida muito nutritiva se alimenta e mostra o brilho de saúde, a eloquência também se renova, uma vez fatigada pela constante aspereza dos confrontos jurídicos.

15. Por idêntica razão a riqueza verbal da linguagem da história há de ser, algumas vezes, utilizada em algumas situações em que se faz necessário o exercício do estilete, como também na estimulação livre, característica das construções dialogadas. Não será de modo algum prejudicial o exercício lúdico de compor poemas. Coisa semelhante acontece aos atletas: interrompida, de tempos em tempos, a severa obrigação de dietas e de exercícios, eles se refazem pelo repouso e por uma alimentação mais saborosa.

16. Me parece que, justamente por isso, M. Túlio levou tão intensa luz à eloquência, já que ele se recolhia a esses refúgios, que são também os do estudo. Em verdade, se nos tiver restado por única matéria a que provém dos processos judiciais, necessariamente o fulgor vai-se apagando, a mobilidade das articulações se enrijece e aquele aguilhão da inteligência arguta se faz obtuso pela batalha diária.

17. No entanto, assim, essa “refeição do saber” reanima e restaura aqueles que se exercitam, ou seja, aqueles que são combatentes nos embates forenses; com igual cuidado os jovens não devem ser, exageradamente, sujeitados a uma imagem falsa das coisas, nem devem acostumar-se a fantasmas ocultos, a tal ponto que lhes seja difícil afastarem-se deles. Além

disso, daquela sombra, onde propriamente cresceram, não refuguem, pelo medo, os verdadeiros perigos, tal como sombra que teme o sol.

18 Um fato semelhante aconteceu, conta-se, a M. Porcio Latrão³¹², aquele que primeiro foi um professor de grande renome: como a ele, que gozava de alta consideração nas escolas, coubesse o dever de atuar em um processo no fórum, com insistência ele pedia que todo o mobiliário e o próprio tribunal fossem trasladados para uma basílica. De tal maneira o céu foi para ele algo tão novo que toda sua eloquência parecia estar contida por um teto e por paredes.

19. Por esta razão, logo que tenha diligentemente aprendido de seus professores as técnicas da invenção e da elocução (o que não é, de modo algum, esforço ilimitado, caso saibam ensinar e o queiram) e tão logo tenha alcançado uma prática razoável, o jovem deve escolher para si, tal como costumavam fazer os nossos antepassados, um orador a quem siga, a quem imite³¹³. Esteja o jovem presente ao maior número possível de sessões de julgamento e se torne um expectador frequente dos combates de que esse orador se encarregue.

20. Nesse estágio, que ele componha, no próprio estilete, causas, não somente as que ele ouviu proferidas, mas também outras, autênticas de fato; que faça o papel de ambas as partes – acusador e defensor – e, tal como vemos acontecer nos combates de gladiadores, que ele se exercite com as armas decisivas. Já mostramos que Bruto³¹⁴ havia feito isso no discurso de defesa de Milão. Isso é mais produtivo do que fazer réplicas a discursos antigos.

³¹² Retor dos tempos de Augusto; morreu em 4.dC., aprox.

³¹³ Cf. *Cíc. Brut.*, 305-306

³¹⁴ Ver [III, 4, 93](#); X, 1, 23.

Céstio³¹⁵, por exemplo, compôs um réplica à ação de Cícero movida na defesa de Milão, mesmo que ele não pudesse conhecer, em profundidade, a outra parte do processo, já que se ativera à defesa apenas.

21. Muito mais rapidamente pronto estará, por sua vez, o jovem a quem o seu preceptor tenha obrigado ao exercício da declamação, a ser esta o quanto mais possível, semelhante da realidade; tenha obrigado a percorrer por todas as matérias, dentre as quais hoje é costume selecionar apenas as mais fáceis e as mais de gosto popular. São obstáculos a este exercício, que pus em segundo lugar, a quase multidão das classes de alunos e o costume de limitar a determinados dias, as aulas de auditório e a expectativa, que em nada contribui, dos pais, que antes ficam enumerando quantas declamações, ao invés de apreciarem-lhes a qualidade.

22. Como eu já disse, acho que no primeiro livro³¹⁶, aquele que é bom professor não se sobrecarregará com um número maior de alunos do que ele possa dar conta. Além disso, saberá recortar uma loquacidade excessiva, a fim de que seus alunos façam seus discursos tratando especificamente do que está em controvérsia, não do que, como querem alguns, se estenda à natureza como um todo. O bom professor ou preferencialmente ampliará por um espaço mais largo de dias a obrigação que têm os alunos de falar ou permitirá que os assuntos sejam divididos em partes.

23. Com toda consciência, será mais proveitoso tratar-se um só assunto por completo do que apenas começar diversos e como que servidos para degustação. Assim, por infelicidade, acontece que nada aparece colocado no

³¹⁵ Retor do fim da República. Foi hostil à oratória de Cícero, mas muito apreciado pela juventude de seu tempo. Sêneca a ele se refere *Contr.*, 3, 16-17.

³¹⁶ I, 2, 15.

seu devido lugar e o que aparece em primeiro lugar não se limita às próprias especificações, pois os jovens costumam amontoar floreios, procedentes de todas as partes, naquilo que estão para dizer. Ocorre, então, que, temerosos de perder o que vem a seguir, digam de maneira confusa o que colocam em primeiro lugar.

VI - A respeito da reflexão

1. A reflexão está próxima do estilete³¹⁷, em situação tal que também ela recebe forças deste, e se compreende como intermediária entre o esforço do redigir e a sorte precária da improvisação. Verdadeiramente não sei se dela se faz uso com muitíssima frequência. De fato, nem sempre nem em todo lugar podemos escrever, enquanto que para a reflexão há muito de tempo e de espaço. Em apenas poucas horas ela pode abarcar causas grandiosas. Ela mesma, sempre que o sono se faz interrompido, é favorecida pelas trevas da noite. Ela, no decorrer de atos processuais, sempre encontra vago um momento e não se permite estar ociosa.

2. E não somente a ordem das ideias, o que por si só já seria bastante, a reflexão traz em si mesma organizada, mas até concatena as palavras, e, de tal maneira dá forma de texto ao discurso que nada lhe falte além da mão que o registre por escrito. De modo geral, se conservam mais fielmente as ideias confiadas à memória, já que aí a atenção não se relaxa, como costuma acontecer em relação ao que se entrega à segurança da escrita³¹⁸. Mas a essa habilidade da reflexão não se pode chegar nem de imediato, nem facilmente.

3. Antes de mais nada, convém que se forme, a partir do intenso exercício do estilete, uma imagem escrita que nos acompanhe até mesmo enquanto fazemos nossas reflexões. Além disso, há que se adquirir o hábito de, inicialmente, abarcar pelo espírito poucas coisas, as quais possam, o mais

³¹⁷ A reflexão pressupõe uso competente de uma expressão escrita bem estruturada. Cf. § 3, abaixo.

³¹⁸ Essa é a opinião de Platão em *Fedro*, 275a.

fielmente, ser reproduzidas; a seguir, gradualmente³¹⁹, mas de maneira tão comedida que o esforço do trabalho não se sinta sobrepesado. Há que se ampliar e se manter essa competência pela prática incansável do exercício. Essa prática, em maior grau, se funda na memória e, por isso, acho-me na obrigação de deixar para o momento oportuno algumas observações a respeito dela³²⁰.

4. Acontece de se chegar a tal ponto que um indivíduo, a quem o talento natural não cria objeções, mas ajudado pelo estudo persistente, consegue alcançar coisas como reproduzir com fidelidade, enquanto fala, não somente aquilo que tenha refletido, mas também o que tenha escrito e guardado de cor. Cícero conta, é certo, que dentre os gregos Metrodoro Scépsio³²¹ e Empilo de Rodes³²² e, dentre os nossos, Hortênsio³²³, em suas atuações, reproduziam palavra por palavra tudo aquilo que haviam refletido.

5. Se, por acaso, durante um discurso tiver fulgurado uma coloração imprevista, não se deve prender somente àquelas coisas tão cuidadosamente meditadas. Em verdade, as reflexões não chegam a tanto, em matéria de cuidado, que não se possa dar espaço ao acaso. Em idênticas circunstâncias, com muita frequência, até mesmo no que já está escrito é possível inserir coisas que subitamente sobrevêm. Consequentemente toda esta forma de exercitação deve ser de tal maneira instituída que se possa, com fácil mobilidade, fazer os percursos de ida e volta, entrada e saída.

³¹⁹ Cf. XI, 2, 41.

³²⁰ XI, 2, 1 *seg.*

³²¹ Um filósofo da escola Acadêmica, contemporâneo de Cícero, cf. [de Or., 2, 360](#).

³²² Empilus não é mencionado em parte alguma.

³²³ Cf. [Brut., 301](#).

6. Assim como é preponderante levar de casa uma cópia do discurso, já pronta e confiável, é, de longe, a máxima tolice rejeitar os presentes de um momento. A meditação há de ser assim preparada: que o acaso não nos possa induzir ao engano, muito pelo contrário, que ele nos possa vir em auxílio. Às forças da memória, sobreviva um poder tal que tudo aquilo que houvermos abarcado com o espírito flua em segurança e nos permita olhar à frente, sem desassossego, sem estar de olhos presos no passado e, em superfície, agarrados à esperança de um limitado conjunto de memorizações. Em outras palavras, prefiro a temeridade da improvisação à reflexão mal concertada.

7. É muito ruim o buscar retroativamente, pois no momento em que recorremos àquilo que já pensamos, nos afastamos de outras possibilidades e, assim, retornamos aos fatos memorizados, ao invés de avançar o nosso olhar para o assunto propriamente. Por sua vez, muito mais numerosas, se em ambos os conjuntos se faz necessário investigar, são as ideias que ainda se possam encontrar do que aquelas que foram efetivamente encontradas.

VII - De que maneira se alcança e se preserva a facilidade de improvisação

1. Verdadeiramente o maior fruto dos estudos e, de algum modo,† o primeiro... †³²⁴ de um longo esforço despendido, é a capacidade de improvisação. Aquele que não a tiver conseguido, segundo minha firmada opinião, há de renunciar aos afazeres políticos³²⁵ e, ao invés disso, há de direcionar para outras atividades a capacidade que lhe resta de escrever. De modo algum convém a um homem de boa-fé prometer um auxílio público, que pode falhar nas prementes situações de perigo. Isto se pode comparar a um porto em que um navio não pode atracar senão quando levado por uma brisa suave.

2. São incontáveis as situações em que, de imediato, surgem necessidades de atuar instantaneamente, seja diante de magistrados, seja em processos que foram escalados antecipadamente. Se alguma dessas emergências tiver acontecido, não digo a um qualquer dos cidadãos inocentes, mas a alguém dentre os amigos ou parentes, por acaso permanecerá estático, mudo? E o que acontecerá aos que pedem uma fala salvadora e que não de se arruinar imediatamente, se nessas circunstâncias aquele que se encarrega da defesa não lhes leve o socorro, mas vai pedir tempo, isolamento e quietude, enquanto fabrique suas palavras; enquanto essas se instalem na sua memória; se preparem a voz e o peito?

3. Que modelo de estruturação da eloquência permite a uma pessoa qualquer ser, de vez em quando um orador? Deixo de considerar os incidentes, mas o que haverá de ser, quando houver de rebater a um adversário? Em verdade,

³²⁴ Trecho lacunar.

³²⁵ Isto é, a carreira profissional de advogado.

frequentemente, as opiniões sobre as quais formulamos conjecturas e às quais refutamos por escrito nos enganam, e a causa inteira se muda de repente: assim como para um piloto, ante ao desenrolar das tempestades, igualmente para aquele que está em atuação, por força da instabilidade das causas, todo o planejamento há de ser mudado.

4. De que adiantam o exercício do estilete, à exaustão, a leitura assídua e uma longa vida de estudo, se permanece inalterada a dificuldade que existiu lá nos começos? Há que se reconhecer como perdido aquele trabalho passado, ao qual é preciso constantemente voltar com idêntico esforço e desgaste. Particularmente não trabalho com a perspectiva de que o orador prefira falar de improviso, mas a minha atuação se faz no sentido de capacitá-lo para que o possa. Conseguiremos essa capacidade pelo modo seguinte:

5. Que seja conhecido, em primeiro lugar, o percurso daquilo que se há de dizer. Em verdade, não é possível lançar-se numa corrida sem que antes se saiba por onde e aonde se queira chegar. Nem mesmo é o bastante não desconhecer quais sejam as partes das causas judiciais³²⁶, ou dispor corretamente a ordem das questões, ainda que estas sejam as questões fundamentais. É preciso, entretanto, saber, em cada parte, o que venha em primeiro lugar, o que venha em segundo e o que venha depois, já que todas essas coisas são de tal natureza organizadas que não possam ser mudadas ou separadas sem provocar confusão.

6. Todo aquele que discursar com método, antes de tudo, terá à sua disposição, como se fosse um guia, a própria ordem sequencial dos fatos; é desta maneira que muitos homens, mesmo aqueles pouco treinados, podem conservar tão

³²⁶ Ver III, 9, 1.

facilmente o fio condutor em suas narrativas. Os oradores procurem saber aquilo que se busque e em cada lugar: nem deverão se contorcer para todos os lados, nem se deverão confundir pelo turbilhão de sentimentos que, de todas as partes, se apresentam; que não façam do discurso um ajuntado confuso como se fossem inquietos saltadores para cá e para lá, esses que nunca se fixam em um só ponto. Finalmente que estabeleçam medida e limite, já que nenhum discurso pode existir senão em consequência de criteriosa divisão das partes.

7. E, assim, sentirão ter chegado ao seu objetivo final, tão logo tenham sido cabalmente tratados, dentro das próprias capacidades, todos os pontos que a si tiverem proposto. Tudo isto que acabo de dizer está no âmbito da teoria. Por outro lado, há coisas que dependem do estudo, do esforço individual. Assim, para que formemos um rico acervo do que há de melhor, em se tratando de linguagem, conforme já se ensinou, aquilo que se vai dizer há de ser de tal forma elaborado, através do intenso e consciente exercitar do estilete, que até mesmo as improvisações tragam em si o colorido próprio de textos escritos. É bem verdade que se tivermos exercitado bastante a escrita, também se poderá ampliar nossa capacidade de falar.

8. Inegavelmente o uso rotineiro da linguagem e o exercício habitual produzem, de fato, a facilidade. Por pouquíssimo que se deixem de lado essas práticas, resulta como consequência que não apenas a velocidade de raciocínio se desacelere, mas também a boca se contraia e tarde em se abrir³²⁷. É bem verdade que é necessária uma certa mobilidade natural de espírito, de tal forma que, enquanto dizemos o que o momento exige, possamos organizar o

³²⁷ Cf. XI, 3, 56.

que vem a seguir e que um pensamento favoravelmente concebido e bem formado assuma a nossa voz.

9. Com dificuldade, no entanto, pode a natureza, ou método, conduzir o espírito em tão variado leque de atividades, ou seja, de uma só vez dar sustentação à invenção, à disposição, à elocução, ao sequenciamento das ideias e das palavras; mais ainda, dar suporte ao que já se disse, ao que se há de acrescentar, ao que, do mais distante, se possa visualizar por antecipação, tudo isso, enfim, com atenção voltada para o tom da voz, a fluência da exposição, a gesticulação.

10. Convém que a atenção caminhe à frente, muito à frente, e que conduza diante de si as ideias, e aquilo que em palavras se vai despendendo, em proporção igual se deve repor, recorrendo-se ao próprio fundo de reservas³²⁸, para que, enquanto se caminhe para a conclusão, não avancemos o nosso olhar mental em menor distância e velocidade do que o caminhar dos pés. Isso se não pretendemos ser como aqueles de falar entrecortado e hesitante e que não de balbuciar suas palavras em frases curtas e vacilantes, como fazem os que estão soluçando.

11. Existe uma certa prática instintiva, a que os gregos chama *ἄλογον τριβειν*, que consiste em fazer com que a mão percorra escrevendo, enquanto os olhos percebam na leitura, simultaneamente, os movimentos de ida e vinda das linhas, como também seus encadeamentos e, por antecipação, vislumbrem o que se segue, antes que tenha sido dito o que precede. Exatamente assim acontecem as tão admiráveis performances dos malabaristas e equilibristas:

³²⁸ Metáfora buscada na linguagem de banqueiros.

tem-se a impressão de que os objetos lançados voltem naturalmente às suas mãos e obedeçam às trajetórias que lhes são determinadas.

12. Mas essa prática terá sua utilidade, se a preceder a arte de que vimos falando³²⁹. Assim, até aquilo que em si mesmo é instintivo se torna fundado na racionalidade. Na verdade, se não é com organização, com refinamento e com fluência, isto não me parece um falar, mas um tumultuoso fazer ruídos.

13. Também não será definitivamente de minha admiração o encadear de um discurso ao acaso, do tipo que vemos transbordar, quando mulherzinhas estão discutindo. No entanto, nas circunstâncias em que o calor e a inspiração já tomaram conta, acontece muito frequentemente que se alcance improvisação muito produtiva, cujos resultados nem mesmo o zelo mais cuidadoso pode alcançar.

14. Quando isso ocorria, os antigos, conforme Cícero conta³³⁰, diziam que um deus havia feito sua intervenção, mas mesmo assim a razão se fazia manifesta. Na verdade, os afetos profundamente sentidos e as imagens recentes das coisas são arrastados em seu fluir contínuo. Tudo isso, porém, na lentidão do estilete se vai esfriando e, uma vez disperso, nunca mais se recompõe. Além do mais, quando acontece de se acrescentar a já referida improdutiva crítica de palavras; quando o fluir, que deveria ser corrido, estaca, a cada mínimo passo, nessas circunstâncias uma ideia não se pode lançar com impulso contínuo e vigoroso: ainda que a escolha das palavras, uma por uma, prossiga da melhor forma, não se consegue uma força contínua, mas um ajuntamento.

³²⁹ §§ 5-7.

³³⁰ Cf. Cíc. *De orat.*, I, 202.

15. É por isto que se não de conceber aquelas vívidas imagens das coisas, às quais já me referi e que apresentamos com φαντασιασ³³¹. Igualmente, tudo a respeito do que haveremos de dizer, as pessoas, os questionamentos, as esperanças, medos, tudo há de ser posto diante dos olhos e acolhido no afeto. Com certeza, o coração é que faz os eloquentes; também o faz a força da mente. Aos pouco experientes também, se, de algum modo, forem tocados por qualquer afeto, não lhes faltam as palavras.

16. Enfim, é preciso que voltemos o nosso espírito não para uma coisa somente, mas para muitas, contínua e simultaneamente, de tal forma que, se voltarmos os olhos para um caminho em linha reta, veremos, ao mesmo tempo, tudo o que está nele e no seu entorno: não vemos somente a extremidade, mas vemos até a extremidade. O receio da vergonha de errar costuma trazer estímulos à palavra, e pode parecer espantoso o fato de que enquanto o estilete se compraza do isolamento e fuja amedrontado da vista de todos quantos possam ser testemunhas, ao contrário, a improvisação se inflama pela afluência dos ouvintes, tal como um soldado pela movimentação de ajuntamento das insígnias militares.

17. Com certeza, a necessidade de falar faz com que se externe e exprima até mesmo um pensamento de grande complexidade e faz crescerem os impulsos de aprovação naquele que tem o desejo de agradar. A tal ponto tudo visa a um benefício, que a eloquência igualmente, ainda que traga em si mesma muito do sentido de prazer, se deixe facilmente levar pelo fruir momentâneo do elogio e do renome.

³³¹ Cf. VI, 2, 29; XII, 10, 6.

18. Que ninguém confie no próprio talento, de tal modo que espere, de imediato, poder surgir para si³³², quando ainda se é um iniciante, a habilidade da improvisação. Conforme já ensinamos, ao falar da reflexão, igualmente partindo de inícios modestos haveremos de conduzir aquela habilidade à perfeição que não se pode, em plenitude, alcançar e preservar senão pelo uso.

19. Quanto ao mais, deve-se chegar ao ponto em que a reflexão não seja definitivamente melhor do que a improvisação, mas seja um recurso mais seguro. É certo que muitos alcançaram essa habilidade de improvisar não apenas na prosa, mas também na poesia, como, por exemplo, Antípater Sidônio e Licínio Árchias. E há razões de sobra para se acreditar em Cícero³³³, muito além do fato de que igualmente, em nossos dias, muitos tenham alcançado essa habilidade e continuem a exercê-la. Contudo, julgo que esse recurso em si mesmo não seja algo tão recomendável (pois não tem aplicação prática ou se constitui uma necessidade), mas antes possa servir de exemplo útil aos que hão de ser exortados a essa habilidade, quando estes se preparem para o exercício do fórum.

20. Convém ainda que nunca seja tão grande a confiança na própria competência, que não se tome um pouco de tempo, por breve que seja - em quase nenhuma ocasião ele faltará - para examinar com atenção aquilo que haveremos de dizer. Quando se trata de questões do tribunal ou do fórum, esse tempo é sempre dado, pois é certo que ninguém assuma uma causa, sem que antes a tenha cuidadosamente estudado.

³³² VII, 6, 3.

³³³ [De Or., 3, 194](#); *Pro Arch.*, 8, 18.

21 Uma ambição perversa leva certos declamadores a querer proferir, de imediato, seus discursos, tão logo lhes tenha sido apresentado o assunto da controvérsia, e, ainda mais, chegam a solicitar a palavra pela qual deveriam começar sua fala, o que é, antes de tudo, frivolidade e jogo de encenação. Mas a eloquência, por sua vez, ridiculariza a esses que lhe são assim afrontosos: aqueles que têm a pretensão de se mostrar eruditos diante dos tolos, parecerão tolos diante dos sábios.

22. Se, no entanto, o acaso tiver imposto a necessidade urgente de atuar em um processo, será necessária a engenhosidade de uma inteligência ágil; todo o vigor deve ser aplicado ao assunto e, no momento, deve-se relaxar um pouco o cuidado com as palavras, se não for possível tratamento idêntico ao tema e às palavras. Nessas circunstâncias, uma pronúncia mais lenta e pausada ocupará mais tempo e o discurso fluirá como que vacilante, mas é preciso dar a impressão de que se está em deliberação, nunca em hesitação.

23 Exatamente isso acontece, quando nos afastamos do porto, numa situação em que o vento nos impele, sem terem sido preparados os instrumentos de navegação. Logo depois, pouco a pouco, à medida que avançamos, aprontamos as velas, arranjamos as cordas e fazemos votos de que se tornem inflados os seios das velas. Antes é preferível isso do que se entregar a um vazio turbilhão de palavras e como que ser arrastado pelas tempestades aonde quer que elas queiram.

24. Essa habilidade, no entanto, requer um zelo não menor para ser preservada do que aquele que houve para ser adquirida: a teoria, uma vez assimilada, não se esvai; o estilete, igualmente, pela falta de uso, perde muito pouco de sua celeridade; a prontidão e disponibilidade para a ação se

preservam exclusivamente pelo constante exercício. A melhor forma de se servir desse exercício é falar diariamente a um grupo de ouvintes a cuja opinião e juízo nos fazemos cheios de cuidados (é raro que alguém se encha de muitos escrúpulos diante de si mesmo). No entanto, é preferível falar, ainda que sozinhos, a não falar de modo algum.

25. Existe ainda aquela outra maneira de se exercitar: trata-se da reflexão sobre os assuntos em sua totalidade, percorrendo-os em silêncio (muito embora como se palavras soassem dentro da própria pessoa). Esta modalidade se pode desenvolver em qualquer momento e lugar, desde que não se esteja fazendo outra coisa. Em parte, ela é de maior utilidade do que aquela de que falamos há pouco.

26. Agindo assim, se faz uma composição mais diligentemente, do que naquela situação em que receamos interromper o encadeamento de uma fala. Voltando outra vez àquela anterior, é certo que ela permite maior firmeza da voz, a eficiência do aparelho articulatório, o movimento do corpo. Esse movimento, como eu disse³³⁴, excita o orador e o instiga pelo agitar das mãos e bater dos pés, exatamente como faz um leão com sua cauda, segundo contam³³⁵.

27. É preciso estudar verdadeiramente, sempre e em qualquer lugar. E quase nenhum dia existe tão ocupado que não se possa roubar a uma atividade de lucro um mínimo qualquer de tempo para escrever, ler ou falar, como o fazia Bruto, segundo Cícero conta³³⁶. Sabe-se ainda que Caio Carbão³³⁷, até mesmo

³³⁴ VII, 3, 21.

³³⁵ Cf. Cíc. *Brut.*, 141; *De orat.*, III, 220; *Sên.*, *Epíst.*, LXXV.

³³⁶ *Or.* 34.

³³⁷ Foi cônsul em 120 a.C. e cometeu suicídio no ano seguinte, acusado de participar na sedição dos Gracos. Cícero elogia sua eloquência e inteligência; cf. [Brut., 103-5](#), [de Or., I, 154](#).

em sua tenda de campanha, costumava entregar-se à prática do exercício da palavra.

28. Não se deve ainda silenciar sobre a consideração - também esta é do agrado de Cícero³³⁸ - de que em momento algum nos é permitido negligenciar a nossa linguagem. Tudo aquilo que venhamos a falar, em qualquer circunstância que seja, deve ser feito de acordo com sua natural pertinência. Com certeza, a obrigação da escrita nunca deixará de ser grande, sobretudo depois que a habilidade da improvisação tenha-se desenvolvido. Assim, de fato, se preserva o peso das palavras, e a necessária fluidez das palavras que flutuam na superfície se converterá em profundidade, como, por exemplo, acontece com os agricultores ao amputarem as raízes que, nas videiras, estão próximas da superfície do solo. Com esse procedimento, as outras raízes, ao se aprofundarem, vão-se fortalecendo.

29. Seguramente não sei precisar se a exercitação das duas habilidades, com todo o cuidado e dedicação, resulte em benefício maior de um ou de outro lado, ou seja, se pelo escrever possamos falar mais eficientemente, ou se pelo falar possamos escrever com maior facilidade. É preciso escrever, sempre que for possível, mas quando não, é preciso meditar. Os que estão impedidos destas duas práticas devem exercitar, pelo menos, a fala, pois assim o orador não parecerá ter sido tomado de surpresa, nem seu cliente parecerá ter sido abandonado.

30. Frequentemente acontece, aos que têm atuação muito intensa, que estes registrem por escrito as passagens mais significativas e, sobretudo, os trechos iniciais; as outras partes, que eles podem até levar para casa, são avaliadas

³³⁸ Não foram encontrados registros sobre essa afirmação de Quintiliano.

pela reflexão; as que apareçam inesperadamente são deixadas à improvisação. Os comentários do próprio Cícero indicam que ele teria agido exatamente assim. Mas circulam alguns apontamentos de outros oradores, achados por acaso, escritos exatamente como eles estavam para ser pronunciados; alguns redigidos em livros, como as causas nas quais Sêrvio Sulpício atuou, de quem ainda restam três discursos. Mas estes apontamentos de que estou falando foram tão bem elaborados que me parece terem sido redigidos por ele, para ficarem como legados à memória da posteridade.

31. Os de Cícero, no entanto, ajustados ao presente de seu tempo, foram sumarizados³³⁹ por Tirão, um liberto. A respeito destes eu não teço comentários desabonadores porque eu os desaprovo, mas para que sejam ainda mais admiráveis. Em se tratando deste assunto, a improvisação, admito que se faça uso de uma anotação breve ou de pequenos fichamentos, que se possam ter à mão e aos quais seja direito recorrer momentaneamente.

32. Desagrada-me, no entanto, o que Lenas ensina, isto é, que até nos discursos registrados por escrito se acrescentem anotações sumárias em forma de comentário e títulos de capítulo. Este mesmo recurso, que aumenta a autoconfiança, traz como resultado a negligência em relação ao ato de guardar de cor e, além disso, dilacera e desfigura o discurso. Eu, particularmente, penso que em hipótese alguma se deve escrever aquilo que não se pretende memorizar: em verdade, também nestas circunstâncias acontece que a reflexão nos faça recuar ao que havia sido elaborado por escrito e não nos permita experimentar o acaso, tal como ele se nos apresenta.

³³⁹ Possivelmente “abreviados”. Tirão, um liberto, foi amigo de Cícero, e seu secretário.

33. Assim, o espírito, como se tivesse duas cabeças, se toma de paixão fervente e não só perde em definitivo o que havia sido escrito, como também não é capaz de buscar uma coisa nova. Mas quanto à memória, há um espaço a ela destinado no próximo livro, pois, como há muitas outras coisas que precisam ser ditas antes dela, não pude abrir-lhe esse espaço aqui.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- AUTHIER-REVUZ, Jacqueline. “Heterogeneidade(s) enunciativa(s)”. In *Cadernos de Estudos Lingüísticos*. Campinas, 1990. Nº 19, jul./dez., p. 25-42.
- BAILLY, G. *Dictionnaire grec-français*. Paris: Hachette, 1950.
- BARTHES, Roland. *La retorica antica*. Trad. Paolo Fabbri. Milano: RCS Libri, 2006.
- BEARD, Mary e HENDERSON, John. *Antiguidade clássica: uma brevíssima introdução*; trad. Marcus, Penchel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 1998.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de lingüística geral II*. Trad.: Eduardo Guimarães et al. Campinas: Pontes, 1989.
- BERGE, Fr. Damião et Al. *Ars Latina – Curso Prático da língua latina. Livro 4*. Petrópolis: Editora Vozes, 1973
- BORNECQUE, H. et MORNET, D. *Roma e os romanos*. São Paulo: EPU - EDUSP, 1976.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *A invenção do romance*. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 2005.
- BRANDÃO, Jacyntho Lins. *Antiga musa (arqueologia da ficção)*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.
- BRINK, C. O.. “Quintilian’s de causis corruptae eloquentiae and Tacitus’ dialogus de oratoribus”. In *The Classical Quarterly* The Classical Association, 1989. Vol. 39, nº. 2, p. 472-503.
- CARCOPINO, Jérôme. *La vita quotidiana a Roma*. Trad. Eva Omodeo Zona. Roma-Bari: Gius. Laterza&Figli Spa, 1997.
- CHARAUDEAU, Patrick. “Uma teoria dos sujeitos da linguagem”. In *Análises do discurso hoje*. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 2008, Vol 1, p. 11-30.
- CICERO. *Retórica a Herênio*. Trad.: Ana Paula Celestino Faria e Adriana Seabra São Paulo: Hedra, 2005.
- CICÉRON. *De l’orateur*. Texte établi et traduit par Edmond Courbaud. Paris: “Les Belles Lettres”, 1957
- CONGLETON, J. E.. “Historical development of the concept or rhetorical proprieties ”. In *College Composition and Communication*. National Council of Teachers of English, 1954. Vol. 5, nº. 4, p. 140-145.
- CONNOR, Stven. *Cultura pós-moderna*. 4. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2000.
- CONSTANS, L. A. *César Guerre des Gaules*. Paris, Belles Lettres, 1984.

CORBETT, Edward P. J.. "The theory and practice of imitation in classical rhetoric". In *College Composition and Communication*. National Council of Teachers of English, 1971. Vol. 22, nº. 3, p. 243-250.

COUSIN, J. *Quintilien: Institution oratoire*. Paris: Belles lettres, 1979.

DESBORDES, F. *Concepções sobre a escrita na Roma antiga*. Tradução de Fúlvia M. L. Moretto e Guacira Marcondes Machado. São Paulo: Ática, 1995.

DUPONT, Florence. *La vita quotidiana nella Roma repubblicana*. Roma Editori Laterza, 2000.

DUPONT, Florence. *L'acteur-roi*. Paris: "Les Belles Lettres", 1985.

ERNOUT, A.; MEILLET, A. *Dictionnaire étymologique de la langue latine*. Paris: Klincksieck, 1951.

FANTHAM, Elaine. "Imitation and decline: rhetorical theory and practice in the first century after Christ". In: *Classical Philology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978. Vol. 73, nº. 2, p. 102-116

FANTHAM, Elaine. "Imitation and evolution: the discussion of rhetorical imitation in Cicero *de oratore* 2.87-97 and some related problems of Ciceronian theory". In: *Classical Philology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1978. Vol. 73, nº. 1, p. 1-16

FARIS, Ellsworth. "The concept of imitation". In: *The American Journal of sociology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1926. Vol. 32, nº. 3, p. 367-378.

GARAVELLI, Bice Mortara. *Manuale di Retorica*. Milano: RCS Libri, 2006.

GARCÍA, Francisco García. *Una aproximación a la historia de la retórica*. Internet acessada em 25/6/2007: www.icono14.net/revista/num5/articulo1.1.htm

GLARE, P. W. et al. (ed.). *Oxford Latin dictionary*. Oxford: Clarendon Press, 1968.

GRANT, W. Leonard. "Cicero on the moral character of the orator". In *The Classical Journal*. The Classical Association of the Middle West and South, Inc., 1943. Vol. 38, nº. 8, p. 472-478.

HALL, Stuart. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Trad.: Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. Rio de Janeiro: DP&A editora, 2005.

JORNER, Winifred B. and LEFF, Michael. *Rhetoric and pedagogy*. Mahwah: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers, 1995.

HORNBY, A. S. *Oxford Advanced Learner's dictionary of current english*. Oxford: Oxford University Press, 1989.

HUTCHEON, Linda. *A theory of Parody*. Urbana and Chicago: University of Illinois Press, 2000.

KENNEDY, G. A. *Classical rhetoric and its Christian and secular tradition from ancient to modern times*. Chapel Hill: The University of North Carolina Press, 1999.

KENNEDY, George A. *A new history of classical rhetoric*. New Jersey: Princeton University Press, 1994.

LAUSBERG, Heinrich. *Elementos de retórica literaria*. Madrid: Editorial Gredos, 1993.

LEDDY, J. F.. "Tradition and change in Quintilian". In: *Phoenix*. Classical Association of Canada, 1953. Vol. 7, nº. 2, p. 47-56.

MAINGUENEAU, Dominique. *Introducción a los métodos de análisis del discurso – problemas y perspectivas*. Buenos Aires: Librería Hachette S.A., 1989.

MARTIN, f.. *Les mots latins*. Paris: Librairie Hachette, 1959.

MARROU, H. -I. *Histoire de l'éducation dans l'antiquité*. 3. ed. Paris: Seuil, 1990.

MCKEON, Richard "Literary criticism and the concept of imitation in antiquity". In *Modern Philology*. University of Chicago, 1936, Vol. 34, nº. 1, p. 1-35

MEA, Giuseppe. *Dicionário de Italiano-português*. Porto: Porto Editora Ltda., 1980.

MENDELSON, Michael. "Declamation, context and controversiality". In: *Rhetoric Review*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1994. Vol. 13, nº. 1, p. 92-107.

NEVES, M. H. M. *A vertente grega da gramática tradicional*. São Paulo: Hucitec - Brasília: UnB, 1987.

ODGERS, Merle M.. "Quintilian's use of earlier literature". In: *Classical Philology*. Chicago: The University of Chicago Press, 1933. Vol. 28, nº. 3, p. 182-188.

PARATORE, E. *História da literatura latina*. Tradução de Manuel Losa. Lisboa: Gulbenkian, 1987.

PAYNE, Robert O. "The boundaries of language and rhetoric: some historical considerations". In: *College Composition and Communication*. National Council of Teachers of English, 1971. Vol. 19, nº. 2, p. 109-117.

PEREIRA, M. A. *Quintiliano gramático. O papel do mestre de gramática na "Institutio oratoria" de Quintiliano*. São Paulo: Humanitas, 2000.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica. Vol. I: cultura grega*. Lisboa: Gulbenkian, 1970.

PEREIRA, M. H. da R. *Estudos de história da cultura clássica. Vol. II: cultura romana*. Lisboa: Gulbenkian, 1990.

PEREIRA, M. H. da R. *Romana – Antologia da cultura latina*. Coimbra: Universidade de Coimbra, 1994.

PERELMAN, Chaïm. *O império retórico. Retórica e argumentação*. Porto: Edições ASA, 1993.

PERELMAN, Chaïm e TYTECA, Lucie Olbrechts. *Tratado da Argumentação*. Lisboa: Instituto Piaget, 2006.

PERNOT, L. *La rhétorique dans l'Antiquité*. Le Livre de Poche: 2000.

QUINTILIAN, M. Fabius. *Institutio Oratoria*. Versão inglesa acessada em 11/01/2007
http://penelope.uchicago.edu/Thayer/E/Roman/Texts/Quintilian/Institutio_Oratoria/home.html.

QUINTILIANI, M. Fabi. *Institutiones oratoriae libri duodecim*. Edited by M. Winterbottom. Oxford: Clarendon Press, 1970.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *La formazione dell'oratore*. Trad. Cesare Marco Cavalcante. Milano: RCS Libri. 1997.

QUINTILIANO, Marco Fabio. *Institutiones oratorias*. Edição espanhola, acessada via Internet em 15.11.2007
[dhttp://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/24616141101038942754491/index.htm](http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/24616141101038942754491/index.htm)

QUINTILIEN. *Institution oratoire*. Texte revu et traduit par Henri Bornecque Paris: Éditions Garnier Frères, S.d.

RASER, Timothy. "The fallacies of imitation". In : *Substance*. The University of Winsconsin Press, 1985. Vol. 14, nº. 1, p. 67-75.

REBOUL, Olivier. *Introdução à retórica*. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

REZENDE, Antônio M. "Estilo em quintiliano, palavra em transformação". In: *O estilo na contemporaneidade*. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 2005.

SANZ, Emilio del Río e LÓPEZ, Jorge Fernández. *Quintiliano y la retórica romana - límites del concepto de retórica*. Internet acessada em 30.07.2007.
<http://www.geocities.com/urunuela31/retorica/quintiliano.htm>

SANZ, Emilio del Rio *Quintiliano y sua idea del decorum; estilo, ética e retórica*
 Fonte: internet acessada em 30.07.2007
<http://www.vallenajerilla.com/berceo/delriosanz/quintilianodecorum.htm>.

SARAIVA, F. R. dos S. *Novíssimo dicionário latino-português*. Rio de Janeiro/Belo Horizonte: Garnier, 1993.

SCULLARD, Howard H. *Storia del mondo romano*. Milano: RCS Libri, 1998.

SUETONIO e AUGUSTO. *A vida e os feitos do Divino Augusto*. Trad. Matheus Trevizam et al. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

SULLIVAN, Dale L.. "Attitudes toward imitation: classical culture and the modern temper". In: *Rhetoric Review*. Lawrence Erlbaum Associates, Inc., 1989. Vol. 8, nº. 1, p. 5-21.

SWARTZ, Pablo. "Declamación y oratória bajo Augusto: a propósito de Casio Severo, Albucio Silo e Porcio Latrón". In: *Letras Clássicas* São Paulo: Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da USP, 2000. ano 4, nº. 4, p. 273-293

TRINGALI, Dante. *Introdução à retórica como crítica literária*. São Paulo: Duas cidades, 1988.

UHLFELDER, Myra L.. "Nature' in Roman Lingustic Texts". In: *Transactions and proceedins of the americam Philological Association*. The Johns Hopkins University Press, 1966. Vol. 97, p. 583-595.

WINTERBOTTON, Michael. "Quintilian and the vir bonus". In: *The Journal of Roman Studies*. Society for the Promotion of Roman Studies, 1964. Vol. 54, p. 90-97.

ZEHNACHER, Hubert et FREDOUILLE, Jean-Claude. *Littérature Latine*. Paris. Presses Universitaires de France, 2005.

RESUMÉE

Les Romains ont recouru à la rhétorique grecque pour construire leur art oratoire, qui est devenue, ainsi, un art fonctionnel du discours persuasif. Quintilien se présente comme celui qui donne une voix et un corps à cet art oratoire quand il fait dialoguer les figures humaines du poète et de l'orateur; **cet interlocution montre les étroites relations entre les arts de l'oratoire et de la littérature.** Il y a un but défini, consistant à donner à celui qui énonce son discours les moyens par lesquels ce discours peut être construit efficacement, de façon à concilier oralité et écriture, réalité objective et artifices de fiction.